

CIÊNCIAS HUMANAS II

e suas TECNOLOGIAS

Geografia II • História II • Filosofia II • Sociologia II

Módulo 3 • Volume 2

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Educação

Chefe de Gabinete

Antônio José Vieira de Paiva Neto

Caio Castro Lima

Subsecretaria Executiva

Subsecretaria de Gestão do Ensino

Amaury Perlingeiro

Patrícia Carvalho Tinoco

Superintendência pedagógica

Coordenadora de Educação de Jovens e Adultos

Carla Bertânia Conceição de Souza

Rosana Mendes

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL EJA (CECIERJ)

Diretoria Adjunta de Extensão **Elizabeth Ramalho Soares Bastos**

Coordenadora de Formação Continuada Carmen Granja da Silva

Gerência do Projeto
Michelle Casal Fernandes

Coordenação Geral de Design Instrucional Cristine Costa Barreto

Elaboração de Geografia
Alexandre da Silva Ferreira
Angélica Carvalho Dimaio
Carlos Marclei Arruda Rangel
Denizart da Silva Fortuna
Fabio Ferreira Dias
Juliana Magalhães Menezes
Marli Cigagna
Robson Lopes de Freitas Junior
Saulo Cezar Guimarães de Farias

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi
Gracilda Alves
Sabrina Machado Campos
Denise da Silva Menezes do Nascimento
Márcia Pinto Bandeira de Melo
Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone
José Ricardo Ferraz
Priscila Aquino da Silva
Inês Santos Nogueira
Renata Moraes
Erika Arantes
Maria José Carvalho
Rafael Cupello Peixoto
Gustavo Souza
Claudia Affonso

Elaboração de Filosofia Verônica Damasceno Marco Antônio Casanova

Elaboração de Sociologia Alexandre Alves Pinto Carlos Eugênio Soares de Lemos Carolina Zuccarelli Soares Fábio Oliveira Pavão Fabricio Jesus Teixeira Neves Fernando Frederico de Oliveira Ivia Maria Jardim Maksud Rogerio Lopes Azize Wellington da Silva Conceição

Revisão de Língua Portuguesa José Meyohas Paulo Cesar Alves

Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional
Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional
Aline Beatriz Alves
Bruna Damiana
Cecilia Peixoto
Elaine Perdigão
Gabriel Ramos Gomes da Costa
Gustavo Malheiros
Heitor Soares de Farias
Renata Vittoretti
Rômulo Batista
Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção **Fábio Rapello Alencar**

Assistente de Produção Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa **Andreia Villar**

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades **Andreia Villar**

Diagramação
Alessandra Nogueira
Bianca Lima
Camille Moraes
Fernanda Novaes
Filipe Dutra
Juliana Fernandes
Juliana Vieira
Larissa Averbug
Mario Lima
Núbia Roma
Patrícia Seabra
Ronaldo d' Aguiar Silva

llustração Clara Gomes Fernando Romeiro Jefferson Caçador Renan Alves Sami Souza Vinicius Mitchell

Produção Gráfica Patrícia Esteves Ulisses Schnaider

Sumário

Geografia	a
-----------	---

Unidade 1 •	Ambiente e dinâmica da paisagem: Clima e biomas	
Unidade 2 •	Dinâmica Ambiental: relevo e hidrografia	47
Unidade 3 •	Meio ambiente e sociedade	91
História		
Unidade 1 •	Cultura e contra cultura nos anos 60	113
Unidade 2 •	Golpes e ditaduras na América Latina	149
Unidade 3 •	Afasta de mim esse cale-se: a redemocratização brasileira	185
Unidade 4 •	Para entender o mundo em que vivemos	213
Filosofia		
Unidade 1 •	As diferenças entre ética e moral	249
Unidade 2 •	Filosofia política: da descoberta da cidade à situação atual do homem no mundo	277
Sociologia		
Unidade 1 •	Exclusão e violência	299



Prezado Aluno,

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação.

Através da educação a pessoa toma a sua história em suas próprias mãos e consegue mudar o rumo de sua vida. Para isso, acreditamos na capacidade dos alunos de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir suas escolhas.

O material didático que você está recebendo pretende contribuir para o desenvolvimento destas capacidades, além de ajudar no acompanhamento de seus estudos, apresentando as informações necessárias ao seu aprendizado.

Acreditamos que, com ajuda de seus professores, você conseguirá cumprir todas as disciplinas dos quatro módulos da matriz curricular para Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

E assim, novas histórias acontecerão em sua vida.

Para ajudá-lo no seu percurso, segue abaixo uma tabela que apresenta a grade de disciplinas que irá cursar:

MÓDULO	NOME DISCIPLINA	CH SEMANAL	CARGA HORÁRIA TOTAL
MÓDULO I	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA I	4	80
MÓDULO I	MATEMÁTICA I	4	80
MÓDULO I	HISTÓRIA I	4	80
MÓDULO I	GEOGRAFIA I	4	80
MÓDULO I	FILOSOFIA I	2	40
MÓDULO I	SOCIOLOGIA I	2	40
MÓDULO I	ENSINO RELIGIOSO	1 20	
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO I		420	
MÓDULO II	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA II	4	80
MÓDULO II	MATEMÁTICA II	4	80
MÓDULO II	FÍSICA I	4	80
MÓDULO II	QUÍMICA I	4	80
MÓDULO II	BIOLOGIA I	4	80
MÓDULO II	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO II			420
MÓDULO III	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA III	4	80
MÓDULO III	MATEMÁTICA III	4	80
MÓDULO III	HISTÓRIA II	3	60
MÓDULO III	GEOGRAFIA II	3	60
MÓDULO III	FILOSOFIA II	2	40
MÓDULO III	SOCIOLOGIA II	2	40
MÓDULO III	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	40
MÓDULO III	LÍNGUA ESTRANGEIRA OPTATIVA	2	40
MÓDULO III	ENSINO RELIGIOSO	1	20
CARGA	HORÁRIA TOTAL NO MÓDULO III		460
MÓDULO IV	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA IV	4	80
MÓDULO IV	MATEMÁTICA IV	3	60
MÓDULO IV	FÍSICA II 3		60
MÓDULO IV	QUÍMICA II	3	60
MÓDULO IV	BIOLOGIA II 3		60
MÓDULO IV	LÍNGUA ESTRANGEIRA	2	40
MÓDULO IV	ARTES	2	40
MÓDULO IV	ENSINO RELIGIOSO	1	20
 CARGA	HORÁRIA TOTAL NO MÓDULO IV		420

66

Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo.

Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma.

Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave

Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.

Hermann Hesse

"



Ambiente e dinâmica da paisagem: clima e biomas

Para início de conversa...

Caro aluno,

Começamos mais uma unidade, trazendo como tema os tipos climáticos e suas relações com os biomas. Imagine que nós estamos em um passeio ao longo do Estado do Rio de Janeiro, visitando os mais diversos lugares para perceber como as paisagens vão se transformando, ou melhor, mudando ao longo do percurso. É como se a janela do nosso ônibus fosse apresentando vários retratos de acordo com o nosso deslocamento.

Lá no topo do Parque do Itatiaia, temos uma área coberta por uma vegetação rasteira conhecida como campos de altitude. Saindo de lá, vamos para Cabo Frio, área de praia e com bastante vento. Não é que nos deparamos com cactos? Por quê? Continuando o passeio, no sentido de Angra dos Reis e Paraty, já vemos uma cobertura vegetal parecida com uma floresta, que chamam de Mata Atlântica! Surgem logo algumas perguntas: Por que as vegetações não são iguais? Por que elas mudam? É isso que procuraremos discutir ao longo do texto.

Saudações geográficas!

Objetivos de Aprendizagem

Nesta unidade, teremos como objetivos:

- Conceituar clima e tempo;
- Listar os elementos e fatores que influenciam nos tipos climáticos;
- Apresentar uma forma de classificação do clima;
- Relacionar o clima com os biomas.

Seção 1

Entendendo dois conceitos muito importantes: tempo e clima

Você já olhou pela janela para ver como está o tempo lá fora hoje? Está sol? Está nublado? Está quente? Está frio? Sua resposta estará caracterizando o tempo ou o clima? Saberia responder?

O tempo é justamente o estado momentâneo atmosférico de um lugar em um determinado instante. Então, essas perguntas se referem ao tempo. Todas as informações instantâneas sobre a radiação, temperatura, umidade e pressão procuram caracterizar o tempo.

Todos os dias, nos telejornais, jornais impressos e na internet aparecem comunicados sobre o tempo. Em sites como http://tempo.cptec.inpe.br/ e http://www.climatempo.com.br/,é possível escolher a sua região, a cidade (onde você mora?) e depois consultar o tempo no dia e as previsões.



Figura 1: Página da internet onde encontramos as previsões do tempo das principais cidades brasileiras.

Prever o tempo não é uma tarefa fácil; pelo contrário, é bastante difícil! Você sabe quem estuda o tempo? É o meteorologista. Essa ciência estuda os fenômenos meteorológicos, como raios, descargas elétricas, trovões, nuvens, entre outros.

No caso de uma viagem, por exemplo, podemos ter uma ideia de como a atmosfera vai se comportar. Dessa forma, podemos nos programar melhor.

Observe no quadro a seguir como esses comportamentos podem ser indicados.

Quadro 1: Variações do estado da atmosfera.

Chuvoso	Nublado com chuvas contínuas ao longo do dia.
Tempestade	Chuva forte capaz de gerar granizo e/ou rajada de vento, com força destrutiva (Veloc. aprox. de 90 Km/h) e/ou tornados.
Predomínio de Sol	Sol na maior parte do período.
Encoberto	Céu totalmente encoberto, sem aberturas de sol.
Nublado	Muitas nuvens com curtos períodos de sol.
Céu Claro	Sol durante todo o período. Ausência de nuvens.
Pancadas de Chuva à Noite	Chuva de curta duração podendo ser acompanhada de trovoadas à noite.
Possibilidade de Chuva	Nebulosidade variável com pequena chance (inferior a 30%) de chuva.

Fonte: CPTEC (2014)

Para falar de clima, vamos usar alguns trechos extraídos da internet:

"Na época de chuva, chove o dia todo e, na época de seca, chove todos os dias."

"Não choveu nos quatro primeiros meses do ano – como era previsto – e não há perspectiva de chuvas pelos próximos três meses."

Pelo o que podemos perceber, essas informações referem-se a áreas totalmente distintas. Elas apresentam características contrárias. Enquanto em uma é normal chover, na outra, a seca, a falta de chuvas é característica marcante. Estamos falando de tempo ou de clima? Vimos que o tempo é algo momentâneo. Nesses dois trechos, as abordagens são momentâneas ou comuns nas localidades ao longo dos anos? J. A. Ayoade diz que a síntese do tempo num determinado lugar durante um período de 30-35 anos chama-se clima.

Identifique se as frases a seguir se referem ao conceito de clima ou ao de tempo.

a) Carlos irá viajar com a família e verificou um site de previsão para saber ser iria fazer sol no feriado.



- b) Na região amazônica chove muito.
- c) Amanhã irá chover.
- d) Em Arraial do Cabo sempre venta muito.



Elementos e fatores do clima

Alguns conceitos interessantes e importantes não podem ser deixados de lado, como os **elementos** e **fatores** do clima. Comecemos com os elementos do clima.

Elementos ou atributos do clima

Segundo Mendonça e Danni-Oliveira (2007), são todas as formas de se caracterizar (grandezas, variáveis ou atributos) o estado da atmosfera de uma determinada área. São eles:

- a. radiação: quantidade de energia que chega à camada de ar que envolve a Terra (em vários comprimentos de onda), tendo como fonte de fornecimento o sol, mas que também recebe a influência dos elementos naturais e artificiais que refletem, absorvem e reenviam energia de volta para o espaço em um comprimento de onda diferente daquele que atingiu a superfície. A radiação solar manifesta-se em diferentes tons de intensidade ao longo do planeta, o que contribui para a formação das chamadas zonas térmicas ou climáticas da Terra.
- **b. temperatura:** é a medição do calor sensível armazenado no ar, podendo ser verificada em *graus celsius* (°C) ou em outras unidades de medida, como *fahrenheit* (°F) e *kelvin* (K). Sua variação no espaço é mostrada por meio de linhas isotérmicas, enquanto a variação da temperatura na escala temporal é representada em gráficos. Segundo Ayoade (2003), a latitude constitui o principal controle sobre o volume

de insolação que um determinado lugar recebe. Isso porque a quantidade de insolação muda muito em função da latitude. Soma-se a isso a quantidade de nuvens e outros constituintes atmosféricos (aerossóis e CO₂, por exemplo) que também contribuem na variação do volume de energia solar que alcança a superfície terrestre e, consequentemente, a temperatura.

- **c. pressão atmosférica:** a camada de ar (atmosfera) que envolve a Terra possui um "peso" ou "força" exercidos sobre a superfície, pois, ao contrário do que muitas pessoas pensam, o ar possui massa e, consequentemente, peso. A pressão atmosférica costuma ser medida em milibares (mb).
- **d. umidade:** é a quantidade de vapor de água presente na atmosfera num determinado momento. Isso porque esse volume não é o mesmo para sempre, assim como a temperatura e a pressão. Dividimos a umidade em absoluta e relativa, em que a primeira refere-se à quantidade total de água presente na atmosfera e a segunda a quantidade de água na atmosfera em relação ao total necessário para haver chuva.

Como a temperatura pode variar (no tempo, no espaço e na vertical)?

Fatores ou controles do clima

A temperatura do ar muda em função da altura? A radiação muda em função da latitude? Então, estamos percebendo a interação entre os elementos do clima e os fatores da atmosfera climática. São os agentes causais que condicionam os elementos do clima. Segundo Sentelhas e Angelocci (2015), são aqueles que atuam em escala regional ou geográfica. São classificados como permanentes (latitude, altitude/relevo, oceanidade/continetalidade etc.) ou variáveis (correntes oceânicas, centros semipermanentes de alta e baixa pressão, massas de ar, composição atmosférica etc.). São eles:

- a. latitude: é a distância em graus de um ponto qualquer da Terra ao Equador. Existe uma relação diretamente proporcional à distância do Equador e à quantidade de radiação. Assim, quanto mais próximo à Linha do Equador (baixas latitudes), mais as temperaturas tendem a aumentar. Por outro lado, à medida que nos direcionamos rumo às zonas polares (altas latitudes), menores tendem a ser as temperaturas;
- **b. altitude:** sobre a superfície da Terra, ao nível do mar, existem mais camadas de ar e, conforme vamos ganhando altitude, essas camadas vão ficando mais finas. Em regiões mais altas, a pressão atmosférica costuma ser menor, além do fato de a irradiação também ser mais diminuta. Assim, a temperatura costuma ser inferior, o que nos faz concluir que quanto maior a altitude, menores as temperaturas e, quanto mais próximo ao nível do mar, maiores as temperaturas;

- c. maritimidade ou continentalidade: está relacionada à distância de um local do oceano. Devido à sua capacidade de armazenar energia diferente da terra, o mar, por aquecer e resfriar mais lentamente que o continente, faz com que as temperaturas das terras próximas a ele não mudem muito. Essas duas palavras são termos que designam, respectivamente, a proximidade de um local do mar ou a sua posição em uma região mais continental, o que interfere diretamente sobre o clima. Isso ocorre porque o solo costuma se aquecer ou se resfriar mais rapidamente do que a água, o que acarreta uma maior amplitude térmica (diferença entre a maior e menor temperatura) ao longo do ano em regiões continentais, e o inverso em regiões litorâneas;
- d. massas de ar: essas são porções da atmosfera que assumem as características das áreas onde se formam. Devido a diferenças na pressão atmosférica, motivadas por variações na temperatura (no aquecimento do ar), temos a movimentação do ar. Quando esse movimento ocorre em blocos de ar com a mesma temperatura e umidade, formam-se as massas de ar, que transferem suas características para o clima dos locais por onde passam. Massas de ar frio e úmido, por exemplo, são responsáveis por diminuírem as temperaturas e aumentarem a umidade. Quando massas de ar com propriedades diferentes se encontram ocorre o que chamamos de frentes de ar;
- e. vegetação: interfere no clima, por exemplo, fazendo a contenção ou absorção dos raios solares, minimizando os seus efeitos, e a elevação da umidade, por meio da evapotranspiração, o que ajuda a diminuir as temperaturas e elevar os índices de chuva;
- f. relevo: por muitos anos, aprendemos nos livros de geografia que a principal causa da seca no sertão é a presença de uma barreira que não permite que as chuvas cheguem ao interior. As deformações da superfície da Terra também influenciam o clima quando as regiões mais altas impedem a passagem de massas de ar, fazendo com que algumas regiões se tornem mais secas ou até desérticas. O relevo e a altitude são fatores difíceis de serem separados;
- g. correntes marítimas: no município de Cabo Frio, uma massa de água aflora diminuindo bastante as temperaturas da superfície do mar registradas na região conhecida como ressurgência. Correntes do Golfo do México levam águas quentes para a Europa. As correntes marítimas apresentam condições específicas de temperatura, influenciando diretamente o clima. Em regiões em que o mar é mais quente, por exemplo, a evaporação aumenta e eleva a umidade, que se dispersa para outras regiões. Quando as correntes são mais frias, a umidade local diminui e a pressão atmosférica e a umidade passam a ser menores, o que faz com que essa região acabe "sugando" as massas de ar de outras localidades, que passam a sofrer alterações em seus climas. Será que elas têm alguma relação com os cactos de Cabo Frio?



Por que o município é conhecido como Cabo Frio, você sabe? E por que a água de lá é tão gelada? Às vezes, aparecem até pinguins! Sério; pinguins são encontrados nas praias, mas nem sempre resistem! Essa água fria favorece em muito a pesca não só em Cabo Frio, mas em Arraial do Cabo também. Por que a água é muito fria e qual a relação com a pesca? Será que existe alguma relação? Pesquise na internet o significado de ressurgência de Cabo Frio. Aproveite e leia sobre Corrente do Golfo e seus efeitos.



Qual a diferença entre fatores do clima e elementos do clima? Cite, pelo menos, um exemplo de cada, descrevendo-os.



Seção 2

Zoom climático do Brasil passando pelas zonas climáticas

Existem algumas linhas imaginárias que têm grande importância na delimitação das zonas climáticas da Terra. Vamos entender um pouco sobre essas linhas:

Os trópicos de Câncer e de Capricórnio, com latitudes 23° 27' N e 23° 27' S, respectivamente, possuem grande importância para a distribuição de calor na Terra, pois são os limites máximos em que a radiação solar consegue atingir perpendicularmente a Terra. O Equador está a igual distância dessas linhas.

Os círculos polares Ártico (66° 33' N) e Antártico (66° 33' N) são linhas que demarcam a quantidade de luz total nos polos a partir do início do verão, em que o Sol pode ser visualizado no horizonte durante o semestre. Chamamos o fenômeno de "Sol da meia noite".

Essa variação na distribuição dos raios solares delimitada por esses quatro paralelos forma as zonas climáticas ou térmicas do globo terrestre.

Observe a figura a seguir:

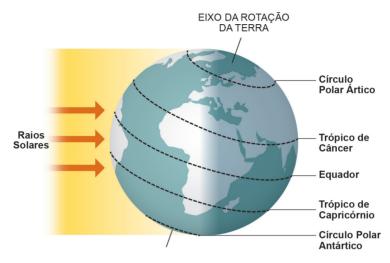


Figura 2: Zonas climáticas da Terra.

São três tipos de zonas climáticas, sendo que duas delas repetem-se nos dois hemisférios (meridional e setentrional). Temos as zonas polares, a zona intertropical e as zonas temperadas. Veja:

Zonas frias Zonas temperadas Zona quente 90°N Círculo Polar Ártico Trópico de Câncer Equador Trópico de Capricórnio Círculo Polar Antártico 90°S Zonas temperadas Zona quente 23°27'N 23°27'N 66°33'N

Figura 3: Zonas climáticas da Terra.



Figura 4: Brasil – Regiões e linhas imaginárias.

Podemos perceber que o Brasil é cortado pelo trópico de Capricórnio e linha do Equador, estando assim, predominantemente, na zona intertropical, a mais quente do planeta. Uma pequena parte, porém, está fora dessa zona, participando da zona temperada meridional do planeta. Em razão disso, apresenta predominantemente climas quentes (equatorial e tropical), que se caracterizam por temperaturas elevadas e alto índice de pluviosidade.

Existe uma sub-região, dentro do nordeste, que possui altas temperaturas e baixos registros pluviométricos, denominada "sertão nordestino". As explicações são naturais para a escassez de chuvas: a influência do relevo e a influência das massas de ar.

O ano pode ser dividido em duas fases: a das secas, que ocorre no inverno, e a das chuvas, no verão, que traz muitas inundações e deslizamentos.

A parte do território com clima mais frio situa-se ao sul do trópico de Capricórnio, onde encontramos o tipo subtropical. Nessa área, as chuvas são bem mais distribuídas ao longo do ano, e as estações têm características bem distintas.

Climogramas do Brasil

Os climogramas são gráficos que reúnem dados de precipitação e temperatura de uma região num dado período. Através deles, conseguimos caracterizar a distribuição sazonal da precipitação e as informações adicionais de temperatura. A seguir, destacamos os climas do Brasil e seus climogramas:

Clima equatorial

As principais características desse tipo de clima, são:

Temperatura média anual entre 24°C e 26°C. Embora seja uma região muito úmida, possui diferenças na pluviosidade, apresentando, por isso, uma subdivisão do clima equatorial:

- Equatorial superúmido Elevadas temperaturas e chuvas intensas o ano todo;
- Equatorial úmido Chuvas intensas e temperaturas elevadas com curta estação seca (de outubro a dezembro).

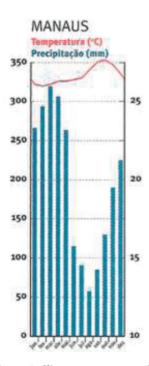


Figura 5: Climograma equatorial

Tropical típico

A média das máximas pode atingir 36°C em setembro, e mínimas podem chegar a 8°C na parte meridional. As chuvas ficam concentradas no verão, e 70% da pluviosidade ocorre entre novembro e março.

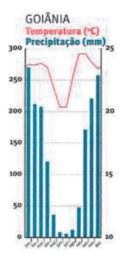


Figura 6: Clima tropical típico

Tropical semiárido

É o clima das zonas mais secas do nordeste. Esse climograma representa uma área do Brasil com elevadas temperaturas e reduzida pluviosidade, caracterizando o sertão.

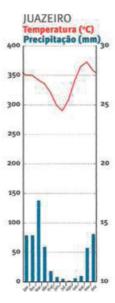


Figura 7: Clima tropical semiárido.

Tropical de altitude

Outra variação do clima tropical é o de altitude, ocorre no sudeste, nas altitudes superiores a 800 metros, onde os verões são úmidos e quentes, e os invernos, secos e frios, como podemos verificar no climograma, se isolarmos as duas estações.

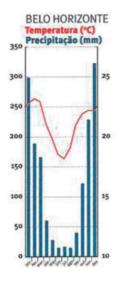


Figura 8: Tropical de altitude.

Tropical úmido

Climogramas representando a maior parte do litoral do país, com diferenças apenas nos períodos com as maiores pluviosidades. Na parte sul, mais concentrados no verão, enquando no nordeste, no inverno.

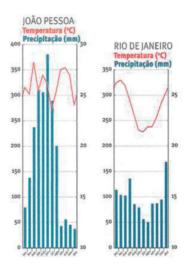


Figura 9: Tropical úmido.

Clima subtropical

Representação do clima do sul do Brasil, onde as chuvas são bem distribuidas ao longo do ano, com um inverno bastante frio e verão quente.

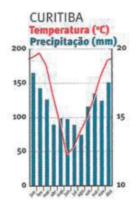


Figura 10: Clima subtropical.

Observe a seguir a distribuição dos tipos de clima ao longo do território brasileiro.

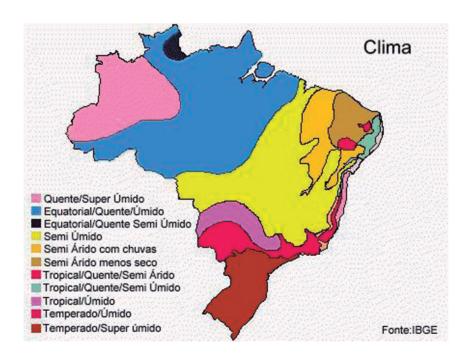


Figura 11: Mapa climático do Brasil.

Agora observe o mapa do Rio do de Janeiro e seus diferentes climas.

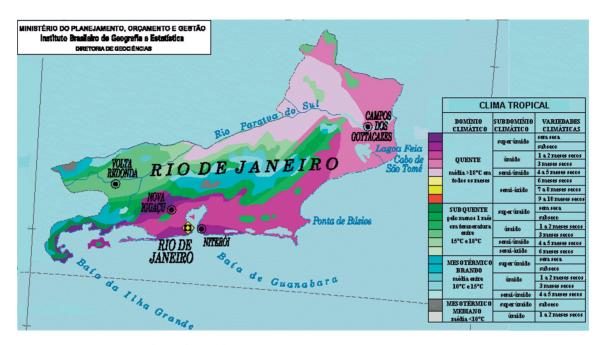


Figura 12: Mapa com os climas do estado.

Segundo Ayoade (2003), o estudo do clima e do tempo ocupa uma posição central e importante no campo da ciência ambiental. Tudo que ocorre na atmosfera influencia outras partes do ambiente, como biosfera (tipos de cobertura vegetal), hidrosfera (balanço hídrico) e litosfera (intemperismo e erosão, por exemplo). Da mesma forma, as outras partes do ambiente não podem ser deixadas de lado pelo estudante do tempo e do clima.

E os climas mudam?

Assista ao vídeo "Mudanças ambientais globais", disponível em http://videoseducacionais.cptec.inpe. br/swf/mud_clima/01_mudancas_ambientais_globais/01_mudancas_ambientais_globais.shtml, e tire suas conclusões.



Seção 3

Vegetação e Clima

Comecemos esse assunto com um trecho do cordel "Os sete constituintes", de Antônio Francisco (Melo, 2013):

Quem já passou no sertão

E viu o solo rachado,

A caatinga cor de cinza,

Duvido não ter parado

Pra ficar olhando o verde

Do juazeiro copado.

E sair dali pensando:

Como pode a natureza

Num clima tão quente e seco,

Numa terra indefesa

Com tanta adversidade

Criar tamanha beleza.

É possível perceber a estreita relação entre o clima e o tipo de vegetação só com essa rápida leitura, vendo que no sertão, local de clima quente e seco, surgiu a caatinga por conta das condições ambientais.

"O clima refere-se ao conjunto das condições atmosféricas que caracterizam uma região. De forma geral, o uso quotidiano do termo está associado à temperatura e ao registro ou não de precipitações" (AYOADE, 2003). Essas variáveis ambientais, somadas a outros fatores, ajudam a determinar o tipo de vegetação de uma dada localidade. Diversos pesquisadores, como Afrânio Gomes Fernandes e Edgar Kuhlmann, estabeleceram suas classificações vegetais buscando uma relação com o clima (IBGE, 2012). Ainda sobre essa relação, pode-se destacar:

66

Os conceitos populares de árvore, arvoreta, arbusto e erva adotados por Teofrasto (Grécia, c. 371- c. 287 a.C.), indicam que há muito se reconhece uma gama de formas de vida entre os vegetais e que as tentativas para classificá-las são bastante antigas (CAIN, 1950). Foi, porém, Humboldt (1806) o primeiro naturalista a ensaiar conceitos científicos sobre as formas de vida das plantas, descrevendo 16 formas, mas relacionando-as superficialmente aos fatores ambientais. Mais tarde, Anton Kerner (1863), baseado em Humboldt, reduziu o número de formas de vida para 11 e tentou demonstrar a relação das mesmas com o clima, ainda sem ligá-las à sistemática dos táxons" (IBGE, 2012, p.45).

77

Segundo Pillar (1995), a estreita relação entre clima e vegetação evidencia-se pela coincidência entre zonas climáticas e biomas. A variação do clima no espaço geográfico e no tempo é determinada em grande medida pela variação da intensidade da radiação solar. A radiação solar afeta o balanço de radiação das superfícies, que por sua vez influencia as condições de temperatura, movimentação do ar e disponibilidade hídrica para as plantas. Além de ser fator determinante do clima, a luz do sol, usada diretamente pelas plantas verdes na síntese de compostos orgânicos, é praticamente a única fonte de toda a energia que circula através dos organismos em ecossistemas. Também, a radiação solar estimula processos de diferenciação de tecidos e órgãos.

Um olhar mais aprofundado

Para complementar o estudo sobre a relação entre clima e vegetação, uma boa dica é ler o texto ""Clima e Vegetação", de Valério de Patta Pillar, disponível no link: http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Reprints&Manuscripts/Manuscripts&Misc/6_Clima_95Nov07.pdf.



Biomas brasileiros

Uma vez que já relacionamos a estreita relação entre clima e vegetação, iniciaremos, então, com os tipos climáticos brasileiros. O extenso território brasileiro, a diversidade de formas de relevo, a altitude e dinâmica das correntes e massas de ar possibilitam uma grande diversidade de climas no Brasil. Atravessado na região norte pela Linha do Equador e ao sul pelo Trópico de Capricórnio, o Brasil está situado, na maior parte do território, nas zonas de latitudes baixas chamadas de zona intertropical nas quais prevalecem os climas quentes e úmidos, com temperaturas médias em torno de 20 °C.

A amplitude térmica, diferença entre a temperatura mínima e máxima no decorrer do ano, é baixa, em outras palavras: a variação de temperatura no território brasileiro é pequena.

Um bioma é um conjunto de tipos de vegetação que abrange grandes áreas contínuas, em escala regional, com flora e fauna similares, definida pelas condições físicas predominantes nas regiões. Esses aspectos climáticos, geográficos e litológicos (das rochas), por exemplo, fazem com que um bioma seja dotado de uma diversidade biológica própria (PORTAL BRASIL, 2013).

Segundo Aleixo et al. (2010), ambientalmente falando, esses biomas estão cada vez mais sofrendo intervenções antrópicas, trazendo profundas transformações nessas paisagens naturais. Os biomas brasileiros abrigam uma porção significativa da biodiversidade mundial, constituindo importantes centros de biodiversidade pela combinação de

altos níveis de riqueza e endemismo. No entanto, essa rica biodiversidade vem sendo crescentemente ameaçada por atividades antrópicas, principalmente aquelas ligadas à conversão das paisagens naturais em áreas de produção agropecuária e ocupação imobiliária. Altíssimos níveis de devastação ambiental já colocaram dois biomas brasileiros – a Mata Atlântica e o Cerrado – na lista dos "Hotspots" de biodiversidade, que são conjuntos de ecorregiões prioritárias para conservação em nível mundial.

São seis biomas presentes no território brasileiro: Amazônico, do Pantanal, Pampa, Mata Atlântica, da Caatinga e do Cerrado como indicado no mapa a seguir. Segundo o IBGE, essa divisão refere-se aos biomas continentais.



Figura 13: Biomas do Brasil, conforme a produção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 1: Dados quantitativos dos biomas brasileiros.

Biomas continentais brasileiros	Área aproximada (km2)	Área /total Brasil
Bioma Amazônia	4.196.943	49,29%
Bioma Cerrado	2.036.448	23,92%
Bioma Mata Atlântica	1.110.182	13,04%
Bioma Caatinga	844.453	9,92%
Bioma Pampa	176.496	2,07%
Bioma Pantanal	150.355	1,76%
Área total do Brasil	8.514.877	

Fonte: MMA, 2013.

Consulte também os mapas do IBGE no site: http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/. Nesse endereço, é possível fazer uma comparação entre os mapas de clima e biomas e ver as semelhanças existentes nas disposições dos polígonos.



Vamos conhecer um pouco mais sobre cada bioma?

Amazônia

Para quem não sabe, a Amazônia é representada por diversos ecossistemas, com destaque para as florestas densas de terra firme, várzeas e florestas de igapó (AB'SABER, 2002). Segundo a EMBRAPA (2013), esse bioma destacase pela heterogeneidade florística, que inclui várias espécies de grande valor econômico. Atividades extrativas envolvem diversas espécies, como madeiras, medicinais, oleaginosas, frutíferas, ornamentais, melíferas etc.

A vegetação característica é de árvores altas. Nas planícies que acompanham o Rio Amazonas e seus afluentes, encontram-se as matas de várzeas (periodicamente inundadas) e as matas de igapó (permanentemente inundadas). Estima-se que esse bioma abrigue mais da metade de todas as espécies vivas do Brasil.

A Amazônia é o maior bioma do Brasil, ocupando quase metade (49,29%) do território nacional, estando presente em vários estados, como Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima (cobrindo-os quase que totalmente), quase totalmente Rondônia (98,8%), Mato Grosso (54%), Maranhão (34%) e Tocantins (9%). O clima equatorial, caracterizado por ser quente e úmido, é representado por uma paisagem constituída por florestas onde ocorrem chuvas torrenciais bem distribuídas durante o ano e rios com fluxo.

O bioma Amazônia é marcado pela bacia amazônica, que escoa 20% do volume de água doce do mundo. No território brasileiro, encontram-se 60% da bacia, que ocupa 40% da América do Sul e 5% da superfície da Terra, com uma área de aproximadamente 6,5 milhões de quilômetros quadrados (PORTAL BRASIL, 2015).

O Amazonas drena mais de 7 milhões de quilômetros quadrados de terras e é, por larga margem, o rio de maior massa líquida, com uma vazão anual média de 200.000 metros cúbicos por segundo. Essa região corresponde a 1/20 da superfície da Terra, a 2/5 da América do Sul, 1/5 da disponibilidade mundial de água doce, 1/3 das reservas mundiais de florestas latifoliadas, e somente 3,5 milésimos da população mundial, com uma densidade de 2 hab./Km². (MUSEU GOELDI, 2015).

Considerada a rede hidrográfica mais extensa do mundo, a Bacia Amazônica ocupa uma área total de 7.008.370 km². Esta área vai desde as nascentes, nos Andes Peruanos, até sua foz no Oceano Atlântico – 64,88% (ou 3.843.402 km²) desse total ficam em território brasileiro e o restante está dividido entre Colômbia (16,14%), Bolívia (15,61%), Equador (2,31%), Guiana (1,35%), Peru (0,60%) e Venezuela (0,11%) (PORTAL BRASIL, 2015).

Segundo MMA (2013), a bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo: cobre cerca de 6 milhões de km² e tem 1.100 afluentes. Seu principal rio, o Amazonas, corta a região para desaguar no Oceano Atlântico, lançando ao mar cerca de 175 milhões de litros d'água a cada segundo.

Ainda, segundo a EMBRAPA (2013), cerca de 18% da área total da floresta já foram desmatados. As principais fontes de alteração da vegetação natural são: pecuária, plantio de grãos em larga escala, agricultura familiar e exploração madeireira.



Figura 14: Amazônia com seus rios meandrantes.

Na Amazônia a eliminação de florestas cresceu exponencialmente durante as décadas de 70 e 80 e continua em taxas alarmantes. A mudança no uso do solo tem mostrado afetar a hidrologia regional, o ciclo global do carbono, as taxas de evapotranspiração, a perda de biodiversidade, a probabilidade de fogo e uma possível redução regional na quantidade de chuvas (MUSEU GOELDI, 2015).

As ameaças de degradação avançam em ritmo acelerado. Os dados oficiais, elaborados pelo INPE sobre o desmatamento na região mostram que ele é extremamente alto e está crescendo. Já foram eliminados cerca de

570 mil quilômetros de florestas na região – uma área equivalente à superfície da França, e a média anual dos últimos sete anos é da ordem de 17,6 mil quilômetros quadrados. Entretanto, a situação pode ser ainda mais grave. Os levantamentos oficiais identificam apenas áreas onde a floresta foi completamente retirada, por meio de práticas conhecidas por corte raso. As degradações provocadas por atividades madeireiras e queimadas não são contabilizadas (MUSEU GOELDI, 2015).

Cerrado

O cerrado é o segundo maior bioma do país, ocorrendo, principalmente, na região mais central do Brasil, e atinge cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados (24% do território). O cerrado é uma das savanas de maior biodiversidade do planeta e com grande concentração de espécies endêmicas. É caracterizado por uma vegetação tipo savana, subclassificada em cerradão (maior porte arbóreo), cerrado, campo sujo e campo limpo, entremeados por matas de galerias, florestas estacionais, campos rupestres e veredas de buritis (SFB, 2015).

O cerrado está fortemente ameaçado pela expansão agrícola desordenada. Segundo Ferreira (2013), a modernização das técnicas produtivas no campo, em especial na área do cerrado, somada aos investimentos financeiros subsidiados por programas e políticas oficiais, vem propiciando um avanço indiscriminado sobre a paisagem do cerrado, o qual, tem se transformado em uma região "viável" na utilização pela agropecuária, decorrente de uma extensa área agricultável, facilidade de mecanização, de "fartos" recursos hídricos, por estar próximos de centros consumidores, entre outros, além da desvalorização do cerrado em seus aspectos naturais, culturais e científicos. Esses avanços tecnológicos no campo se dão a partir do desmatamento indiscriminado da vegetação natural.



Figura 15: Cerrado brasileiro.

O cerrado possui grande diversidade biológica e presta serviços ambientais essenciais na regulação do ciclo hidrológico. De fato, as cabeceiras das principais bacias hidrográficas do Brasil (Araguaia, Tocantins, Xingu, Tapajós, Paraguai e São Francisco) estão situadas nesse bioma.

Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma das regiões mais ricas do mundo em biodiversidade e hoje é considerada um dos biomas mais ameaçados do planeta, contando com apenas 8,5% de suas florestas originais. A vasta maioria dos animais e plantas ameaçada de extinção do Brasil são formas representadas nesse bioma, e das sete espécies brasileiras consideradas extintas em tempos recentes, todas se encontravam distribuídas na Mata Atlântica, além de outras exterminadas localmente (IBF, 2015).

Segundo o IBGE (2012), o Bioma Mata Atlântica ocupava inteiramente três estados – Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catarina – e 98% do Paraná, além de porções de outras 11 unidades da federação. Segundo SFB (2015), seus ecossistemas associados envolvem uma área de 1,1 milhão de km² (13% do território brasileiro). Contudo, em virtude de séculos de destruição ambiental, a área florestal da Mata Atlântica foi reduzida a apenas cerca de 218 mil km², altamente fragmentados. Mesmo assim, ainda abriga parcela significativa da diversidade biológica do Brasil. Segundo o IBF (2015), logo após o descobrimento, grande parte da vegetação da Mata Atlântica foi destruída devido à exploração intensiva e desordenada da floresta. O primeiro foi o pau-brasil, cujo primeiro contrato comercial para a exploração foi feito em 1502. Outras madeiras de valor também foram exploradas até a beira da extinção: tapinhoã, sucupira, canela, canjarana, jacarandá, araribá, pequi, jenipaparana, peroba, urucurana e vinhático.

A Mata Atlântica é composta por várias formações florestais, como floresta ombrófila (densa, mista e aberta), floresta estacional semidecidual e estacional decidual, manguezais, restingas e campos de altitude associados e brejos interioranos no nordeste. As florestas de araucária (ombrófila mista) ocorrem nos planaltos da região sul situados a oeste da Serra do Mar. Há um grande número de espécies ameaçadas de extinção nesse bioma (SFB, 2015).

Cerca de 70% da população brasileira vive no território da Mata Atlântica, as nascentes e mananciais abastecem as cidades; esse é um dos fatores que tem contribuído com os problemas de crise hídrica, associados à escassez, ao desperdício, à má utilização da água, ao desmatamento e à poluição (IBF, 2015).



Figura 16: Mata Atlântica.

Caatinga

Segundo a EMBRAPA (2013), a caatinga é um ecossistema exclusivo do Brasil e ocupa uma área em torno de 1.000.000km². Seu nome, indígena, significa "Mata Branca". Segundo MMA (2015), está presente nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais. Rico em biodiversidade, o bioma abriga 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 de anfíbios, 241 de peixes e 221 de abelhas. Cerca de 27 milhões de pessoas vivem na região, a maioria carente e dependente dos recursos do bioma para sobreviver. A caatinga tem um imenso potencial para a conservação de serviços ambientais, uso sustentável e bioprospecção que, se bem explorado, será decisivo para o desenvolvimento da região e do país. A biodiversidade da caatinga ampara diversas atividades econômicas voltadas para fins agrosilvopastoris e industriais, especialmente nos ramos farmacêutico, de cosméticos, químico e de alimentos.

O clima é semiárido, com temperaturas médias anuais compreendidas entre 27°C e 29°C e com médias pluviométricas inferiores aos 800 mm, podendo ocorrer de maneira bastante irregular. Assim, a rigidez climática das caatingas é conferida principalmente pela irregularidade na distribuição destas chuvas no tempo e no espaço. A estação das secas pode ser superior a sete meses por ano (CASTRO & CAVALCANTE, 2011). A essas condições climáticas ímpares surge bastante adaptada a formação vegetal do tipo caatinga, xerófila, caducifólia e espinhosa. O nome mata branca, já informado, é porque a quase totalidade das plantas está sem folha e seus troncos esbranquiçados, estratégias para diminuir as perdas de água nessa estação seca. Outra estratégia são as folhas modificadas na forma de espinhos (CASTRO & CAVALCANTE, 2011). A riqueza desse bioma não é encontrada em nenhum outro.

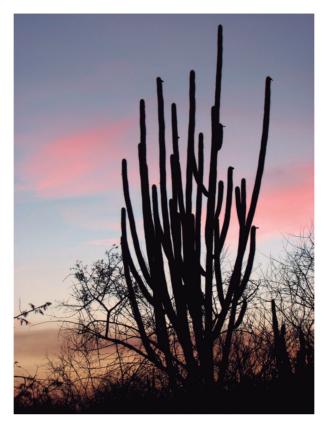


Figura 17: Paisagem da caatinga ao anoitecer



Figura 18: Estação Ecológica Federal Raso da Catarina na caatinga.

Pampa

Extensão aproximada: 176.496 quilômetros quadrados.

Segundo o IBGE (2015), de maneira genérica, os campos da região sul do país são chamados de "pampas", denominação que corresponde somente aos tipos de campo encontrados no Rio Grande do Sul.

O bioma pampa está presente somente no Rio Grande do Sul, ocupando 63% do território do Estado. O pampa apresenta um papel significativo na conservação da biodiversidade, pois apresenta riqueza de flora e fauna ainda pouco pesquisada (BINKOWSKI, 2009 in Matei &Filippi, 2012).

Segundo Boldrini et al. (2010 in Matei & Filippi, 2012), existem mais de 2.200 espécies campestres, constituindo um patrimônio genético notável, até então negligenciado. Centenas dessas espécies têm valor forrageiro que permite o desenvolvimento de uma pecuária ecológica, baseada na conservação do campo nativo, ao contrário de outros sistemas baseados na produção com espécies forrageiras exóticas e dependentes de insumos (MATEI & FILIPPI, 2012). Segundo o portal Brasil (2015), a vegetação predominante do pampa é constituída de ervas e arbustos, recobrindo um relevo nivelado levemente ondulado. Formações florestais não são comuns nesse bioma e, quando ocorrem, são do tipo floresta ombrófila densa (árvores altas) e floresta estacional decidual (com árvores que perdem as folhas no período de seca).



Figura 19: Pampa gaúcho

Pantanal

O Pantanal é o bioma localizado no centro-sul da América do Sul, abrangendo Brasil, Bolívia e Paraguai (FERREIRA, 2013).

Segundo Ferreira (2013), o bioma ocupado pela maior planície alagada do mundo, no Brasil, está inserido nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo os municípios de Corumbá, Poconé, Cáceres e Aquidauana considerados os que mais contribuem em área para a formação do Pantanal, com destaque para a primeira cidade mencionada.

Localizado na bacia hidrográfica do Alto Paraguai, o bioma Pantanal é caracterizado por apresentar baixos valores hipsométricos com pequenas variações no gradiente topográfico e por uma ampla área de planícies que alagam durante a estação chuvosa, porém, sendo comum encontrar cordões arenosos que não são afetados pelas grandes inundações (ASSINE, 2005).

Segundo Pereira et al. (2012), o regime pluviométrico desse bioma caracteriza-se por uma estação chuvosa que ocorre entre os meses de outubro e março, e outra seca, entre abril e setembro. Isso configura o Pantanal, de acordo com Köppen, no grupo de Clima tropical com estação seca ou clima de savana (Aw), e exibe temperaturas médias mensais superiores a 18°C, com um dos meses com precipitação média inferior a 60 mm.

O bioma Pantanal mantém 86,77% de sua cobertura vegetal nativa. A vegetação não florestal (savana [cerrado], savana estéptica [chaco], formações pioneiras e áreas de tensão ecológica ou contatos florísticos [ecótonos e encraves]) é predominante em 81,70% do bioma. Desses, 52,60% são cobertos por savana (cerrado) e 17,60% são ocupados por áreas de transição ecológica ou ecótonos. Os tipos de vegetação florestais (floresta estacional semidecidual e floresta estacional decidual) representam 5,07% do Pantanal (MMA,2015). As figuras adiante mostram a localização do pantanal e o período de cheia, respectivamente.

Assim como outros biomas, o Pantanal também vem sendo comprometido pelas ações antrópicas, como a agropecuária.

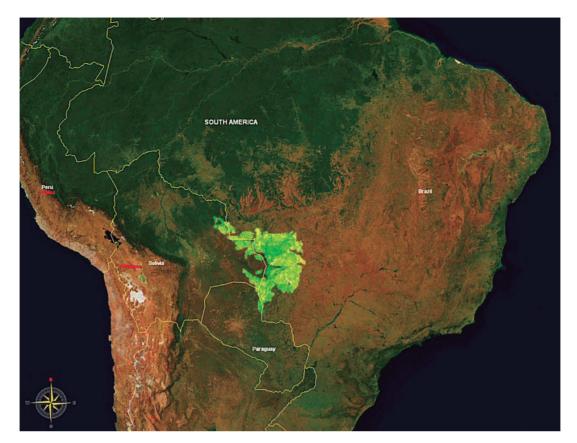


Figura 20: Localização do Pantanal no Brasil e na América do Sul.



Figura 21: Período de cheia no Pantanal.

Biomas no mundo

A seguir, dois mapas nos permitirão observar que tudo o que falamos para o território brasileiro serve para o globo como um todo. Podemos perceber que quando muda o clima, a zona climática, muda o tipo de vegetação.

Segundo Dias (2009), a distribuição das espécies pelo globo está frequentemente limitada pelas condições físicas do ambiente. A água e a temperatura são os fatores mais importantes. Cada espécie possui uma tolerância ecológica definida pelo intervalo de condições em que esta espécie consegue sobreviver. Sendo assim, o clima também define as fronteiras dos biomas terrestres. Observe as semelhanças nos polígonos climáticos e de biomas nas figuras a seguir.

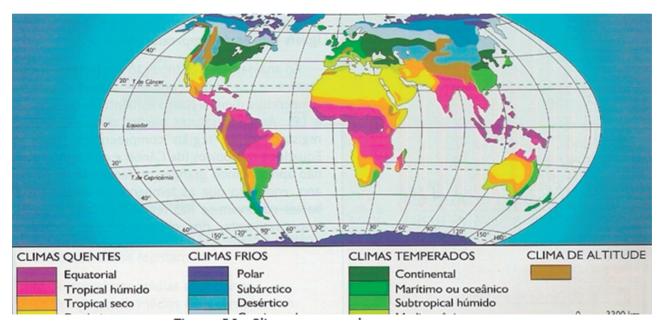


Figura 22: Climas no mundo.

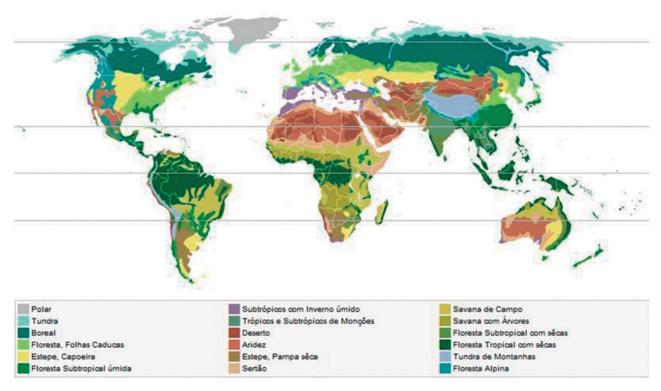


Figura 23: Biomas no mundo.

O bioma Pampa aparece na região sul do Brasil, no Rio Grande do Sul; o Pantanal, no centro-oeste, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Quais os condicionantes ambientais que explicam a ocorrência desses biomas no território brasileiro?



Anote suas respostas em seu caderno

Conclusão

Conseguimos perceber a estreita relação do clima com a vegetação. Os diversos fatores do clima (e os elementos do clima) constituem um dos principais condicionantes às diferentes coberturas vegetais: variação da latitude, relevo, altitude, proximidade do mar, dentre outros, que exercem grande influência no tipo de vegetação. Vimos que, pela grande extensão do Brasil, ocorrem variações do clima tropical e suas respostas imediatas, não possuindo, então, um único bioma.

Um problema atual não só no Brasil, mas no mundo, diz respeito à devastação dos biomas pelas atividades econômicas e expansão urbana. Agricultura, pecuária e extrativismo constituem exemplos de atividades econômicas que trazem prejuízos aos biomas. Muitas espécies, se não estão em extinção, já foram extintas, e muitas outras estão para entrar nessa lista. No caso do Pantanal, apenas 4,4% encontram-se protegidos por unidades de conservação, dos quais 2,9% correspondem a UCs de proteção integral e 1,5% a UCs de uso sustentável (apenas RPPNs, no Pantanal, até o momento). Como estarão nossos ecossistemas num futuro próximo, se esse ritmo continuar?

Resumo

As diferentes latitudes recebem quantidades distintas de energia solar que, somadas a outros fatores, fazem surgir diversos tipos climáticos no planeta Terra. Passaremos, então, pelos conceitos de tempo e clima. Essas diferenças serão facilitadas pelo entendimento dos elementos e fatores do clima. Esses fatores permitirão compreendermos as zonas climáticas, os diversos climas no mundo e no Brasil. Por que as altas latitudes são mais frias que as áreas próximas ao Equador? Por que, mesmo próximas à faixa equatorial, nas altas altitudes, temos regiões frias? São perguntas fáceis de ser respondidas na medida em que os fatores do clima ficam bem entendidos. A partir daí, podem-se estabelecer critérios para diferenciar os climas terrestres. A quantidade de chuva e a variação da temperatura são elementos muito importantes nessa classificação. Em geociências, porém, não podemos deixar de registrar, num mapa, nossos estudos; e com o clima não pode ser diferente. Fato engraçado é que quando comparamos os mapas climáticos com os de vegetações, parece que eles combinam bastante. Percebemos a estreita relação entre clima e vegetação. No sertão quente e seco, encontramos a caatinga. No clima tropical superúmido, a floresta equatorial, e por aí vai... O clima refere-se ao conjunto das condições atmosféricas que caracterizam uma região. De forma geral, o uso quotidiano do termo está associado à temperatura e ao registro, ou não, de precipitações. Essas variáveis ambientais, somadas a outros fatores, ajudam a determinar o tipo de vegetação de uma dada localidade. Essa estreita relação entre clima e vegetação evidencia-se pela coincidência entre zonas climáticas e biomas. Pela extensão do território brasileiro e sua vasta disposição latitudinal, com áreas próximas e distantes do oceano e variações topográficas, surgem diferentes climas e, consequentemente, diferentes biomas (amazônico, do pantanal, Mata Atlântica, Caatinga e Pampa). Todos com sua contribuição de flora e fauna que marcam a paisagem natural do Brasil. No restante do planeta, não é diferente, onde biomas respondem às variações climáticas.

Um grande problema mundial são as devastações nos biomas, causadas pelas atividades antrópicas. Alguma ação tem de ser tomada.

Vamos ler um trecho da letra da música "País Tropical" e fazer algumas atividades relacionadas com os conteúdos que acabamos de estudar.

País Tropical

Composição: Jorge Ben Jor / Wilson Simonal

Moro num país tropical, abençoado por Deus

E bonito por natureza, mas que beleza

Em fevereiro (em fevereiro)

Tem carnaval (tem carnaval)

Tenho um fusca e um violão

Sou Flamengo

Tenho uma nêga

Chamada Tereza

Sambaby

Sambaby

Sou um menino de mentalidade mediana

Pois é, mas assim mesmo sou feliz da vida

Pois eu não devo nada a ninguém

Pois é, pois eu sou feliz

Muito feliz comigo mesmo

Moro num país tropical, abençoado por Deus

E bonito por natureza, mas que beleza

Em fevereiro (em fevereiro)

Tem carnaval (tem carnaval)



Atividade 5

Qual o clima comentado na música?

Pelo nome do time, qual o estado que é retratado? E qual o bioma presente nesse estado?

Observando-se o climograma desse lugar, quais as principais características?



Veja Ainda

Para quem é curioso e gosta de aprender coisas novas ou rever o conteúdo de forma diferente, temos algumas sugestões para enriquecer o aprendizado! Você poderá acessar os endereços a seguir para interagir melhor com esses conhecimentos:

- https://www.youtube.com/watch?v=fqAKBRJYWDs
- http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=1212
- http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/clima-seco-provoca-aumento-de-numero-de-queimadas--no-brasil

O Portal do Professor é um espaço para troca de experiências entre professores do ensino fundamental e médio. É um ambiente virtual com recursos educacionais que facilitam e dinamizam o trabalho dos professores: http://portaldoprofessor.mec.gov.br – MEC

Bibliografia

- AB' SABER, A. (2002). Amazônia brasileira. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a02.pdf>.
 Acessado em 8 de setembro de 2015.
- ASSINE, M. River avulsions on the Taquarimegafan, Pantanal wetland, Brazil. Geomorphology, v. 70, n. 3/4, p. 357-371, 2005. doi: 10.1016/j.geomorph.2005.02.013. http://dx.doi.org/10.1016/j.geomorph.2005.02.013
- AYOADE, J.O. (2003). Introdução à climatologia para os Trópicos. 9° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 332p.
- BARROS, S. Climas e climogramas do Brasil. Disponível em:< http://academico.ifam.edu.br/Uploads/MATERIAIS_
 AULAS/33591-Climas_e__climogramas_do_Brasil.pdf>. Acessado em: 15 de setembro de 2014.
- CASTRO,A.S& CAVALCANTE,A. (2011). Flores da caatinga. Disponível em: http://www.insa.gov.br/~webdir/salo-mao/livros/flores.pdf>. Acessado em: 2 de novembro de 2015.
- SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO -SFB (2015). Os biomas e suas florestas. Disponível em: http://www.florestal.gov.br/snif/recursos-florestais/os-biomas-e-suas-florestas?print=1&tmpl=component. Acessado em: 9 de setembro de 2015.
- BRASIL. (2015). Conheça os biomas brasileiros. Disponivel em:http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2009/10/biomas-brasileiros>. Acessado em: 20 de setembro de 2015.
- CPTEC- CENTRO DE PREVISÃO DO TEMPO E ESTUDOS CLIMÁTICOS (2014). Ícones de previsão do tempo. Disponível em:< http://tempo.cptec.inpe.br/~rtempo/legenda.shtml >. Acessado em:14 de setembro de 2014.
- DIAS, U.S. (2009). Água, Clima e biomas. Disponível em: httml?aula=1744>. Acesso em: 12 de setembro de 2013.
- EMBRAPA EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. A Embrapa nos biomas brasileiros. Disponível em:http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/82598/1/a-embrapa-nos-biomas-brasileiros.pdf. Acesso em: 9 de setembro de 2013.
- FERREIRA, A.B.B. (2013). Pantanal Mato-Grossense: considerações sobre a proteção constitucional para um desenvolvimento econômico sustentável. Interações, Campo Grande, vol.14, numero1, 2013.
- FERREIRA, I.M. (2005). BIOMA CERRADO: CARACTERIZAÇÃO DO SUBSISTEMA DE VEREDA. Disponível em:https://observatoriogeogoias.iesa.ufg.br/up/215/o/MENDES_Idevone_bioma_cerrado.pdf. Acessado em: 1 de novembro de 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS –IBF (2015). Por que preservar a Mata Atlântica? Disponível em: .">http://www.ibflorestas.org.br/blog/por-que-preservar-a-mata-atlantica/?gclid=CJ66yrOs78gCFQ8FkQod3D8D_A>.
 Acessado em: 28 de agosto de 2015.

- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (1998). Noções Básicas de Cartografia. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/cartografia/nocoes_basicas_cartografia.pdf >. Acessado em: 14 de setembro de 2014.
- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2012). Biomas. Disponível em:<ftp://geoftp.ibge. gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/biomas.pdf>. Acessado em: 12 de setembro de 2015.
- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2015). Disponível em:http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/biomas.html>. Acessado em: 4 de novembro de 2015.
- MATTEI, A.P. & FILIPPI, E.E. (2015). O bioma pampa e o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. Disponível em:http://www.pucrs.br/eventos/eeg/download/Mesa8/O_Bioma_Pampa_e_o_Desenvolvimento_Regional_no_RS.pdf.
- MELO, A.F.T. Os sete constituintes. Disponível em: http://mundocordel.blogspot.com.br/2007/08/o-cordelista-imortal-de-mossor.html. Acessado em: 12 de outubro de 2015.
- MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia. Noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de textos, 2007.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (2015). Caatinga. Disponível em: <www.mma.gov.br/biomas/caatinga>. Acessa-do em: 2 de novembro de 2015.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (2015). Pantanal. Disponível em: <www.mma.gov.br/biomas/pantanal>. Acessa-do em: 2 de novembro de 2015.
- MOREIRA,S.A.G.(2012). Os climas do Brasil e sua influência sobre as paisagens. Disponível em:< http://portaldopro-fessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41616>. Acessado em 10 de setembro de 2013.
- MUSEU GOELDI (2015). Biodiversidade na Amazônia. Disponível em: http://marte.museu-goeldi.br/marcioayres/
 index.php?option=com_content&view=article&id=10&Itemid=11>. Acessado em 10 de outubro de 2015.
- PEREIRA, G.; CHÁVEZ,E.S. e SILVA, M.E.S. (2012). O Estudo das unidades de paisagem do bioma Pantanal. Revista Ambiente e ,Taubaté, v. 7, n. 1, p.89-103, 2012. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/ambiagua/v7n1/v7n1a08. pdf>. Acessado em: 9 de novembro de 2015.
- PILLAR, V.D. 1995. Clima e vegetação. UFRGS, Departamento de Botânica. Disponível em: http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br. Acessado em: 10 de setembro de 2013.
- SENTELHAS, P.C. & ANGELOCCI, L.R. (2015). Climatologia e Classificação Climática. Disponível em:http://www.lce.esalq.usp.br/aulas/lce306/Aula3.pdf>. Acessado em 10 de outubro de 2015.

Sites

- http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/geografia/biomas-brasileiros/print
- http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41616
- http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=440
- http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51157
- https://portais.ufg.br/up/68/o/Classifica___o_Clim__tica_Koppen.pdf

Imagens

- Figura 1: CPTEC (2014)
- Figura 2: Acervo Cecierj
- Figura 3: Acervo Cecierj
- Figura 4: IBGE(1998)
- Figura 5: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil--PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf
- Figura 6: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil--PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf
- Figura 7: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil--PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf
- Figura 8: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil--PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf
- Figura 9: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil--PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf

- Figura 10: http://www.centrodeensinounificado.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/Clima-do-Brasil-PDF-COM-CLIMOGRAMAS.pdf
- Figura 11: http://www.ibge.gov.br
- Figura 12: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amazon_CIAT_(3).jpg. Autor: Neil Palmer.
- Figura 13: Vitor 1234 [CC-BY-SA-3.0 or GFDL], via WikimediaCommons
- Figura 14: ICMBio (2014).
- Figura 15: https://catracalivre.com.br/geral/viagem-acessivel/indicacao/serie-fotografica-exuberante-revela-a-fauna -e-a-flora-da-caatinga-brasileira/attachment/paisagem_da_caatinga_ao_anoitecer_-_pan_brasil_-_sedr-mma/
- Figura 16: Fotos: Adriano Gambarini http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga/acervo-de-fotos
- Figura 17: Crédito: Eduardo Seidl http://www.copa2014.rs.gov.br/menu/233/guia-do-turista
- Figura 18: Wikipédia (2015)
- Figura 19: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pantanal
- Figura 20: Moreira (2012)
- Figura 21: Dias (2009)



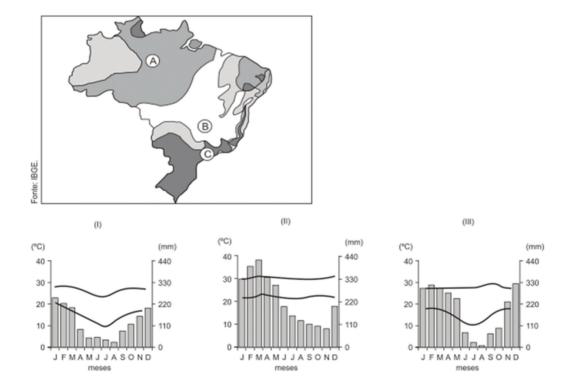
Questão 1 (UNESP)

O clima é um importante recurso natural. A sua compreensão pode auxiliar no melhor desempenho das atividades agrícolas, facilitar o transporte de mercadorias, simplificar a circulação de pessoas, preservar a saúde e o conforto humano, etc. No entanto, compreendê-lo adequadamente requer o estudo de seus elementos e fatores.

- a. Quais são os principais elementos do clima? Quais são os seus principais fatores?
- b. Descreve um dos fatores do clima, enfatizando o papel por ele exercido.

Questão 2 (Ufrgs)

Observe o mapa de climas do Brasil e os três climogramas que seguem.



Assinale a correspondência correta entre as localidades A, B e C assinaladas no mapa e os climogramas I, II e III.

- a) A(I) B(II) C(III)
- b) A (II) B (III) C (I)
- c) A(III) B(I) C(II)
- d) A (II) B (I) C (III)
- e) A (III) -B (II) C (I)

Questão 3 (Unicap)

O mapa a seguir está representando, cartograficamente, a área ocupada pelas principais formações vegetais do país. Com relação a esse assunto, é correto afirmar que:



- 0) A formação 1 é caracteristicamente xerófila e reflete as condições de clima como déficit hídrico anual, ou seja, um clima BSh, segundo a classificação climática de Koppen.
- 1) A formação vegetal 2 é do tipo edafoclimática e reflete as condições climáticas tropicais, ou seja, verões chuvosos e invernos secos.

- 2) A formação vegetal 3 ocupa uma ampla área de planície inundável e se caracteriza por ser uma formação mista, com espécies vegetais de caatingas, florestas, campos e cerrados.
- 3) A formação vegetal 4 é uma formação vegetal homóclita, de transição, que reflete as condições de clima tropical úmido; teve uma importância enorme no processo inicial de colonização do país.
- 4) A formação vegetal 5 é característica das áreas mais elevadas da Região Sul do país. É do tipo aberta e com predomínio de espécies vegetais aciculifoliadas.

Questão 4 (UPE)

O cerrado é um bioma brasileiro bastante peculiar, sobretudo por sua constituição em mosaicos de formações vegetais. Observe os mapas a seguir e assinale aquele que exibe delimitação espacial mais aproximada desse bioma.



Gabarito

1.

- a. Os principais elementos climáticos são: temperatura atmosférica, umidade do ar, precipitações, ventos e pressão atmosférica. Os principais fatores climáticos são: altitude, latitude, maritimidade, continentalidade, correntes marítimas e massas de ar.
- b. As massas de ar apresentam fundamental importância para a explicação da dinâmica climática. São porções da atmosfera que carregam características próprias de suas áreas de origem. Podem ser quentes e úmidas, quentes e secas, frias e úmidas, e frias e secas. À medida que que se deslocam, perdem suas características iniciais e vão se dissipando.
- 2. D
- 3. Estão corretas a 0, 1, 2 3 e 4
- 4. C





Dinâmica Ambiental: relevo e hidrografia

Para início de conversa...

Caro(a) aluno(a),

Você deve recordar que, nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011, a região serrana do estado do Rio de Janeiro foi palco de uma das maiores tragédias ocorridas no território brasileiro. Vários municípios foram atingidos por uma intensa chuva de quase 200 mm em um período de 24h, deixando um cenário de destruição e desordem pública nas cidades de Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo, dentre outras, e também em áreas rurais isoladas pelos vales da região.

Veja algumas notícias da época:

- "A chuva na Região Serrana do RJ, que provocou 506 mortes, já é considerada a maior tragédia climática da história país". Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/01/chuva-na-regiao-serrana-e-maior-tragedia-climatica-da-historia-do-pais.html. Acesso em: 08 de setembro de 2014.
- "A sequência de fortes chuvas na Região Serrana do Rio de Janeiro causou o que está se tornando uma das maiores tragédias brasileiras: três cidades praticamente em total destruição e outras três fortemente afetadas por deslizamentos de terra, desabamento de encostas, soterramento de bairros e alagamentos. Milhares de pessoas perderam as casas, centenas perderam a vida e várias outras continuam desaparecidas". Disponível em: http://blogs.estadao. com.br/olhar-sobre-o-mundo/catastrofe-no-rio-de-janeiro/. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

- "Os jornais estrangeiros criticaram a falta de estrutura do Brasil diante do desastre na Região Serrana do Rio de Janeiro, onde o número de mortos já chega a 550". Disponível em: http://www.jb.com.br/tragedia-na-serra/noticias/2011/01/15/jornais-estrangeiros-criticam-brasil-diante-de-tragedia-no-rio/. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

Cerca de 20 municípios foram atingidos diretamente e mais de 90 mil habitantes sofreram com a tragédia. Cerca de 30 mil pessoas ficaram desabrigadas ou desalojadas e mais de 900 vítimas fatais foram contabilizadas, em uma tragédia de difícil previsão, mesmo pelos modernos sistemas de previsão climática do país.

Nesse desastre natural, vários fatores estão relacionados: o relevo e suas formas íngremes e de difícil contenção, a ocupação humana irregular de encostas e áreas próximas aos leitos de rios ou as condições de tempo, típicas do verão de clima tropical.

Observe as imagens de satélite das figuras 1 e 2: são da mesma área, mas em datas distintas: a primeira, de maio de 2010, e a segunda, de janeiro de 2011. Veja as marcas, as cicatrizes no relevo na segunda imagem após os inúmeros eventos de movimento de massa de 2011.

Todos os anos, no estado do Rio de Janeiro, dezenas de pessoas morrem e milhares são afetadas em decorrência de desastres naturais relacionados a eventos climáticos extremos, em especial as inundações e movimentos de massa. Nos anos de 2010 e 2011, por exemplo, mais de mil pessoas morreram nos desastres em Angra dos Reis, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e na Região Serrana do Rio de Janeiro (DOURADO et al., 2012). Mas será que a dinâmica ambiental é tão imprevisível assim, ou há alguma coisa que possa ser feita? Vamos saber mais sobre a dinâmica ambiental através de aspectos que afetam diversos desastres naturais: relevo e hidrografia.



Figura 1: Imagem de satélite obtida no Google Earth mostra o relevo da região serrana do estado do Rio de Janeiro em 25/05/2010.



Figura 2: Imagem de satélite obtida no Google Earth mostra a mesma área da figura 1 no dia 19/01/2011, ou seja, dias após o desastre.

Objetivos de Aprendizagem

- Caracterizar os principais componentes da dinâmica ambiental: os processos de transformações do rele vo, o ciclo da água e as bacias hidrográficas;
- Identificar as principais bacias hidrográficas do Brasil e compreender suas importâncias;
- Analisar os principais impactos da ação do homem nas bacias hidrográficas e a necessidade de adoção de medidas para sua preservação.

Seção 1

Como se forma o relevo?

O planeta Terra comporta-se como um corpo dinâmico, em constante transformação. A sua superfície e todo o seu conjunto de formas foram intensamente modificados ao longo do tempo, desde a sua formação, a mais ou menos 4,5 bilhões de anos, até os dias atuais.

O planeta Terra tem sua dinâmica condicionada por forças internas e externas que culminam em um modelado diversificado e complexo da superfície terrestre denominado **relevo**. E mesmo que não ocorra de uma maneira perceptível, este processo mantém-se em desenvolvimento constante, e em alguns momentos acontece de forma rápida e brusca. A Humanidade, que, de acordo com cientistas, começou a sua história há pouco mais de 11 milhões de anos, tem acelerado e, em outros casos, causado mudanças no relevo.

Relevo

De acordo com o Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico (Guerra, 2010), o termo relevo é definido como uma "(...) diversidade de aspectos da superfície da crosta terrestre (...), um conjunto de desnivelamentos da superfície terrestre do globo (...)". Para a topografia, de acordo com o dicionário, o relevo é considerado como "(...) a diferença de cota ou altitude existente entre um ponto e outro (...)"; o relevo é considerado um elemento fundamental para a paisagem física sendo cuidadosamente estudada pelos geógrafos.

Dinâmica Interna da Terra

A dinâmica da superfície terrestre é resultado da constante atuação de duas forças – as forças endógenas (internas) e as forças exógenas (externas). Juntas, elas modificam a estrutura da litosfera, transformando o modelado da superfície terrestre ao longo do tempo.

Vamos começar analisando a estrutura interna da Terra. Como pode ser observado na figura 3, podemos identificar que o interior do planeta Terra é divido em camadas de composição e características diferentes.

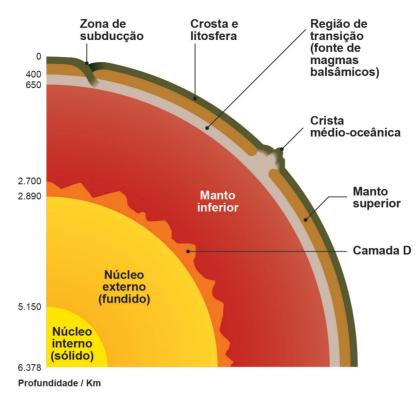


Figura 3: Estrutura interna da Terra.

A estrutura interna da Terra está dividida em três camadas importantes, a saber: o núcleo, que é uma parte metálica, formado por ferro e níquel fundido - sua parte externa é líquida; o manto, uma camada intermediária de composição silicática; a porção mais externa da Terra, que é a litosfera ou crosta terrestre, formada por rochas originadas do magma solidificado. Existe a crosta continental, que é mais espessa e menos densa, e a crosta oceânica, que é menos espessa e mais densa. A transição entre elas é lateral; elas não estão uma em cima da outra, como se pensava há algum tempo atrás. Com exceção da parte externa do núcleo, que é líquida, todas as outras camadas são sólidas, inclusive o manto.

As forças endógenas são aquelas originadas pela energia geotérmica do interior da Terra e podem ser caracterizadas em passivas e ativas. As forças passivas correspondem àquelas originadas pela atuação da energia que emana do interior do planeta Terra e se manifesta através da tectônica de placas. Apesar de a litosfera ser uma camada rígida e fina, ela realiza diversos movimentos impulsionados pelas correntes de convecção que circulam no manto terrestre, transportando a energia do núcleo externo até o manto superior, causando movimentos laterais de grandes porções da litosfera.

Observe a figura 4, onde estão representadas as principais placas tectônicas da litosfera terrestre.

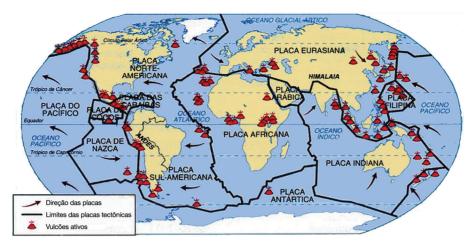


Figura 4: Distribuição geográfica das placas tectônicas e de vulcões ativos pelo globo terrestre.

Vários processos formadores do relevo são originados pela atuação das forças endógenas, tais como a epirogênese e a orogênese. Estes são movimentos articulados e compõem o conjunto de processos endógenos ativos da formação do relevo. A epirogênese corresponde a movimentos da crosta continental em sentido vertical (epirogênese positiva ou negativa), e a orogênese corresponde a movimentos horizontais de enrugamento e dobramentos da superfície da Terra comum a áreas próximas a encontros de placas tectônicas. Exemplo de processo de orogênese é a formação da escarpa da Serra do Mar, a serra da Mantiqueira e o Graben do médio vale do Paraíba, na região Sudeste do Brasil.

As forças passivas são aquelas que oferecem resistência ao desgaste dos processos erosivos em superfície. Os diferentes tipos de rocha são exemplos de forças endógenas passivas por oferecerem resistência ao desgaste causado pelos processos erosivos. As características intrínsecas às rochas, tais como o arranjo estrutural e a composição mineral, conferem uma variação da resistência à erosão.

A crosta terrestre é constituída essencialmente de rochas. De acordo com a origem, distinguem-se três grandes grupos: rochas magmáticas ou ígneas, rochas sedimentares e rochas metamórficas. As rochas ígneas provêm da consolidação do magma e são, por isto, de origem primária. Delas se derivam, por vários processos, as rochas sedimentares e metamórficas (Leinz e Amaral, 2000). Há tipos de rochas ígneas mais comuns, como os granitos e basaltos (Figura 5).

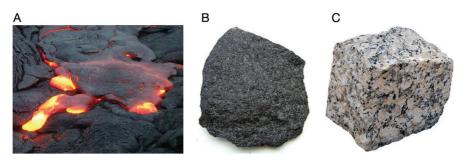


Figura 5: (A) magma incandescente sobre a litosfera, (B) basalto e (C) granito.

As rochas metamórficas são resultados das alterações de outras rochas, ígneas ou sedimentares, sob condições de elevadas temperaturas e pressões, realizadas pelo dinamismo da litosfera. Segundo o grau de metamorfismo, estas rochas apresentam maior ou menor grau de resistência ao processo erosivo, dependendo das linhas de fraturas da rocha e da presença de falhas. Elas também podem apresentar variações na resistência ao processo de erosão. São exemplos destas rochas os gnaisses e os migmatitos, os quartzitos, os micaxistos e os filitos. Na figura 6, podemos ver alguns exemplos de rochas metamórficas.

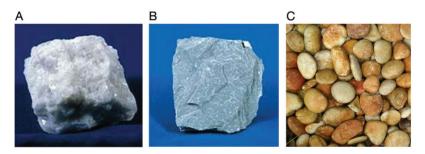


Figura 6: Exemplos de rochas metamórficas. (A), (B), (C).

As rochas sedimentares são aquelas originadas de outras rochas, devido à deposição de materiais sólidos ou solos, transportado, depositado e litificado em diversos ambientes de sedimentação. Os ambientes de sedimentação podem ser marinhos, lagunares, fluviais, glaciais e eólicos; ainda podem ser classificadas em orgânicos ou inorgânicos, e são responsáveis por grande parte das riquezas minerais importantes para a sociedade moderna, tais como o petróleo, o carvão e o gás natural. Na figura 7, é possível observar exemplos de rochas sedimentares, como o calcário, a arenito e o carvão.

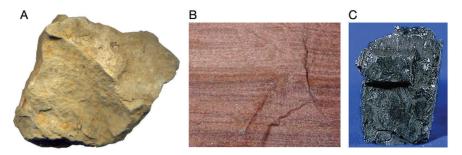


Figura 7: (A) calcário, (B) arenito e (C) carvão.

Dinâmica Externa da Terra

As forças exógenas são aquelas ligadas aos agentes atmosféricos sobre a superfície terrestre, movidas pela energia do Sol. A energia solar, ao aquecer a superfície terrestre e a atmosfera, provoca fenômenos como as variações de temperaturas, a precipitação da água na forma de chuva, neve ou gelo, a movimentação do ar (vento), de maneira que atuem sobre os diferentes tipos de rochas.

As rochas são compostas por diferentes materiais, isto é, distintas mineralogias, texturas e estruturas e, por isso, respondem de maneira diferente à ação das forças da natureza que atuam sobre elas. Podemos entender que a atuação das forças exógenas sobre as rochas está diretamente ligada ao tipo de clima em que se encontram, mas a topografia e o tempo necessário para desintegrar uma determinada rocha também são fatores que influenciam na modelagem do relevo.

A diferença na atuação das diversas forças varia no espaço, já que, em áreas desérticas, predominam as variações de temperaturas e a atuação dos ventos, enquanto nas áreas geladas predominam a ação do gelo e da neve; nas regiões tropicais, a ação das chuvas é determinante na formação do relevo.

Desta maneira, podemos entender que existem vários processos envolvidos na modelagem do relevo, separados de acordo com suas características físicas ou químicas, denominados de intemperismo. Sendo assim, pode ser classificado como intemperismo físico ou químico:

- o intemperismo físico acontece devido às variações de temperatura e à ação do gelo, que promovem dilatação e fragmentação das rochas, que acabam por formar fraturas;
- o intemperismo químico acontece principalmente pela reação química entre a água e os minerais das rochas, transformando minerais primários em minerais secundários.

Portanto, a atuação do intemperismo físico predomina sobre rochas nas regiões com temperaturas mais

extremas, tais como as regiões polares e os desertos, enquanto o intemperismo químico é típico de áreas com abundância de chuvas, como as pertencentes às zonas intertropicais.

O relevo em transformação: processos de erosão-transporte-sedimentação

As rochas podem ser desagregadas, transportadas e depositadas nas partes mais baixas do relevo; a esse conjunto de ações chamamos erosão. A partir da ação do intemperismo sobre as rochas, os materiais desagregados são transportados de maneira seletiva, conforme o tamanho das partículas, e são depositados nas partes mais baixas do terreno, denominadas níveis de base da superfície. A sedimentação pode ocorrer nos leitos dos rios, que são responsáveis por transportar o material até lagos e oceanos. Os materiais de maiores granulometrias, tais como matacão, calhaus e cascalho, são depositados primeiramente, enquanto os materiais de menor granulometria, como a areia, o silte e a argila, são transportados por maiores distâncias em relação à localização das rochas de origem.

Os ventos atuam como elemento de erosão e transporte. Os detritos menores são transportados pela força do vento e arremessados contra as rochas, provocando a chamada erosão mecânica. Nas regiões desérticas, são comuns as variações bruscas de temperatura entre os dias e as noites, o que causa o fraturamento das rochas, enquanto os ventos, geralmente constantes, atuam como meios de ação erosiva e transporte das partículas de menor granulometria. A Figura 8 apresenta um exemplo de processo de erosão realizado pela ação do vento.



Figura 8: A Taça, escultura em arenito - símbolo do Parque de Vila Velha – PR.

Mas é a água o principal agente erosivo na Terra. A ação das águas pluviais e fluviais é marcante nas regiões tropicais. O clima, o relevo, a composição do solo e do substrato rochoso são fatores que condicionam o potencial erosivo de uma área. No entanto, a erosão pode ser acelerada por ações humanas, como, por exemplo, com a retirada da cobertura vegetal e determinados usos de solo.

Os principais tipos de processos erosivos que ocorrem nas encostas são erosão por impacto da gota de chuva (*splash*), erosão laminar ou em lençol, erosão linear ou por fluxo concentrado.

A erosão por impacto da gota de chuva pode ser vista na Figura 9. Se o solo não apresentar vegetação, o processo de desagregação das partículas do solo é então intensificado. A Figura 10-A apresenta um exemplo de erosão laminar, que ocorre quando o escoamento superficial da água da chuva é difuso. Na figura, a erosão laminar é intensificada por atividades humanas, que acarretam prejuízos à agricultura e à qualidade da água consumida pela população. A erosão linear ocorre quando o escoamento da água é concentrado (Figura 10–B). Quando o escoamento se concentra através de linhas de fluxo bem definidas, três tipos de feições lineares podem ser gerados: sulcos, ravinas e voçorocas. Os sulcos são feições alongadas e rasas (inferiores a 50 cm); as ravinas são feições maiores, de forma alongada, apresentam profundidade variável, mas não atingem o aquífero raso; as voçorocas, por sua vez, são maiores que as ravinas e atingem o aquífero raso, promovendo, assim, o processo de erosão subterrânea (piping) (DAEE-IPT, 1990).

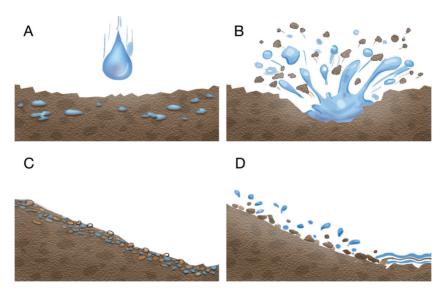


Figura 9: Fases do processo de erosão. O impacto da gota de chuva sobre o solo desnudo (A) causa a fragmentação e formação de pequenas partículas (B) que bloqueiam os poros e formam uma superfície selada (C). A água que escorre carrega partículas de solo que são depositadas nas partes baixas onde a velocidade da água é reduzida (D) (Derpsch et al. 1991).

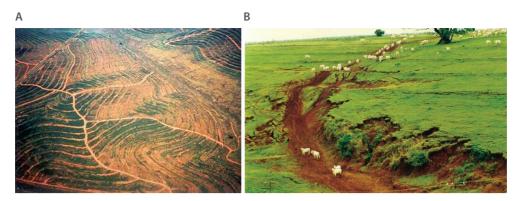
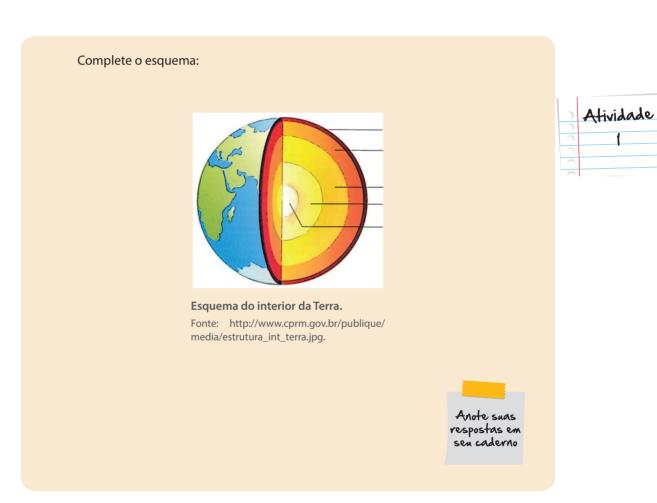


Figura 10: A: Erosão Laminar intensificada pela ação antrópica, que causa a remoção da camada fértil do solo e o transporte desses sedimentos para as drenagens. B: Processo erosivo linear devido à ação humana por meio de atividades agropecuárias.



Atividade

Anote suas respostas em sen caderno

	Fotografe processos erosivos da sua cidade e preencha a seguinte ficha para cada
	processo fotografado:
Atividade	Data da foto://
3	Local:
<u> </u>	Tipo de processo erosivo:
	A ação humana pode ter agravado ou até mesmo desencadeado o processo erosivo? Sim ou
	Não? Justifique sua resposta:
	Anote suas
	respostas em seu caderno

Seção 2 Hidrografia

A Esfera das Águas

O astronauta Yuri Gagarin tornou-se o primeiro homem no espaço a completar uma órbita terrestre, em 12 de

abril de 1961. Acima da atmosfera, anunciou ao mundo a cor do nosso planeta: "A Terra é azul!". Você imagina a razão dessa afirmação? Por quê? Para responder, basta observar a Figura 11.



Figura 11: Planeta Terra visto do espaço.

A hidrosfera (do grego antigo, hýdőr, "água"; sphaíra, "esfera") é constituída pelos rios, lagos, lagoas, mares, geleiras e oceanos que recobrem parcialmente a crosta terrestre, com distribuição descontínua. Vale mencionar que dela também fazem parte as águas subterrâneas e o vapor d'água.

Os oceanos ocupam mais de 70% da superfície terrestre. Os três maiores, definidos pela configuração dos continentes, são Pacífico, o Atlântico e o Índico. As suas águas estão conectadas ao sul, através do Oceano Glacial Antártico, e ao norte, através do Oceano Glacial Ártico. A água do mar possui elevada quantidade de íons dissolvidos, tais como cloreto e sódio, que se combinam para formar o cloreto de sódio (NaCl) ou o sal de cozinha.

Todavia, se pensarmos no conjunto dos recursos naturais mais importantes para a Humanidade, é bem provável que a água doce ocupe o lugar mais elevado desse esquema. É tão essencial que, ao longo da nossa história, a maior ou menor presença de água interferiu na intensidade dos povoamentos em diferentes áreas do planeta e também na expansão da agricultura.

Pelo fato de a água ser indispensável à vida, o homem teve que desenvolver técnicas para a utilização dos recursos hídricos em locais de escassez, dentre as quais podem ser destacadas a construção de reservatórios ou represas ou, até mesmo, técnicas de manutenção de fontes para a irrigação. Muitos estudiosos afirmam que o controle

desse precioso líquido, sobretudo para o desenvolvimento dos cultivos agrícolas e a criação de animais, foi decisivo para a ascensão de diversas civilizações, como, por exemplo, as do antigo Egito e da Mesopotâmia, que, aliás, ficaram conhecidas como "civilizações hidráulicas" (OLIVA e GIASANTI, 1999).

Distribuição de água doce no mundo

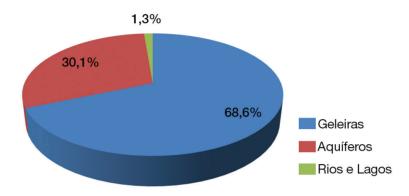


Figura 12: Distribuição de água doce no mundo.

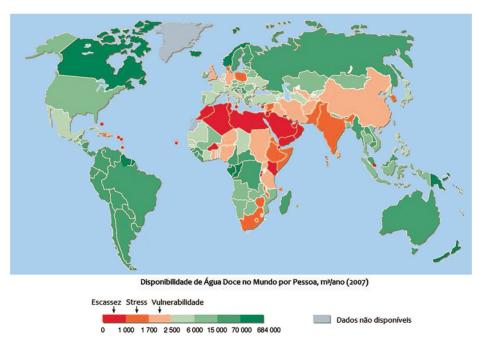


Figura 13: Quadro de disponibilidade de água global.

O Ciclo das Águas

O Ciclo Hidrológico, visto na figura 14, pode ser definido como movimento global e contínuo da água entre diversos reservatórios: oceanos, solo e atmosfera. Os fatores que impulsionam o ciclo hidrológico são a energia térmica solar; a força dos ventos, que transportam vapor d'água para os continentes; a força da gravidade, responsável pelos fenômenos da precipitação, da infiltração e deslocamento das massas de água (TUNDISI, 2003).

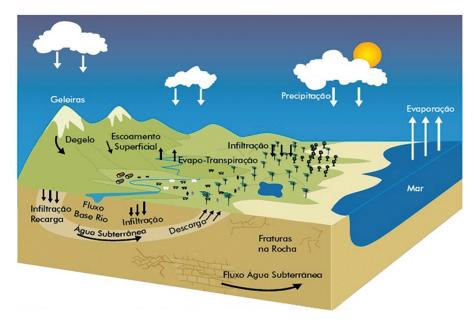


Figura 14: Ciclo Hidrológico.

Os principais componentes do ciclo hidrológico são:

- Evaporação;
- Transpiração das plantas;
- Precipitação;
- Infiltração;
- Escoamento;

A evaporação e a transpiração abastecem a atmosfera de vapor d'água. A evaporação ocorre quando a água dos oceanos, mares, lagos, rios, interceptada pelas plantas e da superfície do solo, se transforma em vapor. Já a transpiração é a "evaporação" da água pelas plantas, que retiram a água do solo e a devolvem à atmosfera por meio da transpiração das suas folhas.

A água retorna à superfície terrestre por meio da precipitação, que ocorre a partir da liberação de água das nuvens na forma de chuvisco, chuva, saraiva, granizo, orvalho, neve ou geada. Parte da precipitação pode não "cair" diretamente sobre o solo, mas ficar retida acima da superfície do solo em folhas e troncos, por exemplo. A esse estágio do ciclo hidrológico chamamos de interceptação. A água interceptada poderá voltar à atmosfera pela evaporação ou finalmente ficar disponível para as etapas de infiltração ou escoamento.

A água poderá, então, chegar ao solo e escoar superficialmente até atingir um rio, lago ou mar, por exemplo. Outro caminho que essa água poderá seguir é o da infiltração, que poderá acarretar a recarga dos sistemas aquíferos ou gerar escoamento subsuperficial até atingir, como no escoamento superficial, um rio, lago ou mar.

De acordo com Kobiyama (2011), o sistema (objeto) principal onde o ciclo hidrológico ocorre é a bacia hidrográfica e a atmosfera acima dela. Nesse sentido, os componentes (sub-sistemas) são copa da vegetação, solo, rede fluvial, entre outros, onde os processos hidrológicos ocorrem. O fato de cada subsistema possuir diferente capacidade de armazenar e transportar água gera heterogeneidades temporais e espaciais dos recursos hídricos em quaisquer locais e momentos. Os processos hidrológicos alteram a qualidade da água. Quando a água da chuva cai sobre uma área com vegetação, tem suas características modificadas devido a este contato, ao passo que, quando vai infiltrando lentamente no solo, pode ser filtrada e se tornar mais pura.

Será que as atividades antrópicas podem alterar o ciclo hidrológico? A resposta é sim, tanto do ponto de vista global quanto local. Pois, veja: as emissões de gases para a atmosfera aumentam o efeito estufa, gerando, consequentemente, alterações nas temperaturas e emissões de radiação; do ponto de vista local, podemos destacar os desflorestamentos e a urbanização, que alteram o comportamento do ciclo hidrológico na bacia hidrográfica em questão.

Mas o que é mesmo bacia hidrográfica?

Comecemos a explicação a partir das águas de rios e córregos. Suas águas fluem a partir das nascentes, seguindo um curso descendente, até encontrar um rio maior, um lago ou um mar. Esse movimento é atribuído à força da gravidade, ou seja, do ponto mais alto (nascente), as águas correm para o ponto mais baixo (foz). Entre esses dois pontos, podemos identificar as confluências ou junções. Todo grande rio recebe águas e sedimentos de outros rios, que são seus afluentes. Os afluentes, muitas vezes, também recebem águas e sedimentos de rios menores, que são chamados de subafluentes do rio principal (MAGNOLI, 2002). A integração desses cursos d'água, constituída pelo rio principal, pelos afluentes e subafluentes e delimitada pelos divisores de águas, que são elevações do relevo, definem uma rede hidrográfica.

A rede hidrográfica drena uma área da superfície terrestre. Isso significa que ela recebe as águas precipitadas naquela área. A rede de rios e a área drenada constituem a bacia hidrográfica (figura 15). Para Oliveira (1993), bacia hidrográfica é uma "área ocupada por rio principal e todos os seus tributários, cujos limites constituem as vertentes

que, por sua vez, limitam outras bacias". As bacias hidrográficas ou de drenagens podem ser divididas em n subbacias, sendo necessário apenas considerar um ponto de saída.

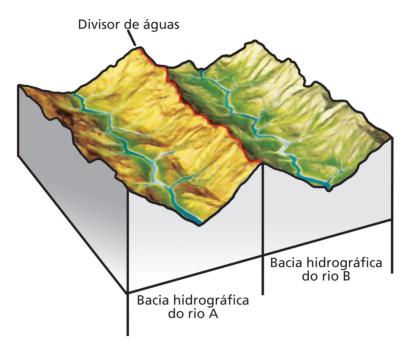


Figura 15: Exemplo de duas bacias hidrográficas, com destaque para o divisor de águas.

É importante destacar que existem dois tipos de divisores de bacias hidrográficas: o superficial (topográfico) e o subterrâneo (freático):

- Superficial: é condicionado pela topografia e delimita a área do escoamento superficial da bacia.
- Subterrâneo: é condicionado principalmente pela geologia do terreno, influenciado ou não pela topografia, e delimita os reservatórios de água subterrânea de onde provém o escoamento de base da bacia.

Em geral, os divisores topográficos e freáticos não coincidem, já que o divisor freático está condicionado às flutuações no nível do lençol freático (KOBIYAMA, 2011).

Disponibilidade Hídrica e Regiões Hidrográficas

O Brasil ocupa a 1ª posição no *ranking* de recursos hídricos renováveis, dispondo de 12% do total de água doce do planeta (tabela 1). Contudo, o acesso de cada indivíduo da população à água potável é mediado por uma série de condições. Os recursos hídricos estão distribuídos de modo bastante desigual em nosso território, conforme é possível

observar a partir da divisão do país em grandes regiões hidrográficas (figura 16) e da análise da disponibilidade hídrica de cada região (figura 17).

Tabela 1: Ranking dos países com maior quantidade de recursos hídricos renováveis.

Posição	País	Total de recursos hídricos renováveis (km³/ano)	Ano da Estimativa
1º	Brasil	8.233	2000
2°	Rússia	4.498	1997
3°	Canadá	3.300	1985
4°	Estados Unidos da América	3.069	1985
5°	Indonésia	2.838	1999
6°	*) China	2.829,6	1999
7°	Colômbia	2.132	2000
80	(B) Peru	1.913	2000
90	Índia	1.907,8	1999
10°	República Democrática do Congo	1.283	2001

Fonte: FAO, 2003.

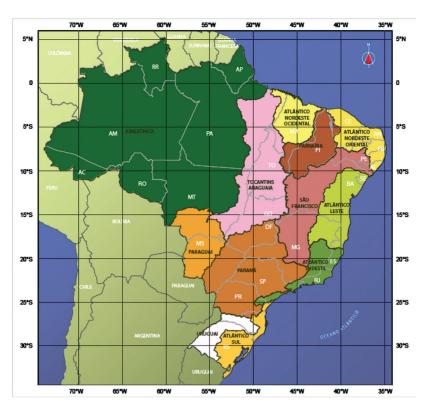


Figura 16: Regiões hidrográficas brasileiras.

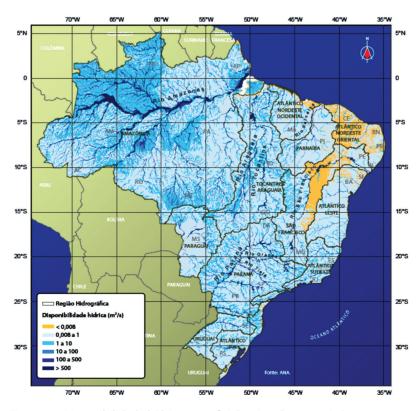


Figura 17: Disponibilidade hídrica superficial estimada para o País.

Das figuras, concluímos que, ao contrário das regiões hidrográficas do São Francisco e do Atlântico Nordeste Oriental (tabela 2), a Região Hidrográfica Amazônica dispõe de grande quantidade de recursos hídricos, embora o acesso à água potável por grande parte da população que aí reside não seja garantido. A inexistência e a precariedade do tratamento da água e das redes de abastecimento, nesse caso, instaladas nos principais centros urbanos situados na bacia Amazônica, são marcantes. Por isso, a relação entre a disponibilidade de água expressiva em uma região hidrográfica relacionada ao reduzido número de moradores e poucas atividades econômicas aí desenvolvidas não corresponde necessariamente ao consumo sadio e permanente dessa substância vital à saúde humana.

Leis e Recursos

A lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos, foi um marco para a gestão desse recurso vital. Foi essa lei que definiu a bacia hidrográfica como a unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Foi nesse contexto - de considerar a importância de se estabelecer uma base organizacional que contemplasse bacias hidrográficas como unidade do gerenciamento de recursos hídricos - que o Conselho Nacional de Recursos Hídricos/CNRH, através da Resolução N° 32, de 15 de outubro de 2003, instituiu a Divisão Hidrográfica Nacional com 12 grandes regiões hidrográficas (Tabela 2). De acordo com a Resolução, região hidrográfica é o espaço territorial brasileiro compreendido por uma bacia, grupo de bacias ou sub-bacias hidrográficas contíguas com características naturais, sociais e econômicas, homogêneas ou similares, com vistas a orientar o planejamento e gerenciamento dos recursos hídricos.

Tabela 2: Regiões Hidrográficas Brasileiras.

Região Hidrográfica	Composição	
Região Hidrográfica Amazônica	Bacia hidrográfica do Rio Amazonas situada no território nacional e, também, pelas bacias hidrográficas dos rios existentes na Ilha de Marajó, além das bacias hidrográficas dos rios situados no Estado do Amapá que deságuam no Atlântico Norte.	
Região Hidrográfica do Tocantins/Araguaia	Bacia hidrográfica do Rio Tocantins até a sua foz no Oceano Atlântico.	
Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental	É constituída pelas bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Nordeste, estando limitada a oeste pela região hidrográfica do Tocantins/Araguaia, exclusive, e a leste pela região hidrográfica do Parnaíba.	
Região Hidrográfica do Parnaíba	Bacia hidrográfica do rio Parnaíba.	
Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Oriental	Bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Nordeste, estando limitada a oeste pela região hidrográfica do Parnaíba e ao sul pela região hidrográfica do São Francisco.	
Região Hidrográfica do São Francisco	Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.	

Região Hidrográfica Atlântico Leste	Bacias hidrográficas de rios que deságuam no Atlântico - trecho Leste, estando limitada ao norte e a oeste pela região hidrográfica do São Francisco e ao sul pelas bacias hidrográficas dos Rios Jequitinhonha, Mucuri e São Mateus, inclusive.
Região Hidrográfica Atlântico Sudeste	Bacias hidrográficas de rios que deságuam no Atlântico - trecho Sudeste, estando limitada ao norte pela bacia hidrográfica do Rio Doce, inclusive, a oeste pelas regiões hidrográficas do São Francisco e do Paraná e ao sul pela bacia hidrográfica do rio Ribeira, inclusive.
Região Hidrográfica do Paraná	Bacia hidrográfica do Rio Paraná situada no território nacional.
Região Hidrográfica do Uruguai	Bacia hidrográfica do Rio Uruguai situada no território nacional, estando limitada ao norte pela região hidrográfica do Paraná, a oeste pela Argentina e ao sul pelo Uruguai.
Região Hidrográfica Atlântico Sul	Bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Sul, estando limitada ao norte pelas bacias hidrográficas dos Rios Ipiranguinha, Iririaia-Mirim, Candapuí, Serra Negra, Tabagaça e Cachoeria, inclusive, a oeste pelas regiões hidrográficas do Paraná e do Uruguai e ao sul pelo Uruguai.
Região Hidrográfica do Paraguai	Bacia hidrográfica do Rio Paraguai situada no território nacional.

Fonte: Resolução CNRH Nº 32/2003.

O Rio Xingu e a Construção da Hidrelétrica de Belo Monte

O Rio Xingu, integrante da Região Hidrográfica da Amazônia, é formado pela confluência dos rios Culuene e Sete de Setembro, ambos procedentes da Serra do Roncador. Suas nascentes ocorrem a partir da cota de 600 m de altitude e sua extensão é de 2.271 km até alcançar a confluência com o Rio Amazonas a 4m de altitude. Sua bacia tem direção N-S e ocupa uma área total de 509.685 km², que corresponde a 46 municípios do Mato Grosso e 42 municípios do Pará (ANA, 2011).

A Bacia Hidrográfica do Rio Xingu (figura 18) tem sido palco nos últimos anos de uma grande discussão: a remoção de diversos grupos sociais e a inundação de áreas que abrigam diversas espécies vegetais e animais, parte delas endêmicas, com a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte.

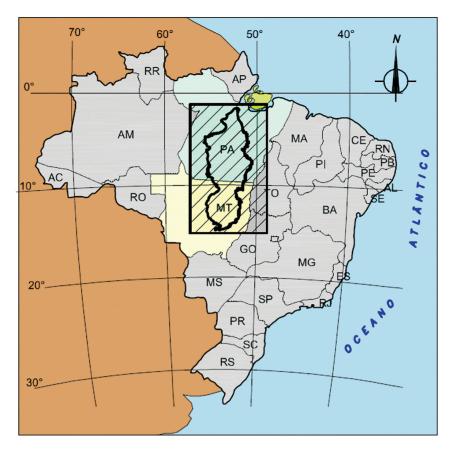


Figura 18 - Bacia do Rio Xingu.

A usina hidrelétrica de Belo Monte está sendo construída no estado do Pará, região norte do Brasil. E acrescentará à matriz energética nacional uma média anual de aproximadamente 4.500 MW de capacidade instalada, segundo o Ministério de Minas e Energia (MME) (2011). Belo Monte deveria iniciar a geração comercial em janeiro de 2015, com sua motorização total prevista para janeiro de 2019. Mas devido aos atrasos nas obras e por ter tido a licença de operação negada pelo IBAMA, a usina não pode começar a funcionar na data prevista.

A discussão sobre a construção da usina já dura cerca de 30 anos e possui pontos polêmicos, os quais incluem a capacidade de geração de energia (que poderá atingir 11.000 MW e, em períodos de seca, 4.400 MW), até o desalojamento de povos indígenas e populações ribeirinhas. O MME diz que a usina de Belo Monte será construída em uma área atualmente ocupada por aproximadamente 4.300 famílias em zonas urbanas e 800 famílias em zonas rurais. Todos os residentes afetados pela construção da barragem poderão optar por indenização de terrenos e benfeitorias em dinheiro, relocação monitorada ou reassentamento pelo empreendedor em zonas urbanas ou rurais.

Um olhar mais atento ao impacto social.

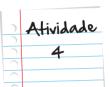
Você já se perguntou o que, de fato, está acontecendo com as famílias que vivem no local de construção da usina? Quais impactos uma obra desse porte, que atrai milhares de novos moradores a essas cidades, estão sendo causados à população? Quais são as contrapartidas prometidas pela empresa e quais foram realmente cumpridas? A matéria "Belo Monte, uma usina de promessas", publicada na Carta Capital, esclarece um pouco essas questões. Vale a leitura!

Acesse: http://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/belo-monte-uma-usina-de-promessas-8007.html



Ciclo Hidrológico

Represente, através de um esquema, o Ciclo da Água com suas principais etapas. Tente fazer o esquema sem olhar a figura da unidade. Após conferir se o esquema está adequado, use-o para explicar a algum colega ou pessoa da família o ciclo da água.





Faça chover!

Alividade 5 De uma forma bem simples, você pode fazer chover! Para realizar essa experiência é necessário:

- um pote transparente (pote de maionese, por exemplo);
- água morna;
- cubos de gelo;

Coloque a água morna até a metade do pote e feche a tampa e quando o pote começar a embaçar coloque os cubos de gelo em cima da tampa. O que ocorre é que a água morna começa a evaporar e encontra uma barreira mais fria (a tampa com gelo), assim como acontece na atmosfera. Observe o fenômeno da condensação a partir da formação e do acúmulo de gotículas na parte interna da tampa; essas gotículas irão precipitar-se, tal como ocorre na superfície terrestre.





Anote suas respostas em sen caderno

A favor ou contra?

Qual é minha opinião sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte?

Apresentamos a seguir vários links para vídeos no site Youtube; desde vídeos institucionais, que falam a favor da usina, até vídeos que dão voz às populações afetadas diretamente. Veja você mesmo quão controversa é essa questão a partir de posicionamentos divergentes acerca do assunto. Faça uma pesquisa, elabore um texto sobre o tema e expresse sua opinião.

O Rio Xingu e a construção da Hidrelétrica de Belo Monte

- Canal: Portal Brasil

"Hidrelétrica: principal fonte de energia do Brasil"

http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=Ljlxsef_hFw&feature=endscreen

- Canal: nessa vídeos

"UHE Belo Monte - Apresentação"

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=_216blsdTbE#at=58

- Canal: jornal da cultura

"Belo Monte, uma usina polêmica"

Parte 1 - A obra: http://www.youtube.com/watch?v=YGL9k5Zpp1w

Parte 2- Os impactos: http://www.youtube.com/watch?v=qwKp1dENOX

Parte 3- Os indígenas: http://www.youtube.com/watch?v=g5QW6ph_ZPM

Parte 4- O mercado de trabalho: http://www.youtube.com/watch?v=646PFU70IIY

Parte 5-A cidade: http://www.youtube.com/watch?v=JbobxKZSMWY

Parte 6- Os ribeirinhos: http://www.youtube.com/watch?v=MzJbVZiA6q





Alividade 7 A partir do mapa-base e da tabela, disponibilizados a seguir, construa um mapa que contenha três informações: identificação das regiões, disponibilidade hídrica e população. Relacione a distribuição da população com a disponibilidade hídrica; veja se a disponibilidade hídrica se dá de forma igual ou desigual pelo território brasileiro.

Tabela - Regiões Hidrográficas Brasileiras

Região Hidrográfica	Composição	Disponibilidade	Habitantes			
		Hídrica (m³/s)	(milhões) - 2010			
Região Hidrográfica Amazônica	Bacia hidrográfica do Rio Amazonas situada no território nacional e, também, pelas ba- cias hidrográficas dos rios existentes na Ilha de Marajó, além das bacias hidrográficas dos rios situados no Estado do Amapá que deságuam no Atlântico Norte.	73.748	≅ 9,7			
Região Hidrográfica do Tocantins/Araguaia	Bacia hidrográfica do Rio Tocantins até a sua foz no Oceano Atlântico.	5.447	≅ 8,6			
Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental	É constituída pelas bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Nordeste, estando limitada a oeste pela região hidrográfica do Tocantins/Araguaia, exclusive, e a leste pela região hidrográfica do Parnaíba.	320	≅ 6,2			
Região Hidrográfica do Parnaíba	Bacia hidrográfica do rio Parnaíba.	379	≅ 4, 1			
Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Oriental	Bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Nordeste, estando limitada a oeste pela região hidrográfica do Parnaíba e ao sul pela região hidrográfica do São Francisco.	91	≅ 24			
Região Hidrográfica do São Francisco	Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.	1.886	≅14,2			
Região Hidrográfica Atlântico Leste	Bacias hidrográficas de rios que deságuam no Atlântico - trecho Leste, estando limita- da ao norte e a oeste pela região hidrográ- fica do São Francisco e ao sul pelas bacias hidrográficas dos Rios Jequitinhonha, Mucuri e São Mateus, inclusive.	305	≅ 15			
Região Hidrográfica Atlântico Sudeste	Bacias hidrográficas de rios que deságuam no Atlântico - trecho Sudeste, estando limitada ao norte pela bacia hidrográfica do Rio Doce, inclusive, a oeste pelas regiões hidrográficas do São Francisco e do Paraná e ao sul pela bacia hidrográfica do rio Ribeira, inclusive.	1.109	≅ 28,2			
Região Hidrográfica do Paraná	Bacia hidrográfica do Rio Paraná situada no território nacional.	647	≅ 61 ,3			
Região Hidrográfica do Uruguai	Bacia hidrográfica do Rio Uruguai situada no território nacional, estando limitada ao norte pela região hidrográfica do Paraná, a oeste pela Argentina e ao sul pelo Uruguai.	5.792	≅ 3,9			

Região Hidrográfica Atlântico Sul	Bacias hidrográficas dos rios que deságuam no Atlântico - trecho Sul, estando limitada ao norte pelas bacias hidrográficas dos Rios Ipiranguinha, Iririaia-Mirim, Candapuí, Serra Negra, Tabagaça e Cachoeira, inclusive, a oeste pelas regiões hidrográficas do Paraná e do Uruguai e ao sul pelo Uruguai.	565	≅ 13,4
Região Hidrográfica do Paraguai	Bacia hidrográfica do Rio Paraguai situada no território nacional.	782	≅ 2,2

Atividade 7

Fonte: Resolução CNRH N° 32/2003 e Agência Nacional de Águas/ANA (http://conjuntura.ana.gov.br/conjuntura/default.aspx), \cong aproximadamente.



Figura: Mapa-base das Regiões Hidrográficas do Brasil.

Fonte: http://www.mapasparacolorir.com.br



Seção 3

Desastres Naturais: escorregamentos e inundações

Inundações, enchentes, escorregamentos de solos e/ou rochas e tempestades são os principais desastres naturais que ocorrem no Brasil e estão relacionados à dinâmica externa. Quase sempre, estes fenômenos ocorrem por conta de eventos pluviométricos intensos e prolongados. Na região sudeste, ocorrem normalmente no verão, que é um período chuvoso.

Desastres naturais associados à dinâmica interna da terra ocorrem também, mas são tremores de baixa magnitude e normalmente ocorrem em áreas pouco habitadas, o que faz com que os danos sejam pequenos.

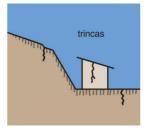
Escorregamentos

Escorregamentos são popularmente conhecidos como deslizamentos. Mas o que são mesmo escorregamentos? São movimentos de massa, ou seja, são movimentos do solo, rocha e/ou vegetação ao longo da vertente sob a ação direta da gravidade. A contribuição de outro meio, como água ou gelo, se dá pela redução da resistência dos materiais de vertente e/ou pela indução do comportamento plástico e fluido dos solos (TOMINAGA, 2009).

Os deslizamentos são, assim como os processos de intemperismo e erosão, fenômenos naturais contínuos de dinâmica externa que modelam a paisagem da superfície terrestre (FERNANDES e AMARAL, 2000). Mas esses processos são agravados ou até mesmo desencadeados por conta da ação antrópica, com ocupação de áreas íngremes, cortes para estradas, desflorestamento, disposição de lixo, entre outras ações.

Mas será possível se prevenir? Antes de ocorrer um escorregamento, a encosta dá sinais de que está se movimentando. Se você mora perto de alguma encosta, observe se há trincas no terreno e/ou nas moradias, "degraus" no terreno e/ou no piso das construções, inclinação de estruturas rígidas como árvores, postes e muros e o "embarrigamento" de muros e paredes e a existência de cicatriz (marca) de escorregamento próxima à moradia. Se verificar alguma dessas características, entre em contato com a Defesa Civil do seu município. A observação desses sinais é muito importante para a classificação do risco, a retirada preventiva de moradores e a execução de obras de contenção (IPT, 2004).

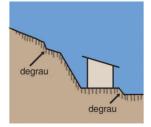
Trincas no terreno e na moradia



Inclinação de árvores, postes e muros



Degraus de abatimento



Muros/paredes "embarrigados"



Cicatriz de escorregamento próxima à moradia

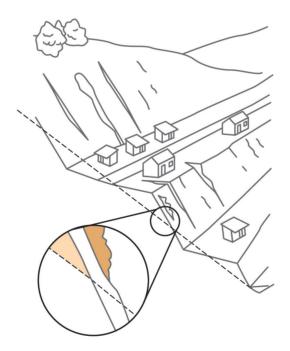


Figura 19: Sinais de movimentação (Feições de instabilidade).

Inundações

As enchentes e as inundações afetam a vida de milhares de pessoas todos os anos. Mas será que são a mesma coisa?

De acordo com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT, 2007), enchentes ou cheias ocorrem quando as águas da chuva alcançam um curso d'água e aumentam sua vazão por certo período de tempo. Ou seja, há uma elevação temporária do nível d'água em um canal de drenagem, devido ao aumento da vazão ou descarga. Já a inundação ocorre quando, no período de enchente ou cheia, as vazões ultrapassam as áreas de margens e chegam a áreas que normalmente não são ocupadas pelo curso d'água (Figura 19). Essas áreas são conhecidas como planície de inundação, várzea ou leito maior.

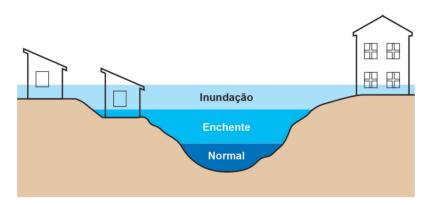


Figura 20: Perfil esquemático do processo de enchente e inundação.

Caro(a) aluno(a), você já observou, em sua cidade, alguma área inundada próxima a um rio? Então, essa é a planície de inundação. E você acha que essa área pode ou não ser ocupada por moradias, por exemplo? O ideal é que essas áreas não sejam ocupadas, para que vidas não sejam expostas aos riscos provenientes de uma inundação.

A seguir, apresentaremos uma lista com alguns dos principais fatores que contribuem para agravar os problemas causados pelas inundações em áreas urbanas (ARMESTO, 2011):

- a. ocupação irregular das várzeas ou planícies de inundação;
- b. lixo jogado pela população nas ruas ou nas margens dos rios. O lixo levado pela água da chuva forma barreiras que dificultam a passagem da água;
- c. assoreamento do leito ou das margens do rio, formando verdadeiras barreiras e dificultando o escoamento da água;

d. impermeabilização do solo, com asfalto, por exemplo. Isso impede que parte da água da chuva se infiltre no solo.

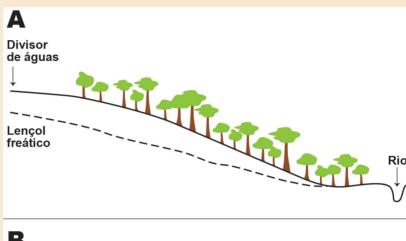
Em áreas rurais, a intensificação da agricultura e o desmatamento e erosão do solo são fatores que agravam os problemas causados por inundações.

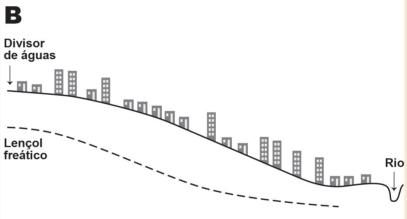
As inundações podem causar sérias consequências, como contaminação biológica e química de alimentos e da água para consumo humano, comprometimento da rede e fontes alternativas de abastecimento de água, dos serviços de coleta e tratamento de esgoto, alteração nos ciclos dos vetores, hospedeiros e reservatórios de doenças e nas formas de exposições ambientais dos humanos (FREITAS et. al., 2012), além de mortes por afogamento e perdas de bens materiais. Por isso, não se deve construir em planícies de inundação, e planejar as cidades é tão importante.

Mas será possível se prevenir das chuvas fortes e das enchentes e inundações? Sim, é possível. Uma das maneiras é com um sistema de alerta. No Rio de Janeiro, o Instituto Estadual do Ambiente – INEA criou um sistema que envia "alertas" via mensagens SMS, e-mail, e mantém informações atualizadas via Facebook e Twitter quando há previsão de chuvas fortes ou possibilidade de transbordamento dos rios para a região monitorada. Sabia que é possível se cadastrar para receber informações do Sistema de Alerta via SMS e e-mail? Para isso, acesse a página eletrônica: http://inea.infoper.net/.

Observe a seguir a figura de duas vertentes, uma em condições naturais (A), e outra, urbanizada (B), e responda às questões:

- a) Como a água de precipitação pode chegar aos rios?
- b) A vertente B é densamente urbanizada. Que alterações na dinâmica da água serão observadas nessa vertente e no rio?





Fonte: http://estaticog1.globo.com/2011/01/17/UNICAMP2f2dia172011.pdf.



Atividade

8

Resumo

O planeta Terra tem sua dinâmica condicionada por forças internas e externas que culminam em um modelado diversificado e complexo da superfície terrestre, denominado relevo.

A dinâmica da superfície terrestre é resultado da constante atuação de duas forças – as forças endógenas (internas) e as forças exógenas (externas). Juntas, elas modificam a estrutura da litosfera, transformando o modelado da superfície terrestre ao longo do tempo.

A estrutura interna da Terra está dividida em três camadas importantes, a saber: o núcleo, o manto e a crosta continental.

As forças endógenas são aquelas originadas pela energia geotérmica do interior da Terra e podem ser caracterizadas em passivas e ativas.

As forças passivas correspondem àquelas originadas pela atuação da energia que emana do interior do planeta Terra e se manifesta através da tectônica de placas.

A crosta terrestre é constituída essencialmente de rochas. De acordo com a origem, distinguem-se três grandes grupos: rochas magmáticas ou ígneas, rochas sedimentares e rochas metamórficas.

As rochas ígneas provêm da consolidação do magma e são, por isto, de origem primária. Delas se derivam, por vários processos, as rochas sedimentares e as metamórficas (Leinz e Amaral, 1995). Há tipos de rochas ígneas mais comuns, como os granitos e basaltos.

A partir das erupções e derrames de lavas, são formadas as rochas magmáticas ou ígneas originadas da solidificação do magma ao extravasar sobre a superfície terrestre.

As rochas metamórficas são resultados das alterações de outras rochas, ígneas ou sedimentares, sob condições de elevadas temperaturas e pressões, realizadas pelo dinamismo da litosfera. São exemplos destas rochas os gnaisses e os migmatitos, os quartzitos, os micaxistos e os filitos.

As rochas sedimentares são aquelas originadas de outras rochas, devido à deposição de materiais sólidos ou solos, transportados, depositados, e litificados em diversos ambientes de sedimentação. São exemplos de rochas sedimentares o calcário, o arenito e o carvão.

As forças exógenas são aquelas ligadas aos agentes atmosféricos sobre a superfície terrestre, movidas pela energia do Sol.

Existem vários processos envolvidos na modelagem do relevo, separados de acordo com suas características físicas ou químicas, denominados de intemperismo. Sendo assim, pode ser classificado como intemperismo físico ou químico:

- o intemperismo físico acontece devido às variações de temperatura e à ação do gelo, que promovem dilatação e fragmentação das rochas, que acabam por formar fraturas;
- o intemperismo químico acontece principalmente pela reação química entre a água e os minerais das rochas, transformando minerais primários em minerais secundários.

Portanto, a atuação do intemperismo físico predomina sobre rochas nas regiões com temperaturas mais extremas, tais como as regiões polares e os desertos, enquanto o intemperismo químico é típico de áreas com abundância de chuvas, como as pertencentes às zonas intertropicais.

As rochas podem ser desagregadas, transportadas e depositadas nas partes mais baixas do relevo. A esse conjunto de ações chamamos erosão.

O Ciclo Hidrológico pode ser definido como movimento global e contínuo da água entre diversos reservatórios: oceanos, solo e atmosfera. Os fatores que impulsionam o ciclo hidrológico são a energia térmica solar; a força dos ventos, que transportam vapor d'água para os continentes; a força da gravidade, responsável pelos fenômenos da precipitação, da infiltração e deslocamento das massas de água (TUNDISI, 2003).

Os principais componentes do ciclo hidrológico são:

- evaporação,
- transpiração das plantas,
- precipitação,
- infiltração,
- escoamento.

Para Oliveira (1993), bacia hidrográfica é uma "área ocupada por rio principal e todos os seus tributários, cujos limites constituem as vertentes, que, por sua vez, limitam outras bacias". As bacias hidrográficas ou de drenagens podem ser divididas em n sub-bacias, sendo necessário apenas considerar um ponto de saída.

O Brasil ocupa a 1ª posição no *ranking* de recursos hídricos renováveis, dispondo de 12% do total de água doce do planeta.

A lei Nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos, foi um marco para a gestão desse recurso vital. Foi essa lei que definiu a bacia hidrográfica como a unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Foi nesse contexto que foram instituídas 12 grandes regiões hidrográficas.

A região hidrográfica é o espaço territorial brasileiro compreendido por uma bacia, grupo de bacias ou sub-

bacias hidrográficas contíguas com características naturais, sociais e econômicas homogêneas ou similares, com vistas a orientar o planejamento e gerenciamento dos recursos hídricos.

Inundações, enchentes, escorregamentos de solos e/ou rochas e tempestades são os principais desastres naturais que ocorrem no Brasil e estão relacionados à dinâmica externa. Quase sempre, estes fenômenos ocorrem por conta de eventos pluviométricos intensos e prolongados. Na região sudeste, ocorrem normalmente no verão, que é um período chuvoso.

Desastres naturais associados à dinâmica interna da terra ocorrem também, mas são tremores de baixa magnitude e normalmente ocorrem em áreas pouco habitadas, o que faz com que os danos sejam pequenos.

Escorregamentos, popularmente conhecidos como deslizamentos, são movimentos de massa, ou seja, são movimentos do solo, rocha e/ou vegetação ao longo da vertente sob a ação direta da gravidade.

Esses processos são agravados ou até mesmo desencadeados por conta da ação antrópica, com ocupação de áreas íngremes, cortes para estradas, desflorestamento, disposição de lixos entre outras ações.

Antes de ocorrer um escorregamento, a encosta dá sinais de que está se movimentando. Se você mora perto de alguma encosta, observe se há trincas no terreno e/ou nas moradias, "degraus" no terreno e/ou no piso das construções, inclinação de estruturas rígidas como árvores, postes e muros e o "embarrigamento" de muros e paredes e a existência de cicatriz (marca) de escorregamento próxima à moradia. Se verificar alguma dessas características, entre em contato com a Defesa Civil do seu município (IPT, 2004).

De acordo com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT, 2007), enchentes ou cheias ocorrem quando as águas da chuva alcançam um curso d'água e aumentam sua vazão por certo período de tempo. Ou seja, há uma elevação temporária do nível d'água em um canal de drenagem, devido ao aumento da vazão ou descarga. Já a inundação ocorre quando, no período de enchente ou cheia, as vazões ultrapassam as áreas de margens e chegam a áreas que normalmente não são ocupadas pelo curso d'água. Essas áreas são conhecidas como planície de inundação, várzea ou leito maior.

A seguir, uma lista com alguns dos principais fatores que contribuem para agravar os problemas causados pelas inundações em áreas urbanas (ARMESTO, 2011):

- a. ocupação irregular das várzeas ou planícies de inundação;
- b. lixo jogado pela população nas ruas ou nas margens dos rios. O lixo levado pela água da chuva forma barreiras que dificultam a passagem da água;
- c. assoreamento do leito ou das margens do rio, formando verdadeiras barreiras e dificultando o escoamento da água;

d. impermeabilização do solo, com asfalto, por exemplo. Isso impede que parte da água da chuva se infiltre no solo.

Em áreas rurais, a intensificação da agricultura e o desmatamento e erosão do solo são fatores que agravam os problemas causados por inundações.

Ações como a do Instituto Estadual do Ambiente – INEA, com a criação de um sistema que envia "alertas" via mensagens SMS, e-mail, e mantém informações atualizadas via Facebook e Twitter quando há previsão de chuvas fortes ou possibilidade de transbordamento dos rios para a região monitorada são importantes para que a população possa se prevenir das chuvas fortes e das enchentes e inundações.

Veja Ainda

Que tal completar os estudos com vídeo, jogos e sites interessantes?

Acesse os endereços a seguir para aprender coisas novas:

https://www.youtube.com/user/mmeioambiente/videos

Canal do Youtube do Ministério do Meio Ambiente com vários vídeos sobre a temática ambiental.

http://www.caminhoaguas.org.br/flash/apresenta_jogo.html

O Caminho das Águas é um jogo fruto do projeto de mesmo nome, realizado em parceria entre a Agência Nacional de Águas e a Fundação Roberto Marinho.

https://www.aguaegestao.com.br/aguaemjogo/

O jogo "Água em jogo" simula os impactos das ações do homem sobre os recursos hídricos de uma bacia hidrográfica. O desafio lançado é garantir que água em quantidade e qualidade seja distribuída de maneira adequada, a fim de atender as necessidades das áreas residenciais, industriais, comerciais e rurais; além disso, garantir o abastecimento para as futuras gerações.

http://www2.ana.gov.br/Paginas/imprensa/Video.aspx?id_video=79

Página com vários vídeos produzidos pela Agência Nacional de Águas.

Bibliografia

- ARMESTO, R.C.G. Temas Geológicos para Educação Ambiental. Caderno V Ação da Água dos Rios no Planeta Terra.
 CPRM, 2011. 35p.
- BIGARELLA, J. J. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. 1026 p.
- BRASIL. Ministério das Cidades / Instituto de Pesquisas Tecnológicas IPT Mapeamento de riscos em encostas e margens de rios. Brasília: Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas IPT, 2007. 176 p.
- DOURADO, Francisco; ARRAES, Thiago Coutinho; SILVA, Mariana Fernandes e. *O Megadesastre da Região Serrana do Rio de Janeiro: as causas do evento, os mecanismos dos movimentos de massa e a distribuição espacial dos investimentos de reconstrução no pós-desastre*. Anu. Inst. Geocienc., Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, dez. 2012. Disponível em: http://ppegeo.igc.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-97592012000200004&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2014. http://dx.doi.org/10.11137/2012_2_43_54.
- FERNANDES, N.F.; AMARAL, C.P. Movimentos de Massa: uma abordagem geológico-geomorfológica. In: GUERRA, A.J.T.; CUNHA, S.B. (Orgs.). Geomorfologia e Meio Ambiente. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 372p.
- FREITAS, Carlos Machado de; XIMENES, Elisa Francioli. *Enchentes e saúde pública: uma questão na literatura científica recente das causas, consequências e respostas para prevenção e mitigação*. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, Junho 2012. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 Dez. 2014.
- GUERRA, Antônio José Teixeira. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. 8ª Rio Janeiro: Bertrand, 2010. 652 p.
- IPT INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DAEE-DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA. Controle de Erosão. 1990. 2ª ed. São Paulo, 92 p. IPT INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS MINISTÉRIO DAS CIDADES. Apostila de Treinamento de Técnicos Municipais para o Mapeamento e Gerenciamento de Áreas Urbanas com
 Risco de Escorregamentos, Enchentes e Inundações. 2004. 73p. Disponível em: http://www.cidades.gov.br/index.
 php?option=com_content&view=article&id=847:material-basico-para-o-mapeamento-e-gerenciamento-de-areas-de-risco-de-escorregamentos-enchentes-e-inundacoes&catid=135&Itemid=163>. Acesso em: 22 ago. 2014.
- KOBIYAMA, M. Apostila do Curso de capacitação em hidrologia e hidrometria para conservação de mananciais 3ª edição Florianópolis: UFSC/CTC/ENS/LabHidro, 2011. 242p.
- KOBIYAMA, M.; MENDONÇA, M.; MORENO, D.A.; MARCELINO, I.P.V.O.; MARCELINO, E.V.; GONÇALVES, E.F.; BRAZETTI, L.L.P.; GOERL, R.F.; MOLLERI, G.; RUDORFF, F. Prevenção de desastres naturais: Conceitos básicos. Curitiba: Organic Trading, 2006. 109 p. Disponível em www.labhidro.ufsc.br
- MAGNOLI, D. Géia Fundamentos da Geografia. São Paulo: Moderna, 2002.

- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. DO. (1995). Geologia Geral. Editora Nacional, São Paulo, 12º ed., 399p.ROSS, Jurandyr L.
 Sanches (Org.). Geografia do Brasil. 3ª São Paulo: Edusp, 2000. 549p.
- OLIVA, J.; GIASANTI, R. Temas da Geografia do Brasil. São Paulo: Atual, 1999.
- OLIVEIRA, C. DE. Curso de Cartografia Moderna. 2ªed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- SEMA Secretaria do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul. O que é uma bacia hidrográfica. 2013. Disponível em: http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=54. Acesso em 28 de abril de 2013.
- SIGRH Sistema de Informações para o Gerenciamento de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo. *Processos Erosivos nas Encostas*. Disponível em: http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/arqs/relatorio/crh/cbh-alpa/1121/Processos_Erosivos_nas_Encostas.html. Acesso em: 17 maio de 2014.
- TOMINAGA, L.K. *Escorregamentos*. In: TOMINAGA, L.K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (ORG.) *DESASTRES NATURAIS Conhecer para prevenir*. Instituto Geológico Secretaria do Meio Ambiente Governo do Estado de São Paulo. 1ª edição. 2009. 196p.
- TUNDISI, J.G. Ciclo hidrológico e gerenciamento integrado. Cienc. Cult., São Paulo, v.55, n. 4, Dec. 2003. Disponível em: "> Acesso em 28 de abril de 2013.
- UNEP United Nations Environment Programme. Global waterstress and scarcity. 2003. Disponível em: http://www.unep.org/dewa/vitalwater/article69.html. Acesso em 29 de abril de 2013.

Imagens

- Figura 1: Google Earth
- Figura 2: Google Earth
- Figura 3: http://domingos.home.sapo.pt/estruterra_4.html
- Figura 4: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000001806/0000021652.jpg.
- Figura 5: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5280
- Figura 6: A: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MarbleUSGOV.jpg; B: http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Solo/Solo6.php; C: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5277
- Figura 7: A e C: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5277; B: http://www.rc.unesp.br/museudpm/rochas/sedimentares/arenitos.html

- Figura 8: sigep.cprm.gov.br.
- Figura 9: http://www.plantiodireto.com.br/?body=cont_int&id=953.
- Figura 10: A: http://www.rc.unesp.br/igce/aplicada/ead/interacao/inter08a.html; B: http://www.agencia.cnptia. embrapa.br/Repositorio/Erosao_solo_Ernesto_000fkffwdcv02wyiv80sq98yqebhpesq.jpg.
- Figura 11: Google Earth, acesso em 30 de abr. de 2013.
- Figura 12: Acervo Cecierj.
- Figura 13: http://www.unep.org/dewa/vitalwater/article69.html.
- Figura 14: http://www.mma.gov.br/agua/recursos-hidricos/aguas-subterraneas/ciclo-hidrologico.
- Figura 15: Acervo Cecierj.
- Figura 16: http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/CDOC/CatalogoPublicacoes_2012.asp.
- Figura 17: http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/CDOC/CatalogoPublicacoes_2012.asp.
- Figura 18: http://www.eletrobras.com.
- Figura 19: IPT, 2004. http://www.cidades.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=847:material -basico-para-o-mapeamento-e-gerenciamento-de-areas-de-risco-de-escorregamentos-enchentes-e-inundacoes &catid=135<emid=163.
- Figura 20: IPT, 2007. Disponível: http://www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/5386.





Nesta parte da unidade, você poderá responder a questões relacionadas ao conteúdo apresentado e que estiveram presentes em provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e acesso ao CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica). É uma boa oportunidade de verificar como esse assunto tão importante está sendo cobrado nessas provas.

Questão 1 (ENEM - 2011)

Um dos principais objetivos de se dar continuidade às pesquisas em erosão dos solos é o de procurar resolver os problemas oriundos desse processo, que, em última análise, geram uma série de impactos ambientais. Além disso, para a adoção de técnicas de conservação dos solos, é preciso conhecer como a água executa seu trabalho de remoção, transporte e deposição de sedimentos. A erosão causa, quase sempre, uma série de problemas ambientais, em nível local ou até mesmo em grandes áreas.

GUERRA, A. J. T. Processos erosivos nas encostas. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 (adaptado).

A preservação do solo, principalmente em áreas de encostas, pode ser uma solução para evitar catástrofes em função da intensidade de fluxo hídrico. A prática humana que segue no caminho contrário a essa solução é:

- a) a aração.
- b) o terraceamento.
- c) o pousio.
- d) a drenagem.
- e) o desmatamento.

Questão 2 (ENEM - 2013)

Considerando a riqueza dos recursos hídricos brasileiros, uma grave crise de água em nosso país poderia ser motivada por:

- a) reduzida área de solos agricultáveis.
- b) ausência de reservas de águas subterrâneas.
- c) escassez de rios e de grandes bacias hidrográficas.
- d) degradação dos mananciais e desperdício no consumo.
- e) falta de tecnologia para retirar o sal da água do mar.

Questão 3 (ENEM - 2004)

A necessidade de água tem tornado cada vez mais importante a reutilização planejada desse recurso. Entretanto, os processos de tratamento de águas para seu reaproveitamento nem sempre as tornam potáveis, o que leva a restrições em sua utilização. Assim, dentre os possíveis empregos para a denominada "água de reuso", recomenda-se:

- a) o uso doméstico, para preparo de alimentos.
- b) o uso em laboratórios, para a produção de fármacos.
- c) o abastecimento de reservatórios e mananciais.
- d) o uso individual, para banho e higiene pessoal.
- e) o uso urbano, para lavagem de ruas e áreas públicas.

Questão 4 (ENEM - 2006)

A situação atual das bacias hidrográficas de São Paulo tem sido alvo de preocupações ambientais: a demanda hídrica e maior que a oferta de água e ocorre excesso de poluição industrial e residencial. Um dos casos mais graves de poluição da água e o da bacia do alto Tiete, onde se localiza a região metropolitana de São Paulo. Os rios Tiete e Pinheiros estão muito poluídos, o que compromete o uso da água pela população. Avalie se as ações apresentadas abaixo são adequadas para se reduzir a poluição desses rios.

I. Investir em mecanismos de reciclagem da água utilizada nos processos industriais.

II. Investir em obras que viabilizem a transposição de águas de mananciais adjacentes para os rios poluídos.

III. Implementar obras de saneamento básico e construir estações de tratamento de esgotos.

É adequado o que se propõe:

- a) apenas em I.
- b) apenas em II.
- c) apenas em I e III.
- d) apenas em II e III.
- e) em I, II e III.

Questão 5 (CEFET-RJ - 2009)

Haverá água para todos?

"[...] nos últimos 60 anos, a população mundial duplicou. No mesmo período, o consumo de água pelas diferentes atividades humanas aumentou em sete vezes, enquanto a quantidade de água existente permaneceu igual. Acentuou-se, na mesma proporção, a degradação desse recurso fundamental para o desenvolvimento de todas as formas de vida. A deterioração e o uso excessivo têm relação direta com o homem, em especial com o crescimento e a diversificação das atividades agrícolas e industriais, o aumento da urbanização e a intensificação das ações humanas nas bacias hidrográficas [...]" (WHATELY, M.; BALUTH, F.; WEIS, B. Le Monde Diplomatique Brasil, Ano 2, nº 6, jan. 2008).

Sabemos que o aumento da população urbana, a contaminação de recursos hídricos, a má gestão e distribuição da água são problemas que devem ser enfrentados urgentemente pela sociedade mundial.

Sobre o cenário hídrico mundial NÃO é correto afirmar:

- a) em escala mundial, a agricultura é o setor econômico que mais consome água, correspondendo a 70% do consumo; seguida pelo setor industrial com 20% e por fim, correspondendo a 10%, o consumo direto da população.
- b) na China, mais da metade dos rios estão poluídos demais para servir como fonte de água potável. O abastecimento de água contaminada por esgoto, desejos industriais e escoamento agrícola, é um dos grandes desafios que país já enfrenta diante do crescimento econômico.
- c) o aumento da demanda por água e sua crescente escassez, somados a sua distribuição espacial e social-

- mente desigual pelo mundo trazem à questão hídrica um forte componente geopolítico. Os recursos hídricos não obedecem a limites territoriais administrativos o que dificulta politicamente sua gestão.
- d) a Amazônia Brasileira corresponde à região do país com maior disponibilidade de água doce e pouco sofre com escassez de água potável, visto a crescente melhoria do acesso a água tratada e o saneamento básico, fruto da relevância internacional que a região alcançou nas últimas décadas.

Gabarito

- 1. E
- 2. D
- 3. E
- 4. C
- 5. D





Meio ambiente e sociedade

Para início de conversa...

A vida na Terra é dinâmica! Não existe separação entre homem e meio ambiente. Todos os seres vivos, com seus modos de vida, estão a todo o momento promovendo transformações na paisagem em distintos níveis. O homem, como ser vivo que é, também promove transformações na paisagem, mas de forma muito mais intensa. A diferença é que, para o ser humano, estas transformações são conscientes, seguem diferentes motivações, e o domínio de tecnologias as torna muito mais impactantes.





Figura 1: Na imagem, podemos ver o bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, em 1890 e em 2011. Perceba as transformações que o homem provocou nesta paisagem.

Em cada momento histórico, as relações do homem com o espaço se deram de maneiras diferentes. Cada civilização buscou formas de adaptar o ambiente natural às suas necessidades – em períodos mais remotos, isso significava sua própria sobrevivência.

O domínio das técnicas de manejo das plantas, da agricultura, e a domesticação dos animais, dentre outros fatores, foram determinantes para a transformação no modo de vida do ser humano e para as mudanças promovidas nas paisagens. As atividades de cultivo e produção de alimentos fixaram o homem

à terra; o desenvolvimento das tecnologias de produção fez com que o excedente pudesse ser comercializado e consumido por terceiros, o que possibilitou o surgimento do modo de vida urbano.



Figura 2: A agricultura é uma das atividades pela qual o homem mais altera a paisagem à sua volta.

A partir do início da revolução industrial na Europa, que posteriormente se espalhou pelo mundo, todo elemento natural transformou-se em um potencial produto. A partir daí, o espaço contendo matérias importantes para o processo produtivo teve importância estratégica na lógica capitalista de produção.



Revolução Industrial

Iniciada no final do século XVIII, foi um marco na mudança dos modos de produção, que deixou para trás a manufatura, para dar início ao processo de industrialização.

Manufatura

Trabalhos realizados manualmente ou com auxílio de máquinas caseiras.

Motivações como a comercialização de produtos, dominação, exploração dos recursos naturais, assim como razões socioculturais e políticas, promoveram, e até hoje promovem, distintas dinâmicas de ocupação do solo e, consequentemente, modificação/transformação/destruição/reconstrução das paisagens. O desenvolvimento de tecnologias (ferramentas, transportes, armamentos e muitas outras) também foi fator fundamental nesse processo.

Objetivos de Aprendizagem

- Reconhecer o ambiente no qual vivemos e as transformações provocadas pelo homem neste ambiente;
- Identificar formas mais saudáveis de convívio com o meio ambiente.

Seção 1

As primeiras transformações do espaço

Desde os primórdios, antes mesmo dos primeiros seres humanos habitarem a superfície da Terra, o ambiente natural estava em constante transformação. Nesse período, a maior parte das modificações era natural, causada pelos agentes do intemperismo, movimentos tectônicos e combustão espontânea. Havia uma transição contínua de criação e destruição, que fazia parte de uma renovação do meio natural.

Intemperismo

Processo que provoca a desintegração e a decomposição das rochas.

O papel do ser humano na modificação do meio era ínfimo, mas necessário para a manutenção da sua alimentação e da sua existência em detrimento das condições naturais desfavoráveis. Alguns grupos nômades que se espalharam pela África, Ásia e Europa se depararam com ambientes climáticos e geomorfológicos extremos: regiões áridas, congeladas, alagadas, grandes altitudes etc. Esses grupos necessitaram de uma maior intervenção no ambiente para tornar sua permanência, mesmo que por um período determinado, possível. Adaptaram como puderam: edificaram moradias, desmataram, construíram represas...

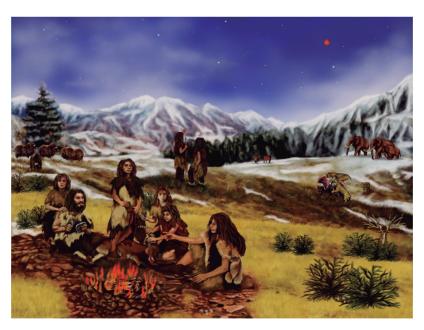


Figura 3: Sociedades primitivas.

Outras sociedades mais primitivas, que viviam em regiões cobertas por florestas equatoriais e tropicais, não precisaram transformar tanto o ambiente, pois a natureza oferecia abundantemente o alimento, a proteção e os outros elementos essenciais para a sobrevivência dos indivíduos.

Assim, a história da transformação dos ambientes naturais pelo homem foi lenta e descontínua por toda a superfície terrestre, quase não tendo influência sobre o equilíbrio dos ecossistemas do planeta – realidade que perdurou por um longo período da história da humanidade.





Figura 4: A tribo Enawenê-Nawê.

Os Enawenê-Nawê, que vivem no Mato Grosso, não comem carne de caça e raramente comem aves. Alimentam-se de produtos da roça, como mandioca e milho, e de peixe. Para eles, os peixes são muito importantes, pois são fundamentais para a realização de suas festas, e são usados como objetos de troca. Conhecem bem os processos de reprodução dos peixes e sua migração pelos rios. É a partir destes conhecimentos que os homens organizam grandes pescarias coletivas, especialmente nos meses de fevereiro e março, quando o ritual Yãkwa é realizado. (Fonte: Povos indígenas no Brasil Mirim – ISA)

A imagem e o texto nos remetem ao tempo em que a relação homem/meio ambiente era mais equlibrada e a preocupação com a subsistência era menor. Comente sobre esse equilíbrio, mostrando as razões para que o ambiente permanecesse praticamente inalterado.

Seção 2

Os impactos da sociedade de consumo global sobre os recursos naturais e o homem

O que vem à sua cabeça quando falamos em meio ambiente?







Figura 5.

Muito provavelmente, as imagens que vêm à sua mente são bastante próximas dessas que apresentamos. Isso acontece porque, quando falamos da questão ambiental e do meio ambiente, temos tendência a visualizar grandes espaços verdes ou regiões de natureza pouco ou nada modificadas pelo homem.

Entretanto, sabemos que estamos, de alguma forma, envolvidos nesta questão. Considerando que mais da metade da população do mundo vive em áreas urbanas, quantidade ainda mais expressiva nos países mais industrializados, devemos tomar consciência que este meio em que vivemos é o meio ambiente urbano, originalmente dependente do rural, que, por sua vez, depende dos elementos e das forças da Natureza. Tudo que fazemos no meio urbano gera impactos diretos sobre todo o meio ambiente, seja na sua forma de degradação ou de preservação.

Assim, cada pequeno gesto do cotidiano tem relação direta com a natureza da qual dependemos. Você já se perguntou:

- De onde vêm os elementos que consumimos no cotidiano?
- Para onde vão?
- Como estamos construindo nosso futuro em comum?
- Como sobrevivemos neste planeta?

As relações entre os seres humanos e os elementos naturais (animais, vegetais e minerais) que serviam de

alguma maneira às suas necessidades foram mudando com o passar do tempo. A população vem crescendo mais rapidamente. As necessidades aumentaram. Como toda a base das nossas necessidades era provida pelos elementos minerais ou orgânicos encontrados no planeta, tivemos que retirar cada vez mais dos ambientes naturais, acabando por destruí-los.



Figura 6: A ocupação das encostas para moradia, por exemplo, provoca inúmeros problemas ambientais.

Um período da história da humanidade se tornou "marco" das transformações ambientais e destruição da natureza: a descoberta da utilidade dos **hidrocarbonetos** como fonte de energia e matéria-prima na revolução industrial inglesa, no início do século XIX. A quantidade de materiais produzidos exigiu uma intensa utilização de diversos elementos naturais para subsidiar a atividade industrial, que eram subprodutos dos hidrocarbonetos. Isso aconteceu para movimentar a economia dos países, surgindo diversos materiais e resíduos altamente poluidores e resistentes à degradação, que provocaram a contaminação de ambientes aquáticos, terrestres e atmosféricos, e proporcionaram o aparecimento de distúrbios ambientais sentidos nos quatro cantos do planeta.

Hidrocarbonetos

Trata-se de moléculas formadas por carbono e hidrogênio. São comuns em produtos como carvão mineral e petróleo.



Figura 7: Plataforma de exploração de petróleo.

O capitalismo, sistema econômico que proporcionou esse modelo de desenvolvimento baseado na produção e no consumo cada vez maior e sem controle, foi acusado de ser responsável pelas mazelas que passaram a acometer a humanidade e promover um futuro incerto para toda região que não pudesse construir uma relação menos predatória entre a necessidade de se desenvolver e a utilização dos recursos naturais.

Cabe lembrar que, conforme a humanidade se desenvolvia e as relações entre os povos aumentava de complexidade, o ser humano se afastava do seu estado natural, como parte do meio ambiente, e se via como um ser "extraterrestre", dono e isento do que poderia acontecer com os ambientes naturais, não lembrando que estava comprometendo a sua própria existência no planeta.

As Conferências de Meio Ambiente e seus propósitos

O século XX presenciou os primeiros acontecimentos naturais gerados por quase dois séculos de poluição:

- Aquecimento anormal da atmosfera e do planeta;
- Chuvas mais ácidas, mais abundantes que o normal em certas regiões e escassas em outras;
- Aumento do nível dos oceanos;
- Tempestades mais violentas;
- Rios poluídos;
- Lixo em excesso.

Para discutir os problemas e planejar ações para conter, restaurar e monitorar a destruição do meio ambiente, as nações passaram a se reunir periodicamente, como, por exemplo, em Tiblisi (1977), Moscou (1982), Rio de Janeiro (1992) e Kyoto (1997). Esses encontros ajudaram os países a formularem suas políticas ambientais e, destas reuniões,

surgiram documentos importantes contendo determinações a serem seguidas pelas nações.

Saiba Mais

A seguir, destacamos alguns documentos importantes surgidos desses encontros para discutir a questão ambiental:

Protocolo de Kioto;

Carta da Terra;

Agenda 21.

Além dos documentos, nessas reuniões, surgiram expressões e termos que simbolizavam as estratégias para o novo milênio e para a "nova" relação que a humanidade passaria a ter com o meio ambiente. O mais expressivo deles foi o conceito de "desenvolvimento sustentável", surgido na Conferência para o Meio Ambiente no Rio de Janeiro, a Rio 92.

Desenvolvimento Sustentável

Esse conceito prega que o ser humano pode continuar seu processo de desenvolvimento sem exaurir os recursos naturais, desenvolvendo atividades de forma equilibrada e planejada, usando para isso a tecnologia (ecoeficiência).



Historicamente, foi com a criação dos Ministérios do Meio Ambiente nos países desenvolvidos que o meio ambiente passou a ocupar um lugar no debate político. A partir do final dos anos 1970, com a criação da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, seguida pela França e pela Austrália, os órgãos de Meio Ambiente começam a surgir. Aos poucos, todos os países desenvolvidos terão um Ministério de Meio Ambiente, muitas vezes resultado de uma tragédia ambiental, como foi na Alemanha, após o desastre de Chernobyl.

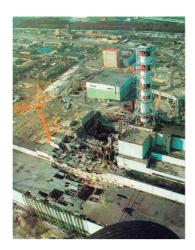


Figura 8: Imagem do reator nuclear após o desastre na Usina de Chernobyl.

A partir da década de 1970, a defesa do meio ambiente vem tendo um papel crescente no debate político, com a criação dos partidos verdes. O desempenho eleitoral desses partidos em países desenvolvidos tem aumentado nos anos subsequentes. A questão ambiental tornou-se uma questão política muito importante.

A conscientização quanto aos efeitos devastadores de um crescimento industrial desordenado e o medo em relação à falta de garantia de um futuro seguro para a humanidade levaram à internacionalização do fenômeno e seu papel crescente no mundo da política. Ações internacionais relacionadas ao meio ambiente se multiplicaram, com cúpulas internacionais, acordos e protocolos, dia mundial, evolução das leis etc.

O que é Agenda 21?

A Agenda 21 pode ser definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. A Agenda 21 Brasileira é um instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do país, resultado de uma vasta consulta à população brasileira. Foi coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 21 (CPDS); construído a partir das diretrizes da Agenda 21 Global; e entregue à sociedade, por fim, em 2002. A Agenda 21 Local é o processo de planejamento participativo de um determinado território que envolve a implantação, ali, de um Fórum de Agenda 21. Composto por governo e sociedade civil, o Fórum é responsável pela construção de um Plano Local de Desenvolvimento Sustentável, que estrutura as prioridades locais por meio de projetos e ações de curto, médio e longo prazos. No Fórum são também definidos os meios de implementação e as responsabilidades do governo e dos demais setores da sociedade local na implementação, acompanhamento e revisão desses projetos e ações.

Fonte: http://www.mma.gov.br/component/k2/item/569?ltemid=670



Cúpulas, acordos internacionais e debate sobre o meio ambiente

A primeira reunião internacional sobre o meio ambiente foi a Conferência Internacional para o Uso Racional da Biosfera, que ocorreu em 1968 na cidade de Paris. Esta reunião permitiu que os diversos representantes presentes iniciassem as discussões sobre a primeira Cúpula da Terra, prevista para Estocolmo, em 1972.

Falemos brevemente sobre as principais reuniões sobre o meio ambiente:

Estocolmo, 1972

As Cúpulas da Terra são as principais reuniões internacionais sobre o meio ambiente, e são realizadas a cada 10 anos. A conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente de Estocolmo, em junho de 1972, foi a primeira grande cúpula internacional dedicada ao meio ambiente. Ela marcou definitivamente a conscientização sobre a questão ambiental global e a necessidade de ação conjunta para a conservação. O evento foi marcado pelo confronto entre as perspectivas dos países desenvolvidos e dos países subdesenvolvidos com a presença de 113 países. Esta cúpula culmina na produção de uma declaração de princípios e num plano de ação concreto.

Washington, 1973

Em 03 de março de 1973, um grande número de países adotou os acordos da Convenção de Washington. O objetivo é garantir que nenhum comércio ameace a sobrevivência de qualquer espécie em seu ambiente natural. Sua batalha mais famosa foi aquela contra o tráfico de marfim, que põe em risco os elefantes africanos. No mesmo ano, adotaram-se também as determinações da convenção *Marine Polution* (MARPOL), que regulamenta práticas, a fim de reduzir a poluição marinha.

Nairobi, 1982

A Cúpula da Terra de Nairobi, em 1982, foi um fracasso, devido ao baixo interesse de Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos, ao baixo impacto da cúpula e à ausência de decisões importantes. Esta cúpula passa a não ser considerada como uma Cúpula da Terra.

Versalhes, 1984

Em Versalhes, França, no ano de 1984, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) organizou a Conferência Mundial da Indústria para a gestão ambiental. No ano seguinte, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) organizou em Villach, na Áustria, a Conferência Internacional sobre o papel do dióxido de carbono e outros gases de efeito-estufa no "aquecimento global" no momento em que as primeiras perguntas sobre este fato começam a surgir.

Montreal, 1987

Em 16 de setembro de 1987, foi assinado o Protocolo de Montreal, que visa parar os danos causados à camada de ozônio, principalmente através da proibição do uso de **clorofluorocarboneto** e outros gases nocivos. A Convenção de Basileia, em 1989, regulou o comércio de resíduos, em particular, ao proibir a exportação de resíduos de países desenvolvidos para os países em desenvolvimento, a fim de escapar dos regulamentos locais mais severos.

Clorofluorocarboneto

Composto de carbono que contém cloro e flúor, que degrada a camada de ozônio.

Toronto, 1988

A Primeira Conferência Mundial sobre o Clima que reuniu cientistas e alertou para a necessidade de reduzir os gases de efeito estufa. A ONU cria o painel sobre mudanças climáticas (IPCC) para avaliar o risco da mudança climática devido à atividade humana.

Genebra, 1990

Estabeleceu a necessidade de um tratado internacional sobre o clima, organizando para isso o Comitê Intergovernamental de Negociação para uma Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas. O IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas – divulga seu primeiro relatório, que mostrava que a temperatura do planeta estaria aumentando. A projeção era um aumento de 1,5°C a 3°C para a próxima década.

RIO, 1992

Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), também conhecida como "ECO 92: A Convenção da Biodiversidade" aconteceu em junho de 1992, durante a Cúpula da Terra no Rio de Janeiro. O meio ambiente passou a ser definido como um "bem comum" ou "bem público". Os representantes internacionais mostraram ter percebido que os problemas ambientais modernos não podem dissociar os elementos Economia, Meio ambiental e Social. Desta forma o Meio Ambiente se tornou um dos três pilares do desenvolvimento sustentável. Resultou nos objetivos do tratado internacional "Agenda 21" para as autoridades locais.

Berlin, 1995

Primeira Conferência das Partes (COP-1). Foram definidos os compromissos legais de redução de emissões que fariam parte do protocolo de Kyoto. No mesmo ano, é divulgado o segundo relatório do IPCC.

Genebra, 1996

Segunda conferência das partes (COP-2). Define-se que os relatórios do IPCC nortearão as decisões futuras.

Kyoto, 1997

Terceira conferência das partes (COP-3). No dia 11 de dezembro de 1997, foi assinado o Protocolo de Kyoto, no Japão. Este texto é de fundamental importância, pois os países que assinaram se comprometeram a reduzir suas emissões de gases de efeito estufa, com metas fixadas em números, para limitar o aquecimento global. A implementação do protocolo e o monitoramento das emissões levaram a conferências anuais para discutir a evolução da questão, sendo que, para este entrar em vigor, precisou que 55 países, que juntos produzem 55% das emissões, o ratificassem. Assim, entrou em vigor somente em 16 de fevereiro de 2005, depois que a Rússia o ratificou em novembro de 2004. Os Estados Unidos, uns dos principais poluidores do mundo, não assinaram o protocolo.

Buenos Aires, 1998

Quarta conferência das partes (COP-4). Começam as discussões sobre o cronograma de implementação do protocolo de Kyoto.

Bonn (Alemanha), 2001

Sétima conferência das partes (COP-7). O IPCC convoca uma COP extraordinária para divulgar resultados do terceiro relatório, em que fica cada vez mais evidente a interferência do homem nas mudanças climáticas.

Johanesburgo, 2002

Na Cúpula da Terra de Johanesburgo (África do Sul), liderada, entre outros, por grandes ONGs ambientalistas, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável afetaram o mundo dos negócios. Apareceu então o conceito de responsabilidade social das empresas, aplicando o conceito de desenvolvimento sustentável. Ela é oficialmente chamada de "Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável" (CMDS). Para o mundo, foi a oportunidade de revisar e completar o programa lançado na Rio 92.

Nairobi, 2006

Na COP-12, a vulnerabilidade dos países em desenvolvimento fica evidente. Ainda repercute o relatório Stern, lançado na Inglaterra no mesmo ano e considerado o estudo econômico mais complexo e abrangente sobre os prejuízos do aquecimento global. Em Nairóbi, o Brasil apresenta a proposta de um mecanismo de incentivos financeiros para a manutenção das florestas, o REDD, (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação).

As preocupações ambientais também afetam outras áreas e aparecem em muitas outras conferências e cúpulas, tal como as do G8, G20, conferências mundiais sobre o habitat, cidades, entre outros. O Conselho de Segurança das Nações Unidas se reuniu em abril de 2007 para tomar medidas contra as mudanças climáticas e a degradação ambiental, demonstrando a importância da questão.

Contudo, observamos em vários países que adotam o sistema capitalista e que pregam o "desenvolvimento sustentável", grandes dificuldades para conciliar o modelo produção-consumo com a preservação dos ambientes naturais, como no caso brasileiro, em que existe uma disputa político-econômica entre ruralistas e ecologistas para o uso de áreas do Cerrado e da Floresta Amazônica para produção de soja e criação de gado.

A agenda 21 Brasileira

A Agenda 21 Brasileira é um instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do país, resultado de uma vasta consulta à população brasileira. Foi coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 21 (CPDS); construído a partir das diretrizes da Agenda 21 Global; e entregue à sociedade, por fim, em 2002.



A Agenda 21 Local é o processo de planejamento participativo de um determinado território que envolve a implantação, ali, de um Fórum de Agenda 21. Composto por governo e sociedade civil, o Fórum é responsável pela construção de um Plano Local de Desenvolvimento Sustentável, que estrutura as prioridades locais por meio de projetos e ações de curto, médio e longo prazos. No Fórum são também definidos os meios de implementação e as responsabilidades do governo e dos demais setores da sociedade local na implementação, acompanhamento e revisão desses projetos e ações.

(Ministério do Meio Ambiente – MMA. Responsabilidade socioambiental, Agenda 2. Disponível em: http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21)

A agenda 21 é um importante documento que contém determinações para a resolução dos problemas socioambientais mais próximos das populações, em suas localidades/municípios. Nela, estão contidas ações que deverão ser realizadas pelos governos, mas também pela própria população local, atuando individualmente.

Cite três ações que você pode realizar no seu bairro para ajudar a resolver/evitar algum problema ambiental.



Seção 3

Crescimento demográfico e as transformações do mundo atual

O processo produtivo, estratégico para a lógica capitalista de produção de riquezas, precisa de matériasprimas para sua realização. Para assegurar que estas matérias-primas sejam exploradas de forma consciente e sustentável, há diretrizes políticas que tentam equilibrar interesses capitalistas e preservação ambiental. Entretanto, a lógica capitalista acaba gerando conflitos ao colocar em confronto a ocupação do solo com os interesses políticos, socioculturais e ambientais.

No Brasil, temos observado um grande debate sobre a legitimação dos usos do solo para as atividades de interesse político, e não público. São muitos os casos em que o Estado agiu de forma a privilegiar empresas privadas e interesses políticos particulares em detrimento do meio ambiente e de interesses socioculturais estabelecidos historicamente. São exemplos desta afirmação dois projetos governamentais (COMPERJ e Campo de Golfe Olímpico) que estão sendo construídos em áreas naturais protegidas da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde se pôde constatar as manipulações jurídicas, flexibilizações e arranjos na legislação ambiental para que os empreendimentos sejam construídos. Ficou evidente, nestes casos, que os interesses públicos e privados conseguem se sobrepor a qualquer dispositivo legal que se coloca como impedimento destas ações, que o discurso reducionista minimiza as críticas e os conflitos socioambientais são recorrentes nestas situações.

Histórico das relações de poder nos espaços naturais

A distribuição das competências de fiscalização e monitoramento da atividade industrial no Brasil teve uma nova dinâmica no final do século XX. O ímpeto desenvolvimentista da década de 1970, sem grandes preocupações com danos ambientais, subverteu toda a organização política responsável pela gestão dos ecossistemas brasileiros.

Neste quadro que estava sendo criado, onde intrínsecas relações sociais, políticas, econômicas e ambientais se formavam, as políticas públicas precisariam atender as necessidades da dinâmica da acumulação do capital e do projeto neoliberal, que consistia basicamente na formação de um Estado mais "leve", sem preocupações com o gerenciamento direto de empresas, transformando-as em organizações privadas, distribuição das responsabilidades sociais entre diversos setores, entre outras determinações às quais o país também aderira. O que se esperava, entretanto, era que as políticas ambientais brasileiras passassem a ser construídas com o objetivo de minimizar e mitigar os intrínsecos problemas gerados por conflitos e interesses diferentes das necessidades socioambientais iminentes.



Projeto de Paes muda parâmetros ambientais para setor privado construir campo de golfe na Barra

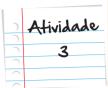
RIO — O prefeito Eduardo Paes encaminhará segunda-feira à Câmara dos Vereadores um projeto de lei que muda parâmetros ambientais e urbanísticos na Barra a fim de viabilizar a construção do campo de golfe dos Jogos Olímpicos de 2016. O novo pacote olímpico transforma em não edificáveis todos os lotes da Área de Preservação Ambiental (APA) de Marapendi voltados para a Praia da Reserva. Hoje de propriedade particular, eles seriam transformados num grande parque público à beira-mar. Em troca, um trecho de 58 mil metros quadrados de terreno às margens da Avenida das Américas que são considerados intocáveis por estarem em Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS) para protegerem a fauna e flora da região seriam liberados para o campo de golfe de dimensões olímpicas.

Fonte: Jornal O GLOBO Disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/polemica- sobre-campo-de-golfe-da-barra-chega-ao-coi-7628063. Acesso em: 08 maio 2013.



Figura 9.

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b8/287.ReservaAmericasPark.JPG Autor da imagem: Diogo Freund



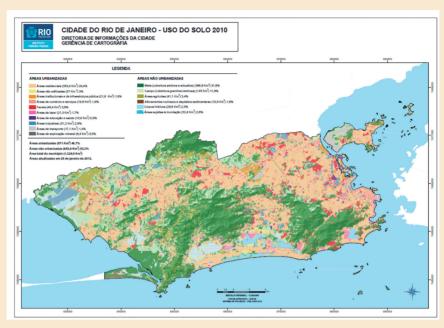


Figura 10: Mapa físico/uso do solo do município do Rio de Janeiro Fonte: Disponível: http://sosgisbr.com/tag/rio-de-janeiro/

O mapa acima apresenta o município do Rio de Janeiro. As áreas em verde representam algum tipo de cobertura vegetal. Observe que são poucas as regiões que ainda contém espaços de florestas e outros tipos de cobertura vegetal, e estes, mesmo que protegidos por alguma lei ambiental, correm o risco de desaparecer em breve.

Aponte as principais causas para o desaparecimento da cobertura vegetal natural da região municipal do Rio de Janeiro.



Resumo

Nas últimas décadas, vem crescendo em escala mundial a preocupação com a preservação ambiental, tanto por parte da sociedade civil quanto dos governos e das empresas. Nunca se falou tanto em preservação ambiental como nos dias de hoje. A preocupação com o meio ambiente tomou conta dos meios de comunicação, das escolas e até mesmo das indústrias. Mas apesar de todo o embate, a natureza ainda está sofrendo grandes desgastes por causa da ação do homem, e os efeitos deste desgaste já podem ser sentidos no nosso dia a dia. Para inverter este quadro, é preciso uma ação coletiva, intensa e imediata. E, para que isso ocorra, é preciso compreender quais são os maiores problemas ambientais da atualidade e como eles afetam nosso cotidiano.

São vários os problemas apontados por organizações ambientais, como o WorldWide Fund Greenpeace, e mesmo por órgãos governamentais, como a Organização das Nações Unidas (ONU). Porém, alguns são apontados como mais urgentes ou mais alarmantes. Na lista dos principais problemas ambientais da atualidade, estão questões de aquecimento global, desmatamento, extinção de espécies, diminuição dos recursos hídricos, consumo e lixo.

Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, desenvolvimento sustentável é "o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro".

Para ser alcançado, o desenvolvimento sustentável depende de planejamento e do reconhecimento de que os recursos naturais são finitos. Esse conceito representou uma nova forma de desenvolvimento econômico, que leva em conta o meio ambiente. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental.

Veja ainda

Sites

- http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41545
 http://conferenciainfanto.mec.gov.br/
 images/pdf/ar.pdf
 http://materialcartografiaescolar.arteblog.com.br/748609/Cartografia-Escolar Prof-Dr-Livia-de-Oliveira/
- http://www.geoluislopes.com/2012/05/escolha-da-escala-nos-estudos.html

Livros

- ALMEIDA, Angela Maria Mendes de. A "natureza" e seus múltiplos usos in: Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, n. 4, 113- 125, jul., 1995.
- Barbosa, Américo; Alves, Dirce. AGENDA 21 DE CUBATÃO: Uma história feita por muitas mãos, Cubatão: CIDE/CIESP,
 2012. 200 f. Disponível em: www.agenda21cubatao.com.br/livro.pdf
- Buitoni, Marísia Margarida Santiago. Geografia: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p.
- Coleção Explorando o Ensino; v. 22. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc download&gid=7838&Itemid=
- THOMAS, Keith. O Homem e o Mundo Natural. São Paulo: Cia das Letras, 1989. Cap. "O dilema humano". (p. 288-358).
- FLORIANI, D. Diálogos interdisciplinares para uma agenda socioambiental: breve inventário do debate sobre ciência, sociedade e natureza. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.I, 21-40. jan/jun., 2000. (Ed. UFPR).
- FLORIT, L. A reivenção social do natural. Natureza e agricultura no mundo contemporâneo. Blumenau-Sc: EDIFURB, 2004.
- Oliveira et. al. Mudanças Climáticas. Coleção Explorando o ensino. Brasília: MEC, SEB. MCT, AEB, 2009. Disponível em: portal.mec.gov.br/

Filmes

- O Ponto de mutação Direção de Bernt Capra, roteiro de Floyd Byars e Fritjof Capra, com Liv Ullman, Sam Waterston e John Heard. CANNES Home Vídeo, 1999. 126 aprox. (Produzido por Videolar da Amazônia S.A., sob licença de Consórcio Europa Severiano Ribeiro).
 - Disponível em: http://www.nuredam.kinghost.net/index.php/divulgacoes/videos
- Quem somos nós? Documentário feito em 2004 que tem como foco a física quântica, com o elenco Marlee Martin (Amanda), Barry Newman e Elaine Hendrix. Título original "What the Bleep Do We Know". Diretor: Betsy Chasse, Mark Vicente , William Arntz. Amanda (Marlee Matlin) inicia uma experiência no estilo "Alice no País das Maravilhas", modificando totalmente a monotonia de seu cotidiano. Os tópicos discutidos em Quem Somos Nós? incluem neurologia, mecânica quântica, psicologia, epistemologia, ontologia, metafísica, pensamento mágico e espiritualidade. Muitos físicos quânticos dizem que tem muito ainda o que revelar sobre a física quântica, pois é uma ciência incerta, baseada somente em teorias, mas muitas possibilidades reais que não podem ser ignoradas pela ciência tradicional, que normalmente costuma ignorar o que é considerado irracional. Disponível em: http://www.nuredam.kinghost.net/index.php/divulgacoes/videos

Da Servidão Moderna - O principal objetivo do filme intitulado Da Servidão Moderna consiste em evidenciar e criticar a condição de escravidão humana no âmbito do sistema capitalista, enfatizando as formas de mistificação que ocultam a condição alienada do trabalhador na sociedade moderna. Disponível em: http://www.nuredam.kinghost.net/index.php/divulgacoes/videos

Atividade 1

O objetivo da atividade é fazer com que você reflita sobre as relações de produção e consumo no mundo contemporâneo e como essa relação pode causar desequilíbrios ambientais. Nesse sentido, espero que você consiga entender que o consumismo é um dos principais fatores que contribuem para a devastação dos ambientes naturais, poluição e extinção de espécies vegetais e animais pelo planeta.



Atividade 2

Você pode ter respondido a esta atividade de várias formas, porém acredito que tenha comentado sobre ações para economia de água, separação e reciclagem de lixo, economia de energia, desperdício de alimentos, entre outras.

Atividade 3

Nesta atividade, você também pode ter chegado a uma série de conclusões. Entretanto, acho importante ressaltamos a especulação imobiliária, a ocupação irregular de encostas, beira de rios, regiões litorâneas, queimadas e desenvolvimento da agricultura em municípios da região metropolitana (cinturões verdes).

Referências

• ACSELRAD. H.; MELLO. C. C. A. Conflito social e risco ambiental: o caso de um vazamento de óleo na Baía de Guanabara. In: ALIMONDA. II. (Org.). Ecologia Política – Naturaleza Sociedad y Utopia. Buenos Aires: CLACSO. 2002. P. 293-317.

- CAVALCANTI, Renata Neme. A efetividade dos instrumentos jurídicos para a proteção ambiental: o caso do licenciamento / Renata Neme Cavalcantil. – 2010. 155 f.
- RYFF, Carlos Eduardo Machado. Expansão urbana e conflito ambiental: o caso Downtown. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR, 2002.
- Bibliografia consultada ANA Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos, 2001. Disponível em: http://www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/arquivos/20061212102729_Introducao_Gerenciament o.pdf. Acesso em: 01 set. 2014.
- Bizzi, L. A.; Schobbenhaus, C.; Vidotti R. M. e Gonçalves J. H. (eds.) Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil. CPRM, Brasília, 2003. Disponível em http://www.cprm.gov.br/publique/media/capX_a.pdf. Acesso em: 01 set. 2014.
- EIA Countries Oil Production. Disponível em http://www.eia.gov/countries/, Acesso em 01/09/2013 às 12:00h.
- Organization of The Petroleum Exporting Countries World Oil Outlook 2012. Disponível em http://www.opec.org/ opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/WOO2012. pdf . Acesso em: 01 set. 2014.
- Friends of the Earth Earth Summit. from Rio to Johannesburg. Disponível em http://www.foe.co.uk/resource/brie-fings/earth_summit.pdf . Acesso em: 01 set. 2014.
- *KPMG Infrastructure in China: Foundation for Growth.* Disponível em http://www.kpmg.de/docs/Infrastructure_in_China.pdf. Acesso em: 01 set. 2014.
- Le Monde Sommets de la Terre, des précédents décevants Artigo de jornal disponível em http://www.lemonde.fr/economie/article/2012/06/20/sommets-de-la-terre-des-precedents- decevants_1721568_3234.html. Acesso em: 01 set. 2014.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH,
 2007, 184p.
- UNISDR Conference Meetings and Events Impacts of Disasters since the 1992 Rio de Janeiro Earth Summit. 2012.
 Disponível em http://www.preventionweb.net/files/27162_infographic.pdf . Acesso em: 01 set. 2014.
- WWF O que é desenvolvimento sustentável? Disponível em http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questo-es_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/ . Acesso em: 01 set. 2014.
- WWF Beyound Rio, New Zeland's Environmental Records Since the Original Earth Summit, 2012 Disponível em: http://awsassets.wwfnz.panda.org/downloads/earth_summit_2012_v3.pdf. Acesso em: 01 set. 2014.

Imagens

- Figura 1: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/50/Rio_de_Janeiro_Cosme_Velho_secXIX.jpg –
 https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CosmeVelho-Abacaxis.JPG. Autor: Fulviusbas.
- Figura 2: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Agricultura_en_Uruguay.jpg. Autor: Montecruz.
- Figura 3: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/33/Neanderthals_-_Artist%27s_rendition_of_Earth_approximately_60%2C000_years_ago.jpg. Autor Randii Oliver.
- Figura 4: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Enawene-nawe_1252a.JPG
- https://pixabay.com/pt/planta-natureza-verde-vegetais-214346/ https://pixabay.com/pt/outono-paisagem-natureza-dourado-219972/ https://pixabay.com/pt/paisagem-pôr-do-sol-natureza-grass-246674/. Autores: willa, Larisa-K e Teefase.
- Figura 6: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rocinha_Favela.jpg. Autor: Paula Le Dieu.
- Figura 7: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oil_platform_P-51_(Brazil).jpg. Autor: Agência Brasil.
- Figura 8: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/1/1b/Chernobyl_Disaster.jpg. Autor: Governo da União Soviética.
- Figura 9: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b8/287.ReservaAmericasPark.JPG. Autor: Diogo Freund.
- Figura 10: http://sosgisbr.com/tag/rio-de-janeiro/



Cultura e contra cultura nos anos 60

Para início de conversa...

Você já ouviu falar em alguns desses nomes: Charles de Gaulle, Che Guevara, Fidel Castro, Indira Gandhi, John Kennedy, Martin Luther King, Mao Tsé-Tung, Richard Nixon, Yuri Gagarin? E estes, conhece? Andy Warhol, Beach Boys, Bob Marley, Bob Dylan, Elvis Presley, Frank Sinatra, Janis Joplin, Beatles?











Figura 1: Você conhece algum desses rostos? Ou será que se lembra de já ter visto alguns desses símbolos?

Sim ou Não? Bem, não faz muita diferença se você ainda não os conhece. Agora, depois desta unidade, você saberá quem foram essas pessoas e o significado dos símbolos que entraram para a História.

Se, por acaso, você já ouviu pelo menos três desses nomes, percebeu que o tema da nossa unidade é ANOS 60, período que ficou conhecido como os Anos Rebeldes, pois foram marcados pelos movimentos de contestação da ordem e pela Guerra Fria. Tanto no bloco capitalista como no comunista, o moralismo e o conservadorismo eram uma tônica importante, assim como manter a ordem e a boa vizinhança. E naquele momento, jovens, homossexuais, mulheres e negros reivindicando nas ruas seus direitos e apontando as falhas dos dois modelos econômicos eram vistos como uma ameaça à ordem estabelecida.

Mas os anos de 1960 chegaram e, com eles, milhares de sonhos, utopias, desejos e paixões. Os meios de comunicação avançavam, a aviação comercial crescia e aconteciam os movimentos de libertação das antigas colônias. Moralistas e amantes do amor livre, pacifistas e belicistas, políticos e estudantes, comunistas e capitalistas... Um mundo cheio de contradições e de lutas pela igualdade de gênero, raças e credos. Uma década de quebra de tabus e luta pelo novo. Enfim, o mundo não seria o mesmo depois da década de 60.

Vamos ver o que aconteceu?

Objetivos de aprendizagem

- Avaliar as mudanças sociais e políticas da década de 60;
- Identificar os anos 60 como anos de contestação da ordem estabelecida;
- Descrever os movimentos protagonizados pelos grupos ditos "marginalizados";
- Relacionar os avanços da ciência diante dos desafios dos anos 60;
- Reconhecer o processo de Contracultura;
- Compreender o que é cidadania;
- Compreender o que é feminismo.

Seção 1 Cultura e contracultura nos anos 60



É proibido proibir

Caetano Veloso

E eu digo sim

E eu digo não ao não

E eu digo: É!

Proibido proibir

E eu digo:

É Proibido proibir

É proibido proibir...

"Duas outras palavras revelam também o espírito dessa década: contestação e rebelião. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária quanto aquela realizada pela juventude. Ao lado dos hippies e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebelião dos (...) universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. O *não* unia todos eles" (PAES: 1992, 20).

Mas contra o que essas pessoas estavam se rebelando? Quais eram os padrões? O que os anos 50 deixaram como ordem, ou, dito de outro modo: o que os anos 60 resolveram quebrar? A cultura, o modo de vida "burguês", a moral e os bons costumes, o encontro com a ordem estabelecida? O desejo de possuir, de consumir, a concentração de poderes em um só gênero ou em um só segmento social? O certo e o errado na forma de pensar e representar o mundo? Tudo isso será combatido nos anos 60, que foram chamados, como já vimos, de Anos Rebeldes.

Nascia uma geração de jovens questionadores da ordem: o que era certo e considerado de bom tom passou a ser criticado, como trabalho, casamento, virgindade, opiniões fechadas sobre o que esperar da vida e do mundo...
Os jovens iam para as ruas pedir mais democratização, mais participação política, mais qualidade na educação; mais

oportunidades de mudança para construção de uma nova ordem. Aos jovens juntaram-se negros, mulheres e todos aqueles que se sentiam excluídos das decisões políticas. Nascia o que hoje chamamos **contracultura**!

O que é contracultura?

Contracultura foi um termo usado para caracterizar os diversos movimentos civis e políticos ocorridos durante os anos 60 e 70 do século passado em diversos países do Ocidente. Muitas vezes esse movimento foi chamado de *underground*. Sabe o que significa esse termo? *Abaixo da terra, subterrâneo*, na verdade representava o que estava abaixo do "oficial", do "permitido". Já viu a confusão que esse movimento causou, não é? Um movimento marcado pela intensa mobilização e contestação social que usava os novos meios de comunicação de massa. Não podemos esquecer que, até então, esses meios eram utilizados como arma poderosa pelos detentores do poder para impor padrões de comportamento e opiniões a todos que viviam naquele tempo.

A contracultura era uma resposta aos padrões instituídos, uma tentativa de questionar os valores centrais que vigoravam na sociedade. Essas contestações se fizeram mais presentes nos EUA, na Europa Ocidental (principalmente na França), e chegaram, embora com menos intensidade, a outros países do mundo capitalista e socialista. E, assim, vieram as novas formas de se vestir, de se comportar, de viver em comunidade, de ir para as ruas reivindicar com novas palavras de ordem como: paz e amor, amor livre, igualdade racial, igualdade entre os sexos, qualidade de ensino. Podemos destacar entre eles os movimentos antirracismos, os de libertação feminina, os pacifistas como *Power flower*, os movimentos estudantis, entre outros.

Nas artes a POP ART, ganhava cada vez mais adeptos. Mas, o que é POP ART?

Foi um movimento artistico iniciado na década de 50, que atingiu seu climax nas décadas de 60 e 70 e defendia a necessidade de a sociedade aceitar a crise pela qual passavam as artes, devido à cultura de massa. No Brasil, em 1965, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ocorreu o OPINIÃO 65, uma exposição que representava a POP ART em nosso país.





Figura 2: Pilares de Latas Campbell e Policiais identificados na chacina. Observe as imagens.

A primeira gravura foi elaborada pelo artista Andy Warhol que utilizou a técnica da serigrafia para representar a impessoalidade do objeto produzido em massa para o consumo, como as latas de sopa Campbell. Esta obra ficou conhecida como "Pilares de latas Campbell" no edifício da Academia Real Escocesa Edimburgo.

A segunda gravura é de Rubens Gerchman, e mistura pintura, colagem e vários outros materiais e se chama: "Policiais Identificados na Chacina (Registro Policial)", 1968.

Meios de comunicação de massa.

Utilizamos o termo acima para denominar todos os veículos (imprensa falada, escrita e televisiva) de difusão de um tipo de cultura chamada cultura de massa. Os meios de comunicação de massa foram criados para definir o tipo de cultura produzida e consumida por uma sociedade que se baseou na produção e consumo de bens. Buscava fazer com que uma forma de pensar e se comportar fosse adotada por toda a sociedade, e para isso se utilizava dos meios de comunicação para veicular valores, padrões e desejos de forma uniforme. Tal produção cultural era utilizada pelos dirigentes da sociedade como forma de dominação da maioria.

A contracultura nasce para criticar esse tipo de cultura e questionar a dominação feita pelos meios de comunicação. Os versos iniciais da música "Admirável gado novo", de Zé Ramalho, é uma das muitas críticas a essa sociedade: "Vocês que fazem parte dessa massa / Que passa nos projetos do futuro / É duro tanto ter que caminhar / E dar muito mais do que receber (...) E ver que toda essa engrenagem / Já sente a ferrugem lhe comer (...)".



Agora é a vez das mulheres gritarem!!!!





Figura 3: Os movimentos femininos ocorreram em muitos países.

"A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi uma era de extraordinária liberalização tanto para os heterossexuais, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens, quanto para os homossexuais. A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não além de outras formas de dissidência cultural-sexual"

(HOBSBAWM: 2001, p. 316)

As mulheres não ficariam em casa na década de 60. Tinham as ruas para conquistar: queimaram sutiãs, defenderam o direito sobre seu corpo e sua vida, reivindicaram liberdade e direitos iguais. O uso da pílula anticoncepcional (inventada no final dos anos 50) e o "abaixo sutiã" foram importantes símbolos dessa luta. Engravidar ou não, agora poderia ser uma escolha real para a mulher. Este é o momento da contestação contra a dominação sobre o "sexo frágil".

E depois dos gritos das mulheres, vieram os gritos dos negros, homossexuais, jovens...

Os movimentos em busca de reconhecimento dos negros, homossexuais, índios e outros grupos minoritários começaram a ter visibilidade a partir da década de 1950. No Brasil, essa trajetória é marcada por grandes embates nos anos 60, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente dos governos autoritários. Todos eles buscavam a igualdade perante a Lei para todas as camadas da população independentemente de cor, sexo ou religião.

Um representante dessas lutas foi o pastor Martin Luther King Jr, que conseguiu reunir no dia 28 de Agosto de 1963, mais de 250.000 pessoas em uma marcha pela paz e pelos direitos civis em Washington. Nessa passeata, Luther King fez o seu mais famoso discurso contra o **racismo** iniciado com a frase: **Eu tenho um sonho (I have a dream)** que ecoaria por podo o mundo até levá-lo ao Prêmio Nobel da Paz em 1964. O sonho de Luther King era de uma sociedade mais justa, com igualdade de direitos e o fim dos preconceitos de raça, cor e sexo.



Figura 4: Luther King Jr. proferiu seu discurso "Eu tenho um sonho" em agosto de 1963 frente ao Memorial Lincoln em Washington.

Vocabulário

Racismo: Conforme o artigo 20 da Lei nº 7.716/89, racismo é praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. O crime de racismo será aplicado quando as ofensas venham a menosprezar determinada raça, cor, etnia, religião ou origem. O racismo é um crime inafiançável e imprescritível, o que significa que não cabe fiança e não prescreve nunca, pois a vítima não tem prazo para responsabilizar o autor do crime.

Leia um pouco das suas ideias:

Fragmento do Discurso de Martin Luther King

Eu digo a você hoje, meus amigos, que embora nós enfrentemos as dificuldades de hoje e amanhã. Eu ainda tenho um sonho. (...)

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.

Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade. (...)

Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje!

Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje!

Esta é nossa esperança. Esta é a fé com que regressarei para o Sul. Com esta fé nós poderemos cortar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé nós poderemos transformar as discórdias estridentes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado.

http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf

Você agora já conhece mais um nome da nossa lista inicial!

Mas não pense você que os negros ficaram só nas ações pacíficas. Ao mesmo tempo em que Luther King ganhava o prêmio Nobel da Paz, surgiu o grupo "Panteras Negras", nome original do movimento revolucionário criado na Califórnia e que tinha como objetivo patrulhar os guetos negros para proteger os residentes contra a violência da polícia. Os Panteras Negras se envolveram em vários conflitos com a polícia por causa de suas manifestações, principalmente na década de 1960, quando foram reprimidos, sua liderança dissolvida e o movimento perdeu a simpatia dos negros. Com atividades mais discretas, porém, mais funcionais para suprir as carências dos negros, o Partido

manteve-se ativo até a década de 1980.

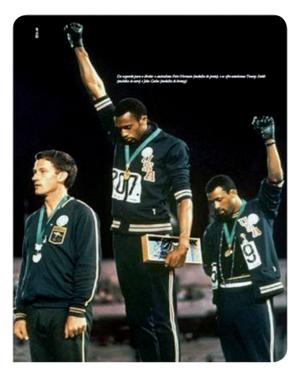


Figura 5: Atletas estadunidenses reproduzindo a saudação do "Black Power" na Olimpíada do México em 1968.

Um pouco mais sobre Martin Luther King

Leia atentamente o discurso de Martin Luther King citado anteriormente e veja se ele representa os interesses das minorias. Depois, retire do texto alguns trechos que mostrem o que jovens, negros e mulheres desejavam: igualdade e justiça social.





Agora é a vez dos Jovens! Liberdade é a palavra-chave!

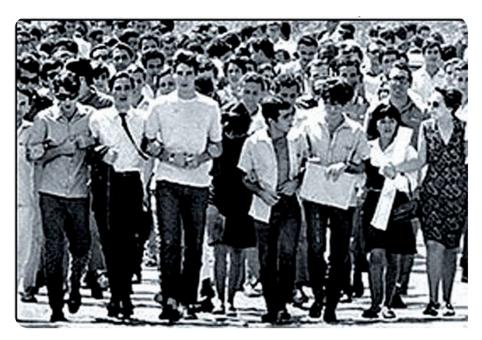


Figura 6: passeata estudantil

Em maio e junho de 1968 os movimentos estudantis explodiram em vários países. França, Itália, Alemanha Ocidental, EUA, Japão, México e Brasil reivindicavam democratização das universidades e liberdade de costumes, contestavam o modo de vida capitalista, além de pedir novo sistema educacional, político, familiar e trabalho mais livre. Mas isso não ficou restrito só ao bloco capitalista, pois ocorreu a chamada **Primavera de Praga**, na capital da Tchecoslováquia.

A "Primavera de Praga" foi um movimento liderado por intelectuais reformistas ligados ao Partido Comunista Tcheco, que teve início em janeiro de 1968 e durou até agosto do mesmo ano. Buscava-se a liberalização política na Tchecoslováquia e o fim do autoritarismo do socialismo tcheco. Durante esse período, o país vivenciou várias reformas como descentralização da economia e democratização política. Conquistaram certa liberdade de imprensa e de expressão. O movimento entrou para história como uma tentativa de criar um socialismo mais humano.

Os movimentos de Maio de 1968 no mundo

Os protestos que varreram o mundo em 1968 não buscavam apenas o estilo de vida chamado "paz e amor". Aquela geração se permitiu várias experiências e questionou tudo e todos que os impediam de alcançar o sonho da felicidade. Não importava a espécie de obstáculos que os estivessem impedindo de caminhar, seriam contestados, fossem de ordem política, social, sexual, ideológica ou comportamental.

Era proibido proibir!

Os estudantes franceses, por exemplo, estavam revoltados com a velha e ultrapassada estrutura de ensino e tomaram as ruas com barricadas que ficariam conhecidas como as "barricadas do desejo". Eles levaram suas reivindicações para além da universidade e, junto aos operários, promoveram a maior greve geral da Europa. O Maio de 1968 em Paris foi uma transformação política e abriu caminho para as futuras e desejadas mudanças sociais e culturais que garantiriam e ampliariam direitos a grupos até então invisíveis como as mulheres, negros e homossexuais. Aliás, era o que dizia outro dos lemas do movimento: "A barricada fecha a rua, mas abre a via".



Figura 7: Barricada de rua, em Paris, durante os eventos de maio de 1968 na cidade.

Este slogan traduzia toda a oposição da sociedade à guerra e às formas de repressão. O movimento modificaria profundamente os costumes sociais e causaria uma grande revolução na cultura, trazendo para os jovens a oportunidade de flexibilizar as regras, transgredi-las, modificá-las e, sobretudo, experimentar novas formas de se relacionar.



Os slogans irreverentes, alegres e provocadores escritos nos muros e cartazes espalhados por Paris foram uma das principais marcas dos protestos de estudantes e operários na França, em 1968. Estas mensagens não eram dirigidas somente ao Governo, aos patrões e às instituições, mas, dirigiam-se, também, aos próprios estudantes e às instituições da esquerda tradicional. Vejamos alguns destes slogans:

"Abaixo a sociedade de consumo."

"Parem o mundo, eu guero descer."

"As armas da crítica passam pela crítica das armas."

"A barricada fecha a rua, mas abre a via."

"O estado é cada um de nós."

"A imaginação toma o poder."

"A mercadoria é o ópio do povo."

"Não mudem de empregadores, mudem o emprego da vida."

"A poesia está na rua."

"O sonho é realidade."

"Só a verdade é revolucionária."

"A arte está morta, não consumamos o seu cadáver."

"Não tomem o elevador, tomem o poder."

http://www.dhnet.org.br/desejos/revoluc/mai68slg.htm

E a caminhada continua...

Outra forma de protesto foi encontrada pelos jovens nos Estado Unidos da América, em 1969, onde ocorreu o Festival de música em *Woodstock*. Com a participação de artistas de diversos estilos musicais, como o *folk*, o *rock'n roll* e o *blues*, as críticas sociais se transformaram na temática do Festival. Woodstock trazia o lado romântico das ondas de protesto dos jovens que contestavam a família e a sociedade. Inspirado nesse ideal surgiu o movimento *hippie*, que centrava suas reformas nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento através da busca de novos canais para que o indivíduo pudesse se expressar.

A influência de Woodstock foi tão grande que ainda hoje se tenta, de vários modos, repetir aqueles encontros de rock.

A década de 1960 registra muitas transformações e mudanças de comportamento que ocorreram entre os jovens e as principais delas traziam uma ideia central, o sentido de comunidade ou tribo que modificariam a forma de

convivência e de estar no mundo. Assim, podemos observar a negação dos valores vigentes, como o individualismo e a competitividade. A busca pela cooperação entre as pessoas era uma ideia nova, base de uma nova ordem coletiva. Os adeptos do movimento hippie passaram a viver em comunidades alternativas, baseadas no culto à liberdade, com a qual eles esperavam modificar a sociedade. Todas estas tentativas e novidades eram expressas no slogan "Paz e Amor".



Figura 8: O símbolo da paz foi desenvolvido na Inglaterra como logotipo para uma campanha pelo desarmamento nuclear, e foi adotado pelos hippies americanos que eram contra a guerra nos anos 1960.

Em plena Guerra Fria, surgiram os movimentos pacifistas, como *Flower Power*, e ainda protestos contra a Guerra do Vietnã (1959-1975). Tais movimentos recusavam as injustiças e a desigualdade na sociedade; posicionavam-se contra o poder econômico militar, a segregação racial, além de valorizarem a Natureza.

Os hippies, impulsionados pelos protestos contra a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e o racionalismo da sociedade, aplicavam no seu cotidiano princípios como tolerância, liberdade sexual e igualdade entre as etnias e gêneros.



Figura 9: Músico trajado com vestuário hippie.

Seção 2 Cultura e contracultura no Brasil dos anos 60: O que rolava no Brasil....

"Houve um tempo, diz-nos Roberto Schwarz, em que o país estava irreconhecivelmente inteligente. Política externa independente, reformas estruturais, libertação nacional, combate ao imperialismo e ao latifúndio: um novo vocabulário – inegavelmente avançado para uma sociedade marcada pelo autoritarismo e pelo fantasma da imaturidade de seu povo – ganhava a cena, expressando um momento de intensa movimentação na vida brasileira."

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8)

Mas os acontecimentos de 1964 colocaram um limite nessa inteligência. O golpe de 1964 deu início ao regime militar no Brasil, que duraria até 1985. Porém, leia com atenção:

"O campo intelectual poderá desempenhar então, nessas condições, ainda que de forma não homogênea, um papel de "foco de resistência" à implantação do projeto representado pelo movimento militar".

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8).

A partir de agora, vamos entrar no Brasil dos anos 60 e verificar os acontecimentos. Nesses anos os brasileiros viram a inauguração de Brasília, a renúncia de Jânio Quadros, a instituição do parlamentarismo, a volta do presidencialismo com João Goulart e, finalmente, o golpe de 1964.

E a cultura como ficou? Ela é a produção de uma sociedade. Com tantos acontecimentos no Brasil e no Mundo, como ficou nossa produção cultural?

A Contracultura no Brasil

Depois que você estudou, na seção anterior, o que foi a contracultura e toda onda de contestação que se espalhou pelo mundo, deve estar se perguntando: será que esses movimentos chegaram ao Brasil?

Sim, claro! Embora não com os mesmos contornos do movimento no exterior. Basta observar que muitos dos artistas que estão hoje em cartaz e fazem muito sucesso começaram as suas carreiras na década de 1960. Muitos festivais de músicas aconteceram no Brasil naquele período, e Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque de Holanda são exemplos de artistas que surgiram naquele momento e se transformaram em intérpretes dos acontecimentos sociais e políticos do país. Você reconhece alguns deles durante suas apresentações nestes festivais? Eles se tornaram grandes ídolos da música brasileira!



Figura 10: Cantores brasileiros que se apresentavam em Festivais.

Os artistas buscavam na realidade brasileira sua inspiração. Surgiram diversas inovações no mundo das artes plásticas. Influenciados pela *Pop Art*, artistas inovavam buscando a participação do espectador, chamando-o para participar da obra. Nascia uma *Nova Objetividade*.

Os anos 60 marcaram a política e a cultura no Brasil, com os jovens nas ruas preocupados com os problemas brasileiros, buscando alternativas e contestando o discurso veiculado pelos meios de comunicação de massa. Nas universidades, os estudantes lutavam contra a ditadura e contavam com o apoio dos intelectuais. Cada vez mais, intensificavam seu ativismo político e questionavam os padrões morais existentes.

De um lado, havia uma cultura organizada mais voltada para o consumo de massa: em 1965 surgiu um programa de televisão apresentando Roberto Carlos e Erasmo Carlos, a "Jovem Guarda", que rapidamente se tornou um produto lucrativo, com marca e diversos itens para serem vendidos no mercado.



Figura 11: Álbum da Jovem Guarda.

De outro lado, havia a cultura marginal, uma produção alternativa: Pasquim, Movimento e Opinião. O Cinema Novo com Glauber Rocha, reconhecido mundialmente, tinha como norma: "uma câmera na mão, uma ideia na cabeça". Glauber realizava experiências inovadoras e seus filmes criticavam a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil.



Figura 12: Cartaz da galeria G4 – Rio de janeiro

Vocabulário

Contracultura: [...] "De outro lado, o mesmo termo (contracultura) pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...) Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social." (PEREIRA, Carlos Alberto Messeder: 1992, p. 20).

A década de 1960 pode ser dividida em três momentos: O primeiro (1960 a 1965) é marcado pela empolgação das manifestações sociais e, no que se refere à política, percebe-se o idealismo e entusiasmo no espírito de luta do povo. Entre 1966 e 1968, registramos um tom mais crítico e os protestos da juventude contra o endurecimento dos governos. E a partir de 1968, com o Al-5, a liberdade foi perdida e o endurecimento do governo militar fez nascer uma outra opção para os contestadores: a luta armada.



Figura 13: Capa do Jornal Folha de São Paulo. A contestação à ordem foi sem dúvida a tônica dos anos 60. Vamos detalhá-la melhor!

De nada adiantou a defesa dos bons costumes do Presidente Jânio Quadros (1961), já que nas décadas de 1950-60 os corpos começaram a se desnudar como nunca acontecera, embora o clima de conservadorismo ainda pairasse no ar. As instituições, como o casamento, começaram a mostrar algumas brechas e os votos de "até que a morte nos separe" foram ficando para tráz com o desquite. Embora houvesse uma maior tolerância, e a virgindade fosse valorizada, as experiências e liberdades sexuais masculinas continuavam consentidas e a sexualidade feminina ainda se restringia ao casamento convencional. Mas isso não tirou o feminismo do foco desses movimentos no Brasil: a nudez chegava ao cinema e as mulheres foram para a rua. E Leila Diniz foi a maior representante dessa época com os escândalos que causava ao mostrar a sua gravidez usando biquíni na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, pois até então se dizia que mulher não usava biquíni, não falava palavrão e muito menos mostrava seu estado de grávida. Esse tipo de comportamento causava desconforto no país e parecia como uma grande afronta à sociedade. Por causa de mulheres como Leila Diniz, hoje a posição da mulher brasileira mudou bastante.

Mas não se iluda, pois, se nos anos 60, as mulheres iniciaram uma série de conquistas, nem tudo ainda está vencido e continuamos precisando da proteção da Lei Maria da Penha! A violência contra mulheres, crianças, homossexuais e negros ainda tem de ser combatida. Em recente pesquisa, ficou comprovado que, mesmo com a lei Maria da Penha, o número de assassinatos de mulheres entre 20 e 45 anos diminuiu menos do que se esperava após a aplicação da lei.



O escritor Frei Betto assim se refere ao movimento feminista: "O movimento feminista organizado surgiu nos EUA, na segunda metade dos anos 60. Logo expandiu-se pelos países do Ocidente, propugnando a **libertação** da mulher, e não apenas **emancipação**. Qual a diferença? Emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Corresponde à busca de igualdade. Libertar-se é querer ir mais adiante, marcar a diferença, realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente, dotado de plenitude humana e tão sujeito frente ao homem quanto o homem frente à mulher." (FREI BETTO. Marcas de Baton. **Caros Amigos**, ano V, n. 54, set. 2001, p.16.)

Mas não foram somente as mulheres que ganharam as ruas, pois, como vimos no início da seção, jovens, estudantes secundaristas e universitários também se tornaram visíveis. Assim como no resto do mundo, em 1968, os estudantes brasileiros lutavam na rua contra o autoritarismo do governo brasileiro, como na Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

Os estudantes foram às ruas pela democratização do ensino, pela queda da ditadura, pela quebra de padrões morais antigos enraizados na sociedade brasileira, pela resolução de problemas sociais. A UNE (União Nacional dos Estudantes) foi fechada e sua sede invadida pelas tropas do governo. O confronto entre estudantes e militares foi inevitável e muitos desapareceram depois de serem perseguidos e presos, e, nunca mais voltaram.



Figura 14: Passeata estudantil

Juntos aos estudantes, intelectuais também iam às ruas para criticarem o regime militar. Lembra-se do texto inicial? O Brasil tinha iniciado com a democracia de governos anteriores uma verdadeira mudança social: educação popular, CPCs (Centro Popular de Cultura), a arte já era engajada, não dava mais para voltar atrás. A poesia já era concreta, como retroagir?

Se a Liga Camponesa já havia se mobilizado, como voltar atrás na discussão da Reforma Agrária? As chamadas reformas de Base já eram conhecidas pelos trabalhadores organizados pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Assim, a mobilização vivenciada em 1964, ganhou novamente as ruas em 1968. **Junto com o mundo, setores** da sociedade brasileira gritavam pela LIBERDADE!





Figura 15: Passeata dos cem mil e ação militar na sede da UNE

Na música o abandono da Bossa-Nova e a chegada de novo estilo: O Tropicalismo

O movimento tropicalista pode ser visto como uma releitura do antropofagismo moderno. A ideia de pegar as influências estrangeiras e transformá-las em música brasileira foi defendida pelo movimento. Em um momento de transformação vivido no mundo todo, o Brasil não poderia ficar de fora. Nasciam artistas como Caetano Veloso, Tom Zé, Gilberto Gil, entre outros, que iniciariam o movimento chamado Tropicalismo.

Seus participantes vestiam-se como hippies, contrariando a estética da sociedade da época. Em 1968 foi lançado o álbum que seria o manifesto musical do movimento e do qual participariam vários artistas, poetas e maestros, além de Gilberto e Caetano.



Figura 16: Disco Tropicália

Observe as palavras no disco "Tropicália ou Panis et circencis", ou seja, Pão e Circo.

Você sabe o que significa essa expressão?

Política de Pão e Circo, ou melhor, do alimento e diversão. Foi uma política surgida no Império Romano que desejava evitar manifestações do povo, desviar a atenção dos cidadãos romanos dos acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Império. Pense na relação existente entre o nome do disco e o momento político da época: 1968 / Al-5/ lançamento do disco com críticas à ditadura civil-miliar. Resultado, vários desses artistas ou se calaram ou amargaram o exílio.



A primeira música do álbum é "Miserere Nóbis", de Gil e Capinan, e uma das mais conhecidas, e que dá nome ao disco, é Panis et Circences (em latim significa "Pão e Circo") de autoria de Gilberto Gil e Caetano Veloso. Esta música começa com a introdução de um antigo programa de rádio chamado "O Repórter Esso" e é uma crítica à ditadura dos governos militares. A música conta com sons que lembram uma família jantando e alerta que a vida não é apenas nascer e morrer, e que, às vezes, precisamos inventar e reinventar, principalmente como nos tempos de silêncio de uma Ditadura arrogante e contra a qual todos lutaram.

E chegou a televisão...

Como meio de comunicação de massa, a televisão veio revolucionar a vida das famílias brasileiras. As notícias, as telenovelas, os festivais da Canção e os programas humorísticos ganhavam espaço dentro da casa dos brasileiros. Com eles, novos comportamentos, novas culturas, novos temas foram se tornando populares. A cultura de massa ganhava cada vez mais espaço, mas, nas ruas, estudantes, políticos e intelectuais lutavam contra um regime político autoritário. A cultura de massa, aquela da seção anterior, ganhava um elemento novo no Brasil, poderoso elemento de veiculação de imagens, falas e comportamentos desejados.

O rádio chegou ao final dos anos 50 como o mais importante dos veículos de comunicação de massa e era considerado fundamental na formação dos hábitos da sociedade brasileira, além de ter ajudado a criar novas práticas culturais e de consumo. Não podemos pensar a década de 60 no Brasil sem considerarmos os Diários Associados de Assis Chateaubriand, do qual faziam parte a revista O Cruzeiro e a TV Tupi de São Paulo, inaugurada no início dos anos 50, que já começava a se propagar de modo ainda tímido, como um veículo de comunicação da classe média. Nos anos 60, a televisão começou a se popularizar e os investimentos em novas tecnologias permitiriam maior agilidade e alcance da informação, iniciando as condições para que a televisão se consolidasse como o mais importante veículo de comunicação, hoje.



Figura 17: Aparelho de televisão nos anos 60.

Em setembro de 1969, estreou o Jornal Nacional da Rede Globo, que passou a ser transmitido em rede nacional e marcou o início das operações da Rede Globo no Brasil. Mas, seriam dois outros tipos de programas que contribuiriam para a consolidação da televisão como o grande fenômeno de comunicação: o programa de auditório, com os comunicadores como Chacrinha e Flávio Cavalcanti, e a telenovela.

Lutas...

Percebemos que as lutas das mulheres brasileiras nos últimos anos e sua participação em diferentes movimentos têm afirmado sua cidadania. Desde a década de 1960 muitas foram as conquistas das mulheres e o progresso do movimento feminista se torna cada vez mais visível. Mas, pergunta-se: todos os objetivos deste movimento foram alcançados plenamente? Por quê? Reflita sobre o tema e pesquise no seu cotidiano para redigir sua resposta.





Seção 3

Trabalho e cidadania nos anos 60: Limites e avanços.

"O povo unido jamais será vencido."

Jorge Eliecer Gaitán (advogado, prefeito e ministro colombiano)

Quem já não ouviu essa frase, palavra de ordem ou grito nas ruas?

Apesar de ser de origem colombiana, essa frase representa um chamado ao direito, à cidadania. Usada e reutilizada em vários momentos da história, ficou conhecida no Brasil ao ser cantada e falada em movimentos políticos que discutiam os direitos do cidadão. Mas, e nos anos 60? Podemos escutá-la nas ruas?



Figura 18: Movimento por eleições diretas

Como você já viu na seção anterior e irá estudar mais detalhadamente em unidades posteriores, o Brasil em 1964 passa pelo Golpe militar, quando se inicia um período de falta de liberdade, censura e suspensão dos direitos do cidadão brasileiro.

Vimos que a mulher e segmentos sociais antes marginalizados iniciam seu processo de luta pelos seus direitos, trabalho, igualdade social e, sobretudo, pela Liberdade.

A cultura se transforma e passamos a trabalhar os problemas sociais brasileiros nas produções culturais como artes plásticas, teatro, cinema e televisão. As conquistas anteriores, como a mobilização de trabalhadores urbanos, camponeses, mulheres, estudantes e intelectuais vividas em 1964, voltam à cena em 1968.

Mas por que lutar? Para que lutar? Por quem lutar?

Da promulgação da Constituição de 1946 até o Golpe de 1964, o Brasil passou pela sua primeira experiência democrática: direitos sociais foram garantidos, o povo foi às urnas e elegeu um presidente... Sem dúvida houve um grande avanço nos direitos de cidadania: liberdade de expressão, liberdade de organização, liberdade religiosa. Mas, nem tudo estava resolvido: negros, mulheres e homossexuais, dentre outros grupos, ainda estavam marginalizados. As elites tinham acesso à justiça garantido, mas o mesmo não ocorria com os grupos menos favorecidos.

O que podemos concluir? Concluímos que durante este período os direitos políticos e sociais dos cidadãos sofreram um avanço, mas os direitos civis ainda levariam tempo.

Seus direitos

"(...) Assim, quando imagino o cidadão brasileiro, penso naquele ser fragilizado pela ausência de reconhecimento social, naquele indivíduo sem rosto, sem direitos e sem recursos, colocado numa espera interminável que é o símbolo mais perfeito, no Brasil, da ausência de uma verdadeira cultura da cidadania. Vale infelizmente dizer: de uma cultura igualitária, aberta à mobilidade. Uma cultura efetivamente moderna e democrática, na qual os direitos individuais são contemplados efetivamente na prática social, e não apenas nas leis. Porque ninguém sabe melhor do que nós como é fácil contemplar tais direitos nas leis."

(DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: *Brasileiro: Cidadão?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997. p.5-6).

Estas palavras ainda são aplicáveis aos dias atuais? Escreva um pequeno texto expressando sua opinião.





Mas, o que a nossa atual Constituição nos fala? Vejam alguns trechos da Constituição Cidadã de 1988:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I a soberania;
- II a cidadania;
- III a dignidade da pessoa humana;
- IV os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

- Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Observe o Artigo 205.

Dentre os direitos do cidadão encontramos o trabalho e a qualificação para o trabalho. Como andava esse tema nos anos 60?

Dando voz às mulheres

"Eu via as mulheres à minha volta, incluindo eu mesma, ávidas por romper padrões. E ao mesmo tempo, com toda a culpa cristă incutida por nossas mães, com pavor de fazer isso", conta Ana, que casou tarde para os padrões da época: em 1962, aos 25 anos. E, mesmo assim, só após um "ultimato" do noivo. Ou casa ou nos separamos. "Eu tinha dúvidas se era isso o que eu queria naquele momento. Eu amava muito meu noivo, queria ficar com ele. Sabia que existiam opções ao casamento

tradicional, mas nem tive coragem de propor", conta Ana, que na época trabalhava como secretária executiva em uma grande empresa. "Eu ganhava meu dinheiro. Mas ficava entre minha vida e o amor que eu sentia por ele. Então resolvi casar."

Paladino, Patricia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2. php acesso 18/09/2013

Como vimos, os direitos políticos e sociais estavam garantidos para a maioria masculina, mas como as mulheres se sentiam, em seu momento de luta e no seu momento de inclusão no mercado de trabalho? A mesma autora nos escreve:

"Durante os anos 60 e 70 houve a expansão do ensino universitário e com isso as mulheres puderam entrar para a universidade, passaram a pensar na vida profissional de uma forma diferente das mulheres das décadas passadas. Antes, elas faziam o curso Normal para serem professoras, ou um curso técnico de enfermagem. A partir da universidade, as mulheres ampliaram seu campo de atuação no mercado de trabalho", atesta Mirian Goldenberg.

Paladino, Patricia. Anos 60: a década da virada. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php

Os anos entre 1969 e 1973 no Brasil foram marcados por forte crescimento da economia. O termo "milagre" está relacionado com este rápido e excepcional crescimento econômico pelo qual passou o Brasil neste período e que foi propiciado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo), implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco.

O nível de emprego durante o Milagre Econômico vivido pelo Brasil, nos anos 60 e 70, forçou o universo masculino a abrir as portas do emprego para as mulheres, que até os anos 60, em geral, não "trabalhavam fora" e, quando trabalhavam, eram professoras ou enfermeiras, na melhor das opções. Contudo, com um nível pleno de emprego, novos cargos e postos de trabalho foram surgindo e a possibilidade de divórcio e a pílula anticoncepcional impulsionavam a mulher para fora de casa, se deparando com um mundo cheio de novidades.

Mas nem tudo eram flores! Enquanto alguns setores se beneficiavam com o pleno emprego, com os cursos profissionalizantes do Senac e Senai, outros setores, como os pequenos proprietários de terras, iam desaparecendo, pois não tinham como concorrer com uma agricultura mecanizada. Era a agroindústria chegando, para ficar.

Diante da nova característica brasileira no campo, a agroindústria, movimentos no campo foram ganhando força, sobretudo no período de redemocratização. Vale a pena ressaltar o MST (Movimento dos Sem Terra) e o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Esse último, menos conhecido que o primeiro, hoje trabalha com a ideia de Soberania Alimentar, questionando os alimentos transgênicos.



O trabalho nos anos 60

Alguns dos direitos dos trabalhadores que hoje conhecemos e temos como naturais, foram oriundos da década de 60. Como podemos observar a seguir:

Em 1962, através da Lei 4090, ainda no governo de João Goulart, foi criada a Gratificação de Natal, mais conhecida como Décimo Terceiro Salário. Deve ser pago ao empregado em duas parcelas até o final do ano tendo como referência o mês de dezembro. Em 1967, foi a vez do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que além de um instrumento de proteção aos empregados demitidos sem justa causa, foi, ainda, um dos primeiros mecanismos de flexibilização das leis trabalhistas para acabar com a estabilidade do trabalhador, então existente. Antes da criação do FGTS, o trabalhador que completasse dez anos de trabalho em uma empresa tornava-se estável, e, deste modo, só poderia ser demitido se cometesse uma falta grave. Os empregadores são obrigados a efetuar depósitos mensais em contas abertas e vinculadas para cada trabalhador. O cidadão recebe esse dinheiro quando é demitido sem justa causa, mas também pode sacar o FGTS em caso de alguma doença grave ou para a compra da casa própria (ou, ainda, quando se aposenta).



Depois de 1930, o Estado passa a definir os direitos e os deveres relativos à organização das práticas produtivas; aceita as associações profissionais como interlocutores; reconhece como oficiais as organizações dos sindicatos. Com a criação do Ministério do Trabalho, a legislação trabalhista é promulgada como corpo jurídico válido nacionalmente. Esses atos inauguram no Brasil a constituição da cidadania nacional. Tal modelo se mantém por três décadas. Até o golpe militar de 1964, a noção de cidadania permanece vinculada ao emprego estável, assalariado e urbano, priorizando o espaço fabril de produção e mantendo como interlocutores privilegiados os trabalhadores e os empresários das grandes empresas. Se, por um lado, essas ações representam um avanço nas relações de trabalho, antes despojado de mediações, por outro, acabam excluindo a maioria dos trabalhadores. (GIULANI. In: PRIORE: 2004, p.641).

Se o FGTS pôs fim à estabilidade no emprego e a política salarial nos governos militares era baseada no arrocho, podemos perguntar: os direitos dos trabalhadores foram respeitados? E a cidadania? Você já percebeu que as discussões sempre se referem a trabalhadores, patrões, ministros? E as mulheres? Não eram trabalhadoras, patroas, ministras? Por que sempre se fala no masculino plural? Vamos refletir sobre isso e sua influência no mundo do trabalho? Para melhor pensar nessas questões, utilize o que você aprendeu em unidades e seções anteriores.

Leia o artigo abaixo da historiadora Carla Bassanezi sobre as mulheres brasileiras na década de 1950 e que contribui para a compreensão dos papéis considerados ideais naquele momento:

"Diante da onda de transformações que abarcava o país, os comportamentos entre os sexos também foram alterados, já que vivendo nas cidades, homens e mulheres tornaram-se mais próximos, contribuindo para modificações nas práticas sociais familiares. Os papéis considerados "femininos" e "masculinos" continuavam distintos, nivelados pela moral sexual que previa para os homens a autoridade sobre as mulheres, sendo responsável pelo sustento da esposa e dos filhos. (...) A moralidade do momento era favorável às experiências sexuais masculinas, restringindo a sexualidade feminina ao casamento convencional".

(BASSANEZI:2004, p.608).

A publicação do livro "O segundo sexo" de Simone de Beauvoir influenciaria os movimentos feministas, pois mostrava que a hierarquização dos sexos é uma construção social e não uma questão biológica.

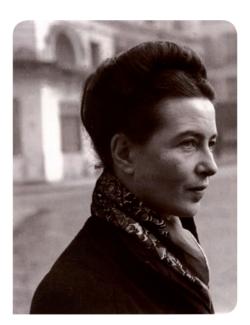
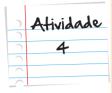


Figura 19: Simone de Beauvoir (1908 -1986) pensadora francesa e autora de "O segundo sexo", obra em que faz uma revolucionária análise sobre o papel das mulheres na sociedade.

Apesar de constatarmos um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens, que continuam tendo os empregos mais bem remunerados.

Arte e denúncia



Observe o texto a seguir. É um fragmento da letra da música *Cidadão*, de autoria de Lúcio Barbosa e interpretada por Zé Ramalho no disco Frevoador, de 1992. Após uma leitura atenta, responda: quais as questões sociais denunciadas pela música?

Tá vendo aquele edifício moço / Ajudei a levantar / Foi um tempo de aflição, era quatro condução / Duas pra ir, duas pra voltar / Hoje depois dele pronto Olho pra cima e fico tonto / Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / "Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar" / Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido / Dá vontade de beber / E pra aumentar meu tédio Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer Fonte: http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/2213



Resumo

- O surgimento do movimento feminista trouxe muitos efeitos na vida das mulheres em muitos países, principalmente no Brasil.
- O imaginário social e cultural mobilizou estudantes e operários franceses no movimento "Maio de 1968",
 em Paris.
- O movimento Tropicalista contribuiu para a ruptura de padrões comportamentais a partir dos anos 60.
- A década de 1960 no Brasil foi marcada por mudanças sociais e políticas e por movimentos contestadores da ordem estabelecida.
- Os movimentos civis buscavam o reconhecimento social de grupos marginalizados.
- A contracultura foi um movimento que contestava as ordens social, política e cultural estabelecidas.

Veja Ainda

Filmes:

- Besame Mucho. Aborda a trajetória de dois casais amigos desde a adolescência nos anos 50, em uma cidade do interior de São Paulo, até os "não tão dourados anos 1980". Lançado em 1987. Direção: Francisco Ramalho Júnior, que divide o roteiro com Mário Prata.
- Barbarella (1968) de Roger Vadim, com Jane Fonda. No século XXXXI as guerras já foram abolidas há muito tempo, mas Barbarella (Jane Fonda), uma bela agente, recebe um comunicado do Presidente da Terra (Claude Dauphin), dizendo que uma arma foi inventada e que isto pode perturbar a paz no universo. Assim, sua missão é evitar que tal mal aconteça.
- Terra em Transe (1967). De Glauber Rocha com Jardel Filho, Paulo Autran. Considerado o mais importante e polêmico filme de Glauber Rocha, é um dos precursores do Cinema Novo e do movimento tropicalista. Conquistou o Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Cannes de 1967.
- Aconteceu em Woodstock. Ang Lee, 2009.

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: Brasileiro: Cidadão? São Paulo: Cultura Editores Associados,
 1997.
- FREI BETTO. Marcas de Baton. Caros Amigos, ano V, n. 54, set. 2001.
- GIULANI, Paola Cappelin. In PRIORE, Mary del (org.). História das mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- HABERT, Nadine. *Década de 70. Apogeu e crise da ditadura militar*. São Paulo: Ática, 2006.
- HOBSBAWN, Eric. Era dos Extremos O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PAES, Maria Helena Simões. A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 2004.

- PALADINO, Patrícia. Anos 60: a década da virada. Disponível: em http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php (acesso 18/09/2013).
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é contracultura. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PILAGALLO, Oscar. A História do Brasil no século 20 (1940-1960). São Paulo: Publifolha, 2003.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (Orgs). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRIORE, Mary del (org.). História das mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bob-Marley.jpg



 $\bullet \ \ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Elvis_Presley_1970.jpg$



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_Jr_NYWTS.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:JohnFK.png



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flower-Power_Bus.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38861



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Warhol_exhibition.jpg



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rubens_Guerchman_1968_Policiais_Identificados_na_Chacina.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=52393



 $\bullet \ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_-_March_on_Washington.jpg$



http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23033



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31470



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38013



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Peace_symbol.svg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RussianRainbowGathering_4Aug2005.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51458



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31410



 $\bullet\ http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo4/g4/images/index.html$



• http://www.dhi.uem.br/labtempo/images/stories/imagens/folha-capa-apos-ai5.jpg



• http://www.ipea.gov.br/participacao/fotos/344-fotos-une-75-anos



http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mylinks/viewcat.php?cid=12&letter=D&min=40&order
 by=titleA&show=10



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PaniseCircenses.jpeg



http://commons.wikimedia.org/wiki/File:1950%27s_television.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27387



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:7861_simone_de_beauvoir_cartier_bresson.jpg?uselang=pt-br

Respostas das Atividades

Atividade 1

Alguns dos trechos a seguir servem de resposta para a questão, pois traduzem a ideia de igualdade e justiça social:

"Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença, nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais."

"Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade."

"Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado."

Atividade 2

Apesar de todas as críticas sofridas, o Movimento Feminista já conquistou um lugar na sociedade brasileira, mesmo que precise lutar mais ainda para ser plenamente reconhecido. A busca por uma sociedade mais democrática e igualitária continua como um ideal a ser concretizado, pois ainda existe uma pressão social para que as mulheres se casem e cuidem da casa, obrigando-as a exercer uma dupla jornada.

Atividade 3

Resposta livre. O aluno deverá ser capaz de elaborar um texto sobre os preconceitos e violência ainda vivenciados por parte de nossa população e\ou sobre as melhorias no campo da garantia de direitos sociais.

Atividade 4

Ao tocar em dois temas centrais estudados na seção, como trabalho e cidadania, a letra aponta para a questão da injustiça social. Denuncia, ainda, a desigualdade social, nas grandes cidades, onde determinados grupos são expostos a humilhações e discriminações.



Questão 1 (Enem)

O ano de 1968 ficou conhecido pela efervescência social, tal como se pode comprovar pelo seguinte trecho, retirado de texto sobre propostas preliminares para uma revolução cultural: "É preciso discutir em todos os lugares e com todos. O dever de ser responsável e pensar politicamente diz respeito a todos, não é privilégio de uma minoria de iniciados. Não devemos nos surpreender com o caos das ideias, pois essa é a condição para a emergência de novas ideias. Os pais do regime devem compreender que autonomia não é uma palavra vã; ela supõe a partilha do poder, ou seja, a mudança de sua natureza. Que ninguém tente rotular o movimento atual; ele não tem etiquetas e não precisa delas".

Journal de la comune étudiante. Textes et documents. Paris: Seuil, 1969 (adaptado).

Os movimentos sociais, que marcaram o ano de 1968,

- a. foram manifestações desprovidas de conotação política, que tinham o objetivo de questionar a rigidez dos padrões de comportamento social fundados em valores tradicionais da moral religiosa;
- b. restringiram-se às sociedades de países desenvolvidos, onde a industrialização avançada, a penetração dos meios de comunicação de massa e a alienação cultural que deles resultava eram mais evidentes;
- c. resultaram no fortalecimento do conservadorismo político, social e religioso que prevaleceu nos países ocidentais durante as décadas de 70 e 80;
- d. tiveram baixa repercussão no plano político, apesar de seus fortes desdobramentos nos planos social e cultural, expressos na mudança de costumes e na contracultura;
- e. inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.

Gabarito: Alternativa E.

Comentário: O movimento cultural de 1968 na França abrangeu vários países do mundo (inclusive Brasil). Tinha grande conotação política, mas não prevalecia. Entretanto, uma determinada corrente de pensamento, e, de modo geral, contestou as instituições políticas, culturais e educacionais.

Questão 2 (Enem 2011)

Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas Reformas de Base e satirizavam o "imperialismo" e seus "aliados internos".

KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional — UDN, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- a. constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista;
- b. contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular;
- c. realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura;
- d. prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres;
- e. diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

Gabarito: alternativa A.

Comentário: os setores conservadores do início da década de 60 acreditavam que centros culturais como o CPC constituíam uma ameaça aos valores capitalistas.





Golpes e ditaduras na América Latina

Para início de conversa...

66

São os homens e eu aqui parado de pijama

Eu não gosto de passar vexame

Chame, chame, chame

Chame o ladrão, chame o ladrão

Se eu demorar uns meses convém, às vezes, você sofrer

Mas depois de um ano eu não vindo

Ponha a roupa de domingo e pode me esquecer

77

(Chico Buarque de Holanda, sob o pseudônimo de Julinho de Adelaide – *Acorda Amor*)

Em 1974, o famoso músico Chico Buarque de Holanda precisou usar um nome falso - Julinho de Adelaide - para que suas canções pudessem ser gravadas e distribuídas. Na canção Acorda Amor, para não passar pelo vexame de ser preso, o homem pede para chamar o ladrão, justificando assim a presença da polícia na sua casa durante a noite. Ele aproveita ainda para alertar sua mulher que poderia não voltar, vindo a desaparecer pela ação policial. Naquela época, o Ministério da Justiça promovia a censura por motivos políticos, impedindo gravações que fossem consideradas críticas ao regime vigente. Mas o maior problema talvez não tenha sido a censura sofrida por Chico Buarque/Julinho de Adelaide. O triste e verdadeiro problema é que pessoas realmente estavam desaparecendo após serem presas: ao todo 140 desaparecidos, a maioria entre 1970 e 1975.

Você sabe qual o regime fez isso? Sabe por quanto tempo isso aconteceu sem que familiares sequer conseguissem respostas à procura dos parentes que sumiram?

Nesta primeira seção, falaremos sobre este e outros tipos de desrespeito aos direitos individuais mais elementares – liberdade de expressão; direito a um julgamento justo; direito à ampla defesa, já que ninguém é culpado até que
se prove o contrário; e o direito à vida. Infelizmente, essas ações não se limitaram ao Brasil, mas se tornaram uma triste
realidade em diversos países na América Latina, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Coincidência? Mais uma vez não. Entender por que tais regimes surgiram e como funcionavam é um dos objetivos desta unidade. Mas não falaremos apenas
disso, trataremos também das ações da sociedade brasileira contra essas práticas violentas e de como, por meio da luta,
setores organizados da população procuraram impedir que esses atos lamentáveis pudessem se repetir.

Objetivos de aprendizagem

- Entender a emergência de golpes e ditaduras na América Latina nos anos 1960, 1970, 1980;
- Compreender as razões para o período de 1964 a 1985 ser uma ditadura;
- Identificar as características dos governos militares no Brasil;
- Reconhecer a importância dos movimentos de contestação à Ditadura Militar para o reestabelecimento da democracia no Brasil.

Seção 1 Golpes e ditaduras na América Latina

1964: nasce uma ditadura no Brasil e um modelo para o golpismo na América Latina

A deposição do presidente João Goulart, em 1964, é considerada como o episódio decisivo da política nacional na década de 1960, com consequências que se fazem presentes até os dias de hoje. A ordem democrática estabelecida em 1946, após o fim do Estado Novo, foi destruída. Nos anos seguintes a 1964, uma série de restrições aos direitos da população foram registrados.

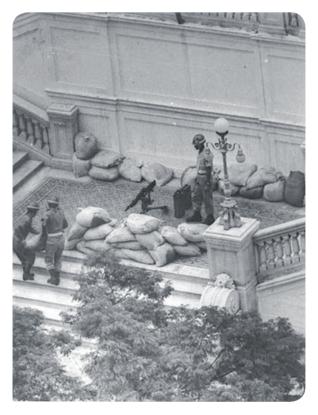


Figura 1: Militares da Força Pública, atual Polícia Militar, protegendo o Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, durante o Golpe Militar no Brasil, em 31 de março de 1964.

Mas afinal, o que aconteceu em 1964?

Ao longo dos anos, diversas explicações foram dadas para entender o que ocorreu em 1964. Os vitoriosos cha-

maram seu movimento de uma "revolução democrática". Parte dos derrotados afirmou que houve um "golpe militar", atribuindo a responsabilidade pela derrubada do presidente Goulart quase que exclusivamente às Forças Armadas. Rejeitando tanto a ideia de uma "revolução democrática, quanto a de um "golpe militar", compreendemos os acontecimentos daquele ano como um golpe civil-militar. Ao acrescentar a palavra "civil", o que se procura é enfatizar que, sem o apoio de outros segmentos da sociedade, como parcelas da classe média, do empresariado, setores da Igreja Católica, partidos (como a UDN) e parte significativa da imprensa, não teria sido possível a iniciativa militar que garantiu o afastamento do presidente João Goulart e a permanência dos golpistas no poder por tantos anos.

O país vivia um momento político conturbado desde a chegada de Goulart à presidência, em 1961. O fenômeno eleitoral Jânio Quadros, até então o presidente que recebera a maior votação da história do Brasil, renunciou em menos de 7 meses depois de tomar posse. A rejeição ao vice-presidente Goulart quase lançou o país numa guerra civil. A solução para impedir o conflito armado e empossar Goulart foi a emenda constitucional que instituía o parlamentarismo.

Tudo isso refletia a polarização ideológica da Guerra Fria. Nas disputas e no debate político nacional, termos abundantemente utilizados na época, como "comunista" e "vermelho", serviam para desqualificar adversários.

Num contexto de crescente radicalização política, o país caminhava para a polarização, com muitos desprezando a democracia representativa, dando sinais de simpatia diante de soluções golpistas. De um lado, as tendências críticas ao capitalismo e às forças estabelecidas, como os estudantes, mobilizados na UNE; militares de baixa patente, reunidos em clubes de suboficiais; artistas; intelectuais; trabalhadores urbanos; trabalhadores rurais, organizados nas Ligas Camponesas, sob o lema "reforma agrária na lei ou na marra"; e o clandestino PCB. Do outro lado, parte da cúpula militar; setores da classe média; da Igreja Católica; parte da imprensa; políticos da UDN; governadores da oposição conservadora, que recebiam investimentos estadunidenses negados ao governo federal, tais como os governadores Magalhães Pinto em Minas Gerais, Ademar de Barros em São Paulo e Carlos Lacerda no **Estado da Guanabara**.

Vocabulário

Estado da Guanabara: Estado que existiu de 1960 a 1975, criado após a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Em 1975, com a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, a cidade do Rio de Janeiro (mesmo nome do Estado) passou a ser a capital do novo Estado, em substituição à cidade de Niterói.

A questão que aumentou a crise foi a necessidade de apoio no Congresso Nacional para que o presidente Goulart aprovasse suas Reformas de Base. Após tentativas fracassadas de negociação política, Jango procurou estimular a mobilização popular, colocando o povo nas ruas como forma de pressionar o Poder Legislativo. Exemplo disso foi o Comício da Central do Brasil, ou Comício das Reformas de Base, realizado em 13 de março de 1964, que seria o primeiro de uma série de atos públicos.

Mas o fator que precipitou a iniciativa militar foram as demonstrações de quebra da hierarquia e da disciplina nas Forças Armadas. A velha máxima dos quartéis "manda quem pode, obedece quem tem juízo", se via ameaçada. Marinheiros que tinham se revoltado em 26 de março de 1964 foram anistiados, isto é, perdoados pelo presidente, que se recusou a puni-los, tal como a cúpula militar reivindicava. Para que não se tenha dúvida da importância disso para os oficiais das Forças Armadas, os marinheiros que se rebelaram em março de 1964 somente foram anistiados em maio de 2001, 22 anos depois de 1979, quando a maioria dos que foram perseguidos após 1964 recebeu esse benefício. Na cerimônia de 2001, os três ministros militares faltaram em sinal de protesto.



Figura 2. Acompanhe, através das datas, os principais fatores que culminaram no golpe civil-militar.

A Guerra Fria e o papel dos EUA

Nos anos seguintes, setores das Forças Armadas na América Latina copiariam a iniciativa dos militares brasileiros. Contribuiu para isso a formação anticomunista que estas Forças receberam desde o final da Segunda Guerra Mundial. Naquela ocasião, o alinhamento com os EUA na Guerra Fria foi decisivo para a montagem de um sistema interamericano, cuja principal preocupação era a contenção do "perigo vermelho". Medidas como o TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca) e a criação da OEA (Organização dos Estados Americanos) representavam essa preocupação. Mas talvez o aspecto decisivo para tal reprodução do golpe brasileiro na América latina tenha sido a difusão entre os militares latino-americanos da Doutrina de Segurança Nacional. Criada nos EUA durante a Guerra Fria, a doutrina entendia que o inimigo não estava mais no exterior, mas sim infiltrado dentro do país, o chamado "inimigo interno". Presente nos mais variados setores, essa nova ameaça estava à espreita, pronta para agir e desestabilizar o país, levando-o à "subversão", ou seja, à ameaça à ordem vigente e ao Estado.

Vocabulário

Subversão: Qualidade do subversivo, termo utilizado pelos governos militares para designar todo o indivíduo que tinha comportamento contestatório aos regimes ditatoriais latinoamericanos, em especial, aos simpatizantes do modelo comunista da URSS.

Se nas décadas de 1940 e 1950 já era posição dos EUA apoiar movimentos anticomunistas, essa postura se intensificaria depois da declaração do caráter socialista da Revolução Cubana de 1961 e do risco de um conflito nuclear após a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962. Temendo novos regimes socialistas na América Latina, o governo estadunidense apoiaria movimentos golpistas, estimulando as ações dos militares e promovendo o reconhecimento, quase que imediatamente, dos novos governos. Mesmo os regimes que se tornaram violentas ditaduras foram tolerados, pois isso ajudaria a conter a ameaça comunista.

Assim, após 1964, os seguintes países passaram por golpes de estado e ditaduras:

- Bolívia (1971-1982) golpe militar de Hugo Bánzer, seguido do endurecimento do regime a partir de 1974;
- Chile (1973-1990) em 1970, o médico Salvador Allende foi eleito para a presidência chilena, numa curta experiência socialista pela via democrática. Em 1973, um golpe de estado, liderado pelo General Augusto Pinochet, o derruba. O Palácio de *La Moneda*, sede do governo Chileno, é bombardeado, morrendo Allende e colaboradores próximos. Inicia-se uma das mais violentas ditadura da América Latina, que aproveitaria a repressão para promover cortes de investimentos nas áreas sociais, privatizações e abertura econômica;
- Peru (1968-1980) Juan Velasco Alvarado Geral depõe Fernando Belaúnde Terry, do Partido de Ação Popular (AP), iniciando a "primeira fase" do governo militar, nacionalista e promotora da reforma agrária. Outro golpe militar, em 1975, instala a ditadura de Morales Bermúdez, que inicia a "fase mais conservadora";
- Argentina (1976-1983) depois de uma sucessão de golpes, é instalada a ditadura militar de Rafael Videla, que derrubou Isabelita Perón, segunda esposa do ex-presidente Perón, que havia assumido após a morte do marido em 1973.

Instaurada no início dos anos 70, a operação Condor foi uma aliança político-militar entre os regimes

militares de Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil; países que formam o Cone Sul. O principal objetivo da aliança era combater o "terrorismo internacional" que ameaçava os países do Cone Sul, isto é, os movimentos contestatórios aos regimes ditatoriais e as ações de guerrilheiros comunistas (como os movimentos dos Tupamaros, no Uruguai; os Montoneros, na Argentina; o MIR, no Chile; entre outros).





Há fortes indícios de que os membros participantes da operação Condor contaram com o auxílio do governo norte-americano em suas ações. A operação era dividida em três fases, a saber:

- 1) troca de informações entre os países participantes acerca de grupos e pessoas "subversivas";
- 2) perseguições, mortes e prisões de suspeitos que pudessem estar localizados em um dos seis países aliados;
- 3) ações em países estrangeiros.

A operação Condor foi responsável pela morte de milhares de pessoas. Alguns historiadores estimam que 30 mil pessoas tenham sido assassinadas em razão das ações dessa operação. O nome Condor faz referência a uma ave típica dos Andes, símbolo de astúcia na caça às suas presas. O governo militar brasileiro, por muitos anos, negou a participação do Brasil nas atuações do grupo.

Apoios ao golpe de 64.

"Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro".

Desde as manifestações de junho, um coro voltou às ruas: "A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura". De fato, trata-se de uma verdade, e, também, de fato, de uma verdade dura.

Já há muitos anos, em discussões internas, as Organizações Globo reconhecem que, à luz da História, esse apoio foi um erro.

(...)

1964





"Diante de qualquer reportagem ou editorial que lhes desagrade, é frequente que aqueles que se sintam contrariados lembrem que O GLOBO apoiou editorialmente o golpe militar de 1964.

A lembrança é sempre um incômodo para o jornal, mas não há como refutá-la. É História. O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como "O Estado de S.Paulo", "Folha de S. Paulo", "Jornal do Brasil" e o "Correio da Manhã", para citar apenas alguns. Fez o mesmo parcela importante da população, um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

(...)

Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país.

À luz da História, contudo, não há porque não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma."

Jornal O Globo, 31/08/2013.

Fonte: http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604

- a. Do que esta reportagem trata?
- Segundo a reportagem, é possível perceber que o golpe de 1964 contou com a participação de parcela da população civil? Justifique sua resposta com uma passagem do texto.



Seção 2

Ditadura militar no Brasil



Figura 3: Os militares no poder.

Com a ascensão dos militares golpistas ao poder, em 1964, a expectativa dos grupos civis que os apoiavam era que seus opositores fossem afastados do cenário político. Daí, novas eleições seriam convocadas. Sem seus principais adversários, a UDN acreditava que chegaria à presidência da República, implementando, sem maiores resistências, o seu projeto liberal. Enfim, os golpistas, que foram neutralizados com a morte de Vargas em 1954, não conseguiram impedir a posse de JK, em 1955, e a de Jango, em 1961, e acreditavam ter finalmente alcançado o poder. No entanto, não foi isso que aconteceu. Os militares golpistas tomaram gosto pelo poder e acabaram permanecendo à frente do governo por 21 anos.

Como isso aconteceu?

A doutrina de segurança nacional importada dos EUA alterou os rumos do movimento militar: qualquer atividade crítica ao governo era considerada "subversiva". Nesse sentido, seguem-se diversas medidas arbitrárias nos Atos Institucionais – Al's. Por meio desse tipo de instrumento jurídico, o Poder Executivo conseguia se impor aos demais poderes. Indiscutivelmente, a existência dos Al's tornava o Brasil uma ditadura. De 1964 a 1969 foram editados 17 Al's.

Principais Al's	Ano	Característica
Al 1	1964	Cassações de políticos considerados "subversivos".
Al 2	1965	Extinguiu os partidos políticos existentes e criou o bipartidarismo: - o partido do governo: ARENA (Aliança Renovadora Nacional). - o partido da oposição consentida, isto é, que o regime permitia que existisse e atuasse, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).
AI 3	1966	Adiamento das eleições presidenciais, tornadas indiretas.
Al 4	1966	Abertura do Congresso para aprovar uma nova constituição.
Al 5	1968	O pior dos Al´s. Fechou o Congresso Nacional, cassou mandatos, suprimiu direitos e fortaleceu a autoridade presidencial.

Tabela 1: Os principais Atos Institucionais outorgados pelo governo militar e suas respectivas características.

Outro aspecto que reforça o caráter ditatorial foi a escolha dos presidentes no período. Nenhum foi eleito pelo voto direto e todos eram generais do Exército Brasileiro. Vamos conhecê-los.

1. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) e os primeiros Al´s:



Castelo Branco foi o primeiro presidente militar da Ditadura e iniciou em seu governo a repressão a militares contrários ao golpe, lideranças sindicais e estudantis, Ligas Camponesas e intelectuais, como vários educadores.

A criação de Inquéritos Policial-militares (IPMs), que investigavam e indiciavam os suspeitos de "subversão", garantiam a eficiência da repressão. Essa foi promovida ainda pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), idealizado pelo General Golbery do Couto e Silva.

No campo econômico foi criado o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), que reduziu a inflação e o déficit público às custas dos trabalhadores, que tiveram seus salários "arrochados", ou seja, recebiam aumentos que não permitiam recuperar seu poder de compra.

2. Marechal Artur da Costa e Silva (1967-1969): a ditadura mostra suas garras com o Al-5:



Costa e Silva assume o governo com promessas de diálogo e uma leitura liberal da nova Constituição de 1967. Esta estabeleceu eleições indiretas para presidente e governadores e aumentou o poder do presidente.

Nesse governo, ocorreu um aumento das contestações à ditadura. A novidade foi que até mesmo políticos que tinham apoiado o golpe, como Carlos Lacerda, não estavam mais satisfeitos com o regime. Lacerda criou a Frente Ampla, que tinha Juscelino Kubitschek e João Goulart como participantes, para reivindicar a redemocratização.

Em reação a essas mobilizações, numa sexta-feira 13, em dezembro de 1968, foi baixado o Al-5. Este ato, ao contrário dos anteriores, não tinha prazo para acabar. Com ele, o presidente voltou a ter poderes para fechar o Congresso, cassar mandatos e suspender direitos políticos. Além disso, o Al-5 suspendeu a garantia de *habeas corpus* aos acusados de crimes contra a segurança nacional; expurgou vários funcionários públicos, inclusive muitos professores universitários; estabeleceu na prática a censura aos meios de comunicação – porque a censura à Imprensa se instala a partir do Golpe – e a quaisquer manifestações culturais contrárias ao governo. Além disso, a tortura passou a fazer parte dos métodos da repressão política.

3. General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974): o auge da repressão e o milagre brasileiro:



Com a morte do Marechal Costa e Silva, foi criada uma Junta de Ministros Militares que impediu a posse do vice-presidente, o civil Pedro Aleixo, um dos poucos integrantes do governo contrários ao Al-5. Sob a Junta Militar, o Congresso enfraquecido aprovou o General "linha dura" Médici. Seu governo foi marcado pelo auge da violenta repressão a quaisquer movimentos contestatórios e por uma propaganda oficial em torno do slogan do "Brasil Grande", amparada no crescimento da economia com o "milagre brasileiro" e no tricampeonato mundial de futebol, vencido no México, em 1970.

O "milagre econômico" estendeu-se de 1969 a 1973, combinando extraordinário crescimento econômico com períodos de baixa na taxa de inflação. A disponibilidade de recursos da economia mundial possibilitou aos países em desenvolvimento uma maior facilidade de adquirir empréstimos. Foi esse o "santo" por trás do "milagre": os empréstimos obtidos no exterior. Uma maior circulação de capital permitiu a ampliação de créditos aos consumidores, atraindo fortes investimentos das empresas multinacionais. A indústria automobilística liderou o crescimento anual em 30% e a venda de aparelhos de TV praticamente triplicou.

O bom desempenho do "milagre" dependia, cada vez mais, das condições internacionais, com a oferta de capitais para serem emprestados. Foi por isso que o milagre acabou quando as condições internacionais se alteraram, a partir de 1973. Após a **Guerra do Yom Kippur** (1973), entre árabes e israelenses, houve o I Choque do Petróleo.

Vocabulário

Guerra do Yom Kippur: Em outubro de 73, com uma ação surpresa, o Egito e a Síria atacaram Israel. Após cruzarem o Canal de Suez, tomaram de assalto as fortificações – "linha Bar-Lev" – que pertenciam aos israelenses pela extensão do canal. Continuaram avançando sobre a península do Sinai, havendo ainda a recuperação das Colinas de Golã por parte da Síria. O nome dado a esta guerra, Yom Kippur, relaciona-se com o dia da invasão, realizada no feriado judaico do "dia do perdão". Os israelenses, após três semanas, recuperaram suas posições. EUA e União Soviética interferiram no conflito, o que gerou preocupações de um confronto em maior escala, havendo até mesmo a primeira declaração de alerta nuclear desde a crise dos mísseis cubanos.

Nesse contexto, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), composta predominantemente por países do Oriente Médio, provocou a alta do preço do barril do óleo. Os países produtores de petróleo quadruplicam o preço do produto causando profunda instabilidade na economia mundial, levando a uma crise com retração de empréstimos e investimentos.

O encarecimento do óleo atingiu a economia mundial e os empréstimos para países, como o Brasil, foram reduzidos e ficaram com juros muito mais altos. Com isso, a dívida externa atingiu limites recordes. O crescimento econômico foi interrompido e a concentração de renda no Brasil aumentou. A hora de "dividir o bolo", na fórmula defendida pelo ministro Delfim Neto de "deixar o bolo crescer, para depois repartir", estava cada vez mais distante de acontecer.

O futebol é uma paixão nacional, não é mesmo? Afinal de contas somos o país do futebol e única nação cinco vezes campeã da Copa do Mundo. No entanto, nem sempre esse esporte foi usado unicamente para fins culturais e de diversão. Ele já foi alvo de interesses políticos. Durante o regime militar, o futebol foi importante ferramenta de propaganda dos governos ditatoriais.

No governo Médici, a conquista da Copa do Mundo em 1970 foi utilizada para alavancar seu governo, exaltar o Brasil e diminuir as vozes da oposição (*slogans* como "Brasil Ame ou Deixe-o", "Ninguém segura este país" foram criados dentro deste contexto). Dizem, inclusive, que a substituição do técnico João Saldanha, jornalista e treinador, que classificou o Brasil para a disputa da Copa do Mundo no México, em 1970, por Mario Jorge Lobo Zagallo foi fruto de interferência do governo militar de Médici. O presidente percebia Saldanha como um elemento "subversivo".





Figura 4: Seleção brasileira de 1970, tricampeã de futebol no México em 1970.



Não foi apenas a seleção brasileira que foi usada pelo governo militar. O Santos Futebol Clube, time em que Pelé jogava, foi utilizado muitas vezes como instrumento diplomático para estreitar relações ou diminuir e redirecionar as críticas feitas ao Brasil, em especial pelos países europeus, pelo autoritarismo e violação dos direitos humanos de seu governo.

Diversos jogadores de futebol foram vigiados e seus passos mapeados pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), órgão de vigilância do governo militar, sendo muitos deles impossibilitados de jogarem na seleção brasileira. O caso mais notório foi o de Afonsinho. Jogador de futebol com passagens marcantes por Botafogo (1965/70), Vasco (71), Santos (72), Flamengo (73/74) e Fluminense (81/82). Ele nunca foi convocado para a seleção brasileira, mesmo com o inegável talento que possuía. Ao se recusar a cortar seus cabelos e barba chegou, inclusive, a ficar impossibilitado de exercer a profissão por algum tempo, no ano de 1971, tendo que ir à justiça para conseguir obter a propriedade de seu próprio passe, feito inédito na época. Por seu comportamento crítico era considerado comunista e "subversivo". O próprio atual presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), José Maria Marin, é apontado por muitos jornalistas e estudiosos do período como um dos diretos responsáveis pela morte e tortura do jornalista Vladimir Herzog, crítico do sistema ditatorial brasileiro.



Afonsinho e o passe livre

Clique no link a seguir e conheça um pouco mais sobre a história do jogador Afonsinho e como ele, hoje, avalia as suas atitudes tomadas na época da Ditadura.

http://oglobo.globo.com/rio/perfil-afonsinho-homem-que-mudou-jogo-9691469

4. General Ernesto Geisel (1974-1979): abertura "lenta, gradual e segura":



A mais importante medida do governo Geisel foi a abertura lenta, gradual e segura, com a volta dos militares aos quartéis.

Enquanto tentava diminuir o ímpeto da "linha-dura", o governo permitiu que as eleições legislativas se realizassem num clima de relativa liberdade, com acesso dos dois partidos permitidos ao rádio e à televisão. O resultado foi o fortalecimento da oposição legal, o MDB, diante da ARENA.

Em seu governo, Geisel combinou medidas repressivas, como a utilização do Al-5 e o fechamento do Congresso em 1977, com medidas de abertura política, como o fim do Ato Institucional nº 5 – Al 5.

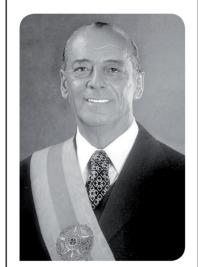
5. General João Batista Figueiredo (1979-1985): Anistia, pluripartidarismo e Diretas Já:

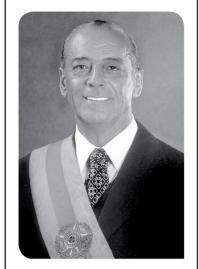
No mandato de Figueiredo houve a continuidade do processo de abertura, iniciado por Geisel. A primeira medida nessa direção foi dada em 28 de agosto de 1979 quando foi decretada a Anistia ampla, geral e irrestrita.

No mesmo ano, a ARENA e o MDB foram extintos e novos partidos políticos foram criados. O Congresso aprovou uma lei de reforma partidária com a formação de novos partidos, que seriam legalizados nos anos seguintes: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de Ivete Vargas; Partido Democrático Trabalhista (PDT), de Leonel Brizola; Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula; Partido Popular (PP), de Magalhães Pinto e Tancredo Neves. A ARENA transforma-se no Partido Democrático Social (PSD), herdeiro da velha UDN. Este é o novo partido do governo, de Paulo Maluf e Delfim Neto. O MDB, procurando manter a imagem de partido de oposição à ditadura, transforma-se no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), de Ulysses Guimarães.

Em 1982, a realização de eleições gerais dava prosseguimento às medidas de abertura do regime militar, iniciadas com a Anistia. Mas a "linha dura" das Forças Armadas não estava satisfeita com a abertura política. Através de atentados terroristas, a linha-dura pretendia incriminar grupos de esquerda e disseminar o pânico pela sociedade. Alguns desses atentados chegaram a ser executados (os do Riocentro e da OAB, por exemplo), enquanto outros, felizmente, ficaram apenas nas intenções (como o plano de explodir o gasômetro do Rio de Janeiro). A expectativa era a de impedir a continuidade do processo de devolução do poder aos civis.

Em 1982, ainda, foram realizadas eleições diretas para governadores, senadores, prefeitos e deputados federais e estaduais em quase todo o país (excluídas as áreas de segurança nacional, como os municípios do Rio de Janeiro, São Paulo e Volta Redonda, que só puderam escolher diretamente seus prefeitos depois de 1985). No âmbito estadual, a oposição ao regime vence em Minas Gerais com Tancredo Neves, em São Paulo com Franco Montoro e no Rio de Janeiro, com Leonel Brizola.





A vitória da oposição nesses estados foi fundamental para a maior mobilização política da história do país até então: a Campanha das Diretas Já. Com a presença de 1 milhão de pessoas na Candelária, no Rio de Janeiro, e de 1,3 milhão no Anhangabaú, em São Paulo, os comícios reuniam políticos e lideranças de oposição que queriam que o sucessor de Figueiredo fosse escolhido pelo voto direto. Apesar da forte mobilização, a proposta de alteração da Constituição não recebeu os votos necessários, e com isso não foi aprovada pelo Congresso Nacional.

Assim, o sucessor do general Figueiredo foi escolhido pelo voto indireto. O Colégio Eleitoral de 686 cidadãos elegeu o presidente, em nome de 60 milhões de eleitores. Tancredo Neves seria o primeiro civil a ocupar o posto máximo da República desde 1964. A votação, que deu vitória tranquila para Tancredo, com 480 votos, contra 180 recebidos por Paulo Maluf, o candidato do PSD, marcou o fim do **regime de exceção** brasileiro, que havia sido anunciado mais de dez anos antes. No dizer do presidente eleito, iniciava-se a "Nova República".

Porém, o presidente eleito adoece, é internado, e morre no hospital, antes da posse, num dos mais dramáticos episódios da História republicana do Brasil. Toma posse o vice-presidente eleito, José Sarney, ex-líder da ARENA e ex-presidente do PSD, que deixou o partido junto com vários dissidentes para formar a Frente Liberal, aliando-se, em seguida, ao PMDB, por obra e articulação de Tancredo.

Leia a letra de música de Miguel Gustavo e responda às questões:

Pra Frente Brasil (Copa de 1970)

Noventa milhões em ação

Pra frente Brasil

Do meu coração

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil

Salve a Seleção

De repente é aquela corrente pra frente

Parece que todo o Brasil deu a mão

Todos ligados na mesma emoção

Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil, Brasil

Salve a Seleção.

Composição: Miguel Gustavo, 1970

Fonte: http://www.vagalume.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html

- a. Em 1970, o Brasil se consagrou tricampeão mundial de futebol. De que maneira, o governo militar do general Médici utilizou-se da conquista brasileira em seu governo?
- Relacione a letra de música acima com os slogans publicitários utilizados pela ditadura militar como: "Ninguém segura este país", "Brasil, ame-o ou deixe-o", "Você constrói o Brasil".



Atividade

2

Seção 3

Movimentos de contestação ao regime militar



Figura 5. Rua do Rio de Janeiro completamente tomada. Segundo as autoridades, mais de 100 mil pessoas participaram dos manifestos de 17 de junho de 2013.

As manifestações que aconteceram em diversas cidades do Brasil, em junho de 2013, chamaram a atenção do mundo inteiro. Muitos analistas se diziam surpreendidos com tais atos, que não eram observados desde o começo dos anos 1990. Nas semanas seguintes, se intensificaram, por motivos diversos, protestos e reivindicações em todo país.

O que foi pouco mencionado é que essas ações se inserem numa história e numa tradição de contestação que acompanhou segmentos da sociedade brasileira. Em especial, durante a Ditadura Militar, mesmo com a repressão e a vigilância constantes, setores da sociedade encontraram brechas e exploraram as margens estreitas do regime para protestarem e reivindicarem direitos. São essas ações de que trataremos a seguir.

A contestação nas artes

"Mais que nunca, é preciso cantar", sugeria a voz de Nara Leão no musical Opinião, onde ela expressava com seu canto os desejos de todos que se opunham ao Golpe de 1964: esperança e resistência. A cantora subia no palco com

dois compositores de origem popular, o carioca da zona norte Zé Kéti e o maranhense João do Vale. Sem dúvida, se tratava da primeira resposta, de cunho artístico, ao Golpe. O nome da peça resume o conteúdo da arte nesse momento: ela se faria tanto mais expressiva quanto mais se tivesse "OPINIÃO", quanto mais ela se fizesse instrumento para a divulgação de conteúdos políticos e sociais de protesto.

Não só essa peça, mais outras, como "Liberdade, Liberdade", encenada no Teatro Arena, e *O Rei da Vela*, no Teatro Oficina, mostravam o ambiente cultural de busca de mobilização do público, de denúncia e de renovação da linguagem artística, fazendo-a uma amostra da realidade difícil da maioria do povo brasileiro.

No cenário musical, em 1967, acontecia o III Festival da Música Popular Brasileira que marcou a música nacional, devido ao surgimento do Tropicalismo. As músicas "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso e "Domingo no Parque", de Gilberto Gil, trazem um modo original de compor, de organizar arranjos e de cantar.

No arranjo da música de Gil, encontram-se mesclados elementos da tradição popular, da tradição mais culta e o que havia de mais avançado na técnica da música internacional. A canção de Caetano traz à tona o cotidiano da cultura urbana do momento: bancas de revista, fotos e nomes, telefone, entre outros elementos. Destaca-se ainda uma tomada de posição crítica quanto aos rumos da MPB e uma crítica comportamental: a família, o casamento, a sexualidade, passam a ser problematizados. Percebe-se certa presença dos movimentos *hippie* e da *contracultura* que nesse momento influenciavam jovens em todo o mundo.

```
"Caminhando contra o vento sem lenço sem documento no sol de quase dezembro eu vou (...)
o sol se reparte em crimes espaçonaves guerrilhas em cardinales bonitas eu vou (...)
por que não? por que não?"
(Caetano Veloso, Alegria Alegria)
```

Outros exemplos dessa criação cultural contestatória observamos no cinema e no teatro. O cinema traz para as telas a miséria de um povo sem direitos mínimos, como nos trabalhos de Cacá Diegues e Glauber Rocha. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena procuram dar ênfase aos autores nacionais e denunciar a situação do país.



Sérgio Porto, sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, publicou o FEBEAPÁ (Festival de Besteiras que assolam o país) - um inventário com os absurdos praticados pelas autoridades brasileiras:

"Foi então que estreou no Teatro Municipal de São Paulo a peça clássica Electra, tendo comparecido ao local alguns agentes do DOPS para prender Sófocles, autor da peça e acusado de subversão, mas já falecido em 406 a.C."

"Em Campos houve um fato espantoso: a Associação Comercial da cidade organizou um júri simbólico de Adolph Hitler, sob o patrocínio do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Ao final do julgamento, Hitler foi absolvido."

O movimento estudantil

As manifestações de rua contra o regime militar aumentaram em 1968 com a indignação diante da morte do estudante secundarista Edson Luís. O crime aconteceu durante a repressão policial a um protesto, realizado no Rio de Janeiro, contra a qualidade da alimentação fornecida aos estudantes pobres no restaurante Calabouço. A data de sua morte passou a marcar *O Dia Nacional da Luta* – no âmbito estudantil –, com a realização de passeatas e manifestações anualmente, e deu nome ao jornal da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas – RJ (AMES) – "Jornal 28 de março".

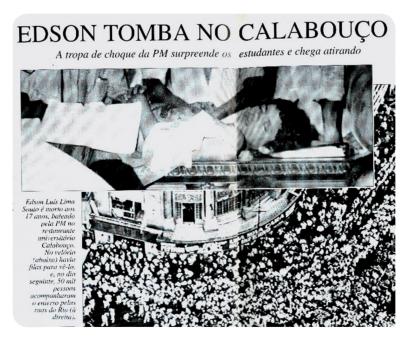


Figura 6: Jornais noticiam a morte do estudante Edson Luís.

O ponto alto da mobilização da sociedade na luta pela democratização foi a passeata dos Cem Mil, realizada no Rio de Janeiro. Não só estudantes, mas artistas, trabalhadores, setores da Igreja e da classe média, estiveram presentes. Agora, eram os filhos da classe média que saíam às ruas. Não para apoiar o golpe civil-militar como em 1964, mas sim, para repudiar o regime estabelecido.



Figura 7. Passeata dos 100 mil.

"Tem dias que a gente se sente

Como quem partiu ou morreu

A gente estancou de repente

Ou foi o mundo então que cresceu

A gente quer ter voz ativa

No nosso destino mandar

Mas eis que chega a roda viva

E carrega o destino pra lá..."

(Chico Buarque de Holanda, Roda Viva)

As organizações da esquerda armada: a guerrilha urbana e a rural

Depois do AI-5, com as perseguições e prisões, muitos militantes do movimento estudantil ingressariam na luta armada.

Com forte atuação nos centros urbanos, entre 1968 e 1973, podemos destacar a ALN (Ação Libertadora Nacional) que nasceu da cisão do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Dentre suas estratégias de atuação podemos citar os sequestros para conseguir recursos financeiros e a libertação de companheiros de luta. A história desta organização está atrelada ao nome de **Carlos Marighella**, antigo dirigente do PCB. Marighella foi uma das vítimas da repressão contra os opositores do regime militar, sendo executado em 4 de novembro de 1969, em São Paulo. A repressão e as prisões dos guerrilheiros comprometeram a sobrevivência do grupo, que se desarticulou em 1974.

Apesar de alguns setores das esquerdas defenderem propostas de luta armada para alcançar o socialismo, após o Al-5, atos violentos, inclusive com mortes, seriam promovidos. A ação mais espetacular das muitas organizações da esquerda armada foi o rapto do embaixador dos EUA no Brasil. Essa foi uma das ações de maior ressonância, com a leitura de um manifesto em cadeia nacional de televisão, conseguindo a libertação de quinze presos políticos, que seguiram para o México. Todo esse episódio foi relatado no livro *O que é isso companheiro*, de Fernando Gabeira, transportado para as telas de cinema, em 1997, no filme homônimo, dirigido por Bruno Barreto.

O sucesso dessa iniciativa levaria, nos anos seguintes, ao sequestro de outros diplomatas estrangeiros para trocá-los por prisioneiros políticos. Depois da promulgação do Al-13, a pena para os sequestradores seria o banimento do território nacional.

Durante o governo do General Médici (1969-1974) e em parte do governo do General Geisel (1974-1979), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) organizou destacamentos guerrilheiros nas localidades de Xambioá e Marabá, no Pará, posicionando-se como resistência armada à ditadura. Contra eles, a *linha dura* insistiu em investidas mais fortes e conseguiu a aplicação de quatro caças de combate T-6, quatro helicópteros UH, três aviões Búfalo, um C-47 e quatro aviões D-19. Alguns depoimentos de militares indicam a utilização de *napalm*, além de um efetivo de homens estimado em dez mil.

Vocabulário

Napalm: Mistura de substâncias viscosas e petróleo (ou similar combustível), usada como armamento militar. Quando usada contra uma pessoa, essa arma se gruda à pele humana, incendiando-se e, consequentemente, causando severas queimaduras.

Num primeiro momento, a repressão fez prisioneiros. Na medida que as forças militares perceberam que a guerrilha se enfraquecera, os militantes passaram a ser caçados e assassinados. Ainda hoje seus familiares lutam para saber o destino dos corpos.



Figura 8: No mapa, em amarelo, a região do Araguaia. No círculo, a área de enfrentamento entre guerrilha e exército (1972-74).

No interior do país destacou-se a Guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1974, sob a direção do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Os integrantes defendiam o fim da exploração dos grandes proprietários de terras sobre os trabalhadores rurais e afirmavam que a tomada do poder deveria começar em áreas rurais, ganhando com isso, a adesão de parte da população camponesa local. A ditadura militar reagiu e enviou para a região tropas que agiram com extrema violência contra os rebelados: muitos moradores da região foram presos e espancados e a campanha militar terminou com a morte de inúmeros guerrilheiros. Acredita-se que metade do número total de desaparecidos políticos no Brasil se refere aos guerrilheiros do Araguaia.



Figura 9: Grupo de guerrilheiros no Araguaia, década de 1970. Corpos de guerrilheiros mortos com as mãos amarradas, observados por militares.

O tema "Esquerda Armada" ainda é polêmico. Alguns acusam a guerrilha de ter "endurecido" a ditadura militar com seus atentados, dando a eles uma desculpa para não abrir o regime. Outros afirmam que, em nome da justiça e da igualdade social, a esquerda armada também cometeu crimes e outras arbitrariedades. Tal como dizia o manifesto publicado pelos guerrilheiros na negociação da soltura do embaixador norte americano: "Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente."

A imprensa alternativa

No final dos anos 1970, o regime era questionado não somente pelo MDB, como também pela oposição de outros segmentos da sociedade. Os fatos que eram abafados na imprensa, seja pela censura, seja pela simpatia na defesa do regime pelos empresários dos meios de comunicação, cada vez mais vinham a público. Exemplo disso foram as denúncias de torturas e assassinatos cometidos pelos órgãos de repressão, como a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, e do operário Manoel Fiel Filho, em 1976.

O semanário carioca *O Pasquim* é um dos maiores exemplos da imprensa chamada, na época, alternativa (contrastando com a grande imprensa) ou imprensa nanica (devido às mínimas equipes e tiragens). Oposição ferina e descontraída ao regime militar, O Pasquim reuniu nomes como Henfil, Jaguar, Ziraldo, Sérgio Cabral, Millôr, Paulo Francis e Paulo de Tarso. Foi censurado e perseguido, com sua equipe de redação sofrendo uma prisão coletiva, mas deixaria um legado que inspiraria outras publicações.

O jornal *Brasil Mulher* foi um desses exemplos. Jornal feminista, editado em Londrina, com **sucursais** no Rio e em São Paulo, junto com outros periódicos como *Nós Mulheres* (1976) e *Mulherio* (1981), defenderam uma concepção

alternativa de política, que articulava a luta geral pelo socialismo com a luta pela emancipação das mulheres. A valorização do cotidiano, as relações pessoais, a subjetividade, as experiências de vida foram algumas das inovações que esses jornais trouxeram.

Numa outra direção, surgiram jornais voltados para homossexuais no final da década de 70. Esses jornais buscavam politizar a questão do homossexualismo e inseri-la numa luta mais ampla, afirmando que uma sociedade livre seria aquela que permitisse a livre opção sexual e o livre exercício do prazer. Destacam-se os jornais *Gente Gay*, da Aliança de Ativistas Homossexuais, lançados em 1977; o jornal *Boca da Noite*, lançado em 1980; e o *Lampião da Esquina*, lançado em 1981. Todos eles do Rio de Janeiro.

No final dos anos 1970, ganha força a "Imprensa Negra". Esta imprensa representou o renascer do movimento negro no Brasil, após a repressão indiscriminada dos primeiros anos do regime militar, e espelhou os principais debates e pontos de conflito dentro deste movimento. Em torno de jornais como *Sinba* (1977), *Tição* (1978) e *Koisa de Crioulo* (1981), se consolidou um grupo de militância que teve grande importância nos anos posteriores.

Apesar da vigência da censura, a imprensa alternativa construiu um espaço em que as diferentes reivindicações dos movimentos sociais – feminista, gay e negro – somente seriam alcançadas com a derrubada do regime autoritário.

Os movimentos de trabalhadores da cidade e do campo

Além disso, se fortalecia uma nova oposição: a sindical. A primeira greve, desde o Al-5, foi protagonizada pelo sindicato dos metalúrgicos do ABC paulista - região formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano. Essa greve representou a adesão da classe trabalhadora à luta contra o regime. O presidente Figueiredo decreta a intervenção nos sindicatos de metalúrgicos e muitos dirigentes foram presos, dentre eles, Luiz Inácio "Lula" da Silva. Contudo, devido às pressões da sociedade, a ordem de prisão foi suspensa e os sindicalistas presos foram libertados. Assim, multiplicam-se as greves, principalmente no ABC paulista. Dos movimentos de trabalhadores organizados emerge o "novo sindicalismo" — em cujo campo surgiu o PT (1980).



Figura 10: Jornal "Movimento", anunciando uma matéria sobre Luiz Inácio Lula da Silva.

No campo, as ocupações de terra se intensificam a partir de 1979. O avanço dessas lutas leva à fundação do MST (Movimento dos Sem Terra), em 1984, organização que hoje é referência para movimentos sociais de esquerda em toda a América Latina, no campo e na cidade.

Toda essa resistência aponta para a importância que teve a participação popular na garantia da reabertura política no país.



Comissão da Verdade

Instalada em 16 de maio de 2012, no governo Dilma, a partir da criação da Lei n.º12.528, de 18 de novembro de 2011, a Comissão da Verdade tem por objetivo apurar a violação de direitos humanos, no período entre 1946 e 1988.

Durante a cerimônia de posse aos sete integrantes da comissão (Cláudio Fonteles, Gilson Dipp, José Carlos Dias, João Paulo Cavalcanti Filho, Maria Rita Kehl, Paulo Sérgio Pinheiro e Rosa Maria Cardoso da Cunha), Dilma destacou que a comissão não tem por princípio o revanchismo ou é movida pelo ódio; pelo contrário, destacou que sua instalação procura fazer com que o Brasil conheça a totalidade de sua história: "A ignorância sobre a história não pacifica, pelo contrário, mantém latente mágoas e rancores". Com a missão de apurar os crimes e violações dos direitos humanos durante o período militar, a comissão terá o prazo de dois anos para realizar as investigações necessárias.

Mais do que levantar ou expor os crimes contra os direitos humanos praticados pelas ações nefastas dos "porões" da Ditadura, a Comissão da Verdade pode proporcionar ao Brasil uma chance única: a cicatrização de feridas ainda abertas em nossa sociedade, resultado das iniciativas violentas dos governos militares e que ainda hoje clamam ser solucionadas.





Essa é a página oficial da Comissão da Verdade. Nela, você pode ter acesso a todas as investigações que são realizadas pelo grupo. Acesse: http://www.cnv.gov.br/index.php

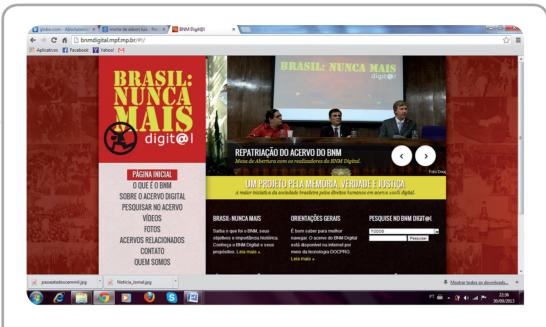
Como se deu o fim da Ditadura?

O processo de abertura política da ditadura militar brasileira teve início durante o governo do general Ernesto Geisel (1974-1978), aprofundando-se no governo de João Figueiredo (1979-1985). Na seção 3, você viu alguns dos movimentos da sociedade a favor da abertura política durante esse período, cite um deles.









O site *Brasil: Nunca Mais Digital* tem um dos acervos mais completos acerca dos crimes do período ditatorial brasileiro. Vale a pena conferir! Acesse: http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/

Resumo

- Nas décadas de 1960 e 1970, a América Latina sofreu diversos golpes de estado que conduziram a regimes autoritários de direita.
- Essas ditaduras violaram sistematicamente diversos direitos humanos, promovendo a censura, a repressão
 e a violência contra seus críticos e opositores.
- As sociedades latinoamericanas desenvolveram diversas formas de contestação que contribuíram para a retomada da ordem constitucional e democrática. O caso brasileiro exemplifica muito bem esse processo.
- Os 21 anos do regime militar só foram derrotados graças à ação de diversos movimentos de resistência nos quais se engajaram artistas, estudantes, políticos, trabalhadores do campo e da cidade e diversos outros grupos que lutaram por seus direitos.
- Apesar do sucesso dessas lutas e do fim da ditadura, a democracia é um bem que ainda precisa ser aperfeiçoado no nosso país e no continente.

Veja Ainda

Filmes:

- Jango. Direção de Silvio Tendler. Brasil, 1984. Documentário, 35mm, 117 min., Caliban. Narração de José
 Wilker.
- O Sol: caminhando contra o vento. Direção de Tetê de Moraes. Brasil, 2005. Documentário, 35mm, 95 min.,
 Vemver.
- Hércules 56. Direção de Silvio Da-Rin, 2006. Documentário, 35mm, 94 min., RioFilme.
- Tancredo: a travessia. Direção de Sílvio Tendler. Brasil, 2010. Documentário, 120 min., Intervideo Digital.

REFERÊNCIAS

- CHASTEEN, John Charles. *América Latina*. São Paulo: Campus, 2002.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia. O Brasil republicano. 4 Vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. (orgs.). As esquerdas no Brasil. 3 Vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FICO, Carlos. "Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar". *Revista Brasileira de História*, vol. 24, n° 47, p. 29-60, 2004
- GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. A ditadura derrotada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GASPARI, Elio. A ditadura encurralada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar:* quarenta anos depois (1964-2004). Bauru, São Paulo: Edusc, 2004
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editores, 2000.

- RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo Brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Ana Maria. "América Latina: Dependência, ditaduras e Guerrilhas". In: AARÃO Reis et Alii (Org.) O Século XX. Volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Guanabarasandbag.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=36048



• http://www.tvufg.org.br/wp-content/uploads/2012/03/o-dia-que-durou-21-anos.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Castelobranco.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Costa_e_Silva.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Garrastazu_m%C3%A9dici.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_1970.JPG



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ernesto_Geisel.jpg



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Figueiredo.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ABr17062013TMZ0029.jpg



http://www.rebeliao.org/2013/03/28/491/



• http://www.bradoretumbante.org.br/sites/default/files/passeatadoscemmil.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerrilha_do_Araguaia



http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerrilha_do_Araguaia



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37099



http://www.cnv.gov.br/index.php



• http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/

Atividade 1

- O reconhecimento das organizações Globo de que apoiou o golpe de 1964 e que o editorial exaltando a tomada de poder por um regime civil-militar foi um erro.
- b. Sim, como o texto destaca, *O Globo* não foi a única instituição a concordar com a intervenção dos militares em 1964, outros grandes jornais da época também o fizeram, como "O Estado de S.Paulo",a "Folha de S. Paulo",o "Jornal do Brasil" e o "Correio da Manhã". Da mesma forma, parcela importante da população apoiou o golpe civil-militar, através da expressa adesão em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

Atividade 2

- a. Durante o regime militar, o futebol foi importante ferramenta de propaganda dos governos ditatoriais. No governo Médici, a conquista da Copa do Mundo em 1970 foi utilizada para alavancar seu governo, exaltar o Brasil e diminuir as vozes da oposição
- b. Slogans como "Brasil Ame ou Deixe-o", "Ninguém segura este país" foram criados dentro desse contexto e ajudaram a construir um sentimento de nacionalismo acentuado, provocando verdadeiros antagonismos na sociedade brasileira. Isto é, amar o Brasil era, acima de tudo, compactuar com as ações do governo e não boicotar ou criticar qualquer questão que envolvesse o Brasil, inclusive o futebol.



Atividade 3

Respostas das Atividades

Você pode citar as ações de contestação nas artes, os movimentos de trabalhadores da cidade e do campo, as ações da imprensa alternativa com publicações como do *Pasquim*, algumas das organizações da esquerda armada ou ainda destacar o movimento estudantil e as Diretas Já.



Questão 1 (Enem 2010)

A gente não sabemos escolher presidente/ A gente não sabemos tomar conta da gente/ A gente não sabemos nem escovar os dentes/ Tem gringo pensando que nóis é indigente/ Inútil/ A gente somos inútil

MOREIRA, R. Inútil. 1983 (fragmento).

O fragmento integra a letra de uma canção gravada em momento de intensa mobilização política. A canção foi censurada por estar associada:

- a. ao rock nacional, que sofreu limitações desde o início da ditadura militar;
- b. a uma crítica ao regime ditatorial que, mesmo em sua fase final, impedia a escolha popular do presidente;
- c. à falta de conteúdo relevante, pois o Estado buscava, naquele contexto, a conscientização da sociedade por meio da música;
- d. à dominação cultural dos Estados Unidos da América sobre a sociedade brasileira, que o regime militar pretendia esconder;
- e. à alusão à baixa escolaridade e à falta de consciência política do povo brasileiro.

Gabarito: B

Questão 2 (Uerj 2011)

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões

Sob os meus pés os caminhões

Aponta contra os chapadões

Meu nariz

Eu organizo o movimento

Eu oriento o carnaval

Eu inauguro o monumento no planalto central

do país

(...)

O monumento não tem porta

A entrada é uma rua antiga, estreita e torta

E no joelho uma criança, sorridente, feia e morta

Estende a mão

(...)

Disponível em www.caetanoveloso.com.br

O disco e a música Tropicália tornaram-se símbolos do "Tropicalismo", movimento protagonizado por artistas e intelectuais, no Brasil, em finais da década de 1960.

Esse movimento destacou-se, principalmente, pela seguinte proposta:

- a. valorização do pluralismo cultural;
- b. denúncia das influências estrangeiras;
- c. enaltecimento da originalidade nacional;
- d. defesa da homogeneização de comportamentos sociais.

Gabarito: A

Questão 3 (UERJ - 2010)

Para nós, operários, milagre é conseguir sobreviver com os baixos salários que recebemos. Para isso, somos obrigados a trabalhar 12 a 13 horas por dia, e muitos trabalham aos domingos, o que significa, na prática, o fim de uma das maiores conquistas da classe operária: a jornada de 8 horas e o descanso semanal.

Manifesto da Oposição Metalúrgica de São Paulo, 1975.

Apud PAES, Maria Helena Simões. Em nome da segurança nacional: do golpe de 64 ao início da abertura. São Paulo: Atual, 1995.



In: Nosso Século, nº 78. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Entre 1969 e 1973, em função das taxas de crescimento então alcançadas, o momento econômico do país ficou conhecido como "milagre brasileiro".

Com base no testemunho do movimento operário e na publicidade, pode-se concluir que os principais efeitos do "milagre brasileiro" foram:

- (A) elevação do PIB expansão dos sindicatos;
- (B) nacionalização da indústria revisão das leis trabalhistas;

- (C) modernização da tecnologia qualificação da mão de obra;
- (D) internacionalização da economia concentração de renda.

Gabarito: D





Afasta de mim esse cale-se: a redemocratização brasileira

Para início de conversa...



Figura 1: Aprovação da Constituição de 1988 (Foto: Agência Senado)

O que você observa nesta imagem? Onde se passa e quem seriam essas pessoas? Essa foto representa o momento no qual a atual Constituição brasileira foi aprovada, em 05 de outubro de 1988, na Câmara dos deputados. Mas você sabe o que é uma Constituição e para que serve? Ela é a lei máxima de um país e serve para regulamentar as relações entre os homens em uma sociedade. A nossa atual Carta Constitucional também é conhecida como Constituição Cidadã porque pôs fim aos anos de chumbo do regime militar, acabando com o resquício da ditadura e retomando a democracia no Brasil. A partir desse momento, o povo escolheria seus representantes.

Você lembra em quem votou nas últimas eleições? O processo eleitoral é uma parte importante da democracia, afinal, somos nós, cidadãos, através do voto, que escolhemos quem tomará as decisões mais importantes para todo o país. Mas, só votar de forma consciente não basta, precisamos fiscalizar e cobrar dos nossos candidatos durante todo o tempo em que estiverem nos representando.

Você já leu a nossa Constituição? Isso é um exercício de cidadania, pois conhecer a Constituição é uma forma de saber nossos deveres e direitos. Procure-a na biblioteca do seu colégio ou da sua cidade. Também é possível consultá-la pela internet (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Leia, informe-se e participe da nossa democracia.

Nessa unidade, aprenderemos como estava a situação política, econômica, social e cultural do Brasil no período de 1980 a 1990. Trataremos de assuntos como o mercado de trabalho, a cidadania, os movimentos sociais e a vida cotidiana dos brasileiros e brasileiras que viveram num período classificado por alguns como "década perdida". Bom estudo!

Objetivos da aprendizagem

- Compreender os movimentos de dominação e resistência na ditadura civil-militar e no processo de redemocratização;
- Contextualizar os diferentes agentes que contribuíram para as sucessivas crises político-econômicas no Brasil;
- Analisar a situação socioeconômica brasileira e sua repercussão;
- Analisar o processo histórico de redemocratização e seus desdobramentos.

Seção 1

Redemocratização do Brasil

Você sabe quem faz as leis de nosso país? No Brasil, cabe ao Congresso Nacional, às Assembleias Legislativas Estaduais e às Câmaras Municipais discutir e elaborar a legislação e está sob nossa responsabilidade, através do voto, escolher esses membros do poder legislativo. Todavia, senadores, deputados e vereadores não atuam de forma totalmente independente. Eles precisam manter uma relação de diálogo com o **chefe do poder executivo** que tem o direito de vetar as propostas apresentadas. Lembra-se que na aula sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil estudamos que o direito de voto foi restringindo, que perdemos o poder de escolher os nossos governantes? E você, considera o voto um momento importante? Pois saiba que milhares de pessoas foram às ruas, em todo o país, exigir o retorno da democracia e o direito de eleger o presidente da Repúbica. Era o movimento das Diretas Já!

Mas antes de abordarmos o contexto interno desse processo de redemocratização do país, é preciso lembrar que os fatores externos têm repercussão no Brasil, e nesse caso, não podemos esquecer o papel dos Estados Unidos (EUA). Afinal, a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1955-1975) mudou consideravelmente a sua política externa. Era preciso recuperar o apoio da população norte-americana e o prestígio diante dos demais países, principalmente aqueles que condenavam as suas ações bélicas. E o discurso anticomunista até então usado como pano de fundo para o apoio às ditaduras militares, inclusive no Brasil, já não convencia mais. Era preciso mudar de estratégia.

Assim, para recuperar seu prestigio dentro e fora do país, os EUA passaram a usar o discurso da defesa dos Direitos Humanos. Afinal, no que consistiam esses direitos? Essa forma do direito é a garantia aos homens, mulheres e crianças de que suas liberdades sejam garantidas e que todos os indivíduos sejam tratados de forma igualitária perante a lei.

Apoiar regimes autoritários latino-americanos e condenar a falta de democracia na União Soviética (URSS), não parece uma contradição? Cada vez mais ficava evidente o tratamento diferente dado pelos EUA aos países capitalistas e aos socialistas. A política do "faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço" perdia força na América Latina. Esse novo discurso em defesa das liberdades e da igualdade pelo governo norte-americano associado à repressão, cada vez mais violenta, dos regimes ditatoriais, levou os EUA a advertirem publicamente o general Geisel sobre a violação dos direitos humanos no Brasil. Não custa lembrar que estamos nos referindo a uma época em que pessoas estavam sendo mortas, presas, exiladas, desaparecidas, como no caso da morte do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, durante o governo Geisel numa prisão do DOI-CODI, em São Paulo.



Figura 2: Vladimir Herzog.

Vladimir Herzog, jornalista da TV Cultura São Paulo – Fundação Padre Anchieta, militante do Partido Comunista Brasileiro, foi torturado até a morte nas instalações do DOI-CODI, no quartel-general do II Exército, em São Paulo, após ter se apresentado ao órgão para "prestar esclarecimentos" sobre suas supostas ligações e "atividades criminosas".

Mas era apenas a preocupação com os direitos humanos que fazia os EUA passarem de aliados do governo militar a defensores da liberdade e da democracia? Certamente, a resposta é não! Havia também as questões econômicas, principalmente o desejo de pôr fim ao estatismo e intervencionismo praticados pelo Brasil – uma das economias mais fechadas do mundo, com suas estatais em segmentos estratégicos (petróleo, siderurgia, energia elétrica, telefonia, etc.) – possibilitando a abertura de alguns setores da economia brasileira aos investimentos, empresas e capitais estadunidenses.

Desejava-se assim, não apenas a liberdade política e individual, mas também a liberdade econômica.

Se os interesses norte-americanos nos ajudam a entender o apoio da maior potência na abertura política do Brasil, as questões econômicas também são fundamentais para compreender as oposições internas a ditadura militar. Os problemas derivados da crise e recessão mundial abalaram nosso equilíbrio financeiro e mostraram as limitações do "milagre brasileiro" que não foi capaz de manter o processo de crescimento econômico.

Você já ouviu o provérbio "é melhor amigo na praça do que dinheiro no bolso"? Essas palavras da sabedoria popular não se aplicavam ao momento que os brasileiros viviam. Vários setores da sociedade deixaram de ver os militares como o "amigo na praça" que resolveria os problemas do país (como o medo do comunismo e da desordem, a promoção do crescimento econômico aliado ao bem estar social). Ao mesmo tempo a crise e a falta de recursos aumentavam o desejo de ter "dinheiro no bolso": a opinião pública espremida entre o arrocho salarial, o aumento dos preços e a censura política, se voltou contra o regime. A crise econômica foi, portanto, um fator fundamental na crescente oposição ao regime militar e no processo de abertura política.

Essa crescente oposição interna e externa levou os militares a atuar e governar no sentido de uma abertura política de forma lenta, gradual e segura, para:

- não entrar em conflito direto com os representantes da linha dura, ou seja, os militares menos favoráveis ao retorno do poder aos civis;
- não permitir a chegada ao poder dos principais opositores do regime militar e
- ao mesmo tempo n\u00e3o permitir uma mudan\u00e7a brusca, uma derrubada do poder militar. Seria, assim, uma mudan\u00e7a dentro da ordem e sob o comando dos pr\u00e9prios militares.

Em 1974, o general Ernesto Geisel assumiu a presidência, dando início a um lento processo de transição em direção à democracia. Seu governo coincidiu com o fim do milagre econômico em função da crise do petróleo e da recessão mundial que diminuíram créditos e empréstimos ao Brasil. Neste momento, ao lado da recessão cresceu a oposição ao regime, tornando cada vez mais necessárias ações que dessem sinais de abertura.

No sentido de uma abertura gradual e ordenada e acreditando que tinha o povo e a opinião pública ao seu lado, a ditadura realizou eleições para o Parlamento, em 1979. Mas diferentemente do que os governantes esperavam, a eleição foi uma estrondosa vitória da oposição. O êxito do MDB nas urnas foi um sinal da insatisfação do povo com o regime. Ao se dar conta das limitações de seu prestígio, os militares se rearticularam e aumentaram os atos de violência, tal como observamos no episódio do Riocentro. Todavia, diante da insatisfação popular em meio à crise econômica e do aumento do apoio político dado à oposição nas eleições, Geisel toma medidas no sentido da redemocratização: em 1978, o Al-5 é abolido e o direito ao *habeas corpus* foi restabelecido.



Figura 3: Reportagem do Jornal do Brasil sobre o atentado do Riocentro.



Figura 4: Carro com o corpo do oficial que segurava a bomba no Atentado do Riocentro.

Ao mesmo tempo, crescem as manifestações. A sociedade não assistiu passiva e calada aos desmandos do regime. Sindicatos, Igreja, imprensa, artistas, enfim, diversos setores da sociedade se mobilizaram contra a ditadura militar. O processo de abertura deixou de ser conduzido pelos militares e passou para as mãos da sociedade civil, tendo à frente instituições como:

- a ABI (Associação Brasileira de Imprensa),
- a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil),
- o CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros) e
- as Universidades.

Nesse momento também ganham força as grandes mobilizações de massa pela Anistia e pelas Diretas Já!

Como você já viu, inúmeras foram as formas de resistência ao regime militar: lutas armadas, guerrilhas, passeatas, movimentos artísticos. Assim, várias manifestações populares se espalharam pelo país, dentre as quais podemos destacar as dos trabalhadores e dos estudantes. Nesse contexto, assumiu a presidência o general Figueiredo que governou de 1979 a 1985. Seguindo na linha de uma lenta abertura do regime, Figueiredo publicou a lei da **Anistia** que permitia o retorno de exilados e condenados por crimes políticos e aprovou a lei que restabelecia o pluripartidarismo no país. Os partidos até então permitidos continuaram a atuar com novos nomes (a ARENA passou a ser denominada PDS e o MDB mudou o nome para PMDB) e outros partidos foram criados, tais como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Esses novos partidos terão uma atuação importante no retorno da democracia, destacando no cenário nacional políticos como Ulysses Guimarães, Leonel Brizola e Lula, que irão liderar a mobilização da sociedade em prol das eleições diretas para presidente da República.

A campanha pela "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" foi coordenada por um comitê formado por intelectuais, artistas, jornalistas, políticos progressistas, religiosos de vários credos, sindicalistas e estudantes, no final dos anos 70, denominado Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA).

Familiares, amigos e advogados de vítimas do regime militar começam a tecer redes de informações e de proteção aos militantes e às atividades políticas. Em 1975, é criado o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA).

Em 1978, surge o movimento pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e são criados vários comitês pelo Brasil com a efetiva participação dos familiares de presos, perseguidos e desaparecidos políticos. Fora do país, também são criados vários comitês, principalmente onde haviam exilados brasileiros. Os sindicatos também ingressam na luta pela Anistia em 1979, fortalecendo o movimento.

Pressionado, o regime militar envia um Projeto de Lei da Anistia ao Congresso Nacional, que não atende às expectativas e objetivos da campanha. Os presos políticos iniciam, em todos os presídios, greve de fome nacional que duraria um mês (22 de julho a 22 de agosto), coincidindo com a votação do Projeto no Congresso. No dia 28 de agosto de 1979, deputados e senadores votam e aprovam a proposta da ditadura militar.

Presos políticos são liberados e alguns exilados voltam para o Brasil. Embora, a sociedade tivesse muitos motivos para comemorar essa "vitória", a Lei aprovada também anistiava mandantes e torturadores.

In: http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_CON=89





Figura 5: Manifestações a favor da anistia.





Pelo direito de enterrar meus entes queridos.

Após a redemocratização, parentes das vítimas e entidades de direitos humanos passaram a pressionar os sucessivos governos para obter informações sobre os desaparecidos e a localização de seus restos mortais. Em 1995, enviaram uma petição à Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA, solicitando intervenção junto ao governo brasileiro pelo direito à informação sobre os desaparecidos políticos.

Em 2011 foi criado o Grupo de Trabalho Araguaia com o objetivo de "coordenar e executar, conforme padrões de metodologia científica adequada, as atividades necessárias para a localização, recolhimento, sistematização de todas as informações existentes e identificação dos corpos de pessoas mortas na Guerrilha do Araguaia". E em 2012 foi instalada a Comissão Nacional da Verdade para investigar as violações dos direitos humanos ocorridas entre 1946 e 1988 por agentes do Estado.

(UFJF)







Disponível em:

http://www.rededemocratica.org/index.php?option=com_k2&view=item &id=4212:mulheres-na-luta-amada-contra-a-ditadura Acesso em: 27, setembro, 2013.

Disponível em:

Disponivei em:
http://feeds.feedburner.com/DitaduraMilitar/mprensaELutaArmad
aNoBrasil
Acesso em: 27, setembro, 2013.

No Brasil, durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), observamos um endurecimento do governo com a promulgação do Al-5, que deu ao presidente da República o poder de cassar mandatos, suspender direitos políticos, intervir nos estados e municípios e fechar o Congresso Nacional. Por sua vez, a oposição aos militares ganhou força com protestos de diferentes grupos contrários à ditadura.

Identifique dois tipos de movimentos contrários ao governo militar, diferenciando suas estratégias de atuação e reivindicações.



Em 1984, o Congresso Nacional rejeitou a emenda que estabelecia a eleição direta para o cargo de presidente da República. Isso significou a continuidade da ditadura? Não! Já não era mais possível ignorar as demandas da população que exigia o restabelecimento do regime democrático e ansiava pelo direito de escolher seus governantes. Nesse contexto de desgaste e falta de apoio, o PSD, partido que apoiava os militares, lançou a candidatura de um civil – Paulo Maluf – e o PMDB com apoio da oposição ao regime indicou Tancredo Neves (1910-1985). No Colégio Eleitoral que escolheria o novo presidente, Tancredo conseguiu a maioria dos votos necessários para assumir o governo do Brasil. Era o fim do governo militar, mas não o início do comando civil do país por Tancredo. O recém-eleito de forma indireta faleceu dias depois e a presidência foi assumida por seu vice – José Sarney, em 21 de abril de 1985. Tem início assim, uma nova e democrática fase de nosso país.

Sarney herdou os problemas econômicos do fim do "milagre econômico" do período militar. O Brasil sob sua presidência tinha uma taxa inflacionária na casa de 12,7%, o que consumia boa parte do salário dos trabalhadores e trabalhadoras. O que o seu governo procurou fazer para combater a inflação?

Para garantir o controle da alta dos preços, o governo Sarney lançou uma série de planos econômicos para diminuir a inflação. O primeiro deles foi o Plano Cruzado. Posto em prática, em 1986, essa medida congelava por um período de um ano os valores dos aluguéis, salários, tarifas públicas. A antiga moeda – o Cruzeiro – foi substituída pelo Cruzado. Criaram-se os "fiscais do Sarney", cidadãos comuns, que vigiavam se os donos dos estabelecimentos aumentavam os preços. Caso eles subissem os preços eram denunciados e muitas vezes recebiam voz de prisão.

Inicialmente, essas medidas detiveram o aumento da inflação e aumentaram a popularidade do presidente. Entretanto, o Plano Cruzado apresentava uma série de problemas e acabou gerando no país uma crise de abastecimento de diferentes produtos perecíveis e não-perecíveis. Em 1986, próximo às eleições estaduais, o governo manteve a política de congelamentos com receio de queda de popularidade.



Figura 6: Mapa das eleições de 1986.

As eleições de 1986 foram centrais para a redemocratização do nosso país, por dois motivos:

- ela elegeria os deputados para o Congresso Nacional, que funcionaria como uma Assembleia Constituinte responsável por elaborar a nova Constituição;
- era mais um exercício de eleição dos governos estaduais, que nessa ocasião deu ampla vitória ao PMDB que elegeu basicamente os governadores dos estados brasileiros, com exceção do Piauí que escolheu um político do PFL.

Passadas as eleições e com o esgotamento do Plano Cruzado, o presidente Sarney resolveu abolir o primeiro plano econômico e criar um novo: o chamado Plano Cruzado II. Por esse pacote econômico os preços dos produtos como dos serviços foi reajustado, assim como, os salários. O congelamento dos preços não foi mantido e o presidente assistia sua popularidade despencar entre a parcela mais pobre da sociedade. O Plano Cruzado II também não obteve muito sucesso, pois trazia de volta a inflação. Era muito comum nos supermercados os preços dos produtos mudarem ao longo do dia, por exemplo, se 5 kg de arroz custassem pela manhã 2 cruzados, no final do dia, poderiam sofrer variações, indo para 3 cruzados. Essa variação era decorrente da inflação.

Novamente, numa tentativa de solucionar o problema o governo lançou em junho de 1987 o Plano Bresser. Por esse plano, houve o retorno do congelamento dos preços de forma flexível e uma desvalorização do Cruzado em relação ao dólar. Esse plano trouxe ao Brasil recordes de taxas inflacionárias. Para resolver o problema, Sarney lançou em 1989 o Plano Verão que mantinha o congelamento dos preços, serviços e salários e criava uma nova moeda: o Cruzado Novo. No fim, nenhum desses planos trouxe medidas positivas para a economia brasileira. Na área econômica seu governo terminou com uma inflação de 2.751%. Se na área econômica foi turbulento, no setor político e social não foi diferente.



Figura 7: Chico Mendes.

Nas cidades, as mobilizações se intensificavam com as greves e no campo com as lutas entres os camponeses e latifundiários. Uma tragédia desses confrontos foi a morte do seringueiro Chico Mendes, em 1988, no Acre. Ele foi morto por ter lutado pela preservação da Amazônia e por defender a permanência dos seringueiros que eram expulsos de suas terras em favor dos inte¬resses dos latifundiários e da agroindústria que desejavam explorar a fauna e flora da Amazônia.

Nesta democracia que não conseguiu solucionar os problemas relacionados à crise econômica e na qual ainda presenciávamos vários problemas sociais, chega ao fim o mandado de José Sarney, e em 1990 é eleito Fernando Collor de Mello.

Seção 2

Trabalho e cidadania no Brasil (1980-1990)

Para muitos economistas, a década de 1980 ficou conhecida como década perdida por ter sido esse um período de crise econômica. Com uma economia cada vez mais dependente, pautada no capital estrangeiro, na subordinação ao movimento internacional do capital, os problemas vivenciados por outros países rapidamente repercutiam no Brasil, tal como aconteceu com a crise internacional do petróleo. Apesar do Brasil ter um reconhecimento internacional, a economia do país se tornava cada vez mais dependente dos fatores externos e das decisões políticas cada vez mais influenciadas pelos interesses do capital internacional.

Essa situação vivida pelo Brasil, se deve em grande medida aos problemas econômicos decorrentes da crise internacional do petróleo, em 1973, que se traduziu em aumento da dívida externa e forte recessão que puseram fim ao "milagre econômico brasileiro". O crescimento econômico cada vez mais modesto somado à perda da capacidade de investimento no setor produtivo e a crescente dívida externa diminuíram a capacidade governamental de investimentos em setores ligados ao bem estar dos trabalhadores.

Ao tratarmos de política e economia na década de 80 do século passado não podemos deixar de lado a discussão sobre cidadania, já que a crise econômica do Estado pode afetar a garantia de direitos. A ampliação da competição internacional faz pressão sobre o custo da mão de obra e das políticas públicas, o que por sua vez afeta a questão do emprego e dos gastos do governo, elementos fundamentais para a garantia dos direitos sociais.

Analisando o caso inglês, Marshall distingue três dimensões básicas de cidadania, que por sua vez está plenamente vinculada à ideia de direitos. Em primeiro lugar temos os direitos civis, ou seja, aqueles direitos que asseguram a liberdade, a igualdade e a manifestação de pensamento dos membros de uma comunidade. Estes direitos, segundo o autor, são uma histórica reação ao absolutismo, com vistas a impor limites à ação do Estado. Em segundo lugar, temos os direitos políticos, isto é, aqueles que dizem respeito à participação dos indivíduos no governo de sua comunidade e através dos quais a maioria pode se resguardar da minoria. Em terceiro lugar temos os direitos sociais, cujo objetivo principal é garantir as condições de vida e de trabalho da população e os meios de viabilizar o bem-estar social. Nesse sentido, educação, saúde e trabalho constituem os elementos básicos dos direitos sociais, os quais atualmente implicam em expansão da ação do Estado visando à ampliação da proteção do cidadão e assegurando a participação, ainda que pequena, na riqueza coletiva.



No século passado tivemos importantes conquistas de direitos sociais em períodos de limitação dos direitos políticos e individuais. Isto pode ser observado durante a ditadura civil de Vargas, com as conquistas dos trabalhadores urbanos, e em relação aos trabalhadores rurais durante a ditadura militar. Atualmente, ao lado e de acordo com a Constituição, temos diversos ramos do direito que gradualmente têm contemplado e ampliado a cidadania de segmentos da sociedade antes preteridos, tais como crianças e adolescentes, idosos, consumidores, etc. Isto mostra que a cidadania deve ser encarada como um processo que inclui novas demandas e, portanto, implica na luta permanente por direitos.

O Estado "constitucional de direito" se desenvolveu a partir da Segunda Guerra Mundial e se aprofundou nos últimos 25 anos do século XX. Especificamente no Brasil, a constituição de 1988 não apenas impõe limites ao legislador e ao administrador, mas também determina deveres de atuação, devendo garantir direitos básicos aos cidadãos, tais como, saúde, segurança e educação. A Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, garantiu os direitos já adquiridos e ampliou os direitos civis e políticos, todavia, olhando a nossa volta podemos observar que a resolução da questão social ainda representa um longo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, devemos ter sempre um olhar crítico com o objetivo de questionarmos a (des)igualdade de acesso à justiça expressa na lei, tendo como base a realidade e a importância das relações de gênero, de "raça" e de diferenciação social no acesso aos diversos dispositivos que formam nosso sistema legislativo. Ou seja, apesar da existência da Lei que garante nossos direitos, devemos refletir sobre os mecanismos excludentes da atualidade e discutir práticas que permitam a efetiva universa-lização dos direitos e do acesso à justiça, bem como a neutralização de mecanismos discriminatórios.

Além dos fatores políticos e econômicos, a cidadania e o trabalho devem ser pensados dentro de uma temática que tem chamado atenção e levantado discussão de especialistas, mas que não se resume a eles, já que afeta a todos nós: a questão ambiental. Os estudos do clima, das calamidades decorrentes da intervenção humana na natureza, dos ciclos epidêmicos, das condições ambientais originais e das modificações introduzidas pelo ser humano estão intimamente relacionados aos direitos e deveres próprios de todo cidadão. Ser cidadão é, portanto, refletir sobre as potencialidades e limitações da ação humana na organização dos espaços, assim como sobre a influência da natureza nas sociedades estudadas, já que os recursos naturais não são apropriados de forma igualitária.

A história ambiental teve, durante muito tempo, pouca atenção dos historiadores que, sob o temor de cair num determinismo geográfico, deixaram de lado as interações entre história natural e história social. Atualmente os estudiosos acreditam que o diálogo entre os estudos históricos e os geoambientais nos permitem entender como os seres humanos foram, através do tempo, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.

A partir deste modelo de estudo, podemos analisar a relação entre elementos naturais e socioeconômicos, como por exemplo, as questões relativas ao mercado consumidor, aos regimes de trabalho e custos de mão de obra de acordo com a atividade desenvolvida (na agricultura, no setor industrial ou no extrativismo mineral), de transporte dependendo da prioridade dada ao transporte terrestre ou aquático, as diferenças de desenvolvimento e aproveitamento da matéria-prima no seu habitat natural e nas regiões de plantação, os tipos de sociedades formadas em torno de diferentes recursos naturais, etc. Ou seja, podemos melhor compreender a relação entre as culturas materiais humanas e a natureza, na medida em que cultura e natureza não estão dissociadas.



Cada sociedade elabora suas regras normatizadoras da relação entre o ser humano e a natureza e suas concepções de espaço natural a ser apropriado e espaço natural a ser preservado. Nesse sentido, o capital natural a ser preservado está ligado às questões sociais, culturais e econômicas da sociedade detentora de tal recurso. Tempos atrás, alguns cientistas acreditavam que os limites naturais para o desenvolvimento econômico e a persistência da pobreza estariam diretamente relacionados à falta de recursos naturais gerada pela superpopulação. Todavia, hoje sabemos que a pobreza é socialmente produzida e a limitação dos recursos está atrelada a interesses político-econômicos.

Ou seja, a pobreza não está necessariamente ligada à escassez de recursos naturais e sim a ações políticas e econômicas que permitem ou restringem o acesso a esses recursos. Se apenas a riqueza natural determinasse a riqueza do país, não haveria pobreza no Brasil, afinal somos caracterizados pela riqueza e diversidade de recursos naturais, não é mesmo?

O que gera a pobreza são as formas de dominação e apropriação dos recursos desigualmente distribuídos e disputados por interesses muitas vezes divergentes. Esses interesses e apropriações podem gerar conflitos políticos e lutas territoriais, bem como a manutenção de privilégios e da desigual divisão internacional do trabalho. Nesse sentido, devemos observar o caso do nordeste brasileiro: durante muito tempo se atribuiu os problemas econômicos a escassez de água na região. Todavia, temos importantes áreas produtoras de gêneros agrícolas em terras irrigadas. Pare e pense: porque a água chega em algumas propriedades e em outras não? Será que esse monopólio de um recurso natural tão importante na garantia de direitos como saúde e trabalho afeta o exercício da cidadania da população nordestina? De que maneira?

E na região sudeste, no Rio de Janeiro, também temos problemas de acesso a direitos relacionados ao uso dos recursos naturais? Certamente os problemas ambientais e os de saúde deles decorrentes a partir de relações centro-periferia estão presentes no nosso dia a dia. Esta divisão centro-periferia que produz problemas socio-ambientais deve ser vista sobre o duplo pilar da cidadania: a garantia de usufruir de direitos e o cumprimento de nossos deveres. E por falar em deveres, não podemos esquecer que os problemas sociais decorrentes das questões ambientais também são fundados num sistemático desrespeito à natureza e para minimizar tal problema é preciso que cada cidadão faça a sua parte. Devemos, também, lutar pela justiça ambiental que foca sua ação na preocupação com os aspectos político-econômicos e socioculturais. O impacto das catástrofes naturais não seria tão devastador se não fosse a influência da ação humana que ocorre por meio da progressiva invasão em áreas de riscos ambientais. Por outro lado, os problemas ambientais não seriam tão graves se o Estado cumprisse com seu papel de garantidor de direitos sociais, que por sua vez requerem intervenções, tais como saneamento básico e política habitacional. Na medida em que se trata de "bem de uso comum do povo", o direito ao desenvolvimento sustentável e o dever de promovê-lo deve passar pela formação de comportamentos sociais saudáveis, pela garantia de um ambiente sadio e pela implementação de políticas públicas que preservem os recursos, possibilitem o desenvolvimento econômico e a diminuição dos problemas sociais.

O crescimento e o consumismo exagerado da sociedade atual colocaram uma grande questão para todos nós pensarmos. De que adianta crescer de forma desordenada e exagerada e destruir os recursos naturais que são necessários para a sobrevivência humana? Por isso, um conceito em alta no mundo atual é o de desenvolvimento sustentável. Você sabe o que isso significa? Para melhor compreender é preciso diferenciar crescimento de desenvolvimento. O primeiro leva em consideração apenas o acúmulo de riqueza e o aumento da produção, sem se preocupar com a promoção da igualdade social. Já o desenvolvimento sustentável se preocupa com a preservação do meio ambiente e busca não apenas gerar riqueza, mas também redistribuí-la de modo a melhorar a qualidade de vida de toda população.

Assim, o crescimento econômico é necessário, mas não suficiente para o desenvolvimento sustentável, que pressupõe um processo de inclusão social, criando oportunidades e opções para que todo brasileiro tenha acesso a uma vida longa e saudável, a rendas mais elevadas e a conhecimentos técnicos e culturais.

O desenvolvimento sustentável se preocupa com:

Na esfera econômica: aumento efetivo da renda das pessoas; aumento da capacidade produtiva da região; integração das cadeias produtivas locais à cadeia produtiva que a empresa está inserida; informação e crescimento como fatores econômicos contemporâneos;

Na esfera social: acesso à educação; atenção à terceira idade; redução da exclusão;

Na esfera ambiental: respeito às leis ambientais; preservação do espaço urbano/rural; valorização de ecossistemas;

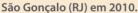
Na esfera cultural: Preservação do patrimônio cultural; valorização das manifestações culturais; incentivo à produção cultural; valorização das identidades locais.

Informações retiradas de: Agenda 21 Brasileira - Ações Prioritárias. Ministério do Meio Ambiente, 2004.



Veja as imagens, leia os trechos a seguir e elabore um pequeno texto relacionando direitos sociais, deveres do Estado e problemas socioambientais.







Itaipava (RJ) em 2011.

- "Um dos locais mais gravemente afetados por deslizamentos foi o morro do Bumba, em Niterói. O morro é de fato um lixão, desativado desde 1981. Num filme de 1980, de autoria de Ronaldo German, são mostrados os caminhões constantemente trazendo lixo sem nenhum tratamento, o que ocorreu por aproximadamente 15 anos".
- 2. "(...) Desde o início dos anos 2000, já vinham sendo registrados deslizamentos de terras e desabamentos de casas nessa área instável e contaminada. Todavia, a expansão do assentamento foi tolerada e mesmo estimulada pelo Poder Público municipal, que, em 1996, realizou obras de urbanização sobre terrenos onde nada deveria ser construído. Os riscos para a população eram conhecidos. Além da instabilidade do terreno, a decomposição do lixo resulta na produção de metano (com risco de explosões) e de chorume o percolato tóxico. No morro do Bumba, casas, reservatórios de água e lixo compartilham o mesmo espaço (...)".



)	Atividade
$\overline{}$	
$\overline{}$	2

"Segundo o coordenador do grupo de análise de risco tecnológico e ambiental da Coppe/UFRJ, engenheiro Moacyr Duarte, o solo do Morro do Bumba estava saturado e nada seria capaz de evitar o desmoronamento. O especialista recomenda a implementação de medidas preventivas, pelo Poder Público - remoção de famílias em áreas de risco, impedimento da ocupação de encostas e recomposição da cobertura vegetal. Existem outros terrenos, que não são lixões, e que também estão em risco. É um processo cumulativo. Não é por falta de conhecimento técnico que aconteceu esta tragédia, conclui."

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Desastres naturais no Rio de Janeiro em abril de 2010

"O ano de 2011 mal começou e uma nova tragédia atingiu o Rio de Janeiro no dia 11 de Janeiro. Uma forte chuva caiu sobre a Região Serrana causando grandes estragos para as cidades da região. As cidades de Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis foram as mais atingidas, foram quase 800 mortos, em uma semana, mais de 21 mil desabrigados e muitos desaparecidos, ainda procurados pelas equipes de resgates. A chuva não deu trégua e continua a atingir a região e a previsão é de mais chuvas.

(...)

Uma das tragédias mais impressionantes em 2010 no Brasil atingiu os estados de Alagoas e Pernambuco, mais de 100 mil pessoas deixaram suas casas e mais de 40 pessoas morreram. Cidades ficaram destruídas. O Rio Mundaú e o Rio Paraíba transbordaram e como a região é desmatada, a água ganhou velocidade em direção ao leito dos rios, as enxurradas arrasaram cidades inteiras da zona da mata".

Texto disponível em http://webeduc.mec.gov.br/enchentes/index.php





Figura 8: Não ser mais escravo significava ser livre?

Podemos falar em democracia e cidadania nas áreas em que as pessoas não têm assegurados seus direitos sociais, como, por exemplo, em regiões onde o trabalho escravo ainda existe? A escravidão foi abolida definitivamente através da Lei Áurea, promulgada em 1888. Mas isso significou o fim do trabalho escravo no Brasil? Não, a escravidão ainda persiste. É uma escravidão diferente daquela dos períodos colonial e imperial. Antes a escravização se dava por meio da captura do negro que era considerado uma mercadoria, uma propriedade de seu senhor. Hoje esse fenômeno se dá através de uma nova dinâmica, por meio da negação do direito de ir e vir dos trabalhadores, do não pagamento de salários, do endividamento desses trabalhadores e do trabalho sem garantias sociais e sem direitos trabalhistas.

Não há dúvidas de que a escravidão por dívida está ligada à pobreza e à falta de opção de trabalho para as populações rurais e para trabalhadores de outros países que vêm para o Brasil. De acordo com dados do governo, entre 2005 e 2008, mais de 20 mil pessoas foram libertadas de condições semelhantes à escravidão.

Algumas medidas estão sendo tomadas pelo poder público para tentar erradicá-lo, como por exemplo, o confisco das terras onde se constate trabalho escravo, a proibição do governo de fazer contrato com empresas que explore este tipo de trabalho. Apesar disso, a existência do trabalho escravo no Brasil é uma realidade e a persistência da escravidão é um problema que ainda está longe de ser resolvido.

Seção 3 Transformações sociais e culturais (1980-1990)

Resistir é preciso...

Para o mundo, a década de 1980 foi um período muito tumultuado e de crises. Esse período foi chamado, por alguns, de "década perdida", como você já estudou anteriormente. Se foi uma "década perdida" economicamente, o mesmo terá se repetido social e culturamente? Muito pelo contrário, com a redemocratização do nosso país os movimentos sociais e as manifestações culturais voltaram a experimentar as diferentes liberdades – individual, coletiva, imprensa, organização, artística – símbolos de um país democrático.



Figura 9: Os manifestantes do MST.

Você sabe o que essa bandeira representa? Ela é o símbolo do MST – **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Provavelmente, você já assistiu ou leu reportagens de que esse grupo ocupou latifúndios. Você sabe o que é latifúndio? Chamamos de latifúndio uma grande faixa de terra, que pertence a um único dono, família ou empresa. Ele pode ser produtivo – como as grandes fazendas de café, cana de açúcar, laranjais, etc, ou de criação de animais – ou improdutivo, uma terra sem ou com baixíssima produção agrícola ou pecuária.

Ao olharmos para a imagem dos manifestantes do MST, podemos perguntar: O que levou esses homens e mulheres para as ruas? Qual o objetivo deles? Pelo o que estão lutando? A faixa ao fundo traz a seguinte frase: "Acusamos os três poderes de impedir a Reforma Agrária". Desde o seu surgimento, no início da década de 1980, o MST tem como luta política e social a Reforma Agrária. Mas o que é isso? A Reforma Agrária consiste na divisão de propriedades rurais com objetivos sociais, ou seja, é permitir o acesso à terra ao agricultor que não tem condições materiais de adquiri-la para torná-la produtiva.

No Brasil, a partir da Constituição de 1988 (atual), o Estado tem a obrigação de adquirir os latifúndios improdutivos e promover a sua redistribuição para as famílias camponesas sem terra. Assim, o que faz homens e mulheres do MST até hoje se reunirem é a busca de uma efetiva política de Reforma Agrária aliada à reivindicação de melhores condições de: educação no campo, saúde, linhas de crédito e financiamento para a produção agrícola das famílias assentadas.

Nas telas no país...



Na década de 1980, o mundo do entretenimento ou cultural passou por transformações. Da censura da di¬tadura militar a uma ampliação dos meios de comunicação e suas programações jornalísticas, dramatúrgicas, esportivas e humorísticas. Você conhece todas as logomarcas do quadro? Já assistiu a todos esses canais? Será que seus designs permanecem os mesmo? A Rede Globo, a Rede Manchete, a Rede Bandeirantes, o SBT e a Rede Record eram muitas das concessões televisivas de nosso país.

Vimos que José Sarney, eleito como vice de Tancredo Neves, tomou posse em 1985 com um mandato regido pela Constituição do período militar que fixava um período de 6 anos no poder. Tancredo, por sua vez, desejava a redução para 4 anos e Sarney junto aos constituintes conseguiu que o mandato durasse 5 anos. Alguns historiadores, sociólogos e cientistas políticos observaram que ele pressionou deputados ou fez a concessão de vias de rádios e canais de televisão como uma forma de agrado. E podemos observar que de fato, o número de canais de comunicação durante o seu mandato cresceu. Segundo dados da Federação Nacional dos Jornalistas, no governo José Sarney (1985-1990) havia 1.091 concessões entre rádio e televisões. E conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) existiam nos domicílios brasileiros 56,10% de aparelhos televisores entre os de aspecto TV preto e branco e TV a cores. Nessa época, qual o tipo de aparelho televisor existia na sua casa?

Alividade

Leia os trechos de texto a seguir:

"Após o debate entre Collor e Lula, na eleição presidencial de 1989, as pesquisas de opinião apontavam vitória de Collor. Mas o Jornal Nacional exagerou na dose. Durante 3min34s, mostrou Collor enfático e seguro. Lula mereceu 2min22s e trechos em que aparecia trocando a palavra "seca" por "cerca". Dois dias depois, Collor, que começara a semana com 1% de intenção de votos acima de Lula, ganhou a eleição com vantagem de 6%.

(...)

A primeira vez que a Globo lançou moda foi na novela Dancin´Days, em 1978, que difundiu discotecas e popularizou as meias "lurex". "Tomamos um susto com o poder das novelas", diz Marília Carneiro, figurinista da emissora. Outros sucessos: mais de 200 mil dos anéis-pulseiras usados por Jade (Giovanna Antonelli) em *O Clone*, foram vendidos. E aumento de 85% na produção de perucas no Brasil por influência de Sinhozinho Malta (Lima Duarte), de Roque Santeiro."

Fonte: http://super.abril.com.br/cultura/voz-brasil-445717.shtml

Escreva um comentário sobre a importância da televisão na vida dos brasileiros e brasileiras. Procure levar para sala e discuta com seu professor e seus colegas de classe.

Anote suas respostas em seu caderno Assim, a televisão era um meio de comunicação que além de informar a população sobre os acontecimentos políticos de nosso país como a morte do presidente Tancredo Neves (1985), também funcionava como meio de entretenimento. Ao transmitir, por exemplo, a Copa do Mundo de 1986 (México), servia como fonte de diversão das classes populares, alcançando também, grandes índices de audiência com as novelas e programas clássicos como "Quem quer bacalhau?" do Abelardo Barbosa, conhecido por Chacrinha. Aos poucos, a TV foi ganhando os lares brasileiros, ao lado do rádio, como um importante mecanismo de informação, entretenimento e formação de opinião.

Resumo

- A partir da promulgação do Al-5, que aumenta a repressão e a violência contra os opositores do regime
 militar e, por outro lado, crescem os movimentos de dominação e resistência à ditadura civil-militar;
- As críticas ao governo militar estão associadas aos acontecimentos externos, tais como o discurso norte-americano em favor das liberdades política e individual e a crise internacional do petróleo que repercutiu
 no Brasil através de aumento da inflação, da dívida brasileira e dos preços e queda no valor dos salários;
- A abertura política foi lenta e gradual e o processo de redemocratização contou com a participação ativa de diversos setores da sociedade brasileira;
- Os primeiros presidentes civis, após o fim do regime militar, enfrentaram graves problemas econômicos e foram marcados pela tentativa de conter a inflação;
- O retorno da democracia exigiu uma mudança na legislação brasileira. Para tanto foi elaborada uma nova constituição, Constituição Cidadã de 1988, que ainda está em vigor e que dentre muitas características promovia a liberdade de escolha dos governantes do Brasil, evidenciava a função do Estado como promotor do bem-estar social e garantidor dos direitos e liberdades individuais;
- O crescimento do número e das reivindicações dos movimentos sociais como uma importante característica do processo democrático brasileiro atual;
- A influência dos meios de comunicação, principalmente a televisão, na atualidade.

Veja ainda...

Documentários:

História do Brasil por Boris Fausto – Redemocratização. 30 minutos

O documentário com apresentação e discussão do cenário político, social e econômico do Brasil faz um balanço do período da redemocratização.

Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=2268

Reflexões sobre o Golpe Militar. Duração: 3.03.

O documentário discute o golpe militar que depôs o presidente João Goulart do poder e instaurou uma ditadura no Brasil que perdurou por 20 anos.

Disponível em: http://www.sesctv.org.br/destaque.cfm?id=7798&destaque_id=4

Filme:

Eles não Usam Black-tie (1981). Direção: Leon Hirszman.

O filme conta a história de um casal de namorados, Tião (Carlos Alberto Riccelli) e Maria (Bete Mendes), que ao saber que irão ter um filho, resolve se casar. Com muita esperança planejam uma nova vida para que possam dar de tudo à criança que vai nascer. No entanto, um movimento grevista estoura na fábrica onde eles trabalham em São Paulo e a felicidade dos dois começa a desmoronar. Esse movimento divide os operários da fábrica. Pensando no casamento e no bem-estar do casal, Tião decide furar a greve e continuar trabalhando, entrando em conflito com seu pai Otávio (Gianfrancesco Guarnieri), o líder do movimento, um sindicalista preso nos tempos do Regime Militar.

Bibliografia Consultada:

ALVES, José Eustáquio Dinis. *As características dos domicílios brasileiros entre 1960-2000*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. "A cidadania após a redemocratização". In: *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Venturas e desventuras de uma república de cidadãos. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura – regime militar movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VAINFAS, Ronaldo e et alli. História: o mundo por um fio: do século XX ao XXI. Volume 3. São Paulo: Saraiva, 2010.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://www12.senado.gov.br/noticias/imagens/2010/12/30/imagem298333



 $•\ http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000003264/md.0000036461.jpeg$



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Not%C3%ADcia_Riocentro.jpg



• http://http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Riocentro-300x172.jpg



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000001330/md.0000015825



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000001330/md.0000015830.jpg



• http://www.ufjf.br/antenado/files/2013/12/HistóriaDiscursivaGabaritoPism3.pdf



• https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brasil_votogovernadores1986.png



• http://http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chico_Mendes_198.png?usel8ang=pt-br



• http://commons.wikimedia.org/wiki/TempestadeFile:_Sao_Goncalo.jpg?uselang=pt-br



• http://webeduc.mec.gov.br/enchentes/imgs/ltaipava_Petropolis_2011.jpg



http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0b/Benkos_Bioho.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:MST_06142007.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rede_Globo_logo_and_wordmark_1975.jpg?uselang=pt-br



• http://http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rede-manchete-logo.jpg



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Primeiro_logo_Bandeirantes.gif?uselang=pt-br



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:SBTlogotipo.jpg?uselang=pt-br



• http://http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Logos_da_Record.png

Atividade 1

Você deverá ser capaz de diferenciar a luta contra a Ditadura Militar por meio da mobilização da sociedade civil em relação aos movimentos armados. Para tanto, por um lado, poderá ser analisada a atuação de intelectuais, estudantes, artistas, UNE, CNBB, OAB, ABI que denunciavam as arbitrariedades do governo militar, a falta de liberdade e as formas tradicionais de ensino através do fotojornalismo, de charges, músicas, literatura e passeatas; bem como os sindicatos que faziam greves contra o "arrocho" salarial. Por outro lado, deverão ser analisadas a guerrilha, a atuação do PC do B no Pará (Araguaia), ANL (Ação Nacional Libertadora) e Vanguarda Popular Revolucionária que usavam como estratégia a luta armada por acreditarem no fechamento das possibilidades democráticas de resolução através de diálogo. Também poderão ser indicados os assaltos a bancos e sequestros para financiar o conflito armado.

Respostas das Atividades

Atividade 2

Você deverá elaborar um texto enfatizando que os problemas ambientais estão associados à falta de alguns direitos sociais, tais como habitação e saneamento básico. Por outro lado, deverá destacar que o cidadão tem o dever de cuidar do meio ambiente descartando o lixo em local adequado, evitando ocupar regiões de risco socioambiental como margens de rios e encostas. Por sua vez, cabe ao Estado promover uma política de bemestar social aliada ao respeito ao meio ambiente. Para tanto, é necessário fiscalizar e atuar na garantia de direitos sociais.

Atividade 3

Você deverá ser capaz de fazer um pequeno texto sobre a importância da televisão no acesso a informação e ao entretenimento.





Questão 1 (Enem 2009)

Um aspecto importante derivado da natureza histórica da cidadania é que esta se desenvolveu dentro do fenômeno, também histórico, a que se denomina Estado-nação. Nessa perspectiva, a construção da cidadania na modernidade tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a Nação.

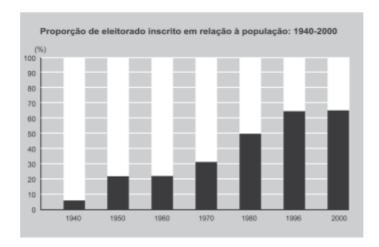
CARVALHO, J.M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. In: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2004 (adaptado).

Considerando-se a reflexão acima, um exemplo relacionado a essa perspectiva de construção da cidadania é encontrado:

- a. em D. Pedro I, que concedeu amplos direitos sociais aos trabalhadores, posteriormente ampliados por Getúlio Vargas com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).
- b. na Independência, que abriu caminho para a democracia e a liberdade, ampliando o direito político de votar aos cidadãos brasileiros, inclusive às mulheres.
- c. no fato de os direitos civis terem sido prejudicados pela Constituição de 1988, que desprezou os grandes avanços que, nessa área, havia estabelecido a Constituição anterior.
- d. no Código de Defesa do Consumidor, ao pretender reforçar uma tendência que se anunciava na área dos direitos civis desde a primeira constituição republicana.
- e. na Constituição de 1988, que, pela primeira vez na história do país, definiu o racismo como crime inafiançável e imprescritível, alargando o alcance dos direitos civis.

Resposta: E

Questão 2 (Enem 2011)



GOMES, A. et al. A República no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

A análise da tabela permite identificar um intervalo de tempo no qual uma alteração na proporção de eleitores inscritos resultou de uma luta histórica de setores da sociedade brasileira. O intervalo de tempo e a conquista estão associados, respectivamente, em

- a. 1940-1950 direito de voto para os ex-escravos.
- b. 1950-1960 fim do voto secreto.
- c. 1960-1970 direito de voto para as mulheres.
- d. 1970-1980 fim do voto obrigatório.
- e. 1980-1996- direito de voto para os analfabetos.

Resposta: E





Para entender o mundo em que vivemos

Para início de conversa...

O convite é muito simples: vamos entrar numa das várias manifestações que aconteceram no Brasil ao longo de 2013 e observar um pouco? Em um bloco de papel vamos anotar as frases e slogans estampados nos cartazes? Não esqueça também de reparar as pessoas: idade, maneiras de se portar e vestir, preocupações aparentes.



Figura 1 - Manifestantes nos protestos de 2013 - Rio de Janeiro.

Pois bem. Havia tanta gente nas manifestações que provavelmente nenhum de nós conseguiu observar todos os detalhes sozinho. Alguns, entretanto, saltam aos olhos. Havia gente de todas as idades, mas o predomínio era de jovens, concorda? Muito diferentes entre si, denunciando variados problemas e sustentando cartazes com as mais diversas propostas, tinham nas mãos muitas câmeras

ara postar nas redes sociais? O desejo de "registrar a cena" e "registrar-se na cena" sugere algo

mais. Por quê? Uma explicação plausível é de que, por razões complexas, aquelas pessoas desejam guardar o momento na memória, talvez condição de notabilizá-lo e torná-lo histórico. Sim, é possível que se sentissem "fazendo História".

O estopim inicial das manifestações estava no adesivo "ocupar as ruas contra o aumento". É que o aumento das passagens de ônibus acabou gerando uma hipótese inicial de que o problema eram os 20 centavos de acréscimo nos bilhetes.

Muita gente se surpreendeu ao perceber que o fenômeno não era tão simples assim. Em crescentes passeatas, pessoas em todas as partes do país puseram-se a gritar contra a corrupção, os desvios de dinheiro público, a destruição da natureza, a perda de representatividade dos partidos políticos, os desmandos dos governantes... Gritava-se também a favor: da escola pública de qualidade, da saúde pública para todos, do direito dos homossexuais, da igualdade...

Observe os cartazes abaixo:



Figura 2 - Manifestantes nos protestos de 2013 - Rio de Janeiro.

Num contexto de grandes investimentos na preparação de megaeventos como a Copa das Confederações de Futebol (2013), a Jornada Mundial da Juventude Católica (2013), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e as Olimpíadas (2016), os brasileiros reivindicaram qualidade nos serviços públicos.

O processo amplo que nos permite compreender as manifestações, o elenco das preocupações por elas expressas e a nova configuração tanto dos movimentos sociais quanto das individualidades exige de nós um recuo histórico. É que parte dos temas e problemas colocados remetem às expectativas de direitos públicos universais constituídos pelo Estado de Bem-estar Social, na Europa, entre as décadas de 1940 e 1970, posteriormente "reformados" pela emergência do Estado Neoliberal, entre 1980 e 2010.

Outra questão importante: as mudanças indicadas acima se relacionam intimamente com mudanças na forma de trabalhar, no acesso ao trabalho e nas relações que o trabalho teve/tem com os direitos públicos dos cidadãos. Ao longo deste capítulo precisamos perceber a transição do acesso à cidadania pelo trabalho para a crescente articulação entre cidadania e consumo. Em outras palavras, vamos acompanhar o binômio emprego/desemprego como uma das chaves de leitura da luta pela cidadania.

A compreensão dos fenômenos históricos globais nos convida a entrar e observar outras tantas manifestações... Vamos lá?

Objetivos da aprendizagem

- Caracterizar o Estado de Bem-estar Social e sua base estrutural;
- Relacionar a Crise do petróleo com os efeitos sociais decorrentes disso;
- Identificar como a crise do petróleo afetou o Brasil;
- Identificar neoliberalismo, seu alcance de atuação e sua crise;
- Relacionar argumentos que apontem as contradições da globalização, utilizando exemplos de lutas antiglobalização;
- Avaliar o contexto político da Era Lula-Dilma e suas consequências.

Seção 1

Do Estado de Bem-estar Social ao Neoliberalismo: vale a pena entender melhor...

Conforme estudamos em unidades anteriores, após o término da 2ª Guerra Mundial (1945), os governos europeus decidiram ampliar os direitos públicos universais considerados essenciais à vida em sociedade. Desta forma, educação, emprego, saúde, previdência e assistência passaram a ser priorizados nos projetos de desenvolvimento. Era o chamado "Estado de Bem-estar Social" (Welfare States). Mas será que isto deu certo? Será que desenvolvimento econômico rima com melhorias sociais para a população?

Para os Estados Unidos (EUA) e a Europa, este período ficou conhecido como a *Era de Ouro* do capitalismo, pois, em grande parte, durante uma geração, a pobreza, o desemprego em massa, a miséria e a instabilidade econômica foram coisas do passado. Era o momento da Guerra Fria, em que *o fantasma do comunismo rondava todo o planeta*. Afinal, quase metade da população do mundo já vivia sob esse regime. Não podemos esquecer que a Rússia (1917), China (1949), Cuba (1959), dentre outros, haviam realizado revoluções socialistas. Portanto, era preciso garantir melhorias nas condições de vida e de trabalho do povo sem colocar o modelo capitalista em xeque.

Como nem tudo são flores, ao mesmo tempo em que melhorava a vida da população, estes governos, ao financiar pesquisas tecnológicas de ponta, desenvolveu um campo de risco para a paz mundial e o meio ambiente. Pois havia um forte interesse destas empresas privadas no setor bélico (militar), da mesma forma, com a possibilidade do aumento do consumo em massa, elas precisariam de mais recursos naturais e matérias-primas. Como você já viu, estas nações tornaram-se grandes consumidoras de petróleo e os seus maiores fornecedores eram os países do Oriente Médio.

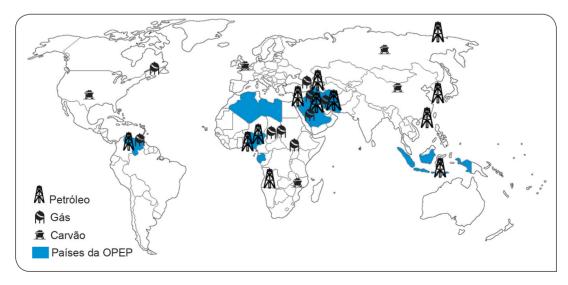


Figura 3 - Produção de petróleo.

Dessa forma, nos anos de 1970, o mundo árabe percebeu que tinha um importante trunfo em suas mãos, o chamado "o uro negro".



Figura 4 - Petróleo: o "ouro negro".

A Crise do petróleo

Isto mesmo: o petróleo! Assim, o preço do barril, e consequentemente do dólar, disparou. Várias fábricas europeias e norte-americanas faliram, milhares de trabalhadores perderam seus empregos e a bolsa de valores de Nova lorque foi atingida. Era a Crise do Petróleo.

Falências, desemprego, crise econômica, problemas na bolsa de Valores de Nova Iorque. Muita gente acreditou estar vivendo uma nova Crise de 1929. Mas, esta nova crise era diferente e os efeitos negativos foram enfrentados de maneira distinta: os sistemas de proteção social e regulação – típicos do Estado de Bem-estar Social – ao manter as compras públicas e pagar seguros desemprego salvaram as empresas do acúmulo de estoques e mantiveram o poder de compra dos cidadãos. Apesar disso, a crise se fez presente e com ela a insatisfação.

O desemprego de jovens, mulheres e operários da indústria tradicional, apesar de acionados os mecanismos de proteção social, acabou por reinstituir a carência, a pobreza e a corroer as bases da integração social propostas pelo Estado de Bem-estar. É neste contexto, no qual o imigrante é visto como um concorrente na fila de emprego e nos programas de benefícios sociais, que a xenofobia – ódio ao estrangeiro - e o racismo no continente europeu cresceram.

Observe a tabela sobre aumento do desemprego na Europa Ocidental.

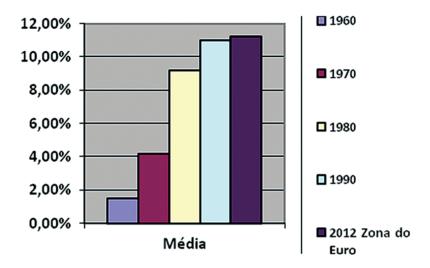


Figura 5 - Variação no índice de desemprego da década de 1960 até o ano de 2012.

O desemprego tinha raízes mais profundas. Não era apenas um desemprego temporário. Nessas décadas, novas máquinas e tecnologias substituíram de forma permanente o trabalho humano... A esse tipo de desemprego dá-se o nome de *estrutural*, ou seja, os empregos suprimidos no setor industrial, agrícola e de serviços não foram recuperados. Basta pensar que as tecnologias mudam e que empregos que eram comuns nos anos 70 e 80, como o de datilógrafa, não existem mais.

Contudo, a capacidade de produzir não foi limitada ou diminuiu. O uso do modelo de produção flexível que adapta a produção à demanda do mercado consumidor (ou *toyotismo*) manterá e ampliará a produção, acrescentando possibilidades novas como a dispersão das fábricas pelo mundo – agora menores e mais compactas. O controle dos estoques e a divisão do processo de produção, que tem como resultado a escolha de lugares para as montadoras onde a relação custo/benefício seja mais vantajosa. Através desse modelo vemos Estados negociando com fábricas internacionais isenções fiscais para que levassem suas montadoras para região – esperando assim, gerar mais emprego e renda.

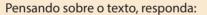
A reestruturação produtiva levou também ao aumento do abismo entre os países desenvolvidos e os não desenvolvidos, já que o domínio das novas tecnologias consistirá numa das formas de reafirmação do poder econômico, político e cultural dos países centrais. Os países da América Latina, África e Ásia, que tradicionalmente foram consumidores de produtos industrializados e recebiam financiamentos vindos da Europa e dos Estados Unidos, verão sua dependência ampliada. Pense, por exemplo, nos telefones celulares mais modernos, os smartphones. A maioria é de tecnologia estrangeira. A globalização é, certamente, parte e produto deste processo. A globalização é o processo que estabelece uma integração entre países e pessoas de todo o mundo, ou seja, uma mundialização que envolve transações comerciais, financeiras e culturais. Esse processo foi impulsionado nas últimas décadas do século XX pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pela dinamização dos transportes e pelo desenvolvimento das telecomunicações. Com isso, a sensação é a de que o mundo se tornou menor e as distâncias mais curtas.

Saiba Mais

Algumas características do processo de globalização são:

- A ampliação da competição comercial entre países e regiões;
- Pressão pela liberalização do comércio;
- Formação de blocos econômicos como o MERCOSUL e a União Europeia;
- Subordinação dos interesses nacionais aos interesses das empresas transnacionais.

"O que tornava os problemas econômicos das Décadas de Crise extraordinariamente perturbadores, e socialmente subversivos, era que <u>as flutuações conjecturais coincidiam com convulsões estruturais</u>. A economia mundial que enfrentava os problemas das décadas de 1970 e 1980 não era mais a da Era de Ouro, embora fosse, como vimos, o produto previsível daquela era. Seu sistema de produção fora transformado pela revolução tecnológica, globalizado ou "transnacionalizado" em uma extensão extraordinária e com consequência impressionantes. Além disso, na década de 1970 tornou-se impossível ignorar as revolucionárias consequências sociais e culturais da Era do Ouro (...), assim como suas consequências ecológicas potenciais." (HOBSBAWN;1995.)



- a. Explique a frase sublinhada.
- b. Cite duas consequências ecológicas potenciais da Era de Ouro do capitalismo.





Nos anos 1990, com o fim da URSS, a crise atingiu o socialismo ocidental na Rússia, Polônia, Tchecoslováquia, Romênia e Bulgária. Apenas a China e o sudeste da Ásia saíram da crise com a economia dinâmica. Na África e América Latina, a depressão se prolongou nos anos 1980. Essa crise persistiu e se aprofundou durante a Revolução Islâmica (1979), que levou o Aiatolá Khomeini ao poder no Irã, depondo o aliado do governo norte americano, o Xá Reza Pahlevi. Mais uma vez, os preços do petróleo dispararam. Com o objetivo de aumentar os recursos frente ao novo choque do petróleo, o governo americano elevou a taxa de juros dos títulos da dívida pública dos EUA e impactou o mundo todo, especialmente a América Latina e o Brasil, pois os países latino-americanos possuíam, nas décadas de 1970 e 1980, as maiores dívidas externas do mundo e os EUA eram os principais credores desta dívida. Assim, quando os EUA decidiram pela ampliação dos juros por lá, nossa dívida externa cresceu junto.

No conjunto, a crise dos anos 1970 mudou as perspectivas do mundo ocidental capitalista. E nos EUA a resposta veio com a eleição do republicano Ronald Reagan, no mesmo ano. As propostas de governo de Reagan iam na contramão do Estado de Bem-estar Social, já que uma de suas resoluções era justamente diminuir o papel do Estado na economia. Assim, Reagan substitui a assistência estatal pela competição, valorizando o individualismo. Sua política ia ao encontro da postura da primeira-ministra inglesa, Margareth Thatcher, na implantação do neoliberalismo. Para recuperar o prestígio externo dos EUA e ampliar seu poder nas regiões produtoras de petróleo, Reagan apoiou o Iraque de Saddam Hussein contra o Irã, na guerra que se estenderia por toda a década de 80.

E como estava o Brasil em meio a estas transformações?

No caso brasileiro, nunca houve um Estado de Bem-estar Social. No período analisado acima, o Milagre Econômico (1968-1973) tinha sido realizado a partir do modelo energético do petróleo e da captação de financiamentos externos. A substituição progressiva do transporte ferroviário pelo automobilístico era apenas uma evidência disto. Como dependíamos da importação de petróleo para suprir as necessidades do mercado interno, podemos entender o impacto do 1º Choque do Petróleo (1973) em nossas contas externas. As flutuações de preço do barril, provocadas pelos conflitos internacionais, resultavam em dificuldades para a manutenção do ritmo de crescimento da economia brasileira. Era a crise do Milagre Brasileiro.



Figura 6 - Dívida externa.

Além disto, devemos considerar o peso do endividamento externo do país nos anos 1970. As grandes obras realizadas pelo governo ditatorial brasileiro (1964-1984) custavam caro. Como o crescimento acelerado demandava investimentos em infraestrutura (estradas, energia, entre outros), o ritmo da tomada de empréstimos se intensificava. Já imaginou o custo para construir uma das maiores hidrelétricas do mundo, como Itaipu? Ou uma das maiores pontes do mundo, como a Rio-Niterói? Ou, ainda, para construir as Usinas nucleares de Angra? De tão grande, nossa dívida externa, parecia mesmo eterna!



Figura 7 – Obras grandiosas que contribuíram para o aumento da dívida externa brasileira.

E para piorar, investidores estrangeiros preferiram comprar papéis da dívida externa americana, considerados mais seguros do que os investimentos no Brasil, ou em outros países da América Latina. Desta forma, houve fuga dos capitais necessários ao financiamento de nossa economia. O resultado disto é que na década de 1980 o Brasil cresceu a níveis muito baixos. Neste período, um dos objetivos básicos do governo brasileiro era a renegociação da dívida externa, finalmente alcançada em 1992. Não conclua, entretanto, que esta renegociação nos tenha sido muito favorável. É que a renegociação das dívidas externas vinha agora com as imposições do *Consenso de Washington*: desregulamentação; privatização; abertura comercial, enfim, desmontagem do Estado desenvolvimentista.



Consenso de Washington foi uma expressão cunhada por John Williamson, do International Institute for Economy, que promoveu, em 1989, uma reunião para discutir as reformas necessárias para que a América Latina saísse da década que alguns chamavam de "perdida" – em função da estagnação, inflação, recessão e dívida externa - e retomasse o caminho do crescimento.

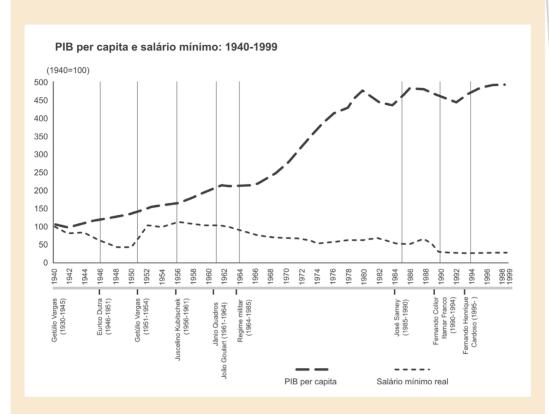
Foram conteúdos do consenso:

- A política macroeconômica: esforço de equilíbrio fiscal; reforma administrativa e previdenciária; corte dos gastos públicos;
- Estabilização monetária e reformas;
- Desoneração fiscal do capital para ampliar a competitividade;
- Desregulamentação dos mercados financeiros e do trabalho.

As lutas pela redemocratização do país, desde os anos 1970, deram aos anos 1980 uma dinâmica contraditória. Se por um lado, a crise do modelo econômico se evidenciava e a inflação corroía os salários, por outro, a ampliação da mobilização e participação política – as greves operárias, a fundação e refundação de sindicatos e partidos, a retomada do movimento dos trabalhadores rurais (agora em torno do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), a criação de associações de moradores, a retomada do movimento estudantil, entre tantos outros – fizeram dos anos de 1980 memoráveis tempos de ação cidadã em defesa dos direitos públicos sintetizados no Movimento das Diretas Já! (1984), na Constituição Cidadã (1988) e na primeira eleição direta para presidente da República pós-ditadura, em 1989.

Desta forma, embora avançassem na Europa e nos Estados Unidos, as propostas neoliberais não puderam se estabelecer, aqui no Brasil, naqueles anos.

Analise o gráfico abaixo e reflita sobre o que se pede.



Atividade 2

Observe o afastamento entre a linha que representa o aumento do PIB *per capita* e aquela que representa o salário mínimo real.

- a. O que este afastamento significa?
- b. Que período histórico é particularmente representativo deste afastamento?

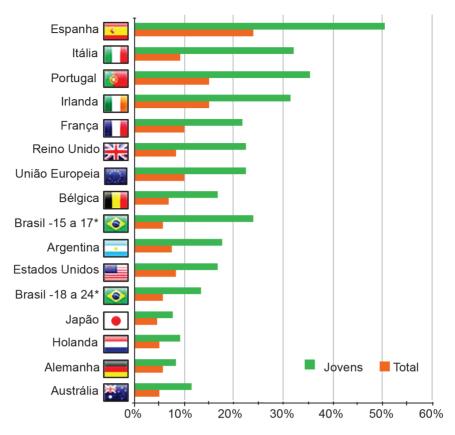


A emergência do neoliberalismo

Com todo esse cenário que se desenhou até agora, temos condição de entender o contexto histórico da chamada "virada conservadora" (1979/82), ou seja, o momento em que as teses neoliberais foram implementadas por vários governantes e se tornaram dominantes. Do 1º Choque do Petróleo (1973), passando pelo 2º Choque do Petróleo (1979) e chegando à crise das dívidas externas, o que se operava era uma profunda mudança, em um período de recessão prolongada. Recessão esta marcada pela desaceleração do crescimento, aumento da inflação, aumento do desemprego, aumento dos gastos públicos de natureza social e falência das políticas de estabilização. O Estado de Bem-estar Social, nos países centrais, e o Estado Nacional Desenvolvimentista, nos periféricos, pareciam impotentes frente a essas dificuldades. Além disso, alguns autores afirmam que a crise do socialismo na URSS e no leste europeu acabou por facilitar a expansão das ideias neoliberais, já que o contraponto socialista deixou de existir, o que parecia sublinhar a superioridade dos regimes capitalistas do ocidente.

E o Neoliberalismo resolveu a crise? O crescimento econômico seguiu sendo medíocre. A produtividade nunca mais cresceu como anteriormente. Os salários nunca mais recuperaram a participação que já obtiveram na riqueza nacional. A riqueza concentrou-se de uma forma nunca dantes vista na história do capitalismo. Por outro lado, se os gastos sociais caíram, os gastos públicos mantiveram-se iguais na maioria dos países centrais, ou aumentaram. O que houve foi uma redefinição dos gastos. Isto é, aumentou a quantidade de recursos gastos com a dívida financeira e diminuiu a quantidade de gastos com saúde e educação, por exemplo.

Por fim, essa longa era neoliberal nos deixou um alto índice de desemprego e levou à precarização do emprego através dos contratos de trabalho flexíveis, aqueles em que o trabalhador tem seus direitos - como, por exemplo, carga horária, descanso e férias - apenas parcialmente respeitados.



*O IBGE divide o desemprego entre os jovens no Brasil nessas duas faixas etárias.

Figura 8 - Índice de desemprego dividido em duas faixas etárias.

Crítica e crise do modelo neoliberal

A imagem abaixo expressa os sentimentos e atitudes contraditórios que temos diante da Globalização. Por um lado, observamos uma visão positiva do processo de globalização, que tornou as distâncias entre as pessoas menores. Por outro, temos uma visão negativa. Será que em um mundo onde a cultura se torna global, as pessoas consomem os mesmos produtos, assistem os mesmos filmes e gostam das mesmas músicas, não estaríamos todos nos tornando iguais?



Figura 9 - Festa da globalização.

Todo processo, claro, tem seus aspectos positivos e negativos. E a globalização também! Por exemplo, o processo foi responsável pela disseminação de novas tecnologias que requerem mais conhecimento e aprendizado do que trabalho manual. A internet se torna mais inclusiva com mais pessoas ao redor do mundo acessando a rede. O mundo torna-se menor, tanto para a circulação de produtos e dinheiro, quanto de pessoas e informações. Além disso, as inovações tecnológicas reduziram o desperdício de energia humana em tarefas arriscadas e repetitivas.

Contudo, a globalização também possui seus pontos negativos. O conceito de desenvolvimento é preocupante – a globalização impõe uma ideia de desenvolvimento própria dos países ricos. Outro problema é que as economias dos Estados se tornam subordinadas a interesses de empresas e grupos transnacionais. Tudo isso gera uma concentração de capital nas mãos dos mais ricos e a mercantilização dos seres humanos e da natureza, pondo em risco a sobrevivência humana, entre outros problemas.

De qualquer forma, no período estudado, você percebeu que a afirmação do capitalismo globalizante e do neoliberalismo baseava-se na certeza de que o mercado como entidade livre e autônoma organizaria e regularia as relações de produção e consumo e ao mesmo tempo, estimularia a competição saudável e criativa entre os homens. Isso sustenta a reforma do Estado e a diminuição dos direitos públicos universais que tinham sido importantes para garantir seguridade frente à crise, nos países centrais.

Nos países da periferia – os da América Latina, África e Ásia – e do Leste Europeu, a crise nos anos 1980 não foi menos intensa e devastadora. A subordinação ao *Consenso de Washington* no momento da renegociação das dívidas externas fez com que o esforço de equilíbrio fiscal, a reforma administrativa e previdenciária sugeridos pelos bancos internacionais, levassem a cortes dos gastos públicos num nível, abrangência e violência que ampliaram a desproteção social. É assim que Argentina, Brasil e seus vizinhos adentram nos anos 1990: dívidas externas renegociadas, ata-

ques de especuladores que buscam as altas taxas de juros pagas por aqui, taxas de desemprego alarmantes e pouca ou nenhuma estratégia de proteção social. Com isso, aumentou o abismo que separava ricos e pobres, a desigualdade social tornou-se mais uma medalha em nossa História, já que o Brasil ocupará a nada honrosa 3ª posição no ranking dos países mais desiguais do planeta, segundo a ONU.

A Primeira Ministra Britânica, Margareth Thatcher (1979-1990) cunhou a expressão que resumiria a posição dos neoliberais naquele momento: "There is not alternative" (t-i--n-a), ou seja, "não há alternativa". Os problemas decorrentes da reestruturação produtiva não poderiam ser confrontados por nenhuma outra solução senão a aposta no mercado e nas soluções individuais promovidas no âmbito do capitalismo neoliberal globalizado. A fórmula, dita e repetida, tornou-se sigla para os que dela compartilhavam. Parecia sustentável que não havia alternativa. Entretanto, havia outros posicionamentos frente a globalização e o neoliberalismo, tal como observamos no texto abaixo.



Leia o texto sobre o Fórum Social Mundial e reflita sobre as sugestões de Frei Betto.

Um outro mundo é possível.

Frei Betto

"O Fórum Social Mundial de Porto Alegre, agora em segunda edição, reúne e converge as atenções daqueles que reconhecem o fracasso do atual modelo de globalização. Segundo dados do Banco Mundial, somos 6,1 bilhões de pessoas no planeta, das quais 1,2 bilhão vivem abaixo da linha da miséria (renda mensal inferior a US\$ 30) e 2,8 bilhões abaixo da linha da pobreza (renda mensal inferior a US\$ 60).

Para João Paulo II, este modelo de globalização agrava as desigualdades entre as nações e penaliza os pobres. Hoje, 80% da produção industrial do mundo é absorvida por apenas 20% da população da Terra. E quatro cidadãos dos EUA - Bill Gates, Larry Ellison, Warren Buffett e Paul Allen - possuem, juntos, fortuna superior às riquezas de 42 nações com 600 milhões de habitantes.

)	Atividade
$\overline{}$	•
\cap	3
\cap	

"O livre mercado resultou em guerras; o receituário do FMI empobrece a América Latina e leva a Argentina à falência, obrigando o Brasil a sofrer uma sangria mensal de US\$ 2 bilhões; o desemprego tornou-se crônico; o socialismo faliu no Leste europeu. São fatores que nos obrigam a refletir sobre o estado atual do mundo e a encontrar uma saída, através da qual o bem comum se sobreponha aos interesses privados, os direitos humanos à ambição de lucro, o bem-estar social ao monetarismo ortodoxo que estabiliza moedas e desestabiliza populações.

(...)

A prioridade não é contrapor-se ao Fórum Econômico Mundial, transferido de Davos para Nova York, nem denunciar os desacertos gritantes do atual modelo de globalização, mas abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de sociedade sustentável, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.

(...)

Em Porto Alegre naufraga a ditadura do pensamento único e irrompe a certeza de que sonho que muitos sonham transforma-se em realidade.

(Fonte: http://alainet.org/active/1707)

Em "Um outro mundo é possível", escrito em 2002, Frei Betto, se opõe a ideia apresentada por Margareth Thatcher segundo a qual não haveria alternativas ao modelo de capitalista neoliberal. O autor resume, ainda, a crítica ao "atual modelo de globalização". Agora que você já leu o texto e refletiu sobre ele, responda:

Retire do texto duas críticas ao modelo.

Qual seria o principal objetivo do Fórum Social Mundial, segundo Frei Betto?



Seção 2

As lutas antiglobalização

Já na década de 1990, diversas manifestações espalhadas pelo mundo, passaram a se autodenominar "lutas antiglobalização" ou "antimundialismo". Ao que tudo indica, o nome surgiu da *Ação Global dos Povos*, movimento que coordenou vários dias de ação contra o sistema capitalista, cujo início foi em junho de 1999, na cidade de Colônia, Alemanha.

A partir da crítica aos efeitos destrutivos da globalização capitalista, particularmente a denúncia do poder das empresas transnacionais e a concentração de riquezas nos países do norte, as manifestações assumiram heterogeneidade marcante. Podiam ser lutas ecológicas, feministas, indígenas, de comunidades tradicionais como quilombolas, por exemplo. Neste processo, surgiram Organizações Não Governamentais (ONG's) e Grupos de Defesa desta e daquela causa. Observando essa diversidade de ações e grupos, alguns autores chegaram a associar as lutas antiglobalização aos chamados novos movimentos sociais. Não raro, estiveram juntos os trabalhadores e seus sindicatos, os camponeses e suas ligas e movimentos, os estudantes e os grupos e partidos de esquerda.

Em meio à diversidade de bandeiras, destacaram-se como propostas em comum: o cancelamento das dívidas externas dos países pobres, a proteção do meio ambiente com a redução da emissão de gases poluentes, a modificação das regras de comércio internacional e a denúncia contra o superpoder das multinacionais. Opondo-se aos organismos internacionais de gestão do capitalismo, como o *Fundo Monetário Internacional* (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), estes movimentos apropriam-se da internet como meio de comunicação, mobilização e formação de seus militantes.





Figura 10 - Lutas antiglobalzação.

Mais recentemente, a partir de setembro de 2011, o movimento *Occupy Wall Street* tomou o distrito financeiro de Wall Street, em Nova lorque, nos EUA. Denunciando a responsabilidade do sistema financeiro internacional pela desigualdade, a pobreza e a crise mundial, o protesto espalhou-se por outras cidades dos EUA e do mundo. Estabelecidos em ocupações permanentes, os manifestantes organizam assembleias para decisões de encaminhamento coletivo de reivindicações e passam a conviver cotidianamente em meio à enorme diversidade de pessoas e projetos que ali se encontram representados. Sob o slogan "Nós somos os 99%", o grupo denuncia a concentração de renda nos EUA.

Outras manifestações com essas características foram o *Movimento 12 de Março* ou *Geração à Rasca*, em Portugal; o *Movimento 15 de Março* ou *Movimento dos Indignados*, na Espanha e na Itália. Uma inspiração para os manifestantes foi a chamada *Primavera Árabe* que derrubou os governos da Tunísia e do Egito.



Primavera Árabe

O termo Primavera Árabe nomeia os diversos movimentos, aparentemente desconexos, que desde dezembro de 2010 vêm sacudindo países no norte da África e na Península Arábica. Foi criado a partir das preexistentes Primavera dos Povos - em referência às revoluções nacionais e socialistas que abalaram a Europa por volta de 1848 e da Primavera de Praga, movimento em defesa da liberdade e da autonomia da antiga Tchecoslováguia frente à dominação soviética, em 1968.

Em todos os casos, o que se quer evidenciar são movimentos com forte presença popular, em defesa da democracia e das liberdades individuais e coletivas que se opuseram a regimes autoritários ou ditatoriais. Mas, o que estamos chamando de Mundo Árabe? O Mundo Muçulmano? Do Oriente Médio? É possível afirmar que se trata de um único "Mundo" em movimento? Por Oriente Médio compreende-se uma região que ocupa a maior parte do sudoeste asiático. Já o Mundo Árabe é o conjunto formado por mais de 250 milhões de pessoas que ocupa o norte da África e o Oriente Médio. O mundo Muçulmano é maior que esses dois universos: abrange mais de um bilhão de pessoas, na África, na Ásia mas também fora delas. Se há coerência na utilização do termo Mundo Árabe, isto se refere às raízes históricas mais ou menos compartilhadas como: a adesão ao islamismo a partir do século VII por árabes, persas, turcos e a submissão ao Imperialismo europeu em fins do XIX e início do XX.

Em relação aos movimentos apontados na "Primavera Árabe" parece importante analisar a dinâmica entre o comportamento político individual e o coletivo - particularmente evidenciada no episódio da autoimolação (atear fogo em seu próprio corpo) de Mohamed Bouazizi, jovem tunisino que ao atear fogo ao próprio corpo, em dezembro de 2010, chocou e ajudou a mobilizar milhares de pessoas em seu país e fora dele. O que há de particular nesse caso? Trata-se de um desempregado que, por falta de opção transforma-se em vendedor ambulante de frutas. Proibido pelas autoridades locais de continuar com a atividade, pressionado pela carência e, segundo depoimentos, humilhado pela fiscalização - até aqui poderíamos estar descrevendo a rotina de um camelô no Centro do Rio de Janeiro, você não acha? - Bouazizi decide-se pela autoimolação.

Uma das demandas apresentadas pela Primavera Árabe em seu conjunto é a realização de eleições livres. A ideia claramente defendida é de que a democracia tem como um de seus fortes pilares a existência de eleições livres e periódicas. (...)

A participação de jovens e, notadamente, de mulheres parece ser outra chave para a democratização. As mulheres tiveram atuação pioneira na Tunísia, onde foram vistas e fotografadas puxando seus maridos e filhos para as ruas. Há imagens de colunas de mulheres usando o véu islâmico nas manifestações da Praça Tahir, no Egito. Em 2011, o Prêmio Nobel da Paz foi concedido a três mulheres: a presidente liberiana, Ellen Johnson Sirleaf, sua compatriota e militante pela paz Leymah Ghowee e a iemenita Tawakkul Karman, ativista da Primavera Árabe.



Mas há outro detalhe que vem chamando muita atenção. A disseminação das redes sociais e das tecnologias de telefonia celular - tanto para falar, quanto para transmitir imagens via satélite, parecem ser um traço novo e marcante no conjunto dos movimentos em análise. É interessante destacar também que esses métodos de resistência tem se associado e mesmo impulsionado, os tradicionais métodos de organização como greves, comícios e passeatas. É assim que o Ocidente tem tomado contato com pessoas reais, em tempo real o que tem sido um poderoso antídoto contra preconceitos e slogans fáceis a propósito da cultura islâmica.

Particularmente interessante é a mobilização dos participantes de um movimento em relação ao desastre provocado pela passagem do furação Sandy pela costa leste dos EUA, em 2012, os *occupiers*. Os manifestantes denunciam que a ajuda do governo aos desabrigados e desamparados vem juntamente com o endividamento dessas pessoas, que deverão pagar, no futuro, pela ajuda recebida agora.

Também na Europa, diversos acampamentos do movimento Occupy existiram e persistiram: Frankfurt (até fevereiro de 2012); Paris (até dezembro de 2011) e Madri (até junho de 2011), por exemplo.

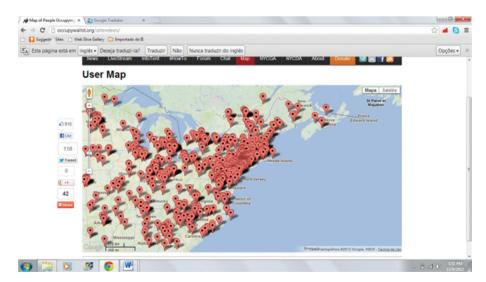


Figura 11- Mapa dos núcleos do movimento Occupy nos EUA.

Observando a riqueza dessas manifestações, Richard Sennet, sociólogo americano, escreveu:

"O que me interessa no movimento "Occupy" é que ele não foi tanto uma questão de ideologia, e sim de grupos de pessoas que nunca tinham passado muito tempo juntas e de repente se viram dividindo o mesmo espaço. Aqui em Londres, tínhamos os estudantes de sempre misturados a desempregados, pensionistas e gente que aparecia para protestar por motivos variados. Eram pessoas que estavam acostumadas a ler umas sobre as outras, mas que nunca tinham dialogado. Em um protesto político normal, as pessoas passam duas ou três horas juntas e se dispersam, mas no "Occupy" elas estavam no mesmo lugar dia após dia. Como ninguém consegue protestar o tempo todo, o que acontecia era muito bate papo, uma convivência que normalmente não é considerada "ação política". O mais significativo dos protestos não eram os slogans, e sim as descobertas que as pessoas faziam umas sobre as outras. Foi um momento especial. Não sei se ele pode ser revivido, mas nele vislumbramos uma sociedade em que esse tipo de atitude poderia ser mais rotineira." (Entrevista ao cadernos Prosa e verso do Jornal "O Globo" 11.08.2012)

Seção 3 O Brasil hoje





Figura 12 - Slogan do governo federal na Era Lula-Dilma.

Já prestou atenção nas frases acima? Repare que em destaque está a palavra Brasil, em segundo plano um slogan "um país de todos" ou "país rico é país sem pobreza", tendo também uma assinatura: Governo Federal. Consegue imaginar do que se trata? No primeiro caso, trata-se da propaganda do governo brasileiro durante a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva e, no segundo, durante a gestão Dilma Rousseff. Nestes slogans observamos o governo brasileiro construindo sua imagem através da propaganda e da aproximação com setores mais populares da sociedade. Você imagina as razões para isto?

Uma boa dica para início de conversa é pensarmos que tradicionalmente nosso país concentrou riqueza e poder nas mãos de poucos. Não por acaso, figuramos entre os países mais desiguais do planeta. É fato também que, como vimos antes, o processo de redemocratização pós-ditadura civil-militar, nos anos 1980, deu visibilidade a gru-

pos sociais e projetos políticos que tinham como base de sustentação a defesa da democracia e da cidadania. Você lembra que a Constituição brasileira de 1988 representou grande novidade em relação à cidadania? Pela primeira vez em nossa História, uma constituição assegurava direitos sociais como saúde e educação a todos os cidadãos. Ocorre que, embora estando na lei, esses direitos não foram efetivamente estendidos a todos. Daí persistirem a desigualdade e a pobreza.

Quando as restrições do Consenso de Washington e as reformas do modelo neoliberal – que estudamos na seção anterior – foram implantados no Brasil, ao longo dos anos 1990, os problemas aumentaram. Por um lado, a Reforma do Estado buscava torná-lo mínimo e materializou-se nas privatizações de empresas estatais. Por outro, deteve-se o processo de universalização de políticas sociais, o que aprofundou a pobreza e a desigualdade.

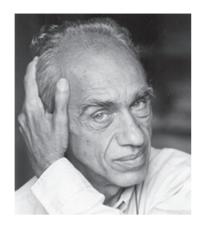
Em 2002, um candidato que tinha sido operário, líder sindical nas greves do ABC paulista durante a ditadura, membro do Partido dos Trabalhadores (PT), migrante nordestino, deputado constituinte em 1988, chegou ao poder. Isso gerou uma enorme expectativa de que a desigualdade e a pobreza fossem, finalmente, combatidas com um empenho jamais visto.



Figura 13 - Início da trajetória política de Lula, no Movimento Sindical.

Dialogando com as expectativas dos seus eleitores, uma das características do governo Lula foi a ampliação de programas sociais. Em seu primeiro mandato criou o "Fome Zero", programa que tinha o objetivo de erradicar a fome no país, assegurando o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos. Com forte inspiração nas ideias do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que dizia que "Quem tem fome tem pressa", o "Fome Zero" ganhou repercussão internacional. Outro programa lançado por Lula foi o "Bolsa Família", que beneficia famílias em situação de pobreza extrema com a condição de que mantenham os filhos na escola e com a carteira de vacinação atualizada. Pode-se listar, ainda, o "Brasil Alfabetizado", voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos.





Quem foi Betinho?

"O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, (...) tornou-se símbolo de cidadania no Brasil ao liderar a campanha contra a fome. Betinho mobilizou a sociedade brasileira para enfrentar a pobreza e as desigualdades. Hemofílico, morreu de Aids em 9 de agosto de 1997, deixando um exemplo de solidariedade e de luta pela transformação social. A Campanha Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida não foi a única frente em que Betinho se envolveu desde que voltara do exílio. Ainda nos anos 1980 foi articulador da Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Junto com outras entidades, o Ibase organizou em 1990 o evento "Terra e Democracia", que levou 200 mil pessoas ao Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro". (Retirado de: http://www.ibase.br/pt/perfil-betinho/)

Durante o governo Lula os índices de geração de empregos e renda foram elevados. As relações econômicas com o resto do mundo também foram positivas e nossas exportações cresceram. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado durante o segundo mandato, mostrava uma política pública de planejamento que previa um conjunto de obras de infraestrutura, habitação e de apoio ao desenvolvimento econômico. Outro marco econômico do período foi a descoberta do **pré-sal**, assegurando ao país mais uma riqueza a ser explorada.

O que é o Pré-Sal?

Os jornais lançam notícias sobre o pré-sal frequentemente. Mas o que significa *pré-sal*? Trata-se da descoberta e o desenvolvimento de tecnologias para exploração de petróleo em águas profundas na plataforma continental brasileira. As estimativas do governo apontam que as reservas atinjam entre cinco e oito bilhões de barris de petróleo e gás natural. (Adaptado de: http://www.conexaoaluno.rj.gov.br/especial.asp?EditeCodigoDaPagina=1478.

Apesar disto, muitas críticas foram e são feitas aos alcances das mudanças implementadas no governo Lula. Como a reforma agrária e a tributária que avançaram muito pouco. As denúncias de corrupção do e no governo Lula, decepcionaram os que apostavam no avanço da democratização do Estado. Apelidado pela mídia de "mensalão", o esquema político de compra de votos, onde os deputados recebiam "mesadas" em troca de apoio a projetos políticos, evidenciava a persistência do histórico problema. Além disso, a desigualdade segue sendo uma das principais características de nossa sociedade.

Em 2010: uma mulher presidente do Brasil

"Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher",

(Dilma Roussef. Discurso de posse Disponível em: http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/01/01/leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso)



Figura 14 - Lula e sua herdeira política, Dilma Roussef

Em 2010, Lula apoiou a campanha da ex-Ministra da Casa Civil, Dilma Roussef (PT) para presidência da República. Vencendo José Serra (PSDB), Dilma representou uma novidade, pois foi a primeira mulher a alcançar este cargo no Brasil. Militante da guerrilha contra a ditadura civil-militar, foi presa, torturada e processada entre os anos de 1970 a 1973.



Figura 15 - Foto de Dilma com 22 anos, respondendo a um interrogatório na sede da Auditoria Militar do Rio de Janeiro – após 22 dias de tortura. A foto inédita foi revelada pelo livro A vida quer coragem, de Ricardo Amaral, que conta a história da juventude militante da presidente.

Nas urnas, o povo optou pela continuidade do modelo político adotado por Lula ao eleger Dilma. Em seu governo, a presidente deu continuidade aos investimentos nos programas iniciados pelo seu antecessor.

"Estudos e pesquisas mostram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais de transferência da renda, inclusão social e erradicação da pobreza, a política econômica de garantia do emprego e elevação do salário-mínimo, a recuperação de parte dos direitos sociais das classes populares (sobretudo alimentação, saúde, educação e moradia), a articulação entre esses programas e o princípio do desenvolvimento sustentável.

De modo geral, utilizando a classificação dos institutos de pesquisa de mercado e da sociologia, costuma-se organizar a sociedade numa pirâmide seccionada em classes designadas como A, B, C, D e E, tomando como critério a renda, a propriedade de bens imóveis e móveis, a escolaridade e a ocupação ou profissão. Por esse critério, chegou-se a conclusão de que, entre

2003 e 2011, as classes D e E diminuíram consideravelmente, passando de 96,2 milhões de pessoas a 63,5 milhões; já no topo da pirâmide houve crescimento das classes A e B, que passaram de 13,3 milhões de pessoas a 22,5 milhões. A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. Essa expansão tem levado a afirmação de que cresceu a classe média brasileira, ou melhor, de que teria surgido uma nova classe média no país." (CHAUÍ, Marilena. Uma nova classe trabalhadora brasileira. pp. 123-133 In: SADER, Emir (org). Lula e Dilma: dez anos de governos pós neoliberais no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013)

O Brasil e a política externa na "Era Lula-Dilma"

"Gostaria de falar de três pontos que acho que merecem destaque na nossa política externa. A importância de ter colocado a fome como tema central em todos os fóruns mundiais, a aproximação com os países da América Latina e da África e os esforços para mudar as instituições multilaterais e a governança global" (LULA DA SILVA: Adaptado de: http://www.institutolula.org/lula-fala-dos-tres-eixos-da-politica-externa-de-seu-governo-em-conferencia-na-ufabc/#. Ujr21n96-g5.

As relações geopolíticas internacionais sofreram grandes mudanças através das décadas. Se a década de 80 foi considerada a época do retorno do poder norte-americano, os anos 90 foram marcados pela globalização e pela

vitória neoliberal. A partir de 2001, fala-se da época dos impérios e da guerra global ao terrorismo. O ataque às torres gêmeas em Nova lorque, em setembro de 2001, marcou uma virada na política externa norte-americana materializada pela invasão do Afeganistão e do Iraque.

A China e o sudeste asiático ganharam destaque e peso importantes nas relações comerciais e políticas internacionais. Esse era o cenário mundial quando Lula assumiu a presidência em 2003.

Um ponto marcante da política externa do período Lula foi sua ênfase em colocar na **agenda internacional** temas sociais como o combate à fome. Essa posição ficou clara quando o presidente brasileiro afirmou, no Fórum Econômico Mundial, em Davos (2003), frente a um presidente americano comprometido com a guerra contra o terrorismo, que a única guerra que ele queria levar adiante era contra a fome e a pobreza.

Agenda internacional – questões internacionais do momento. Atualmente a agenda internacional privilegia a proteção dos direitos humanos, do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, da mulher e da criança, as regras do comércio, a luta contra o terrorismo e o fundamentalismo religioso, a não proliferação nuclear, o regionalismo e a integração econômicos.



Lula direcionou a política externa brasileira no sentido das negociações comerciais e na busca de coordenação política com países em desenvolvimento e emergentes, com destaque para a Índia, África do Sul, China e Rússia. As relações com a América do Sul também foram um ponto importante da nossa política externa no período. Nesse sentido, o discurso de posse de Dilma reitera o compromisso de associar o destino do Brasil ao da América do Sul. Os dois governos buscaram alianças privilegiadas no eixo Sul-Sul, o que se torna claro com a criação do **IBAS** (sigla que se refere aos membros do grupo – Índia, Brasil e África do Sul) ou **G-3**.

A sociedade e suas lutas

No mundo atual, as Organizações não governamentais (ONGs) são instituições sem fins lucrativos, caracterizadas por fundações, associações e demais organizações de natureza jurídica privada com finalidade pública. Sob o termo "organização não governamental" se insere um vasto número de organizações, que vão desde uma pequena associação de produtores rurais do interior da Paraíba à Fundação Roberto Marinho.

A explosão da criação de ONGs ocorre na década de 1990 e produz uma mudança no perfil destas organizações. As primeiras foram criadas no marco da redemocratização do Brasil - em fins da década de 70 - e atuavam numa perspectiva de participação cidadã, interferindo nos marcos da ampliação dos direitos sociais durante a década de 80. Já as mais recentes responderam ao modelo de privatização do Estado implementado no período e passaram a atuar como prestadoras de serviço, uma espécie de terceirização do papel do Estado.

Veja aqui as principais áreas de atuação das ONGs no Brasil:

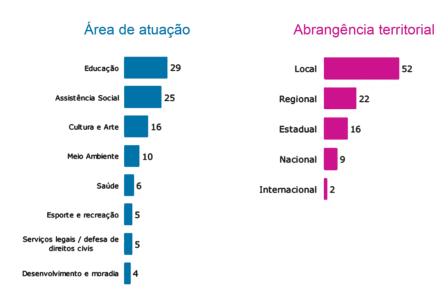


Figura 16 - Atuação das ONG no Brasil

Resumo

Nessa unidade você aprendeu que:

- O Estado do Bem-estar Social foi um período do capitalismo em que a educação, o emprego, a saúde, a previdência e a assistência passaram a ser priorizados nos projetos de desenvolvimento.
- A globalização é um processo de mundialização das relações sociais, financeiras e culturais.
- Houve uma crise no modelo de Estado de Bem estar social, dando início à época neoliberal.
- A crise atinge o Brasil e o resultado foi o aumento da dívida externa e manutenção da desigualdade social
- O modelo neoliberal também entra em crise. A insatisfação gera movimentos que se colocam contrários á globalização capitalista, denunciando a concentração de riquezas.

- Durante a Era Lula-Dilma, o governo brasileiro adota uma postura de valorização de programas sociais.
- A política externa privilegia uma agenda internacional de combate à fome e à miséria e se baseou na adoção do multilateralismo.
- Cresceram as ações de combate a fome e a miséria por iniciativa das Organizações não Governamentais.

Veja Ainda

Filmes

A batalha de Seattle (2007). Direção de Stuart Townsend.

O filme retrata as manifestações nas ruas de Seattle, em protesto contra a Organização Mundial de Comércio.

• Biutiful (2010). Direção de Alejandro González Iñárritu.

O filme aborda a vida de Uxbal (Javier Bardem) que coordena vários negócios ilícitos, que incluem a venda de produtos nas ruas da cidade e a negociação do trabalho de um grupo de chineses, cujo custo é bem menor por não serem legalizados e viverem em condições precárias.

A dama de ferro (2011). Direção de Phyllida Lloyd.

O longa mostra a história da ex-Primeira Ministra da Inglaterra Margaret Thatcher

• Lula: o Filho do Brasil (Brasil/ 2009). Direção: Fábio Barreto

O filme é baseado em um livro homônimo, escrito por Denise Paraná, e conta a história de Lula desde o seu nascimento até o momento da morte de sua mãe – quando, aos 35 anos, Lula era um sindicalista atuante, que já havia sido detido pela polícia durante a ditadura militar.

Sites

• occupywallst.org. Neste sitio você irá perceber a dinâmica atual do movimento occupiers.

Imagens



· Acervo pessoal · Andreia Villar



• Cláudia Affonso



• Cláudia Affonso



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=35910



• http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=873



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ItaipuAerea2AAL.jpg?uselang=pt-br



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rio_de_Janeiro_Ponte_Niteroi_Aerea_102_Feb_2006.jpg



http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kernkraftwerk_Angra.jpg



• http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=224



• http://pt.indymedia.org/conteudo/editorial/21



http://passapalavra.info/?p=18911



• http://occupywallst.org/attendees/



• http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,entortando-o-torno,768064,0.htm



• http://www.institutolula.org/galerias/galerias1396/7/?novoalbum=LulaEDilmaEmSeminarioEmPortoAlegre



• http://www.viomundo.com.br/humor/lobao-diz-que-dilma-sequestrou-aviao-e-luana-que-e-pau-manda do.html



• http://www.spsg.com.br/causas/ong-terceiro-setor-segue-em-crescente-desenvolvimento-no-brasil/

Atividade 1

O aluno deverá ser capaz de distinguir problemas de caráter temporário de crises estruturais. Ele poderá dar o exemplo do desemprego estrutural, que acaba com empregos existentes por uma profunda mudança tecnológica ou econômica.

Respostas das Atividades

O aluno deverá reconhecer que durante a Era de Ouro do capitalismo o governo financiava pesquisas tecnológicas de ponta, desenvolvendo um campo de risco para a paz mundial e o meio ambiente. Havia um forte interesse das empresas privadas no setor bélico (militar), e a possibilidade do aumento do consumo em massa, aumentando, assim, a necessidade de mais recursos naturais e matérias-primas.

Atividade 2

O afastamento mostra que o PIB per capita cresceu muito mais do que o salário mínimo real no Brasil durante as décadas de 1940 e 1999.

É possível observar que o maior afastamento das duas linhas se dá durante o período histórico chamado de Milagre Brasileiro (1969-1973)

Atividade 3

Uma crítica vem do Papa João Paulo II: "Para João Paulo II, este modelo de globalização agrava as desigualdades entre as nações e penaliza os pobres. Hoje, 80% da produção industrial do mundo é absorvida por apenas 20% da população da Terra". Outra crítica do texto: "O livre mercado resultou em guerras; o receituário do FMI empobrece a América Latina e leva a Argentina à falência, obrigando o Brasil a sofrer uma sangria mensal de US\$ 2 bilhões; o desemprego tornou-se crônico; o socialismo faliu no Leste europeu".

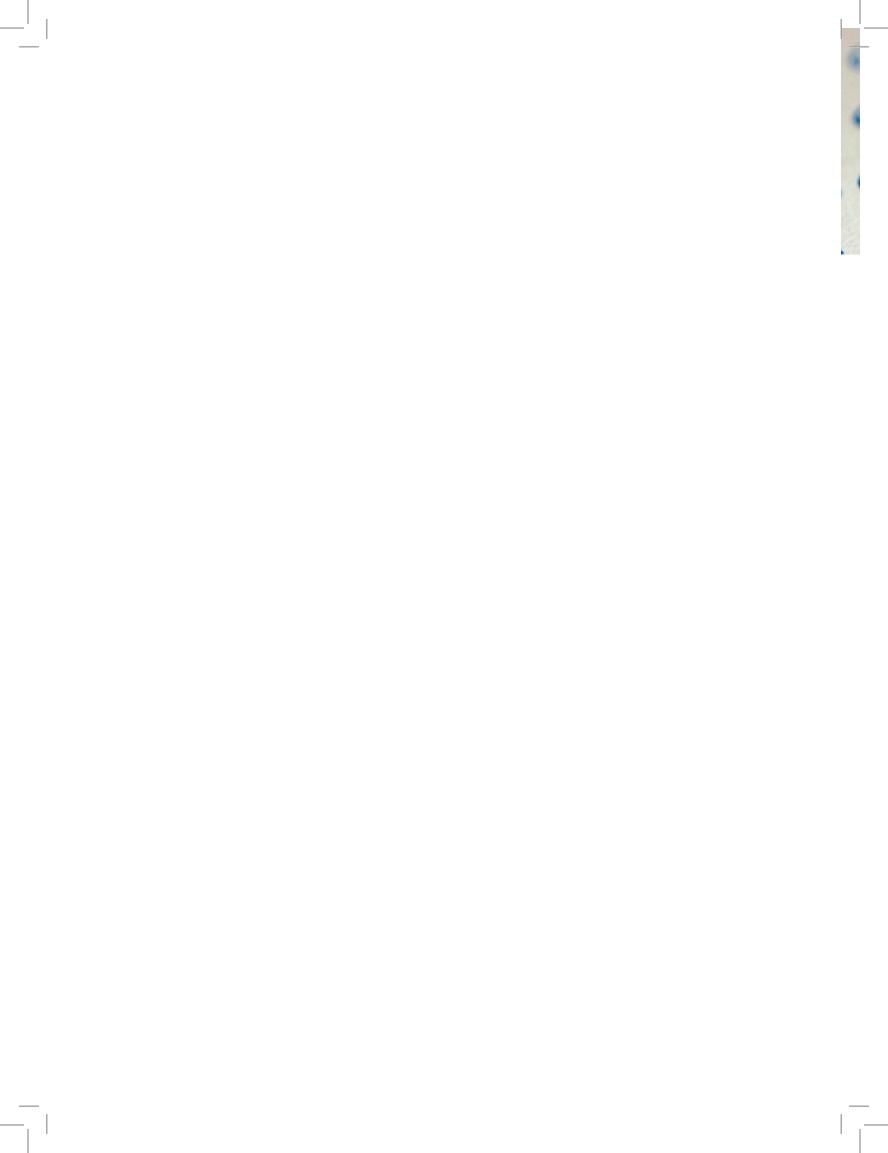
Segundo Frei Beto, o Fórum Social Mundial tem como prioridade abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de sociedade sustentável, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.

Bibliografia Consultada:

- CEPALUNI, Gabriel & VIGEVANI, Tullo. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da Autonomia pela Diversificação. In: Contexto Internacional. Rio de janeiro, vol. 29, nº 2, julho/dez 2007, p. 273-335.
- CHESNAIS, François. Tendências profundas do imperialismo e ampla crise de leadership. In: Revista Margem Esquerda. Nº 1, 2003. Editorial Boitempo, pp 11-18.
- CHOMSKY, Noam. Os dilemas da dominação. In: BORON, A. (org) Nova hegemonia mundial. Alternativas de mudanca e movimentos sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2004, pp 15-36.
- EVANGELISTA, Fernando. Caros Amigos, agosto de 2001, ed 53.
- FIORI, José Luís. O poder Global. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- ______. O Brasil e seu "entorno estratégico" na primeira década do século XXI. In: SADER, Emir (org). Lula e
 Dilma: dez anos de governos pós neoliberais no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013, pp. 31-52.
- _____. "O consenso de Washington". Palestra proferida no CCBB, em 04/09/1996.
- ______. Acumulação global e ingovernabilidade local. In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz (Org.) O futuro das metrópoles. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2000.
- HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOBSBAWM, E. A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso do senhor presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de posse, no Congresso Nacional, em Brasília. In: AMORIM, C.; GUIMARÃES, S. P.; LULA DA SILVA, L. I. A política externa do Brasil. Brasília: IPRI/Funag, 2003a.
- MÉSZÁROS, István. O século XXI: socialismo ou barbárie? São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org). Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo, Cortez, 2004. Disponível em http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf. Acesso em 3/12/2012
- SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- WOOD, E. O que é anticapitalismo? In: Revista Crítica Marxista, nº 17, novembro/2003, pp 37-50. Campinas,
 Ed Revan.

Sites acessados:

- http://abong.org.br/ongs.php
- http://www.sosma.org.br/quem-somos/historia-2/





Questão 1 (Enem 2011)

O ex-presidente do Banco Central americano disse ontem que "um tsunami do crédito que ocorre uma vez por século" tragou os mercados financeiros. Em audiência na Cāmara dos Representantes dos EUA, frisou que as instituições não protegeram os investidores e aplicações tão bem como ele previa.

Adaptado de O Globo, 24/10/2008

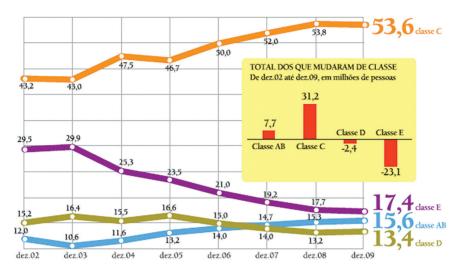
A crise financeira que se intensificou no mundo a partir do mês de outubro de 2008 colocou em xeque as políticas neoliberais, adotadas por muitos países a partir da década de 1980. A principal crítica ao neoliberalismo, como causador dessa crise, está relacionada com:

- a. diminuição das garantias trabalhistas;
- b. estímulo à competição entre as empresas;
- c. reforço da livre circulação de mercadorias;
- d. redução da regulação estatal da economia.

Resposta: D

Questão 2 (Enem 2011)

No gráfico abaixo, estão representadas mudanças no perfil socioeconômico da população brasileira entre 2002 e 2009.



Adaptado de Folha de S. Paulo, 18/04/2010

Um dos principais fatores que possibilitaram as mudanças representadas no gráfico é:

- a. elevação do poder aquisitivo;
- b. ampliação da expectativa de vida;
- c. estabilização da oferta de emprego;
- d. diminuição da taxa de analfabetismo.

Resposta: A

Questão (UERJ 2012)

A crítica feita nos quadrinhos se relaciona com uma contradição do capitalismo globalizado, o qual se caracteriza simultaneamente por:



ANDRÉ DAHMER Adaptado de O Globo, 25/04/2012.

- a. elitização do acesso digital popularização das mídias alternativas;
- b. requinte dos sistemas produtivos declínio dos regimes democráticos;
- c. manipulação dos padrões técnicos simplificação dos métodos de gestão;
- d. consumo de produtos sofisticados exploração da força de trabalho fabril.

Resposta: D







As diferenças entre ética e moral

Para Início de Conversa...

A vida humana não se desenvolve somente na sua dimensão teórica. É mais que óbvio que todos nós teorizamos sobre uma diversidade de coisas. Pensamos sobre o sentido da vida; vamos a uma palestra aprender sobre a teoria de um novo autor; estudamos diversos pensadores e descobrimos a riqueza de suas doutrinas e teorias. Entretanto, nossa vida possui outras dimensões que nada têm a ver com essas teorias. Quando vamos ao mercado, nossa razão está atuando, mas não teoricamente. Estamos pensando em nossos gastos, na promoção, no melhor produto etc. Nessas ocasiões, nossa razão está a serviço da prática. Muitas são as nossas práticas. Praticamos exercícios, compras, esportes, dirigimos carros, caminhamos com amigos, vamos ao banco... Mas uma das práticas que mais desempenhamos tem um outro sentido. Trata-se daquilo que se chama de moral. Praticamos diariamente diversos atos morais. Esses atos são fundamentais para nossa vida em sociedade e para o modo como nos orientamos como indivíduos. Mas, o que é moral? Por que ela é tão importante em nosso dia a dia?

A palavra moral deriva das palavras *mos* e *moris* (em Latim), que significam *costume*. Como podemos perceber, nossa vida é orientada por diversos costumes. Temos costumes que regulam as roupas que vestimos (se vamos a uma igreja, os nossos costumes sociais não nos permitem usar sunga), o tipo de palavras que usamos em diversas ocasiões (se estamos conversando com um amigo, não o chamamos de "Excelência" ou "meu senhor"), os nossos gestos (em uma audiência, na presença de um juiz, não fazemos gestos grosseiros, como sinais com as mãos que indiquem um xingamento), além de outros comportamentos.

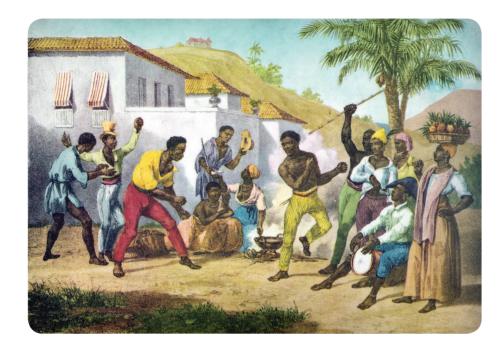
Mas, a moral refere-se a um outro tipo de costume. Trata-se de costume que diz respeito aos valores de bem e mal. Esses valores fundamentais estruturam outros, como: justo/injusto, certo/errado, digno/indigno etc. Costumes morais são aqueles que se relacionam com os modelos de bem e mal da nossa sociedade. Por isso, todos os dias emitimos julgamentos morais em relação aos nossos comportamentos e aos comportamentos dos outros. Em outras palavras: estamos sempre avaliando os nossos atos e os atos dos outros segundo os valores de bem e mal da nossa sociedade. Nem sempre nós concordamos com os padrões morais da nossa sociedade. Muitas vezes, nós os confrontamos e criamos valores morais diferentes. Isso mostra que a moral aparece em dois setores da vida humana: o âmbito individual e o âmbito social. Mais que isso. Pode dizer que há uma moral individual e uma moral social. Vejamos.

Quando nascemos, nossos pais, professores, familiares etc. passam-nos, aos poucos, os valores morais da nossa sociedade. Quando os pais dizem aos filhos: "Isso pode; isso não pode", eles estão educando moralmente os filhos, pois estes estão assimilando os costumes morais da sociedade em que vivem. A moral social é justamente o conjunto de todos os comportamentos e valores morais (bem e mal) que são impostos a todos os indivíduos de uma sociedade. Não há indivíduo que não sofra a influência da moral social. Isso vale para qualquer sociedade: capitalista, comunista, cristã, muçulmana, judaica etc. Mas, não quer dizer que todos os indivíduos de uma sociedade assimilem a moral social da mesma forma.

O ser humano não é obrigado a seguir, como se fosse um animal domesticado, tudo o que a moral social obriga-o a fazer. Os adolescentes, por exemplo, muitas vezes fazem o contrário do que os pais, professores e sociedade esperam. Eles afrontam a moral social e não aceitam seus valores de bem e mal. Isso não acontece somente com os adolescentes. Todo indivíduo pode se voltar contra a moral social e escolher outros valores morais para orientar sua vida ou criar valores morais que ainda não existem. As mulheres, na década de 1960 (assim como os homossexuais), questionaram diversos valores da moral social. Quiseram usar métodos contraceptivos, reivindicaram o direito ao trabalho, inventaram novos valores morais para sua sexualidade, dentre outras coisas. Elas só puderam agir assim porque não repetiram a moral social. Isso nos faz entender o que é a moral individual. Moral individual é o modo como o indivíduo assimila os valores da moral social e relaciona-se consigo e com a sociedade. A moral individual pode ou não aceitar como legítimos os comportamentos e costumes da moral social. Em outras palavras: apesar da moral social ser a mesma para todos os indivíduos de uma sociedade, a moral individual não é necessariamente a mesma. Cada indivíduo pode assimilar a moral social de uma maneira e lidar com os costumes de modo diferenciado.

Johann Moritz Rugendas: Danse de la Guerre de 1835





A história da capoeira é um bom exemplo da relativização de costumes, daquilo que é visto como certo e errado, do que pode ou não pode. Desenvolvida no Brasil, a capoeira é uma mistura de arte marcial, com música e dança. Surgiu como técnica de combate dos escravos em sua resistência à escravidão e tornou-se uma marca da resistência das populações de origem africana. A prática da capoeira, hoje vista como uma saudável atividade esportiva e cultural, foi prática criminalizada durante a época da república velha. Você pode ver o decreto que criminaliza a capoeira (o Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890) na página a seguir:

http://pt.wikisource.org/wiki/C%C3%B3digo_penal_brasileiro_-_proibi%C3%A7%C3%A3o_da_capoeira_-_1890

Apesar de todos os indivíduos agirem moralmente, alguns refletem filosoficamente sobre a moral. Por que alguns comportamentos são considerados morais e outros não? Quando é que nós podemos dizer que alguém está sendo imoral? E se nos forçarem a fazer algo que não queremos, estamos agindo moralmente? Quais os valores morais de uma sociedade podem ser preservados e quais devem ser mudados? Quando a filosofia estuda a moral, surge a ética. Ética não é a mesma coisa que a moral. Ética é a reflexão filosófica sobre a moral humana. Ela reflete sobre os conceitos de bem e mal, sobre as condições que fazem com que um ato possa ser considerado moral e propõe criticamente normas morais. Como os valores morais são históricos (eles mudam com a história das sociedades), a ética é também histórica. A filosofia refletiu de diversas formas a experiência moral do homem ocidental. Por isso, existem diversas éticas, ao longo da história. Devemos, aqui, estudar suas principais características.

Objetivos:

- Diferenciar ética e moral.
- Caracterizar a concepção ética aristotélica.
- Caracterizar a concepção ética agostiniana.
- Caracterizar a concepção ética kantiana.
- Identificar elementos responsáveis pela crise da moral moderna.
- Definir niilismo.

Seção 1

Os gregos e a ética das virtudes

Como vimos, a ética estuda filosoficamente o comportamento moral do ser humano. Neste sentido, os primeiros a construírem uma ética foram os gregos. Isso não é difícil de entender. A filosofia, como já vimos, nasceu na Grécia. Por isso, a ética, que também é uma parte da filosofia, nasceu com os gregos. Ora, como foi falado em nosso primeiro módulo do estudo, o objeto principal da filosofia grega era a *natureza*. Neste sentido, os gregos pensaram o ser humano e seus comportamentos — a partir da concepção de natureza. Dependendo do modo de como era pensada a natureza humana, surgia para eles uma determinada maneira de pensar a ética. Foi assim, por exemplo, com Platão (427-347 a. C.). Ao pensar o ser humano como a junção de corpo e alma, Platão mostrou que os comportamentos morais do ser humano deveriam ser orientados pela razão, pois somente ela pode conhecer o que é o Bem e é somente o Bem que deve orientar as ações morais do homem. No entanto, o corpo interfere nas ações humanas através das paixões que ele sente: ódio, repulsa, ressentimento, raiva, júbilo etc. Por isso, o corpo deveria ser dominado pela alma, pois ele pode iludir o homem e levá-lo a ser injusto. Um homem elevado moralmente é aquele que orienta seus comportamentos segundo o Bem e vive de acordo com a ordem justa do mundo.

A moral grega relaciona-se, então, com uma compreensão muito peculiar do mundo. Os gregos pensavam que o mundo era estruturado por uma hierarquia. Assim, suas ações também deveriam ser estruturadas hierarquicamente. Para isso, a essência do Bem seria justamente o princípio mais alto na ordem hierárquica dos valores que devem guiar os homens. A partir do Bem, o homem grego, segundo pensou Platão, organizaria de modo justo a sua cidade (*Polis*) e a harmonia reinaria entre os humanos. Justamente pelo fato de o ser humano estar suscetível a se desarmonizar – porque o seu corpo pode dominar sua razão e suas paixões podem retirar a soberania da razão humana – ele deve dominar seu corpo. Somente assim, seus comportamentos seriam virtuosos e ele agiria de acordo com sua natureza.

O pensamento ético de Platão foi muito importante para a história do Ocidente. Muitos pensadores inspiraram-se nele. O primeiro e maior deles foi Aristóteles (384-322 a. C.), o mais famoso aluno de Platão. Seu pensamento ético até hoje influencia a humanidade. Na Idade Média, por exemplo, após o século XII, Aristóteles tornou-se o filósofo mais influente do Ocidente e sua ética auxiliou à Igreja cristã, aos judeus e aos muçulmanos a organizarem seus comportamentos morais. Vejamos por que ele é tão importante para a ética.

ΗΘΙΚΩΝ ΝΙΚΟΜΑΧΕΙΩΝ Α.

ΠΑΣΑ τέχνη καὶ πᾶσα μέθοδος, ὁμοίως εδὲ πρᾶξίς τε καὶ προαίρεσις, ὰγαθοῦ τινὸς ἐφίεσθαι δοκεῖ διὸ καλώς ἀπεφήναντο τάγαθόν, οὖ πάντ' ἐφίεται. Διαφορά δέ τις φαί-2 νεται των τελών τὰ μεν ε γάρ είσιν ενέργειαι, τὰ δε d παρ' αὐτὰς ἔργα τινά. Ον δ' εἰσὶ τέλη τινὰ παρὰ τὰς πράξεις, έν τούτοις βελτίω πέφικε των ένεργειων τὰ έργα. Πολλών 3 «δὲ πράξεων οὐσῶν καὶ τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν πολλὰ γίνεται ταὶ τὰ τέλη ιατρικής μεν Εγάρ υγίεια, Εναυπηγικής δε πλοίον, στρατηγικής δὲ ἰνίκη, οἰκονομικής δὲ πλούτος. ^νΟσαι 4 δ' είσὶ τῶν τοιούτων ὑπὸ μίαν τινὰ δύναμιν, καθάπερ ὑπὸ τὴν ίππικην kη lχαλινοποιικη και δσαι māλλαι των ίππικων οργάνων εἰσίν. η αύτη δε καὶ πάσα πολεμική πράξις ὑπὸ τήν στρατηγικήν. ° τον αὐτον δη τρόπον ἄλλαι ὑφ' ἐτέρας· ἐν άπάσαις Ρδε τὰ τών ἀρχιτεκτονικών τέλη πάντων θέστὶν αίρετώτερα των "ύπ' αὐτά" τούτων γὰρ χάριν "κὰκεῖνα διώκεται. Διαφέρει δ' οὐδὲν τὰς ἐνεργείας αὐτὰς εἶναι τὰ τέλη 5 των πράξεων ή παρά ταύτας άλλο τι, καθάπερ επί των λεχθεισῶν ἐπιστημῶν. Εἰ τδή τι τέλος ἐστὶ τῶν πρακτῶν (2) δ δι' αύτὸ ▼βουλόμεθα, τάλλα δὲ διὰ τοῦτο, καὶ μὴ πάντα δι' ετερον αίρούμεθα (πρόεισι γὰρ Ψοῦτω γ' εἰς ἄπειρον, ώστ' είναι κενήν καὶ ματαίαν την δρεξιν), δηλον ώς τοῦτ' αν είη τάγαθον καὶ × τὸ ἄριστον. Αρ' οὖν καὶ πρὸς τὸν βίον 2

Codices Ha, Kb, Lb, Mb, Nb, Ob, a δεὶ δὲ καὶ Ha, Mb, Nb, Ob, b τις om, Mb, c γὰρ αὐτῶν εἰσὶν Mb, d παρὰ ταύτας cott. Kb, c δὴ Lb, f καὶ om, Kb, Mb, Nb, et pt. Ha, ε γὰρ om, Mb, Ob, h ναντικῆς Ha, i νίκαι Lb, k ἡ add, Lb, l χαλιοσποιητικὴ Ha, Lb, Mb, Nb, Ob, m āλλαι τῶν γ τῶν Δλλων Lb, n αὕται Mb, ο τὸν] κατὰ τὸν Kb, Mb, P δὴ Mb, q εἰσὶν Lb, Nb, r τῷ ἀὐτά Ha, Lb, Mb, Nb, Ob, a κείναι Lb, t δὲ Ha, ν αἰρούμεθα Lb, w οὕτως εἰς Lb, Mb, Nb, Ob, x τὸ om, Mb, vol. ix.

Figura 1: Primeira página da Ética a Nicômaco. texto em grego, edição de 1837

O pensamento ético de Aristóteles foi expresso, sobretudo, no seu livro Ética a Nicômaco. É um livro muito estudado pelos filósofos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos etc. Ele começa afirmando que todo ser humano sempre age por causa de alguma finalidade. Todos os nossos desejos, comportamentos, escolhas visam a alguma coisa. Este objetivo que orienta nossas ações é chamado por Aristóteles de Bem. Como ele diz no início do seu principal livro de ética: "toda ação e todo propósito, visam a algum bem; por isto foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam." (**Aristóteles,** Ética a Nicômaco, **p. 17**). Em outras palavras: toda ação humana possui um fim que a orienta. Comemos, para matar nossa fome; estudamos, para passarmos em uma prova; viajamos, para nos divertirmos; rezamos, para conseguir um favor de Deus etc. Diversos são os bens que orientam nossas ações. Entretanto, Aristóteles mostrou que há um bem que é o fim último de todas as ações dos seres humanos. Comemos, dançamos, estudamos, caminhamos, vemos filmes, trabalhamos – tudo que realizamos tem em vista uma finalidade. Mas todas as finalidades estão orientadas para uma finalidade suprema. Que finalidade é essa? Aristóteles diz: a

felicidade. Tudo que fazemos está orientado para a nossa felicidade. O problema, então, é saber o que é a felicidade humana. Apesar de todo ser humano buscar a felicidade, existe muita discordância em torno do que entendemos por felicidade. Aristóteles diz:

66

(...) tanto a maioria dos homens quanto as pessoas mais qualificadas dizem que este bem supremo é a felicidade, e consideram que viver bem e ir bem equivale a ser feliz; quanto ao que é realmente a felicidade, há divergências, e a maioria das pessoas não sustenta opinião idêntica à dos sábios.

(Ética a Nicômaco, p. 19)

77

Diversas são as maneiras de os homens conceberem a felicidade. Aristóteles mostra que a maioria delas não é de fato a felicidade. Há homens que pensam que a felicidade está em viver uma vida de prazeres; outros acham que a felicidade está na honra; e outros pensam que ser feliz é possuir riquezas. Aristóteles mostra que estas concepções são totalmente erradas. Por quê? Primeiro, uma vida que busca somente os prazeres é uma vida reduzida às sensações de agradável e desagradável. O ser humano que assim vive reduz a sua condição à condição dos animais. São os animais que vivem fechados às suas circunstâncias, fugindo da dor e buscando prazer. Ora, o ser humano que age tão-somente com vistas ao prazer está se rebaixando como ser humano. Aristóteles chega a dizer: "A humanidade em massa assemelha-se totalmente aos escravos, preferindo uma vida comparável à dos animais (...)" (p.20) A vida dos animais é essa baseada somente nos prazeres. Já as honras não podem ser a felicidade suprema do ser humano porque ela não surge dentro do indivíduo, mas toda honra é dada por alguém externo ao ser humano. Por exemplo: quanto me aplaudem, eu recebo honras daqueles que estão reconhecendo algo de bom em mim. Se a felicidade se identificasse com a honra, então, eu estaria transferindo para alguém de fora o sentido das minhas ações. A felicidade é o fim último das minhas ações e sou eu que a possuo. Por isso, ninguém pode me dar, de fora, a minha felicidade. Eu não posso pensar que sou feliz somente quando os outros me aplaudem. Isso seria um novo tipo de escravidão. A partir de então, todas as minhas ações passariam a depender da opinião dos outros, se eles gostam ou não gostam do que faço, se eu serei aplaudido ou não etc. Por outro lado, a felicidade não pode estar nas riquezas, como o dinheiro. Isto porque o dinheiro é um meio e não um fim. Nós usamos o dinheiro para comprarmos algo. Usamos nossas riquezas para mostrarmos algo com ela: esbanjarmos que possuímos algo caro, mostrarmos nossa vaidade, para dizermos aos outros que possuímos bens que podem ser trocados. Assim, toda riqueza é um meio e não um fim. Se a felicidade é um fim em si mesmo, ela não pode se reduzir ao dinheiro. O que é então a felicidade?

Para Aristóteles, o homem é feliz quando realiza sua natureza. Isso significa que o homem feliz é aquele que vive de modo pleno, segundo a condição humana. Em outras palavras: uma vida plena é aquela que é excelente,

ou seja, que desenvolve da melhor maneira o ser humano em sua essência. A palavra excelência significa em Latim *virtude*. Viver de acordo com a natureza humana, desenvolvendo suas potencialidades, é ser virtuoso. Por isso, para Aristóteles, somente o homem virtuoso é feliz. Mas, as virtudes vividas pelo homem dependem de sua natureza. Somente a natureza humana mostra o que é a virtude. A primeira pergunta a fazer, então, é: como Aristóteles pensa a natureza humana?

Como vimos no capítulo sobre o que é o homem, os gregos pensaram o ser humano como animal racional. É exatamente esta a natureza do homem, segundo Aristóteles. Para o homem ser feliz, então, deve ele realizar-se como animal racional. Não é só a razão que deve ser valorizada. Mas as atividades do corpo, o modo como a razão relaciona--se com o corpo e as atividades que só dependem da razão. As virtudes devem ser pensadas a partir da relação entre corpo e alma. O primeiro tipo de virtude é a virtude ética. Ela se relaciona com os desejos e as paixões humanas. O homem possui diversas paixões que nascem da sua condição corporal. Quando algumas pessoas sentem fome ficam nervosas. Quando alguém está em uma situação perigosa, pode ter medo ou desespero, porque a situação ameaça sua vida. Aristóteles mostra que as pulsões corporais e os desejos que nascem da relação entre corpo e alma (como o desejo sexual, por exemplo) interferem em nossas ações e pensamentos. A virtude ética é aquela que nasce da harmonização das nossas paixões e desejos. Aristóteles não pensa que devemos lutar para aniquilar nossas paixões e nossos desejos, mas devemos "educá-los", para que eles favoreçam a nossa vida. Esse tipo de virtude nada mais é que o meio termo entre dois extremos. A coragem, por exemplo, é o meio termo entre temeridade e covardia. Na temeridade, alguém se lança contra o perigo sem agir de modo equilibrado, como acontece quando alguém reage a um assalto sem saber se o assaltante está ou não armado. Já a covardia é a incapacidade de enfrentar o perigo. A coragem é o meio termo desses dois extremos. Esse meio termo deve ser aprendido e exercitado pelo homem. A virtude ética nunca está definitivamente pronta. Ela é conquistada pelo hábito de praticá-la sempre. Isso significa que Aristóteles está dizendo que devemos educar as nossas paixões e desejos corporais para que eles possam, em cada circunstância, nos auxiliar. Não nascemos justos ou injustos, corajosos ou medrosos, temperantes ou intemperantes - isso é conquistado através do modo como nos habituamos a agir.

O segundo tipo de virtude refere-se à razão: são as virtudes dianoéticas. Elas são chamadas assim porque se referem ao pensamento (nous, em grego, significa também pensamento). A primeira delas é a prudência. Prudentes são aqueles que sabem escolher, em cada ocasião, os meios para que manifestem suas virtudes éticas. Por exemplo: em uma determinada situação, devemos ser justos. A prudência leva-nos e escolher cada coisa necessária naquela situação para que sejamos justos. Do mesmo modo acontece com a coragem. A prudência é a razão a serviço da realização das virtudes éticas. Ela nos ajuda a lidarmos com as situações concretas de tal forma que possamos ser virtuosos a cada momento. Se não queremos trair nossa (o) namorada (o) e tem uma mulher (homem) olhando-nos, a prudência ajuda-nos a sermos fieis nessa situação, ao escolhermos os meios para que possamos exercer a virtude ética da fidelidade. Podemos, então, mudar o assunto da conversa, sair do local onde a pessoa está, transformar a

conversa em uma oportunidade para o surgimento de uma amizade ou falar para a pessoa que não queremos aquele tipo de relação. É a prudência que nos vai ajudar a realizar a virtude da fidelidade. O segundo tipo de virtude dianoética é a sabedoria. Ela equivale à contemplação das verdades supremas, sobretudo Deus. É uma virtude racional que não nos faz lidar com nossas paixões e circunstâncias. A contemplação diz respeito à capacidade de a nossa alma racional captar o sentido mais profundo das coisas, que é Deus e sua dimensão superior. Como afirmou Aristóteles: " entre as atividades humanas a que tiver mais afinidades com a atividade de Deus será a que proporciona a maior felicidade" (p. 205). Como Deus é o fim último da realidade, ele não pode ser usado. Assim, devemos abrir nossa razão para contemplá-lo espiritualmente.



2. Explique o que Aristóteles entendia por felicidade e diga por que ela não se reduz aos prazeres, à honra e às riquezas.







- 3. A ética grega pode ser caracterizada como:
- a. ética das virtudes;
- b. ética do dever;
- c. ética antropocêntrica;
- d. ética niilista

Anote suas respostas em sen caderno

Seção 2 O Cristianismo e a ética do amor

Já vimos que o homem medieval é diferente do homem grego. Enquanto o homem grego busca saber qual é a natureza das coisas e quer viver de acordo com a natureza humana, o Cristianismo quer saber como o homem, que é *imagem e semelhança de Deus*, deve viver de acordo com a vontade divina. Todos nós sabemos alguma coisa sobre o homem cristão, pois ainda hoje as igrejas cristãs pregam que o homem deve escutar a palavra de Deus (Bíblia) e deve seguir a Sua vontade. Isso já muda muito as coisas. Para o homem medieval, por exemplo, somente Deus pode orientar o ser humano e, assim, por causa de Deus, o homem pode ser feliz. Como disse Santo Agostinho (365-430 d. C.): "criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós". (*Confissões, Livro I, cap.* 1). Sem Deus, o homem cristão não consegue viver sua vida e entender o mundo. Isso mostra que, para esse tipo de ser humano, a moral deve ser orientada pela fé cristã, pois somente ela pode dizer quem é Deus e como alcançá-Lo. Nesse sentido, duas faculdades humanas desempenharão um grande papel na ética cristã medieval: a *razão* e a *vontade*. Vejamos.



Figura 2: Santo Agostinho, em um afresco de Sandro Botticelli, 1480

Assim como para os gregos, o homem é um animal racional, o homem cristão medieval também entende que a razão é uma faculdade essencial do ser humano. Por meio da razão, o homem descobre os porquês das coisas e orienta-se no mundo de forma segura. A razão faz com que o homem descubra a essência de cada criatura que habita o mundo. No entanto, o homem não é somente um animal racional. Ele também é um ser que tem vontade. Para Santo Agostinho, por exemplo, a vontade chega a ser, de certo modo, mais importante que a razão. Isto porque nós seres humanos vivemos na Terra, carentes de diversas coisas. Precisamos de comida, bebida, casa, amigos, Deus etc. Para que a gente relacione-se e conecte-se com as coisas de que precisamos, devemos querê-las, desejá-las. Se nós não quisermos as coisas, nós não nos unimos a elas. Como nesta vida nós somos dependentes de muitas coisas, é a vontade que nos leva a adquirir o que precisamos. Por outro lado, nós não podemos saber aquilo que não queremos saber. Nosso conhecimento racional é orientado pela vontade. Por exemplo: se estamos em uma aula de Matemática, só podemos aprender algo, se nós desejarmos conhecer esse algo. A razão então está orientada pela vontade humana. Por mais que a nossa razão diga o que as coisas são, a vontade é que orienta a razão a conhecer as coisas. Mas, o que isso tem a ver com a ética? Santo Agostinho pode nos ajudar a entender isso.

Como todo pensador cristão antigo, Agostinho compreendeu o universo como o conjunto de seres relacionados hierarquicamente. Em outras palavras: o universo tem muitos seres, mas todos eles estão estruturados ordenadamente. Não há caos, não há desordem no universo. Tudo tem seu lugar. Cada coisa foi criada por Deus em seu devido

lugar. Isso aparece claramente, segundo pensa Santo Agostinho, no livro bíblico do *Gênesis*, onde Deus diz que, em cada dia da criação, Deus criou um conjunto de seres (Gn 1-2). A ordem da criação divina termina com o homem, que é considerado a coroa da criação. Isso mostra como há ordem no mundo. Por isso, nós devemos preservar a ordem instituída por Deus. Para fazermos isso, devemos amar cada coisa, segundo a dignidade do lugar que ela ocupa no mundo. A hierarquia mostra que cada ser possui uma dignidade e importância diferente daquelas que têm os demais seres. Uma pedra não possui a mesma dignidade que uma árvore. A árvore é um ser vivo e a pedra não. Do mesmo modo, o ser humano possui uma dignidade diferente da dignidade de um cachorro, por mais que o cachorro seja muito importante para o mundo criado. Respeitar a ordem desejada por Deus é amar cada coisa, segundo o lugar que ocupa na hierarquia do mundo. Apesar da razão humana e da Bíblia mostrarem qual é esta ordem do mundo, é a vontade humana que nos leva a respeitar ou não o que Deus criou. Ora, Agostinho chama o movimento da vontade, que conecta o ser humano com as coisas do mundo, de *amor*. Isso porque o amor surge quando nós saímos de nós mesmos e conectamo-nos com os outros seres. Quem realiza isso no ser humano, é a vontade. Neste sentido, para Agostinho, *vontade e amor quase sempre significam a mesma coisa*. Justamente ao realçar a importância do amor na vida humana, Agostinho cria uma verdadeira ética do amor.

Uma das características mais importantes da ética de Agostinho é a criação de uma *ordem do amor* (em Latim se diz *Ordo amoris*). Esta ordem deve orientar os atos morais dos seres humanos. Ela está baseada na razão e na Bíblia. Se nós a seguirmos, experimentaremos santidade e felicidade. Como diz Agostinho:

66

Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem ama com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais, nem ama menos ou mais o que convém amar de forma idêntica.

(A doutrina cristã, cap. 27, 28)

77

Para entendermos como Agostinho entende a ordem do amor, devemos primeiro e diferenciar dois tipos de amor que podemos ter em relação aos seres. O primeiro é o amor que *usa* as coisas. Esse tipo de amor é o mais comum. Usamos uma coisa, quando nos relacionamos com ela com vistas a outra coisa. Por exemplo: usamos uma caneta quando nos relacionamos com ela como um *meio* para escrever e comunicar algo. A caneta é, então, um *meio para algo*. Ser um meio é ser uma "ponte". Se a caneta é um meio é porque ela é somente uma ponte para que outra coisa seja alcançada com ela. É assim que usamos os carros, o computador, a televisão etc. Isso não quer dizer que nós só usamos coisas sem vida. Usamos as plantas, quando elas servem para embelezar nossa casa; usamos os

animais, quando eles devem fazer algo que queremos (por exemplo: o burro de carga serve ao homem); usamos os seres humanos, quando lhes pedimos favores ou quando pagamos por seus serviços. Agostinho mostrou que esse tipo de amor só deve ser vivido com as criaturas e não com o criador. Tudo é um meio nas mãos dos homens. Só Deus é diferente. Só Ele não deve ser usado. Deus deve ser *fruído*. O que significa isso?

Acabamos de ver que usar é amar algo com vistas a outra coisa; é servir-se de algo por causa de outra coisa diferente desse algo. De outra parte, fruir é amar algo por causa desse algo mesmo. Quem frui de alguma coisa, não se serve dela, mas a deseja por causa dela mesma. Quando usamos alguma coisa, essa coisa aparece como um meio que nos leva a outra coisa; já quando usufruímos de algo, esse algo não é um meio, mas um *fim em si mesmo*. Agostinho chega a dizer que, quando usufruímos de algo, deleitamo-nos ou gozamos por causa dessa realidade usufruída. Nas suas palavras: "se aderes a esse objeto que amas e permaneces nele, pondo aí o fim de tua alegria, então, com propriedade, será dito que gozas dele" (**Ibidem, cap. 33, 37**). O único ser que deve ser usufruído é Deus, pois só Ele é o fim último de todas as COI sas. Deus, portanto, não pode ser usado para nada. Devemos amá-lo de modo desinteressado. Deus não pode ser manipulado pela vontade humana. Ele deve ser desejado por Ele mesmo. Já os outros seres, inclusive o ser humano, não podem ser usufruídos. Eles devem ser usados. Agostinho mostra que devemos usar todas as coisas para encaminhá-las para Deus. Nosso amor deve ter, portanto, uma única meta: Deus. Devemos nos servir de tudo e de todos, inclusive de nós mesmos, para que Deus seja amado de modo soberano. Aliás, Agostinho não se cansa de lembrar que a Bíblia afirma: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (**Mt 22, 37; Dt 6, 5**). É Deus, então, o objeto último do amor humano.

Não é fácil amar a cada coisa, segundo a ordem correta do amor. Devemos orientar nossa vontade de modo correto, o que é extremamente difícil. Agostinho entendeu que essa dificuldade é fruto daquilo que a Bíblia chama de *pecado*. Quando não agimos de acordo com a ordem do amor, pecamos. Quando agimos de acordo com ela, somos felizes. Ora, todos nós queremos a felicidade. Mas, se muitas vezes não somos felizes, não é somente porque não amamos as coisas de modo correto. Muitas vezes, queremos corretamente, mas não conseguimos agir de acordo com essa vontade. Isso é sinal de que o pecado não possibilita ao homem amar corretamente. É nesse sentido que Agostinho entende a sentença do apóstolo Paulo: "Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço" (Rm7, 19). O pecado, portanto, não permite que o ser humano ame corretamente e alcance a sua felicidade. Amamos quase sempre distorcidamente. Amamos mais o dinheiro do que Deus; amamos mais nossa casa que os pobres; amamos mais nossos animais que os moradores das favelas etc. Só poderemos amar retamente, se Deus gratuitamente nos ajudar. Somente a graça de Deus permite-nos amar, segundo a ordem do amor e somente Deus liberta-nos do peso dos nossos pecados. Por isso, se Deus não auxiliar o homem, o homem não pode amá-lo acima de todas as coisas, como pede a Bíblia. É nesse sentido que deve ser entendida a famosa frase de Agostinho: "Dai-me o que ordenais e ordenai-me o que quiserdes" (*Confissões*, X, 29). Se Deus não ajuda o homem, o homem não consegue seguir as ordens divinas. A ética de Agostinho termina na graça de Deus. Sem ela não há amor verdadeiro no homem e, portanto, não há felicidade.

)	Atividade
	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •
	4
	•
\cap	

Santo Agostinho é autor de um famoso pensamento presente em seu comentário à primeira epístola de João: "Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos." (Disponível em http://pt.wikiquote.org/wiki/Aurélio Agostinho. Acessado dia 24/07/2012). O que esse pensamento tem a ver com a ética e Santo Agostinho?



Atividade 5 A ética cristã de Santo Agostinho está fundamentada, *sobretudo*, em qual faculdade humana?

- a. razão;
- b. imaginação;
- c. sentimento;
- d. vontade.



Seção 3

A modernidade e a ética da autonomia do sujeito humano

Já vimos que o homem moderno é aquele que luta com "unhas e dentes" contra todas as autoridades externas: Igreja, monarquia, forças da natureza etc. O mundo moderno retira Deus do centro de tudo e coloca o homem como eixo em torno do qual gira a realidade. Trata-se de uma *visão antropocêntrica*, ou seja, trata-se de uma concepção em que o homem é o centro do mundo. Para que o ser humano ocupasse esse lugar, ele teve que desconstruir todos os poderes que não fossem humanos. Por isso, a modernidade retirou o poder da religião, da nobreza, dos mitos antigos, dentre outros. Com essa maneira de compreender as coisas, surge uma ética da autonomia humana. Nela, o ser humano não está mais a serviço de Deus, como na Idade Media. Também não quer mais seguir a sua natureza imutável, como pensaram os gregos. Na ética moderna, é a subjetividade humana que cria as normas morais. Nada de externo ao homem é usado para dizer o que o ele deve fazer ou não fazer. É o homem quem diz o que é Bem ou Mal.

O "espírito" da ética moderna aparece claramente na obra do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Com ele o Antropocentrismo da modernidade expressa-se com muita nitidez. Conhecedor das descobertas científicas modernas – sobretudo aquelas que apareceram nas obras de Nicolau Copérnico e Isaac Newton – Kant pensava que a realidade poderia ser concebida a partir de duas grandes perspectivas: o *reino da natureza* e o *reino da liberdade*. O reino da natureza é a realidade considerada, sobretudo, à luz da relação entre causa e efeito, que mostraria leis que regulam os objetos do mundo. Isto pode ser compreendido do seguinte modo. Vivemos em um mundo estruturado por leis que as ciências expressam em suas fórmulas. Nosso coração está bombeando, independente se queremos ou não que ele bombeie. Do mesmo modo, se lançarmos um objeto do sétimo andar de um prédio, ele irá para baixo, pois a gravidade é uma força que obrigatoriamente puxa o objeto para o chão. As nossas unhas crescem, mesmo que não pensemos nelas. Se alguém, sem querer, deixar um fósforo aceso cair no chão e se o chão estiver cheio de gasolina, vai haver combustão e o fogo vai se alastrar. Essas experiências são comandadas por leis que as ciências estudam e que, independente de onde e quando esses fenômenos acontecerem, eles sempre se manifestarão da mesma forma. O reino da natureza é um reino orientado por leis mecânicas, que as ciências podem calcular e descrever. Esse é o reino estudado pela química moderna, pela física moderna, pela biologia moderna, dentre outras ciências. Mas, nem tudo pode ser explicado desse modo. No reino da liberdade as coisas são diferentes.

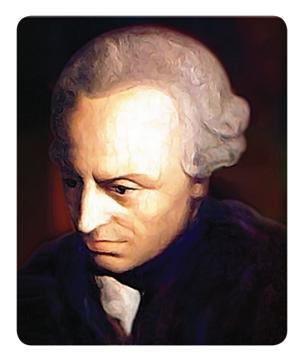


Figura 3: O filósofo Immanuel Kant

Segundo Kant, o homem vive em dois reinos. Há uma dimensão dele que está orientada pelas leis do reino da natureza. Quer queira quer não, sofremos a ação da lei da gravidade, as reações químicas que ocorrem em nosso organismo não dependem de nós, nossas articulações só aquentam ser estendidas até certa angulação etc. Mas, se alquém chutar uma porta, por mais que nossas ciências possam explicar por que ele (a) sentiu dor, não há como saber qual foi o motivo. As ações humanas não se explicam somente pelas leis da natureza. Nossa vontade é livre. Podemos chutar uma porta porque estamos comemorando o gol do nosso time, ou estamos nervosos com alguma coisa, ou mesmo porque queremos irritar alguém que está por perto etc. Isto indica que há algo que orienta nossas ações que não está pré-determinada, pois é livre. Este algo é a nossa vontade. Ela é livre porque é ela que determina a si mesma. Entretanto, nossa vontade pode se tornar escrava. Podemos viver presos às nossas circunstâncias. Isto acontece quando vivemos as nossas circunstâncias de tal maneira a tirarmos todo proveito possível delas. Assim, afastamos tudo que nos gera dor e sofrimento e buscamos nos dar bem, retirando das circunstâncias tudo que nos gera prazer. Assim, as circunstâncias passam a servir os nossos interesses particulares e nós nos beneficiamos com as coisas. Se estamos trabalhando em uma empresa e queremos ganhar mais, passamos a agradar o nosso chefe e a ser simpático com os nossos colegas, para consequirmos um aumento salarial ou um cargo mais elevado na empresa. Esse tipo de relação interesseira com as circunstâncias e pessoas diminui a liberdade de nossa vontade. Contra isso, Kant mostra que o homem é plenamente humano quando sua vontade não é escrava das situações e dos interesses particulares.

A vontade age livremente quando o ser humano orienta seu ato pela razão e não pelos seus interesses particulares. A razão cria leis que não reduzem o homem às suas circunstâncias e que não deixam o ser humano agir para defender seus interesses particulares. Essas leis devem transcender as circunstâncias e os interesses particulares dos homens. Elas devem ordenar o ser humano a seguir o que elas dizem. Diferentemente das leis da natureza estudadas pelas ciências, essas leis são morais, pois são frutos da razão humana e devem orientar suas ações e comportamentos, dizendo o que é bem e mal. Uma das formulações desse tipo de lei foi feita por Kant do seguinte modo:

66

Age de tal modo que consideres a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de todos os outros, sempre como fim e nunca como meio

(Fundamentos da metafísica dos costumes, p. 69).

77

Essa formulação da lei moral diz que não podemos tratar ninguém, inclusive nós mesmos como um meio, mas como um fim. Em outras palavras: o ser humano não é um objeto a ser manipulado e usado. Somos fins em si mesmos. Usar o homem é retirar dele a sua dignidade. Possuir dignidade significa justamente não poder ser usado, mas respeitado. Com essa lei, Kant mostra que nossas ações não podem dominar o outro, assim como não podemos deixar que nos dominem. Não podemos mentir ao outro, pois isto seria usá-lo, para retirar dele algum benefício particular. Não podemos nos prostituir, pois a prostituição é tratar a si ou ao outro como mercadoria (e, como sabemos, toda mercadoria é um objeto de troca, e não um fim em si mesmo). É claro que nós sempre temos inclinações que nos fazem querer tratar os outros ou nós mesmos como coisas ou objetos de troca. Kant sabe disso. A questão é que a lei moral deve obrigar o homem, independentemente dessas inclinações particulares, a agir retamente, sem usar o outro e sem usar a si mesmo. Somente assim o ser humano se humaniza. Quando nós agimos de acordo com nossos impulsos e interesses, nós não estamos agindo plenamente livres, não estamos sendo plenamente humanos. Somente quando o ser humano segue as leis morais, produzidas pela razão, ele afirma sua condição de ser livre.

O pensamento ético de Kant, como já dissemos, está plenamente de acordo com o espírito da modernidade. É a razão humana e não Deus ou a natureza que deve determinar as ações humanas. A nossa subjetividade cria as leis morais e organiza as relações entre os homens. Nesse tipo de moral, é o homem que diz o que ele deve ou não fazer.

Alividade 6

Digo por que a ética moderna pode ser entendida como ética da autonomia do sujeito humano. Responda essa questão a partir do pensamento ético do filósofo Immanuel Kant.



Atividade 7

O que Kant entendia por dignidade humana?

- a. o fato de o ser humano ser um objeto;
- b. o fato de o ser humano ser filho de Deus;
- c. o fato de o ser humano ser um fim em si mesmo;
- d. o fato de o ser humano ser descartável.

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 4 A ética contemporânea e a crise dos valores morais

Se a moral moderna é orientada pelo ideal de autonomia do sujeito humano, a moral atual (contemporânea) é muito diferente. Não conseguimos sustentar a ideia de que o ser humano é o centro do universo e de que a razão humana consegue criar leis que podem ser iguais para todos os homens. Isto por vários motivos. Vejamos alguns. O século XX foi o cenário de duas guerras mundiais. A última dessas guerras (II Guerra Mundial) apresentou ao mundo duas bombas atômicas, com um poder de destruição nunca visto na história da humanidade. Rapidamente, os Estados Unidos da América lançaram, no Japão, duas bombas atômicas que dizimaram milhares de seres humanos de uma hora para a outra. Toda tecnologia armamentista apresentava o desenvolvimento de todo o projeto ocidental racionalista. As armas de guerra eram resultados do desenvolvimento das ciências e da tecnologia, ou seja, produtos do desenvolvimento da razão humana. Ora, se os modernos acreditavam que a autonomia da razão geraria liberdade humana, as guerras mundiais mostraram que o desenvolvimento da razão tecnológica e científica gerou aniquilação e morte. Em outras palavras: as guerras mundiais mostraram que a autonomia da razão humana não gerou liberdade, mas opressão.



Figura 4: Dois momentos que nos lembram a destruição da II Guerra Mundial:

Uma rua do centro de Berlim, ao fim da guerra, em Junho de 1945 e a explosão nuclear de Nagasaki

Por outro lado, algumas ciências mostraram, sobretudo após o século XIX, que o ser humano não é um ser somente orientado pela razão; o ser humano também possui elementos não conscientes, que determinam seus comportamentos e suas relações sociais. Freud, o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano é atravessado por desejos inconscientes, que buscam o prazer. Ao mesmo tempo, Freud disse, na obra *O mal-estar na civilização*, que a civilização ocidental, por preocupar-se em desenvolver-se racionalmente, frustrou os desejos mais profundos dos ser humanos. Para Freud, o homem civilizado é um homem frustrado. Está preocupado com a tecnologia, com o trabalho, com a organização cada vez mais racional da sociedade. No entanto, o homem ocidental cada vez menos sente felicidade. Trabalha muito para usufruir pouco. Cria muitas leis, mas perde a criatividade dos seus desejos. Busca soluções para suas dores (doenças e morte), mas não se sente feliz. Concluindo: o homem ocidental, por mais racional que seja, é infeliz.

Pode-se ainda destacar o fato de que muitas ciências humanas descobriram, ao longo da modernidade (sobretudo por causa das viagens marítimas, que levaram os europeus a outros continentes), a riqueza de culturas que eram extremamente diferentes da cultura europeia. Muitas dessas culturas, como as indígenas e as africanas, são estruturadas por mitos. Entretanto, elas possuem valores, tradições religiosas, objetos artísticos etc. muito ricos. Ora, essas culturas não são idênticas. Por isso, seus valores são diferentes, sobretudo os valores morais. O que é bom e justo em uma tribo indígena guarani não é bom e justo para certos grupos africanos. Em outras palavras: quanto mais os europeus foram conhecendo novas culturas, mais eles foram notando que os valores morais são relativos e não absolutos. Ao mesmo tempo, quanto mais o Ocidente foi experimentando os horrores das guerras e foi notando que nós não somos somente seres racionais, mais os seus valores morais foram enfraquecendo.

Devemos ainda lembrar um último elemento que contribui para a crise da moral moderna. Trata-se do *ecocídio*. Ecocídio é a destruição dos ecossistemas, que gera todo tipo de problema ecológico que nós hoje conhecemos. Com o desenvolvimento científico e tecnológico, o homem ocidental legitimou moralmente a destruição da natureza. Sempre foi considerado moralmente bom dominar e explorar a natureza. Com os avanços tecnocientíficos, a dominação da natureza atingiu um nível devastador. Destruímos espécies animais, aniquilamos florestas e montanhas. Tudo isso em nome do progresso da civilização. Nossa moral aprovou e normalizou essa situação destrutiva. E agora notamos, depois de cerca de três séculos, que nós não estamos acima da natureza, mas somos partes dela. Diferente do que pensou a modernidade, os seres humanos não estão acima dos seres. Eles são dependentes da natureza. Dependem do ar para respirar, dos nutrientes dos alimentos, da água para fazer sua higiene e matar sua sede etc. Por isso, quanto mais o homem destrói a natureza, mais ele se destrói. Não há como preservar uma moral que não respeite a interação entre homem e natureza.



Figura 5: Pieter Bruegel, 'O Velho': O Triunfo da Morte (1562)

O problema ecológico, as guerras mundiais, a descoberta da diversidade de valores morais presentes nas culturas e a concepção de que o homem não é somente estruturado pela razão, tudo isso contribuiu para que nós vivês-semos hoje uma verdadeira crise moral. Não possuímos atualmente valores sólidos e absolutos para os seres humanos. O bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, tudo isso hoje é relativo. Se perguntarmos aos adolescentes o que eles acham que é justo, cada pode nos dar um conceito de justiça diferente. Do mesmo modo, se perguntarmos o que é bem e o que é o mal, não teremos mais respostas absolutas, que sejam iguais para todos. Ao mesmo tempo, o que atualmente consideramos bom rapidamente se modifica. Os valores morais, além de serem atualmente relativos, tornaram-se voláteis, ou seja, eles não são sólidos, o que faz com que eles possam mudar a todo o momento.

Muitos filósofos chamam esse estado de crise do Ocidente (sobretudo em relação à sua crise moral) de *niilis-mo*. Esse termo ficou conhecido na filosofia por causa do pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). Ele usou esse termo com diversos significados. Porém, o significado mais conhecido diz respeitos ao esvaziamento dos valores tradicionais que sempre orientaram moralmente o homem ocidental. Esses valores tradicionais sempre tiveram a pretensão de ser absolutos. Atualmente, esses valores absolutos não mais orientam a nossa vida. Por isso, os valores se relativizaram. A palavra niilismo dá conta desse esvaziamento porque niilismo vem da palavra *nihil*, em Latim, que significa *nada*. Vivemos no niilismo porque vivemos em um nada, em um vácuo, em uma ausência de valores sólidos e absolutos. Como disse Nietzsche: "O que significa niilismo? – que *os valores supremos se desvalorizam.*"

(**Nietzsche. Fragmento Póstumo do verão de 1887**). Dito de outro modo: vivemos um niilismo moral porque os valores supremos do Ocidente, que sempre foram valores absolutos, desmoronaram, dissolveram-se.

A primeira consequência do niilismo moral é o estado de desorientação do homem ocidental. A vida parece ter perdido sentido, pois nenhum valor sólido a orienta. Basta perceber que atualmente tudo é permitido, mas as pessoas não sabem muito bem como viver suas vidas. Hoje somos cristãos, amanhã podemos ser ateus; podemos nos transformar em revolucionários políticos e logo depois podemos ser empresários e lucrar com o mercado financeiro; podemos agora ser pacifistas e posteriormente apoiar a pena de morte. Hoje podemos nos transformar a toda hora, sem que a nossa vida possua qualquer coerência moral, pois não há nenhum valor absoluto que deve orientar a minha vida. Vejamos um exemplo bem claro.

Os donos da indústria pornô ganham dinheiro com a exposição da relação sexuais de pessoas que atendam o gosto sexual das pessoas. Ele paga cachê aos atores e atrizes e, muitas vezes, dependendo de quem seja, paga caro para a pessoa contracenar no seu filme. Ora, muitas vezes, os empresários que lucram milhões de dólares com esses filmes têm filhos e filhas. No entanto, nenhum deles contracena nos seus filmes. Esses empresários acham bom ganhar dinheiro com a indústria sexual, mas não acham bom que os seus filhos sejam atores e atrizes nessa mesma indústria. Isso mostra que essas pessoas possuem valores morais contraditórios, mas que são aceitos pela sociedade em que vivem. Quem acharia que eles estão errados por não deixarem seus filhos e filhas participarem de seus filmes? Não há nesse exemplo valor absoluto, mas um grande relativismo moral.

Se por um lado o niilismo possui um lado negativo - perda de sentido absoluto para a vida humana -, por outro, ele possui um aspecto libertador. Os valores absolutos ocidentais sempre foram homogeneizadores, ou seja, eles deveriam ser iguais para todos os seres humanos. Isso gerou muitos desrespeitos. Desrespeitamos pessoas que viviam outros valores que aqueles que nós ocidentais acreditamos que eram os únicos válidos. A inquisição religiosa cristã matou milhares de pessoas em nome dos valores cristãos. Os nazistas, em nome dos seus valores que tinham a pretensão de ser supremo, assassinou judeus, homossexuais, ciganos, negros etc. Como vimos, os valores modernos, criados pela razão humana, geraram muitos malefícios à natureza e produziu frustração e guerras. Com o niilismo moral que atinge a nossa cultura, percebemos que os valores morais são criados pelos homens, o que indica que eles nunca podem ser absolutos e imutáveis. Isso permite que se crie uma moral que possa respeitar a diversidade de valores: valores dos grupos gays, valores dos negros e das tradições afro-brasileiras, valores das religiões orientais e das mulheres etc. O niilismo possibilita o surgimento de criatividade moral e de diálogo entre as morais. A moral do candomblé pode dialogar com a moral católica, a moral dos gays pode dialogar com a moral das mulheres – e assim por diante. Trata-se de uma sociedade onde a moral está em aberto para se transformar por meio do diálogo com outros valores morais. Isso diminui a intolerância, aumento o respeito às diferenças. Do mesmo modo, a crise da razão moderna abre espaço para o surgimento de valores morais que respeitem a natureza e não façam das ciências e da tecnologia fontes de destruição dos ecossistemas.

Explique por que o pensamento abaixo do dramaturgo Antoine Artaud (1896-1948) expressa o niilismo contemporâneo da cultura ocidental. Responda a essa questão a partir do pensamento de Nietzsche sobre o niilismo.

Atividade 8

Vivemos uma época provavelmente única na história do mundo, em que o mundo passado pela peneira vê desmoronarem seus velhos valores. A vida calcinada dissolve-se pela base. E isso, no plano moral e social, traduz-se por um monstruoso desencadeador de apetites, uma liberação dos mais baixos instintos, um crepitar de vidas queimadas e que se expõem prematuramente ao fogo. O interessante nos acontecimentos atuais não são os acontecimentos em si, mas o estado de ebulição moral em que fazem os espíritos caírem, o grau de extrema tensão. É o estado de caos consciente em que não param de nos mergulhar.

E tudo isso que abala nosso espírito sem o fazer perder o equilíbrio é para ele um meio patético de traduzir a palpitação inata da vida(**Artaud, 2006, p. 136**).

O filósofo Nietzsche mostrou que o niilismo é um fenômeno contemporâneo que pode ser inicialmente caracterizado como:

Atividade 9

- a. a falta de religiosidade do homem;
- b. a perda dos valores supremos da tradição ocidental;
- c. a crise econômica do mundo atual;
- d. a perda de esperança dos povos em geral.

Diga por que o niilismo também possui um aspecto positivo para o mundo atual.

١	
)	Atividade
)	· ·
)	10
)	

Imagens



• http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=992762 • Majoros Attila



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rugendasroda.jpg



• http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Aristotle_Ethica_Nicomachea_page_1.png



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sandro_Botticelli_050.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Immanuel_Kant_(painted_portrait).jpg



 http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Destruction_in_a_Berlin_street.jpg e http://pt.wikipedia.org/wiki/ Ficheiro:Nagasakibomb.jpg



• http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Thetriumphofdeath.jpg

Atividade 1

Como vimos, a palavra "moral" deriva das palavras latinas "mos" e "moris" que designam "costume". "Costume", no sentido moral, refere-se aos valores de bem e mal, que são o fundamento de determinação de muitas outras valorações, tais quais justo/injusto e certo/errado, por exemplo. Um julgamento moral, portanto, consiste na avaliação dos atos (realizados por nós mesmos ou por outras pessoas) segundo os valores de bem e mal vigentes em nossa sociedade.

Respostas das Atividades

Porém, tais valores vigentes não necessariamente estão de acordo com o que nós julgamos corretos. Podemos pensar nos valores instituídos e decidir quais deveriam (ou não) ser preservados. Podemos, ainda, refletir acerca da gênese da moral, ou seja, tentar identificar por que determinados atos são tidos como morais ou imorais. E é justamente neste ponto que surge a ética. Seu papel é refletir filosoficamente e de forma crítica sobre a moral humana.

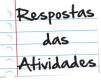
Atividade 2

Para Aristóteles, o homem feliz é aquele que vive em conformidade com a natureza humana, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades, isto é, tornando-se virtuoso. Neste sentido, aquele que pensa que a felicidade se encontra em uma vida de prazeres está equivocado, uma vez que este modo de vida se reduz às sensações de agradabilidade e desagradabilidade, ou seja, os homens que agem desta forma comportam-se como animais: limitam-se a buscar os prazeres e fugir das dores.

A honra também não pode ser o fundamento da felicidade dos seres humanos, uma vez que ela depende sempre da consideração alheia e não faz sentido atribuir para as pessoas "de fora" o sentido e orientação das nossas ações, dado que a felicidade é algo pessoal e privado.

Tampouco podemos julgar que as riquezas sejam a fonte da felicidade , uma vez que o dinheiro é um meio e não um fim, enquanto a felicidade é um fim em si mesmo.

Atividade 3



Alternativa "a"

Atividade 4

Este pensamento remete ao princípio ético agostiniano de que devemos amar a cada coisa, segundo a ordem correta do amor. Neste sentido, quando não amamos segundo esta ordem, pecamos, isto é, agimos em desacordo com os princípios éticos.

Atividade 5

Alternativa "d"

Atividade 6

A ética moderna é caracterizada pela autonomia do homem em virtude do fato dele não estar mais a serviço de Deus, como na Idade Média, nem compelido a seguir a natureza humana, como na Grécia Arcaica (sobretudo no pensamento de Aristóteles). Na ética kantiana, isso fica explícito. Para ele, o homem vive tanto no reino da natureza - e por isso está submetido fatalmente às leis naturais (força gravitacional, causalidade etc.) -, quanto no reino da liberdade, onde impera a sua vontade, que é livre. Para agir livremente, o homem precisa ser orientado pela razão, que elabora leis morais que transcendem as situações particulares e alcança o estatuto da universalidade, valendo, assim, para todos os homens. Uma destas leis, por exemplo, está expressa no imperativo categórico que vimos, a saber, "age de tal modo que consideres a humanidade, tanto em sua pessoa como na pessoa de todos os outros, sempre como fim e nunca como meio". Atividade 7

Atividade 7

Alternativa "c"

Atividade 8

A visão niilista da cultura ocidental está claramente expressa neste pensamento de Artaud quando ele afirma, por exemplo, que "o mundo passado pela peneira vê desmoronarem seus velhos valores". Nesta afirmação, o pensador demonstra claramente o fato de, na contemporaneidade, os valores absolutos terem sido colocados em cheque, resultando no nosso atual relativismo moral. O filósofo Nietzsche explorou bem essa questão, mostrando como o homem ficou desamparado após o esvaziamento dos valores tradicionais (sejam religiosos, sejam os valores erigidos pelo homem moderno).



Atividade 9

Alternativa "b"

Atividade 10

O aspecto positivo do niilismo é a maior tolerância de uma cultura relativamente às demais, partindo da pressuposição de que os valores morais são criados pelos homens. Os valores ocidentais tinham a pretensão de ser absolutos e imutáveis, o que legitimou uma série de atrocidades, como a Inquisição religiosa e o Holocausto.







Filosofia política: da descoberta da cidade à situação atual do homem no mundo

Para início de conversa

Nesta unidade, veremos um pouco sobre a relação entre filosofia e política. Essa relação não se apresenta como uma relação meramente de conteúdo, como se a filosofia tivesse um campo específico de reflexão que a aproximaria casualmente da política. Ao contrário, filosofia e política nasceram juntas e foram pensadas também durante muito tempo como irmãs siamesas, como dois aspectos de um mesmo acontecimento. A razão de ser dessa ligação original entre filosofia e política tem seu fundamento, por sua vez, nos primeiros passos do pensamento filosófico na Grécia antiga, mais exatamente no século VIII a. C.

Bem, mas antes de tratarmos diretamente desses primeiros passos, é importante te ter em vista algumas coisas. Antes de mais nada, é decisivo, no presente contexto, o significado primordial da palavra "política". Como muitas palavras centrais em nosso vocabulário de pensamento, a palavra "política" também vem do grego. "Política" vem da palavra grega "pólis", que significa o mesmo que "cidade". A política nada mais é, a princípio, do que a arte de bem governar a cidade, a "pólis", de propiciar aos cidadãos uma experiência que seja compatível com a sua experiência de vida comum.

O que há de propriamente filosófico nesta relação entre política e cidade é algo que consideraremos agora com atenção durante o espaço da presente lição. Como diriam os gregos antes de começarmos: *eu práttein!* (agi de maneira plena).



Os gregos costumavam iniciar suas cartas com esta saudação, *eu práttein*, como uma forma de lembrar os homens da necessidade de agirem sempre de maneira plena e integral.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a proximidade essencial entre filosofia e política desde os primeiros passos do pensamento filosófico.
- Identificar as razões que levaram os gregos a considerar a vida pública na cidade como a forma de vida mais plenamente humana, como o modo de ser mais próprio do homem.
- Identificar elementos estruturais de uma reflexão filosófica no interior de questionamentos relativos à política: argumentação, compromisso com a verdade, retórica, participação, responsabilidade etc.
- Distinguir a relação entre filosofia e política na Antiguidade e na Modernidade: ver a diferença entre cidade e Estado e entender as consequências dessa diferença para a nossa existência atual.
- Reconhecer os impasses do pensamento filosófico e político no mundo contemporâneo a partir da consideração detida do fenômeno do niilismo e do mal radical.
- Reconhecer as possibilidades abertas pelo mundo tecnológico e os impasses éticos que acompanham essas possibilidades.

Seção 1

Filosofia e política: a história de um nascimento conjunto no interior dos portões da cidade antiga!

Há um fato curioso que explica, em certa medida, a importância da política para aquele povo que levou a termo pela primeira vez o que hoje chamamos de filosofia: os gregos. Em todas as casas na Grécia antiga, as portas e janelas abriam para fora! Esta parece ser, inicialmente, uma mera curiosidade, mas fala muito sobre a essência da vida de um cidadão grego.

Enquanto nós vivemos completamente voltados para o interior de nossas casas e vemos a vida pública como um espaço só justificável em função do espaço privado, dos sonhos privados, das realizações particulares, os gregos viviam totalmente orientados para o espaço público e só se consideravam como homens plenos em meio à atividade política. A palavra "idiota", por exemplo, que tem para nós o significado de estúpido, tolo e imbecil, provém do termo grego "idiotes", que designava pura e simplesmente o privado. Viver de maneira privada, ou seja, viver orientado para a sua casa e para as suas conquistas pessoais era, para os gregos, coisa de idiota. Essa experiência tem uma grande influência sobre o pensamento filosófico em geral.



Figura 1: Vista da Acrópole, em Atenas, um sítio arqueológico que concentra boa parte dos prédios administrativos e religiosos da Grécia antiga.

A filosofia, por sua vez, tal como nós a conhecemos hoje, tem uma relação direta com o que procuramos mostrar acima. Em verdade, se perguntarmos sobre o que caracteriza propriamente o exercício filosófico em sua natureza

mais própria, seremos imediatamente levados a falar de algo como o conceito, como a argumentação rigorosa sobre questões relativas à experiência, sobre a essência universal das coisas. A filosofia, diferentemente de outras possibilidades do saber, não trata de posições particulares sobre certos campos de problemas, mas se baseia, antes de tudo, na capacidade humana de se ligar e de perguntar sobre o modo de ser universal, não particular, de todas as coisas. Filosofia, assim, tem sempre algo em comum com a experiência pública dos homens, com a nossa capacidade de nos lançarmos para além dos limites de nossas opiniões pessoais.

Dessa forma, filosofia e política estão ligadas na origem por um campo comum de perspectivas e descobertas.



Leia atentamente o texto e responda às perguntas com base no que nos diz o texto e no que conversamos antes:

O que implica o sistema da polis é, primeiramente, uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem. Este poder da palavra – de que os gregos farão uma divindade, Peithó, a força de persuasão – lembra a eficácia das palavras e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos ditos do rei (...): entretanto, trata-se na realidade de coisa bem diferente. A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre os dois partidos que lhe são apresentados; é essa escolha puramente humana que mede a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre o seu adversário." (Trecho do livro As origens do pensamento grego, do filósofo francês Jean Pierre Vernant.)

- a. O que acontece quando se dá a mudança da palavra impositiva do rei, à qual temos de obedecer cegamente, para a realidade dialógica da praça pública, na qual cada um, para se impor, precisa defender argumentativamente suas posições?
- Em que medida a mudança acima descrita evidencia uma proximidade inicial entre filosofia e política? Que proximidade é essa?
- c. O que Vernant procura acentuar ao afirmar que a palavra agora é a única fonte real de poder?

d. Explique com as suas palavras o que Vernant tem em mente na seguinte passagem: "A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas"!





Seção 2

A experiência política dos homens e a escuta ao outro: o caráter dialógico do pensamento filosófico

Acabamos de ver como a vida dos gregos estava, a princípio, completamente voltada para o espaço público. O que precisamos perguntar agora é em que medida exatamente esta característica do mundo grego nos revela o caráter propriamente dito do pensamento filosófico e até que ponto a filosofia se mostra realmente em uma proximidade direta com a política? Para respondermos a essas perguntas, é absolutamente decisivo retomar algo que dissemos na seção 1: o espaço público como um espaço de justificação e reconhecimento do outro.

Se considerarmos o que acontece hoje muitas vezes no campo da política, pode ser que tenhamos dificuldade de entender a relação entre filosofia e política. Campanhas políticas são marcadas atualmente pelo uso de propaganda maciça, pela produção de uma imagem que muitas vezes não possui muito em comum com a história e com o caminho trilhado pelo candidato. Um político pode passar uma imagem de honestidade, mesmo que esteja envolvido em esquemas de corrupção. Mesmo neste caso, porém, o que está em jogo é persuadir os eleitores. Assim, mesmo em nosso caso, o fenômeno inicial reconhecido pelos gregos vem à tona de maneira clara. A vida pública envolve necessariamente argumentação, convencimento, defesa de posições. Mais do que isso: no espaço público, não podemos defender nossas posições de maneira arbitrária. O "eu acho" e o "é assim e pronto" não têm lugar aqui. No espaço público, todos têm de tentar convencer os outros com argumentos que se mostrem como válidos para todos, como universais. Tudo isso coloca a experiência política originária em uma relação com a filosofia.

Filosofia possui desde o princípio algo em comum com a defesa rigorosa de posições por meio de argumentação. Este é o sentido da postura fundamental de Sócrates, por exemplo, em todos os diálogos platônicos. Sócrates não é alguém que não sabe nada, tal como comumente se compreende a partir de uma versão um pouco alterada da sabedoria socrática. Sócrates é alguém que, quando sabe, sabe que sabe e quando não sabe, sabe que não sabe. Este, por sua vez, é o ideal de todo pensamento filosófico: escapar de todo e qualquer falso conhecimento, de toda e qualquer falsa pretensão de saber. Exatamente por isso, a filosofia nasceu em uma proximidade essencial com a política e em uma confrontação imediata com a retórica e com a oratória, ou seja, com a arte do convencimento sem um compromisso direto com aquilo mesmo que está em questão.

Tudo isso leva a filosofia a buscar, de início, alguns elementos:

Investigação primária do tema em questão.

Apresentação rigorosa (lógica, coerente, consistente) das posições defendidas (filosofia nunca pode se basear na defesa arbitrária e não argumentativa de opiniões em geral).

Consideração dos contra-argumentos e das possíveis críticas às posições assumidas.

Elogio do diálogo e acento na comunicação livre e não impositiva.

Condução cuidadosa da argumentação em direção a conclusões que podem ser compreendidas em sua necessidade por qualquer pessoa que acompanhe a argumentação.

Abertura constante para a escuta de novos argumentos e de novas críticas, ou seja, uma disposição incessante para o estabelecimento de revisões.



Não deixe de ver o brilhante discurso de Martin Luther King sobre a possibilidade de superação do racismo na América no endereço: http://www.youtube.com/watch?v=yCLCyvF9p7g



Vejamos uma passagem de uma defesa filosófica de uma posição. A passagem aponta para um ensaio chamado Ética a Nicômaco, um livro escrito por Aristóteles para a educação de seu filho:

"(...) as ações são chamadas justas e temperantes quando são tais como as que praticaria o homem justo ou temperante; mas não é temperante o homem que as pratica, e sim o que as pratica *tal como* o fazem os justos e temperantes. É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o

homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem. Assim como a saúde destes últimos não pode restabelecer-se com tal tratamento, a alma dos segundos não se tornará melhor com semelhante curso de filosofia".

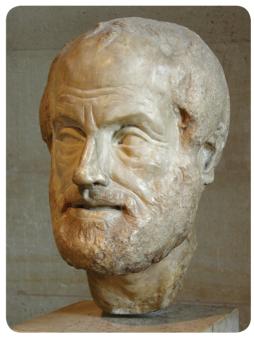


Figura 2: Busto de Aristóteles – 384 a. C. a 322 a. C.

O que Aristóteles nos diz na passagem citada é algo que nos faz pensar até hoje exatamente pela clareza e logicidade do que ele nos diz. Na verdade, ninguém é de início dotado de qualidades morais. Ninguém é virtuoso, honesto, altruísta ou empreendedor dormindo. É apenas por meio das ações que nos tornamos moralmente quem somos, e é o fato de agirmos de maneira moral, ou seja, virtuosa, altruísta, empreendedora e honesta que nos torna mais propensos a agir de tal maneira no futuro. Trata-se de um círculo virtuoso que todo homem deveria por meio da educação alcançar.

Altruísta

É um termo para designar uma pessoa não egoísta, que está sempre voltada para o outro e que é capaz de se sacrificar pelo outro.



Assinale com um "C" as argumentações abaixo que lhe parecerem corretas e com um "F" as que você considerar falsas. Oriente-se pela presença de saltos na argumentação e de conclusões infundadas:

- a. Se os doentes em estado terminal puderem usar heroína, todos têm de poder usá-la.
 Porque não se pode criar um privilégio no interior de uma sociedade democrática. ()
- b. Tudo o que possui o seu movimento a partir de um outro experimenta em algum momento a interrupção do movimento. Assim, quando movimentamos uma pedra, jogando-a para o alto, em algum momento ela tende a retornar ao estado de repouso. Por outro lado, aquilo que tem em si mesmo o princípio de seu movimento não pode deixar jamais de se encontrar em movimento. A alma, por outro lado, diferentemente de todos os corpos, possui em si mesmo o movimento. Portanto, a alma não pode cessar de se mover e é, neste sentido, imortal. ()
- c. Um amigo me traiu. Logo, não se pode confiar nos amigos como um todo. Todos eles acabam algum dia nos traindo. ()
- d. "Temos de colocar no lugar do amor de deus o amor dos homens, como uma única verdadeira religião, no lugar da fé em um deus, a fé no homem em si, em sua força, a fé em que o destino da humanidade não depende de um ser fora ou acima dela, mas dela própria, que o único diabo do homem é o próprio homem." (L. Feuerbach) ()

e. Há muitas provas da existência de Deus. Mês passado escutei a história de uma moça com câncer. Sua família rezou por uma semana inteira e, depois de uma operação, ela se curou. Ao mesmo tempo, um amigo estava desempregado há algum tempo. Depois de entrar para a igreja, contudo, sua vida mudou e ele arranjou um emprego. Deus é muito bom. ()

)	Atividade
)	•
)	2
)	



Seção 3

O mundo moderno e a perda da relação direta com o lugar de origem

"Ainda em algumas partes há povos e rebanhos; mas entre nós, irmãos, entre nós só há Estados. Estados? Que é isso? Vamos! Abri os ouvidos, porque vos vou falar da morte dos povos. Estado chama-se o mais frio dos monstros. Mente também friamente, e eis que mentira rasteira sai da sua boca: 'Eu, o Estado, sou o Povo'. É uma mentira!" (F. Nietzsche, Assim falou Zaratustra, "Do novo ídolo".)

Esta pequena passagem de um dos pensadores mais importantes para a filosofia e mesmo para o mundo contemporâneo, Friedrich Nietzsche, traz consigo uma reflexão sobre a origem do mundo moderno, sobre o surgimento do Estado moderno, sobre a tensão entre o Estado e o povo. O que Nietzsche nos diz basicamente na passagem? Bem, ele não nos diz outra coisa senão que o Estado é uma estrutura formal, sem uma relação direta com aquilo mesmo que constitui propriamente um povo.

Outrora, antes de nosso tempo, havia povos, porque havia uma participação direta dos homens na vida da cidade. Em um burgo medieval, por um lado, por maior que fosse a distância entre o que o senhor feudal tinha o direito de fazer e o que um cidadão comum podia realizar, havia uma identificação imediata do homem com a sua terra, com o seu brasão, com o seu burgo, com as pessoas humildes que dividiam com ele as agruras e os desalentos de uma existência dura e seca. No mundo moderno, por outro lado, o homem perde essa relação imediata com o seu

solo, com a sua terra, com a sua gente, de tal modo que a vida social passa a ser regida por elementos algo abstratos, sempre carentes de conquista e determinação. Vejamos mais atentamente.

É comum para nós reclamarmos do Estado, dos serviços públicos, das decisões políticas, da corrupção etc. Quando fazemos isso, contudo, normalmente nos sentimos algo desamparados. Por quê? Porque as vias que temos para protestar e reclamar são todas elas formais. Nós nunca temos como chegar diretamente às pessoas que poderiam ou deveriam resolver problemas pontuais, mas dependemos de ouvidorias ou de agências de controle de prestadoras de serviço. Herbert Viana deixou clara essa situação certa vez em uma música intitulada "Luís Inácio e os 300 Picaretas":

"Eles ficaram ofendidos com a afirmação

Que reflete na verdade o sentimento da nação

É lobby, é conchavo, é propina e jeton

Variações do mesmo tema sem sair do tom

Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei

Uma cidade que fabrica sua própria lei

Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia

Se essa palhaçada fosse na Cinelândia

la juntar muita gente para pegar na saída."

Ao acentuar a distância de Brasília em relação ao povo, ao mencionar a diferença que existiria se a política tivesse seus escândalos revelados em um lugar próximo do povo, como a Cinelândia, Herbert acaba destacando o problema de todos os Estados modernos: a sua distância, a sua falta de concretude, o seu caráter abstrato, em suma, o fato de o Estado ser uma construção ideal, sem uma relação direta com as pessoas. Tudo isso tem consequências para a vida de todos nós.

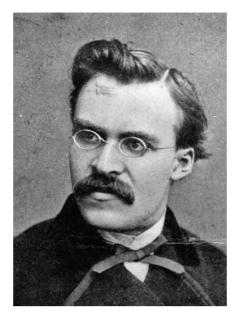


Figura 3: Foto de Nietzsche em 1869, com vinte e cinco anos. Não há como deixar de notar a força de seu olhar e o aspecto algo sonhador de sua figura.

Nietzsche é um dos pensadores mais geniais e ao mesmo tempo mais polêmicos de toda a história da filosofia ocidental. Ele desperta tanto a fúria de alguns por sua ironia, por seu modo ensaístico de escrever, por sua crítica feroz à moral e à religião, como encontra em outros uma relação de quase veneração. De qualquer modo, porém, o importante é que não podemos pensar o século XX sem os desdobramentos do pensamento nietzschiano, sem a sua avaliação do fenômeno do niilismo, ou seja, da sensação repentina de vivermos em um mundo desprovido radicalmente de sentidos, assim como sem a liberdade a que Nietzsche nos incita. Tudo isso faz de Nietzsche até hoje um dos ícones de nosso tempo.



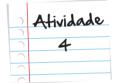
- a. Procure exemplos em sua própria vida de como o Estado possui hoje, para nós, um caráter abstrato e frio.
- b. b) Partindo desse caráter abstrato e frio do Estado, em que medida esse caráter contribui para o fim da experiência comunitária e para o surgimento do social, ou seja, para a contraposição entre comunidade e sociedade. Pense no exemplo excelente das favelas e de suas leis comunitárias em contraposição ao formalismo do asfalto.



)	Atividade
	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •
	3
\cap	
$\overline{}$	

- c. O que é possível fazer em sua opinião para atenuar o caráter abstrato do Estado, aproximando o Estado da vida concreta de seus cidadãos?
- d. Para você, o fato de o Estado possuir uma distância em relação aos cidadãos comuns é um fator de intensificação das tendências de corrupção e da dificuldade de cobrança? Por quê?





Leia o texto e comente as palavras de Zygmunt Bauman sobre a noção de comunidade:

"(...) numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninquém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos. E assim é fácil ver por que a palavra 'comunidade' sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? Para nós em particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos,

quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer 'sim', e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios — a palavra 'comunidade' soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes" (BAUMAN, 2009, p. 9).





Seção 4

O niilismo contemporâneo e os dilemas do pensamento político atual

O mundo contemporâneo é marcado por uma série de transformações radicais: o crescimento descomunal das grandes cidades, o desenvolvimento vertiginoso de novas tecnologias, a experiência de duas guerras mundiais com o emprego de tecnologias que ampliaram consideravelmente o poder de destruição das armas utilizadas, entre muitas outras. Essas transformações, por sua vez, trouxeram consigo consequências decisivas para o homem e para a existência humana em geral. Tratar dessas consequências no âmbito da filosofia política é justamente a tarefa dessa seção.

"O suicídio é a única questão realmente filosófica. Saber se a vida vale ou não a pena ser vivida." Essas são as palavras que abrem o livro *O mito de Sísifo*, do filósofo francês Albert Camus. Com certeza, alguém pode achar a afirmação do suicídio como a única questão filosófica um exagero de Camus, e ela certamente o é. De qualquer modo, porém, ela nos diz algo que merece toda a nossa atenção. O que Camus está nos dizendo é que o homem contemporâneo repentinamente acordou em um mundo com um problema fundamental: o problema da justificação da existência, do sentido propriamente dito do existir.

Em verdade, o homem antigo tinha um sentido claramente estipulado para a sua existência. Para ele, viver só tinha sentido a partir da entrega a uma vida heroica e da conquista de um lugar na memória eterna dos homens. O

homem medieval, por sua vez, tinha imediatamente um sentido para a sua existência. Deus fornecia de imediato esse sentido. Viver era se sentir sob o domínio de um poder maior que fornecia desde o princípio as orientações para a existência. O que acontece com o homem contemporâneo é algo marcado por uma perda radical de todo e qualquer sentido. É claro que as pessoas podem continuar se entregando a atividades heroicas. É claro também que elas podem continuar indo a igrejas e vivenciando uma relação de crença com Deus. Tudo isso, contudo, perdeu no mundo contemporâneo a força e a obviedade que possuíam no mundo antigo e medieval. É por isso que vemos hoje algo como a ligação entre religião e comércio ou entre religião e propaganda. Bem, mas o que tudo isso tem em comum com o termo "niilismo"?

Niilismo é um termo para designar precisamente a situação de perda radical de sentido no mundo contemporâneo, a repentina sensação de que a existência não possui mais nenhuma justificativa imediata, de que todos nós vivemos em um mundo onde os critérios tradicionais de orientação do homem caíram por terra. Assim, ele funciona como o nosso centro de gravidade, como o ponto em torno do qual giram todas as nossas experiências.

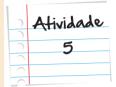


Figura 4: Albert Camus (1913-1960), pensador existencialista francês e prêmio Nobel de literatura com a obra *A peste*, em 1957.

O fenômeno do niilismo, por outro lado, torna possível considerar uma série de fenômenos políticos contemporâneos. Tanto o comunismo quanto o capitalismo são modos específicos de responder ao problema da falta de sentido: o comunismo por meio da promessa de uma resolução de todas as tensões sociais e pela constituição de um estado de realização plena dos homens; o capitalismo, pela absorção dos homens em breves sonhos de consumo, aquisição e prazer. Mas como você se coloca em relação a essa situação? Em que medida a questão acerca do sentido atravessa sua existência?

Responda às perguntas a seguir e veja até que ponto a questão acerca do sentido está presente em sua vida!

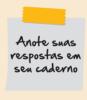
Questão 1: Você já se perguntou alguma vez sobre o sentido de sua existência como um todo? Não apenas sobre o sentido de uma pequena parte, mas de tudo o que está em jogo na existência?



Questão 2: Na sua opinião, como a política pode auxiliar os homens na sua busca por sentido existencial?

Questão 3: Qual a função do trabalho em sua existência? Ele tem para você um sentido maior do que a remuneração ou ele só tem o sentido de pagar as suas contas?

Questão 4: Para você, os pequenos prazeres da vida são capazes de dar sentido à sua existência? E o que acontece quando os prazeres dão lugar a desprazeres?



A Unidade 2 tratou da relação originária entre filosofia e política. O que tivemos a oportunidade de ver foi em que medida filosofia e política crescem, a princípio, sobre uma base comum e só posteriormente vão se afastando uma da outra.

Resumo...

Veja os tópicos centrais de nosso estudo:

Nós procuramos mostrar, em primeiro lugar, como a filosofia nasce do fato de o homem grego ter se voltado desde o início para a cidade e de ter descoberto na cidade a necessidade da argumentação.

Em segundo lugar, vimos os problemas ligados à argumentação filosófica e à política, os riscos representados pela retórica e pela propaganda.

Em terceiro lugar, analisamos a situação do homem moderno, o desenraizamento e a perda da ligação com a cidade. Assim, pudemos acompanhar a contraposição hoje usual entre comunidade e sociedade.

Por fim, tratamos do conceito de niilismo e de suas implicações sobre a existência do homem contemporâneo.

Veja aindal

Dicas de leitura e de cinema: há muitas opções para acompanhar a relação entre política e filosofia, uma vez que o cinema e a literatura trataram muitas vezes dos riscos da ideologia e do fanatismo. Nossas dicas vão na direção de filmes e livros que tratam exatamente desse problema!

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- A onda. Filme de Dennis Gansel, com Jürgen Vogel e Frederick Lau, 2008.
- Matrix. Filme dos irmãos Wachowski, com Keanu Reeves e Laurence Fishburn, 1999.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- VERNANT, Jean Pierre. A origem do pensamento grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Akropolis.jpg



 $\bullet \ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Martin_Luther_King_-_March_on_Washington.jpg$



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Aristoteles_Louvre.jpg - Eric Gaba.



• http://en.wikipedia.org/wiki/File:Nietzsche187c.jpg



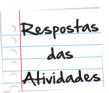
• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Albert_Camus2.jpg?uselang=pt-br - Robert Edwards.



• http://www.sxc.hu/photo/517386 • David Hartman.

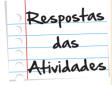
Atividade 1

a. Quando se dá tal mudança, nos vemos imediatamente obrigados a justificar as nossas posições. Não de maneira particular, mas de uma maneira que possa ser seguida por qualquer um. Agora, é preciso, antes de tudo, reconhecer o lugar do outro e entrar na lógica do diálogo, falando e ouvindo as objeções dos outros.



- Política e filosofia têm aqui um pouco em comum, uma vez que a vida política exige um discurso voltado sempre para o universal, construído para além dos particularismos e aberto para a demonstração rigorosa de posições.
- c. Vernant está acentuando aí, antes de tudo, o fato de que não há agora mais nenhum poder legítimo por si, mas todos os poderes precisam se justificar aqui por meio da argumentação e da apresentação de razões.
- d. A palavra perdeu agora o seu papel religioso, coberto por uma atmosfera de sacralidade e verdade absoluta, para conquistar um lugar no interior da vida discursiva, do exercício de fala e escuta que constitui a política em seu caráter filosófico.

Atividade 2



- a. Falso, pois não se pode tratar casos diferentes como se fossem iguais. Por mais que a democracia assegure igualdade de direitos, doentes terminais precisam ser considerados em sua especificidade.
- b. Correto. Por mais que se possa questionar o conceito de alma, a argumentação quanto ao movimento é logicamente correta.
- c. Falso, pois o fato de um amigo em particular ter lhe traído não pode ser estendido a todos os amigos.
- d. Correto, pois coerente com a posição de Feuerbach, por mais que possamos discordar de seu ponto de partida.
- e. Falso, pois nenhum desses exemplos prova efetivamente a intervenção de Deus.

Atividade 3

- a. Exemplos da distância entre o Estado e o cidadão são: a dificuldade de falar diretamente com os responsáveis pelos serviços de água, luz, gás etc.; a distância entre o cidadão e os políticos em geral; a diferença entre a máquina que aplica uma multa em um sinal de trânsito e o sujeito de carne e osso que precisa pagá-la.
- b. Viver em sociedade significa, em muito, perder o contato direto com as pessoas e experimentar um conjunto de relações algo abstratas. Para ver isto, basta pensar no contato que normalmente temos com nossos vizinhos, a dificuldade em quebrar a capa de gelo que nos envolve.
- c. É possível pensar em modelos menos abstratos de governo, nos quais a participação popular seja incentivada, modelos como o plebiscito, as organizações não governamentais, a presença dos órgãos públicos nas escolas e a construção de uma vida pública mais aberta.
- d. Sim, pois a distância entre políticos e cidadãos torna mais difícil o acompanhamento das atividades dos parlamentares e, por consequência, uma vigilância mais direta de suas atividades.

Atividade 4

O texto de Zygmunt Bauman evidencia o caráter positivo que se encontra incessantemente associado à palavra "comunidade". Diferentemente da sociedade, que evoca em nós um sentimento de frieza e indiferença, a comunidade está sempre associada a algo positivo, à presença calorosa e direta das pessoas que se importam conosco, que sofrem com as nossas dores e se alegram com as nossas alegrias. Exatamente por isso, a comunidade parece um conceito político por excelência, um conceito que deve funcionar para nós como um horizonte e uma direção ideal.



Atividade 5

- 1. Perguntar sobre o sentido da existência como um todo é uma necessidade para todos nós, algo que nos distingue daqueles que apenas deixam a vida correr sem reflexão.
- 2. A política pode auxiliar os homens na busca por sentido existencial, na medida em que ela pode propiciar uma relação mais plena com os outros cidadãos e uma aquisição plena de cultura e educação.
- 3. O sentido do trabalho não pode se reduzir à remuneração. Quando isso acontece, o trabalho vira um mero modo de manutenção do trabalho, uma pedra que rola sem cessar, mas que sempre retorna para o lugar inicial.
- 4. Pensar o prazer como o único sentido da existência é, cedo ou tarde, se ver obrigado a experimentar o sem sentido da vida, o sem sentido diante dos desprazeres e aflições incontornáveis que chegam com a doença, a velhice, o fracasso etc.





ENEM - 2011 - Filosofia:

"Os três tipos de poder representam três diversos tipos de motivações: no poder tradicional, o motivo da obediência é a crença na sacralidade da pessoa do soberano; no poder racional, o motivo da obediência deriva da crença na racionalidade do comportamento conforme a lei; no poder carismático, deriva da crença nos dotes extraordinários do chefe". (BOBBIO, N. Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra, 1999 [adaptado].)

O texto apresenta três tipos de poder que podem ser identificados em momentos históricos distintos. Identifique o período em que a obediência esteve associada predominantemente ao poder carismático:

- A) República Federalista Norte-Americana.
- B) República Fascista Italiana no século XX.
- C) Monarquia Teocrática do Egito Antigo.
- D) Monarquia Absoluta Francesa no século XVII.
- E) Monarquia Constitucional Brasileira no século XIX.

Resolução

A resposta correta é B, pois na República Fascista Italiana no século XX o sistema de governo republicano era completamente fundado no poder carismático do líder popular/populista representado por Benito Mussolini.







Exclusão e violência

Para início de conversa...

Como você já deve ter percebido, a sociologia se ocupa preferencialmente de temas com grande relevância para as sociedades e seus cotidianos. No Brasil, onde tanto a exclusão quanto a violência são fenômenos presentes no dia a dia dos nossos homens e mulheres, muitos são os estudos sociológicos que procuram entender seu funcionamento. Alguns desses estudos servem inclusive de base para propor ações de políticas públicas que visam extinguir (ou, ao menos, amenizar) os efeitos perversos desses fenômenos.

Nesta unidade, queremos convidar você para participar dessa discussão. Para isso, vamos, primeiramente, identificar o que é exclusão social e por que alguns grupos, infelizmente, são atingidos por essa forma de classificação negativa que os coloca à margem da sociedade. Depois, refletiremos sobre o que é violência, quais são as suas especificidades enquanto um fenômeno social e de que formas ela se aplica a contextos tão diferentes como são o "campo" e a "cidade". Por fim, apresentaremos as sanções e os constrangimentos que alguns grupos excluídos experimentam, e também a violência, que, até por conta da condição de exclusão, parece se aplicar de forma mais intensa.

Pensaremos ainda as lutas e os movimentos que procuram reivindicar outro lugar para si, que não aceitam pacificamente essa condição inferiorizada, baseada em preconceitos e não em realidades objetivas. Esperamos que você contribua nesse debate, trazendo suas percepções e até experiências sobre as formas de exclusão e de violência presentes em nossa sociedade. Nossa conversa – assim como algumas teorias sociológicas – podem iluminar a sociedade para encontrar novos caminhos de ação.

Objetivos de aprendizagem

- Identificar o conceito de exclusão social e seus efeitos práticos nas relações humanas;
- Refletir criticamente sobre os sentidos da violência social;
- Compreender as especificidades e desafios das formas de violência presentes nos meios rural e urbano;
- Identificar os sofrimentos e as lutas dos grupos que, ao mesmo tempo, são vítimas da exclusão e da violência em nossa sociedade, como idosos, mulheres, LGBTTTs.

Seção 1 O grito dos excluídos



Figura 1: Manifestação Grito dos Excluídos.

Todos os anos, desde 1995, na semana de comemoração do Dia da Pátria, junto com os desfiles dos militares das escolas e outras instituições, ocorre também a chamada marcha do "Grito dos Excluídos", em diversos lugares do Brasil. Por acaso, você já ouviu falar, viu ou participou de alguma dessas manifestações do "Grito dos Excluídos"? Sabe o que os participantes reivindicam? Por que razão eles buscam dar visibilidade aos seus desejos e às aspirações coletivas? Quais os ideais que animam as ações dessas pessoas?

Repare que, cotidianamente, ouvimos falar de exclusão social em referência às pessoas que não têm acesso à educação, à saúde, à moradia, ao transporte, ao lazer e aos demais serviços que conferem dignidade à nossa condição de ser humano. Como visto em unidades anteriores, a cidadania plena é uma luta que estabelecemos todos os dias para fazer valer os nossos direitos políticos, civis e sociais.

Escreva no seu caderno as principais situações de exclusão que você observa no cotidiano de sua comunidade. Relacione essas exclusões com os direitos políticos, civis e sociais garantidos pela Constituição de 1988.



Da invisibilidade social ao grito contra a exclusão

Na Unidade 3 do Módulo 1, discutimos como vamos naturalizando as desigualdades em nosso dia a dia. Está lembrado? Isso significa dizer que, no processo de socialização, aprendemos a ver como natural ou vontade de Deus o que, na realidade, são exclusões criadas e mantidas pelos homens em sociedade, pela lógica egoísta que, muitas vezes, governa as nossas ações dentro do sistema capitalista. Assim, como dizia o poeta Bertold Brecht, nada deveria parecer impossível de mudar. E, na realidade, não é impossível.

Pensando nesses termos é que os participantes do Grito dos Excluídos buscam sair da situação de invisibilidade. Desse modo, as reivindicações presentes na manifestação têm ligação com o sentimento e a vivência de exclusão dos grupos que estão ali presentes, lutando pela efetivação dos seus direitos. Então, há excluídos do acesso à terra, à educação, à moradia, à informação, aos direitos civis, entre outras tantas formas de direitos que existem e que são importantes para o sentimento de dignidade dos seres humanos.



Vale a pena conferir!



Figura 2: Ônibus 174.

O documentário "O ônibus 174", dirigido por José Padilha, narra a trajetória de Sandro Barbosa do Nascimento, um jovem rapaz que, quando criança, sobreviveu à Chacina da Candelária e, mais tarde, adulto, sequestrou o ônibus 174, resultando na morte de uma passageira, a professora Geísa Firmo Gonçalves, e na execução do próprio Sandro pela polícia militar. O diretor roteirista explora vários lados da questão, com destaque para a trajetória de Sandro e o processo de exclusão vivenciado por ele desde pequeno. Você já conhecia esse filme?

Como bem sabemos, as pessoas pensam diferentemente umas das outras e agem em função de suas crenças e convicções. Assim, encontraremos os que não concordam com o termo "exclusão". Há aqueles para quem o uso do termo é uma armadilha, pois, ao usá-lo, indiretamente, nós estaríamos afirmando a ideia de que realmente é possível haver uma inclusão. E nisso residiria o engano, pois o sistema capitalista, marcado por contradições insuperáveis, não teria espaço para que essa inclusão ocorresse de modo satisfatório para todos os trabalhadores. O que você pensa sobre isso?

Na atividade anterior, nós pedimos que você listasse as situações de exclusão em sua comunidade. Agora, vamos um pouco mais adiante. Escolha alguém de sua família ou algum amigo e explique para ele o que é exclusão social. Depois de explicar, faça uma entrevista sobre o tema. Segue abaixo a sugestão de três perguntas. Você deverá criar mais três.



- 1. Você considera que em seu bairro exista exclusão social? Comente.
- 2. Em seu modo de ver, por que razão existe a exclusão?
- 3. Qual o caminho para acabar com a exclusão social? Comente.

Seção 2 Vamos falar de violência?



Figura 3: Violência doméstica.

Exclusão social e violência, muitas vezes, caminham juntas – e isso fica claro quando percebemos que os grupos que mais são vitimados pela exclusão são os que sofrem com mais intensidade os efeitos da violência. Mas, o que seria esse fenômeno social do qual vamos nos ocupar nesta seção?

Buscar o significado das palavras nos ajuda a entender determinadas práticas. Violência, segundo o dicionário Aurélio, é o "ato ou efeito de violentar", e "violentar", no mesmo dicionário, aparece como sinônimo de "violar". Vamos começar esse papo pensando a violência como toda forma de ação que *viola* algo de alguém ou até esse próprio alguém. É violento o assalto que lhe viola a posse de um objeto, é violenta a acusação que lhe tira a paz, é violento o preconceito que lhe tira a condição de dignidade, é violento o assassinato por violar o seu direito de viver. Toda violência, a princípio, surge de um uso abusivo ou injusto de alguma forma de poder.

Mas é interessante refletir que nem tudo que parece violento aos nossos olhos pode assim ser classificado. Vamos a dois exemplos: o primeiro deles, uma luta de boxe. Apesar de ser uma medição de forças e técnicas, os lutadores estão de acordo em ferir-se e serem feridos. Se ninguém descumprir as regras estabelecidas, de conhecimento de ambos, o uso das forças ali presentes não viola os direitos de ninguém. Sendo assim, tal luta pode ser definida como violenta?

O outro exemplo retiramos do livro "O mundo funk carioca", do antropólogo Hermano Vianna, que, ao estudar os bailes funks das décadas de 80 e 90, percebeu que as brigas existentes nessas festas não eram simples brigas que explodiam no calor das emoções, mas uma espécie de "performance" que acontecia em momentos já previamente estabelecidos pelo ritual do baile. Alguns rapazes definiam esse momento como "15 minutos de alegria". Sendo uma performance e estando ali os participantes de forma espontânea, podemos dizer que há violência, mesmo que esteja presente o uso da força?



Figura 4: Baile funk.

Já, ao contrário, podemos violentar pessoas sem encostar um único dedo nelas, e em alguns casos, sem que a vítima a perceba como uma violação. Por exemplo, você frequenta as aulas na escola e vê que tudo que é apresentado como natural e correto, muitas vezes, corresponde a práticas dos grupos das classes médias e alta – a música que eles escutam chamamos de "clássica" ou "erudita" – enquanto as práticas culturais das populações mais pobres (quando são abordadas em aulas ou em materiais didáticos) são "folclorizadas" ou até criticadas – veja o caso do funk, que até hoje alguns insistem que não pode ser chamado de cultura. O sociólogo francês Pierre Bourdieu nomeou esse processo de *violência simbólica*.





"Para Bourdieu, o sistema escolar, em vez de oferecer acesso democrático de uma competência cultural específica para todos, tende a reforçar as distinções de capital cultural de seu público. Agindo dessa forma, o sistema escolar limitaria o acesso e o pleno aproveitamento dos indivíduos pertencentes às famílias menos escolarizadas, pois cobraria deles os que eles não têm, ou seja, um conhecimento cultural anterior, aquele necessário para se realizar a contento o processo de transmissão de uma cultura culta. Essa cobrança escolar foi denominada por ele como uma *violência simbólica*, pois imporia o reconhecimento e a legitimidade de uma única forma de cultura, desconsiderando e inferiorizando a cultura dos segmentos populares.

Assim, convertendo as desigualdades sociais, ou seja, as diferenças de aprendizado anterior, em desigualdades de acesso à cultura culta, o sistema de ensino tende a perpetuar a estrutura da distribuição do *capital cultural*, contribuindo para reproduzir e legitimar as diferenças de gosto entre os grupos sociais. Posto isso, as disposições exigidas pela escola, como, por exemplo, as sensibilidades pelas letras ou pela estética visual ou musical, enfim, uma estética artística, privilégio de alguns poucos, tendem a intensificar as vantagens daqueles mais bem aquinhoados material e culturalmente" (SETTON, 2008).



Com base no que você estudou até agora, pesquise em outras fontes:



- 1. Um exemplo de algo que, embora definido como violento à primeira vista, possa não ser violento de verdade (como vimos sobre o boxe, como esporte);
- 2. Um exemplo de caso em que ocorra a violência simbólica (como vimos com o funk como manifestação cultural).



Já que estamos fazendo o exercício de pensar para além do senso comum, podemos dizer ainda que a violência não é igual para todos os grupos humanos. Ela é uma *construção social*, ou seja, o que é violento – a até mesmo a gravidade de uma violência – pode variar de sociedade para sociedade. Se você mora em uma capital ou região metropolitana, ao visitar uma cidade do interior, certamente ouvirá narrativas que apontam como a violência cresceu naquela localidade, mas se for comparar com o seu contexto (sem relativizar as diferentes experiências), certamente entenderá aquelas queixas como exageradas.

Você sabia que existe o Anuário Brasileiro de Segurança Pública? Nele é possível acessarmos dados sobre estatísticas criminais, gastos com segurança pública e prisões, população carcerária e contingente de policiais. Em 2014, o Anuário revelou alguns dados significativos. Veja alguns deles:





ASSASSINATOS

A cada 10 minutos, 1 pessoa é assassinada no país

53.646 mortes violentas em 2013, incluindo vítimas de homicídios dolosos e ocorrências de latrocínios e lesões corporais seguidas de morte.



1,1% superior ao de 2012, quando foram registradas 53.054 mortes violentas.

E o que o Brasil pode fazer para mudar esse triste quadro? Analisando as experiências bem-sucedidas em reduzir homicídios nos anos 2000, cuja marca foi a cooperação e a mudança de práticas institucionais, e integrando os recursos hoje disponíveis, o Brasil reúne condições de assumir uma meta:

- ▶ 65,5% de redução de homicídios até 2030.
 ▶ compromisso de reduzir tais crimes a uma
- compromisso de reduzir tais crimes a uma média de 5,7% a cada ano.



ESTUPROS

50.320 estupros

foram registrados no país em 2013, numa leve oscilação no número de registros em relação a 2012, quando foram relatados **50.224** casos.

35% das vítimas de estupro costumam relatar o episódio às polícias, segundo pesquisas internacionais. Assim é possível que o Brasil tenha convivido no ano passado com cerca de 143 mil estupros.

Figura 6: Assassinatos e etupros no Brasil em 2014.

Para ver mais informações, acesse

http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2014_20150309.pdf

Durkheim (2002) aponta, por exemplo, que o assassinato, seja quem for a vítima, se tornou o ato imoral por excelência, a mais estúpida forma de violência e o mais cruel dos crimes. Mas, na Roma Antiga, era diferente: Agamben (2010) aponta a existência de *homos sacers*, pessoas com uma posição inferior naquela sociedade, cujo assassinato não causava responsabilidades legais para o assassino. Os *homos sacers* eram considerados vidas que poderiam ser tiradas por qualquer um, pois eram um tipo de humano excluído de todos os direitos civis, podendo ser morto por qualquer cidadão sem que tal ato constituísse um crime. Era uma vida "dispensável"; estava fora do direito e, por isso, não poderia ser condenada no âmbito jurídico. Estava exposta à vulnerabilidade da violência por ser desprovida de qualquer direito.

Certamente, se o assassinato não fosse crime em nosso grupo social, haveria outra forma de violência inaceitável entre nós. A partir desses casos, podemos pensar que em localidades onde não há traficantes armados e trocas de tiros, a população encaminha seus esforços morais para outras formas de violência que impactam o seu cotidiano. Talvez seja por isso que você ache exageradas as percepções sobre a violência local que os moradores das cidades do interior demonstram.

Para refletir...

Sobre a mudança da importância de um determinado tipo de crime ou violência, vale a pena ler o que escreveu Durkheim em "As Regras do Método Sociológico":

66

O roubo e a simples indelicadeza não ofendem senão um único e mesmo sentimento altruísta: o respeito à propriedade de outrem. Só que esse mesmo sentimento é ofendido de modo mais fraco por um desses atos do que pelo outro; e como, além disso, ele não tem na média das consciências uma intensidade suficiente para sentir vivamente a mais leve dessas duas ofensas, esta será objeto de uma maior tolerância. Eis por que se censura simplesmente o indelicado, ao passo que o ladrão é punido. Mas se o mesmo sentimento tornar-se mais forte, a ponto de fazer calar em todas as consciências aquilo que inclina o homem ao roubo, ele se tornará mais sensível às lesões que, até então, apenas o tocavam levemente; ele reagirá portanto com mais firmeza contra elas; tais lesões serão objeto de uma reprovação mais enérgica que fará passar algumas delas, de simples faltas morais que eram, ao estado de crimes (2007, p. 68-69).

"

Já parou para pensar por que a nossa sociedade tolera uma grosseria ou indelicadeza com o outro, mas acha necessário punir com rigor o roubo, ou seja, a ofensa ao direto de propriedade do outro?

Quem pode ser violento?



Figura 7: Tropa de policiais.

Normalmente, identificamos a violência como um erro por parte do agressor e alguns atos violentos, como ferir, tirar a liberdade de um indivíduo e matar, são geralmente punidos com grande rigor em nossa sociedade. Há, porém, um tipo de agente social que pode cometer tais violências sem ser punido ou responsabilizado por tais atos. Lembramse que na Unidade 2 falamos de quem detém o monopólio do uso da força? Isso mesmo, estamos falando do Estado.

Segundo Max Weber, não se pode definir o Estado (pelo menos, na Sociologia) a partir das suas finalidades, mas sim a partir dos meios que lhe são peculiares. E o que isso quer dizer? Nesse caso, falamos do uso da força física, sobre a qual todos os Estados se fundamentam e se mantêm. Sendo assim, tal pensador não pestaneja em identificar as relações firmadas entre o Estado e a violência como estritamente íntimas.

66

Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território. Note-se que o 'território' é uma das características do Estado. Especificamente, no momento presente, o direito de usar a força física é atribuído a outras instituições ou pessoas apenas na medida em que o Estado o permite. O Estado é considerado como a única fonte do 'direito' de usar a violência (WEBER, 1974, p. 98).

77

Para fazer uso da violência, com a alegação de garantir o cumprimento das leis e a manutenção da ordem, o Estado confere autoridade às polícias e demais grupos militares que servem como seu braço armado. Porém, tal uso legítimo da força não pode ser feito de qualquer forma: deve se pautar no sistema legal em que tal prática se diz defender e manter. Por exemplo, um policial não pode matar sem motivos, só tem autorização para fazer isso quando o criminoso coloca em risco iminente a vida do próprio oficial ou de outros cidadãos: chamamos essa prática, no Rio de Janeiro, de "auto de resistência" e, em São Paulo, de "resistência seguida de morte". Caso contrário, o criminoso deverá ser preso, tendo todos os seus direitos garantidos, e se isso não for feito, o policial responderá por abuso de poder e assassinato.

Segundo dados apresentados em um relatório do NECVU (Núcleo de Estudos da Violência Urbana – UFRJ), entre os anos de 2001 e 2011, mais de dez mil pessoas tiveram suas mortes em confronto registradas como auto de resistência no Estado do Rio de Janeiro (MISSE, 2011). Para algumas análises dessa informação, houve uma banalização dos "autos de resistência", com o objetivo de ocultar execuções sumárias e outras práticas para além do exercício legítimo da violência.



Procure em notícias na internet ou em jornais casos em que a ação da polícia não pode ser caracterizada como o uso legítimo da força física e da violência. Não deixe de apresentar argumentos que justifiquem a sua afirmação.

Seção 3

Violência no campo, violência na cidade

Como já conversamos anteriormente, a violência (e as percepções em torno dela) pode se apresentar de diferentes formas, dependendo do contexto social em que esteja inserida. No Brasil, temos registros impactantes de mortes e demais formas de violência tanto no meio rural como no meio urbano. Nesta seção, vamos refletir brevemente sobre as questões de maior destaque em relação às práticas violentas de cada um desses contextos.



Figura 8: Protesto contra violência no campo.

Violência no campo

No livro "Conflitos no campo Brasil – 2012", a Comissão Pastoral da Terra aponta como naquele ano aumentaram assustadoramente algumas práticas de violência nas regiões rurais do Brasil: crescimento de 24% no número de assassinatos (de 29 para 36), de 51% nas tentativas de assassinato (de 38 para 77) e de 11,2% no número de trabalhadores presos (de 89 para 99) em relação a 2011.



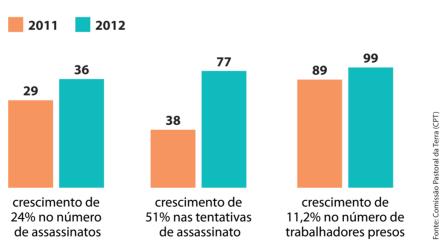


Figura 9: Maiores índices de violência nas áreas rurais - 2012.

Os responsáveis por essas ações violentas são grupos que, a qualquer custo, querem lucrar – na maioria das vezes, de forma irresponsável e ilegal – sem pensar nos prejuízos que suas formas de exploração dos recursos naturais (e até dos humanos) causam ao meio ambiente e à sociedade. São atuações que visam ao lucro nos setores agropecuários e, entre outros, extrativistas, exploradores ilegais de madeira e "grileiros". A violência praticada através de assassinatos e suas tentativas busca "tirar do caminho" aqueles que se opõem aos interesses desses grupos, desde os membros do Movimento Sem Terra – que reivindicam as muitas terras subutilizadas para a reforma agrária – até os indígenas, que insistem pelo direito de permanecer nas terras em que sempre estiveram e que passaram a ser de interesse de grupos poderosos.



Chamamos de "grileiro" a pessoa que se apropria ilegalmente de terras, apresentando título de propriedade falsificado. O nome vem de uma técnica de falsificação de documentos, onde papéis são envelhecidos quando guardados em pequenas caixas junto com grilos. Com a morte dos insetos, seu processo de decomposição gera uma química que escurece os papéis e lhe dão aparência envelhecida, como se fossem antigos e, portanto, verdadeiros e legais.

Vejamos esta apresentação de uma das muitas vítimas da violência nos conflitos rurais:



Figura 10: Irmã Dorothy Mae Stang.

Dorothy Mae Stang, a Irmã Dorothy, uma freira norte-americana, naturalizada brasileira, foi assassinada com sete tiros no dia 12 de fevereiro de 2005 em Anapu (Pará), aos 73 anos de idade, por grupos incomodados com os resultados e repercussões dos seus trabalhos sociais. Vivia na Amazônia desde a década de setenta, convivendo com os trabalhadores rurais da Região do Xingu. Em sua atividade missionária, buscava a geração de emprego e renda com projetos de reflorestamento, atuando junto aos trabalhadores rurais da Transamazônica. O foco do seu trabalho era a minimização dos conflitos fundiários na região. No Pará, atuou intensamente junto aos movimentos sociais. A sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ganhou reconhecimento nacional e internacional.

Dorothy participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT – da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) desde a sua fundação e acompanhou a vida e a luta dos trabalhadores do campo no Pará. Lutou em favor da reforma agrária e mantinha intenso diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas, na busca de soluções para os conflitos referentes à posse e à exploração da terra na Região Amazônica.

Outra forma de violência com destaque nos meios rurais é o trabalho escravo, em que trabalhadores em busca de emprego chegam a grandes fazendas e, além de não terem seus direitos trabalhistas garantidos, tornam-se devedores dos seus patrões (pagam preços altos pela hospedagem e alimentação) e passam a trabalhar para pagar as dívidas que parecem nunca ter fim. Muitos ainda trabalham em condições insalubres, por horas a fio, como acontece com aqueles que atuam na produção de carvão. Homens armados vigiam os trabalhadores para que façam suas "obrigações" e também para que não fujam. Na figura abaixo, é mostrado o resultado do trabalho de fiscalização do Ministério do Trabalho no combate ao trabalho escravo no Brasil.

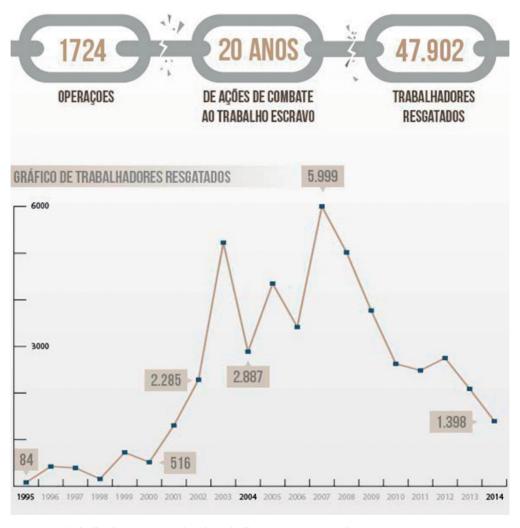


Figura 11: Trabalhadores resgatados de trabalho escravo no Brasil.



Segundo dados apresentados pelo site do Senado Brasileiro, entre os anos de 2003 e 2009, uma média de 4.350 trabalhadores escravos foram libertos por ano, tendo destaque nesses números as regiões Norte (37% dos casos), Centro Oeste (28%) e Nordeste (22%). Sabe-se, porém, que, por mais assustadores que esses números possam parecer, eles ainda estão longe de representar a totalidade do trabalho escravo no Brasil: imaginemos os inúmeros casos que não são descobertos por não serem denunciados ou por serem protegidos a partir de acordos políticos escusos.

Fonte: http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/trabalho-escravo/xavier-plassat/trabalho-escravo-se-concentra-na-zona-rural.aspx

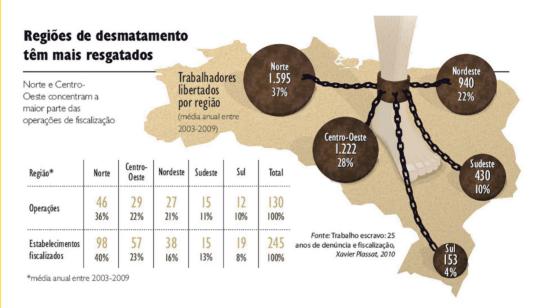


Figura 12: Número de trabalhadores em regime de escravidão libertos entre 2003 e 2009.

Leia atentamente os trechos a seguir, observe a imagem e reflita sobre as questões:

- 1. De que tema eles tratam?
- 2. O cenário retratado é positivo ou negativo?
- 3. Qual a importância desse tema?

"Chico Mendes foi um seringueiro, sindicalista e ativista ambiental, internacionalmente conhecido, que lutava pela preservação da floresta Amazônica e suas seringueiras. Participou, entre outros, da implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no Acre."

"Como em anos anteriores, [em 2013] os conflitos ganham em intensidade nas áreas para onde o capital avança, sobretudo a Amazônia. [...] Na Amazônia se concentram 20 dos 34 assassinatos, 174 das 241 pessoas ameaçadas de morte, 63 dos 143 presos, e 129 dos 243 agredidos. Das Populações Tradicionais que, em 2013, foram vítimas de algum tipo de violência, 55% se localizavam na Amazônia."

Fonte: http://cptnacional.org.br/index.php/component/jdownloads/finish/43-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/344-conflitos-no-campo-brasil-2013?ltemid=23

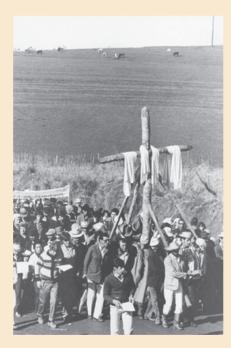


Figura 13: A luta continua.

Após essa reflexão, faça uma pesquisa sobre a biografia de Chico Mendes e escreva um pequeno texto apontando de que forma ele foi vítima desse tipo de violência.



A violência nas grandes cidades

Se a violência no campo já é impactante, aquela presente nas grandes cidades chama mais ainda a nossa atenção, devido às altas quantidades de ocorrências: assaltos, estupros, assassinatos. Algumas das principais capitais do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, são conhecidas e reconhecidas por sua violência urbana. Se formos falar dos assassinatos de jovens entre 15 e 29 anos, por exemplo, no ano de 2012 foram quase 10.400 registros nas capitais brasileiras. Pelo menos, 20% desses casos aconteceram nas quatro capitais da região Sudeste (Mapa da violência 2014: Os jovens do Brasil. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf).

VIOLÊNCIA NAS GRANDES CIDADES



Figura 14: Maior concentração de violência no Sudeste.

Rio de Janeiro: uma cidade em guerra?



Figura 15: Soldados do exército ocupando as favelas do Complexo do Alemão.

Você já ouviu falar de "guerra contra o tráfico"? Essa frase é utilizada constantemente por autoridades públicas e em matérias jornalísticas. Essa imagem foi reforçada nos últimos anos com a presença do exército e de equipamentos como tanques de guerra nas intervenções da polícia militar em favelas cariocas. E se toda guerra tem um inimigo, quem exerce esse papel na suposta guerra que existe na capital carioca?

Antes de responder a essa pergunta, vamos entender melhor o contexto em que essa pergunta se insere. O Rio de Janeiro, a partir dos anos 90, passou a ser conhecido como uma cidade violenta (em oposição à "Cidade Maravilhosa") por conta de uma série de episódios violentos ocorridos principalmente no início dessa década, e de fatos como a melhora do armamento dos criminosos e sua ação de controle das rotinas nas favelas impactaram na construção dessa imagem da cidade.

Com isso, as autoridades públicas, e até mesmo a população, passaram a identificar (por conta dessas mudanças) o traficante de drogas como o grande perigo da cidade e, como esses se localizavam prioritariamente nas favelas, tal identificação colaborou para a construção de uma auto-representação do Rio de Janeiro como "cidade partida" entre "favela" e "asfalto", como havia dito o jornalista Zuenir Ventura em seu célebre livro. A imagem da cidade foi tomada por uma *metáfora da guerra*, como apontou a socióloga Márcia Leite (2000), da UERJ. Nessa metáfora, o "traficante" foi escolhido como o inimigo.



Você já assistiu aos filmes "Tropa de Elite" e "Tropa de Elite – O inimigo agora é outro"? Esses são dois filmes marcantes que retratam a violência no Rio de Janeiro. Neles, é possível perceber a ideia de "cidade partida". Mas será que é somente nas favelas que mora o inimigo? Caso tenha assistido aos filmes, reflita sobre o que você aprendeu nesta unidade.

A partir daí, uma "cultura" do medo se espalhou na cidade, e tem nas favelas o objeto do seu temor. As ressalvas aos criminosos do tráfico de drogas, muitas vezes, são estendidas aos moradores desses espaços como um todo e que juntam a uma série de preconceitos (historicamente remetidos à favela e aos seus moradores) as acusações de cumplicidade ou participação direta com a atividade criminosa.



Ao usar o termo "metáfora", a autora se refere a uma figura de linguagem utilizada na escrita e na fala para fazer comparações estabelecendo semelhança entre termos que a princípio não apresentam relação. É o que acontece quando Camões afirma que o "amor é um fogo que arde sem se ver": o fogo só quer representar a intensidade e a força do sentimento, tão marcantes quanto a ação do fogo em um objeto.

A *metáfora da guerra* aponta que a nossa guerra não é de verdade, ela existe somente como um discurso, e a utilização desse discurso tem a finalidade de criar na opinião pública em geral um sentimento de insegurança que justifique ações violentas como a principal forma de ação por parte do Estado para enfrentar os criminosos. Isso causa, entre outras coisas, certa insensibilidade diante dos dados alarmantes referente às mortes por auto de resistência, que vimos na seção anterior.

Você já ouviu falar do desenho animado "Os Simpsons"? E você sabia que um de seus episódios foi censurado no Brasil, pois mostra a violência na cidade do Rio de Janeiro? Em outro episódio, de 2014, a família Simpson retorna ao Brasil para que o chefe da família, Homer, trabalhe como árbitro dos jogos da Copa do Mundo.



Assista aos dois episódios de "Os Simpsons" visitando o Brasil, de 2002 e de 2014, (disponíveis para visualização em diversos sites da internet) e escreva um texto mostrando como o seriado caracteriza o crime e a violência no Rio de Janeiro. Comente se houve exagero na forma como a violência na cidade é tratada e se a censura do episódio de 2002 foi justificada.



Para os moradores das favelas, a violência vem em dose dupla: a violência física, presente nas "duras" da polícia, nos confrontos armados entre os traficantes locais e os grupos rivais, no cotidiano difícil de encarar com armas de guerra à mostra em plena luz do dia. Também vem em forma de violência simbólica, quando os moradores são constantemente confundidos e comparados com os criminosos que na localidade atuam. Tem muita gente, por exemplo, que mora em favela e coloca o endereço de um parente no currículo por saber que existem muitos empregadores com receio de contratar "favelados". No Rio de Janeiro, e também em outras grandes cidades, os mais pobres – nesse caso, os moradores de favela – experimentam a violência urbana como mais uma das perversas consequências da exclusão.

Vale ressaltar que essa guerra tem outras vítimas. Os policiais, que também protagonizam as "cenas de guerra" que acontecem nas favelas e periferias da cidade, se ferem e perdem suas vidas nesse processo. No ano de 2013 (até 21 de outubro), 163 policiais foram baleados no Estado do Rio de Janeiro e 63 deles morreram. (Fonte: http://sociedademilitar.com.br/index.php/policiais-e-bombeiros/720-eestatistica-policiais-mortos-rio-de-janeiro.html).

Em uma sociedade que não sustentasse a guerra como forma de combater o crime, poderíamos conhecer dados bem diferenciados. Tal modelo, segundo muitos cientistas sociais, traz males para toda a sociedade e já se provou ineficaz na solução dos problemas combatidos.

Para refletir...

No Rio de Janeiro, desde o início da década, diferentes interpretações sobre o tema da cidadania e dos direitos humanos vêm sendo disputadas pelo aparato de segurança, pela mídia, por sucessivos governos e por organizações da sociedade civil.

No período que correspondeu à consolidação da metáfora da guerra na cidade (1994-98), o grande confronto verificava-se entre autoridades públicas, que qualificavam os direitos humanos como conivência com ou opção pela criminalidade contra a polícia e a segurança, e organizações não-governamentais, que defendiam uma política de segurança pública sob controle democrático e com respeito aos direitos humanos e civis dos segmentos atingidos pela violência policial. Velórios e enterros de policiais constituíam os palcos preferidos pelos primeiros, para enfatizar a "inversão de valores" que estaria em curso e assinalar que se tratava de escolher um "lado" da "cidade partida" a proteger (LEITE, 2000, p. 81).



Um *rap* conhecido, do Mc Bob Run, trazia o seguinte refrão: "Era só mais um Silva que a estrela não brilha, Ele era funkeiro, mas era pai de família". O "rap do Silva" procurou retratar alguns dos muitos episódios de violência nas favelas, que vitimizam, inclusive com a morte, pessoas que não escolheram um lado nessa aparente guerra.

"Era trabalhador, pegava o trem lotado

Tinha boa vizinhança, era considerado

Todo mundo dizia que era um cara maneiro

Outros o criticavam porque ele era funkeiro"

O exercício proposto é uma conversa com um morador de favela ou qualquer outro tipo de espaço pobre da cidade submetido a uma rotina violenta. Pergunte do seu cotidiano, o que mais lhe incomoda e que estratégias criou para sobreviver diante dos problemas encontrados. Depois, construa um pequeno texto, contando suas percepções sobre os efeitos da violência na vida dessa pessoa.

Nesta seção, falamos da violência nas grandes metrópoles, apresentando algumas discussões sociológicas sobre o caso da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de falar de uma cidade específica, as discussões que levantamos aqui nos auxiliam a pensar sociologicamente nos problemas dos outros grandes centros urbanos.

Seção 4

As vítimas da exclusão e da violência no Brasil

Nesta seção, queremos mostrar como alguns grupos, que são vítimas de preconceitos, experimentam os efeitos da exclusão social e da violência. Escolhemos três grupos para, a partir deles, entendermos como a Sociologia pode nos ajudar a identificar a vitimização e, ao mesmo tempo, propor novas formas de ação que ajudem na sua superação.



Figura 16: Idoso.

Os idosos

Você já reparou como, a cada ano que passa, tem aumentado o número de pessoas idosas em nosso cotidiano? Já se perguntou o que isso significa para a sociedade em que vivemos? Pois bem, seguindo o padrão dos países desenvolvidos, o Brasil caminha a passos largos para se transformar em um país de população idosa. Isso mesmo, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2030, o número de pessoas com 60 anos ou mais será maior que o número de crianças com até 14 anos de idade, sendo que a tendência será a de aumentar nos anos seguintes.



Faça uma entrevista com alguém que tenha mais de sessenta anos em sua família ou comunidade. Procure saber que visão ela possui sobre essa etapa do curso de vida, como se sente, quais os seus sonhos, se tem medo, o que espera do futuro, se sofre preconceitos, se experimentou algum tipo de exclusão, ou seja, procure entender o modo de pensar e perceber os sentimentos de uma pessoa considerada idosa.



A violência doméstica contra o idoso

Volta e meia, pela televisão, assistimos a reportagens que retratam situações em que os idosos são vítimas de violência dentro de suas próprias casas. Nesses casos, os agressores são em grande parte os familiares, conhecidos e vizinhos. De acordo com dados da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, as denúncias vêm aumentando ao longo dos últimos anos. Os principais tipos de violência doméstica praticados contra os idosos são: a física, a psicológica, a sexual, a de abandono, a de negligência e a financeira. Você já parou para pensar nisso?



A Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que institui o Estatuto do Idoso, dispõe sobre o papel da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público de assegurar ao idosos os seus direitos. Acesse e leia o Estatuto do Idoso na íntegra no site: http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacaofederal/est.%20de%20idoso.pdf

Devemos nos lembrar de que a violência também acontece no espaço público. Nesse sentido, o poder público, quando não fornece apoio aos idosos e aos seus familiares, comete uma violência que atinge a todos os envolvidos. Apanhemos como exemplo os casos de negligência e abandono de idosos dependentes. No Estatuto do Idoso, essas práticas são consideradas criminosas. Acontece que muitas famílias pobres não dispõem de condições para cuidarem em casa de seus idosos em situação de dependência. Quando buscam apoio na rede de saúde, muitos não encontram e acabam se sentindo excluídos e sendo apontados como criminosos. Lutar politicamente para fazer valer!



Figura 17: Idosos fazendo exercícios.

As mulheres

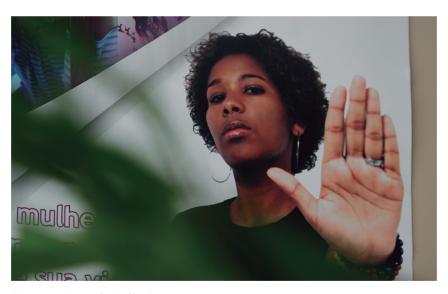


Figura 18: Basta de violência.

Você já ouviu falar da lei Maria da Penha (Lei n. 11.346- 2006)? A lei ganhou esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes que, por vinte anos, lutou para ver seu agressor preso. Maria da Penha é biofarmacêutica cearense e foi casada com o professor universitário Marco Antonio Herredia Viveros. Em 1983, ela sofreu a primeira

tentativa de assassinato, quando levou um tiro nas costas enquanto dormia. Viveros foi encontrado na cozinha, gritando por socorro, alegando que tinham sido atacados por assaltantes. Dessa primeira tentativa, Maria da Penha saiu paraplégica. A segunda tentativa de homicídio aconteceu meses depois, quando Viveros empurrou Maria da Penha da cadeira de rodas e tentou eletrocutá-la no chuveiro.

Então, muito embora essa lei seja considerada um importante avanço para combater a violência doméstica praticada contra a mulher, ainda há muito a ser feito, pois o simples fato de alguém ser mulher torna essa pessoa mais vulnerável à violência do que se ela fosse homem. Em pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde, entre os anos de 2006 e 2010, o Brasil aparece entre os 10 países com o maior número de homicídios femininos.

Em uma pesquisa feita em 2013, o Instituto Patrícia Galvão, em parceria com o Data Popular, entrevistou 1.501 pessoas para entender mais sobre a percepção sobre a violência contra a mulher. Veja, a seguir, alguns dos resultados da pesquisa.

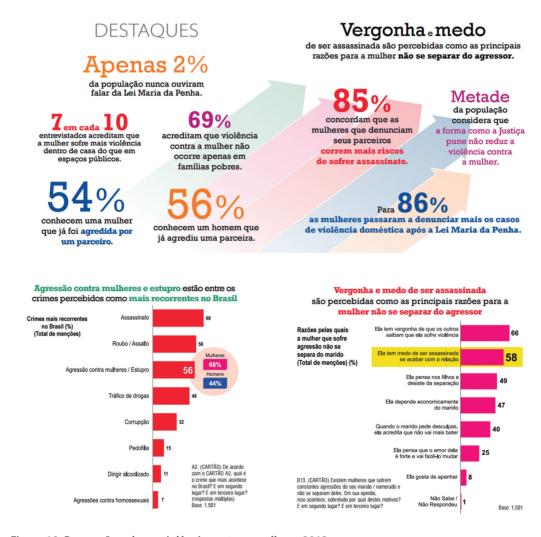


Figura 19: Percepção sobre a violência contra a mulher – 2013.

Como dissemos, esses são apenas alguns dos resultados! Você poderia imaginar que 17% dos entrevistados concordam que "mulher que apanha é porque provoca"? São muitos os dados interessantes que a pesquisa apresenta. Para ver os resultados na íntegra, acesse

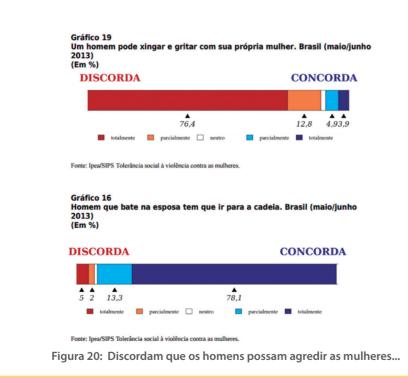




Essa informação se torna ainda mais dramática se considerarmos que, geralmente, a violência sofrida pela mulher é cometida por homens próximos, ou seja, aquelas pessoas com as quais as mulheres possuem algum vínculo afetivo e uma relação de confiança, podendo ser o pai, o marido, o irmão, o filho. E a violência praticada contra elas é de diversos tipos: física, psicológica, simbólica, sexual, patrimonial e moral. Por isso, é muito importante que, além de fazermos a denúncia, possamos cobrar do poder público que sejam adotadas ações de proteção à mulher, punição do agressor e educação das futuras gerações.

Outra pesquisa sobre a violência contra a mulher foi feita pelo Sistema de Indicadores de Percepção Social, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), buscando saber mais sobre a tolerância social à violência contra as mulheres. Para essa pesquisa, foram entrevistadas milhares de pessoas em todos os estados, no ano de 2013, sendo que as próprias mulheres representaram um pouco mais da metade do universo de entrevistados. Veja alguns de seus resultados.







Mas...

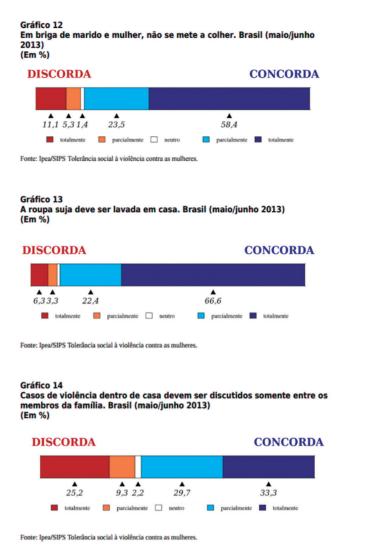


Figura 21: E ao mesmo tempo acham que a "roupa suja" deve ser lavada em casa.

Vale a pena ler o trabalho na íntegra.

Acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf

Os grupos LGBTTTs



Figura 22: Bandeira LGBTTTs.

Ao longo de nossa história, as lésbicas, os gays, os bissexuais, os travestis, os transexuais e os trangêneros (LGBTTTs) vieram sendo vítimas de preconceitos, discriminações e violências. Nas últimas décadas, mais organizados politicamente e com o apoio daqueles que lutam pela sua inclusão social, os LGBTTTs romperam com o silêncio criminoso que os relegava, e ainda relega, à condição de subcidadãos. E é dentro desse contexto que cada vez mais têm sido feitas denúncias sobre a violência homofóbica da qual esses cidadãos, os seus amigos e familiares, têm sido vítimas.

De acordo com o Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil, no ano de 2011, as violências praticadas contra a população LGBTTTs estão presentes em diversas esferas da vida social: na família, na escola, na igreja, no trabalho, na justiça e na polícia, só para citar alguns exemplos. São violências de vários tipos: física, psicológica, simbólica, sexual, patrimonial e moral. Os agressores são geralmente familiares, vizinhos e conhecidos. Você já presenciou ou teve notícia de alguma pessoa conhecida relacionada à orientação sexual? De que forma você acha que podemos evitar que esses casos ocorram? Reflita sobre como o respeito às diferenças pode evitar esse tipo de violência.

Há muito a ser feito para que esses cidadãos possam ter seus direitos plenamente reconhecidos. De todo modo, ainda que tímidos, alguns passos têm sido dados nesse sentido, principalmente por parte do poder judiciário, quando reconhece o direito à união estável, à adoção de crianças, o direito de pensão e a heranças. No caso do poder legislativo, a caminhada tem sido mais difícil, pois existem forças políticas que se opõem ao reconhecimento de tais direitos e que são apoiadas pelos setores mais reacionários a esse tipo de mudança na sociedade brasileira.



"O termo homofobia foi inicialmente cunhado por George Winberg, psicólogo norte-americano, no início da década de 70 do século XX, para designar a aversão (ou temor) de estar no mesmo lugar, ou em contato próximo com homossexuais e, no caso dos próprios homossexuais, a auto-aversão. De caráter psicológico, o termo nasce com alcance limitado para análises sociais, uma vez que diz mais sobre sentimentos individuais do que sobre ações perpetradas contra terceiros. Mott (2000) conceitua homofobia como sendo o medo, a aversão, ou a discriminação contra a homossexualidade ou os homossexuais, bem como o ódio, a hostilidade ou a reprovação dos homossexuais."

Fonte: Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil, ano de 2011, disponível em http://www.sdh. gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2011-1

Nesse curto espaço da seção, procuramos retratar alguns grupos específicos que são vítimas recorrentes de violência. Nós bem sabemos que diversos outros grupos ficaram de fora, o que não significa que sejam menos importantes. Assim, converse com os seus colegas e familiares sobre como é importante nos posicionarmos politicamente a respeito da igualdade jurídica, dos direitos humanos e do respeito à diferença.



- 1. Em seu cotidiano, você já presenciou alguma situação de violência cometida contra um dos três grupos retratados nessa seção ou outros grupos? Comente.
- 2. Podemos afirmar que a "solução" para as situações de violência discutidas aqui é política e educacional? Justifique a sua resposta.
- 3. Realize uma pesquisa para descobrir como devem ser encaminhadas as denúncias de violência contra as mulheres, o idoso e os grupos LGBTTTs em sua cidade e em seu estado.

Resumo

Esta unidade teve como temas Exclusão e Violência. Na Seção I, estudamos sobre o conceito de exclusão social e falamos sobre os movimentos sociais que lutam para diminuir sua incidência em nossa sociedade. A Seção II tratou do conceito de violência, analisando as diversas formas de manifestação, seja física, psicológica ou simbólica. Estudamos também os agentes sociais que fazem uso da força de forma legítima, como o Estado e a polícia, discutindo seu papel no controle da ordem social. Na Seção III, abordamos a violência no campo, com o objetivo de mostrar que ela está ligada a questões sociais, como a disputa pelo uso da terra e a exploração dos recursos naturais. Também analisamos a violência urbana, verificando que suas maiores vítimas são os jovens pobres e negros do sexo masculino, e que

o crescimento deste tipo de violência está ligado a uma lógica de guerra no combate ao tráfico. A Seção IV tratou das vítimas da exclusão social, como mulheres e idosos, que sofrem violência e precisam de políticas públicas para protegê-los. Esperamos que o conhecimento adquirido nesta unidade tenha sido proveitoso e que seja útil para que você, aluno, desenvolva uma possibilidade de análise crítica de um problema que tanto aflige nossa sociedade.

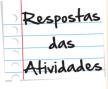
Veja ainda

Filmes

- Amor (2012 direção: Michael Haneke/127 min.). Georges e Anne são octogenários. São professores de música, pessoas cultas, independentes. No entanto, quando Anne sofre um pequeno derrame, os dois terão de lidar com as mudanças trazidas pela doença dela, e o amor que une o casal será posto à prova.
- Estamira (2006 Direção: Marcos Prado/121 min.). Trata-se de um documentário que tem como personagem principal uma mulher de 63 anos, que sofre que distúrbios mentais e trabalha há mais de duas décadas como catadora de lixo em um aterro sanitário na Baixada Fluminense. Em torno da figura dessa personagem, o documentário levanta questões relevantes, como o destino do lixo e as estratégias e sofrimentos daqueles que experimentam intensamente os efeitos da exclusão social.
- Leve-me para sair (2014 Direção: José Agripino/20 min.). Documentário. O filme aborda o tema da construção da identidade gay entre os jovens de 16 a 18 anos, na cidade de São Paulo. Mostra como cada um lida com as questões que dizem respeito à sexualidade, à aceitação, à identidade e o respeito às diferenças.
- Canto de cicatriz (2005 Laís Chaffe/37 min.). Documentário. Aborda o tema da violência sexual contra meninas. Mostra os depoimentos de vítimas que descrevem os abusos sofridos e as considerações dos especialistas.
 Denuncia o silêncio que se estabeleceu em torno desse tema dentro da sociedade brasileira.

Livros

- LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008. O livro trata do surgimento do tráfico de drogas na Cidade de Deus, conjunto habitacional localizado na cidade do Rio de Janeiro. No contexto histórico retratado pelo livro, o tráfico ainda não tinha a organização por facções, que possui hoje em dia.
- LEMGRUBER, Julita e PAIVA Anabela. A dona das chaves. Rio de Janeiro: Editora Record. 2008. O livro conta a experiência da autora, a professora Julita Lemgruber, como diretora geral do DESIPE, que é o departamento que cuida das prisões no Estado do Rio de Janeiro.



Atividade 1

Você conseguiu verificar situações de exclusão na sua comunidade, no seu bairro? Existem pessoas que têm acesso limitado ou não têm acesso à educação, saúde, moradia e transporte? Como isso pode ser relacionado aos direitos de cidadania que estudamos? É preciso que os excluídos tenham consciência da sua situação e que toda a sociedade lute para a extensão dos direitos a todos os seus membros.

Atividade 2

Nesta atividade, esperamos que você use o conhecimento aprendido em sala de aula e tente explicar o que é exclusão social a uma pessoa de sua relação pessoal. Ao fazer as perguntas, procure perceber se a pessoa compreendeu o que você explicou e comente como foi a experiência de tentar conscientizar os outros para o problema da exclusão social que, muitas vezes, é tido como uma coisa natural.

Atividade 3

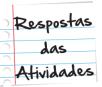
Você percebeu em sua pesquisa que esportes tidos como violentos são controlados por regras que limitam a agressividade a um limite aceitável? E que as situações que não nos parecerem violentas trazem em si uma grande violência simbólica que, mesmo não causando um ferimento aparente, são extremamente fortes? Pense em como podemos diminuir essa violência simbólica que afeta a todos nós.

Atividade 4

Caro aluno, justifique sua afirmação em relação à reportagem que você pesquisou, tendo em vista que o Estado possui o direito legítimo de usar a força e a violência, porém esse direito está limitado pelas leis estabelecidas pela sociedade. Procure observar, caso a reportagem fale de uso indevido da força pela polícia, onde se dá a ação e contra quem ela é feita, procurando relacionar o fato com o conceito de exclusão social que estudamos anteriormente.

Atividade 5

Usando o que foi apresentado e debatido em sala de aula sobre o tema violência no campo, aponte os motivos desse tipo de violência, se o tema é tratado com a devida importância pela sociedade, e procure escrever um texto que mostre a importância da atuação e da forma como morreu Chico Mendes para dar visibilidade a este tipo de violência.



Atividade 6

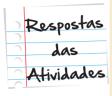
Depois de assistir aos episódios, faça uma descrição de como é vista a violência no Rio de Janeiro através do olhar estrangeiro e analise se há verdade ou exagero nessa visão. Você é a favor ou contra a censura dos episódios? Pense sempre que a censura, muitas vezes, busca esconder aspectos reais que podem não ser favoráveis a quem tem o poder de censurar.

Atividade 7

Usando o que foi apresentado e debatido em sala de aula sobre a violência nas grandes cidades, escreva um texto que fale sobre a forma com que as pessoas percebem essa violência; se possível, compare a percepção do morador entrevistado com a percepção que o Estado tem dessa forma de violência, de como as autoridades tratam o tema.

Atividade 8

Através da entrevista que você fizer com a pessoa idosa, procure analisar de que forma a sociedade trata pessoas nessa fase da vida, quais são as facilidades e dificuldades, que tipo de exclusão elas sofrem, se têm consciência dessa exclusão e como a sociedade pode se mobilizar para acabar com isso.



Atividade 9

Usando o conhecimento adquirido através do material e dos debates em sala de aula, você deve comentar alguma situação, vivida ou presenciada por você, de violência contra os grupos que estudamos na unidade e analise se a educação tem papel importante para evitar a ocorrência desse tipo de violência. Os idosos, as mulheres e o grupo LGBTTTs têm locais onde possam denunciar violências sofridas? São suficientes? O atendimento é digno?

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Sistema de Indicadores de Percepção Social Tolerância social à violência contra mulher. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2014.
- CALAF, P.P, BERNARDES, G.C., ROCHA, G.S. (Orgs.). Relatório sobre violência homofóbica no Brasil 2011 (Secretaria de Direitos Humanos). Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.
- CANUTO, A.; LUZ, C.R; LAZZARIN, F. (orgs). Conflitos no Campo Brasil 2012. Comissão Pastoral da Terra (CPT) Nacional _ Brasil, 2013. Disponível em: http://www.cptnacional.org.br/index.php/noticias/12-conflitos/1549-conflitos-no-campo-brasil
- CONCEIÇÃO, W. S. "Quem disse que ele era bandido?": Biopolíticas de controle e de extermínio em um episódio da violência urbana carioca. In: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. SBS: Salvador, 2013.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Lições de sociologia. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- LEAL, Giuliana Franco. A noção de exclusão social em debate: aplicabilidade e implicações para a intervenção prática.
 Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG –
 Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.
- LEITE, Márcia Pereira. Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 15, n. 44, p. 73-90, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra idosos: o avesso de respeito à experiência e à sabedoria. Brasília:
 Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

- MISSE. Michel (Coord.). "Autos de resistência": Uma análise dos homicídios cometidos por policiais na cidade do Rio de Janeiro. (2001-2011). Rio de Janeiro: NECVU-UFRJ, 2011. 138 p. Relatório técnico.
- _____. Crime, sujeito, sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". In: Lua Nova, São Paulo, n. 79, p. 15-38, 2010.
- Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. 1999. 413 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1999.
- "Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro". In Civitas, v.8, n.3, 2008, p. 371-385.
- SETTON, M.G.J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. In: Revista Cult, n. 128. Disponível em: http://revistacult.uol.com.
 br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/
- WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

Imagens

- Figura 1: https://www.flickr.com/photos/55449636@N07/9693522767/. Autor: Rafael Stedile
- Figura 2: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:174-batom.jpg. Autor: Mendson
- Figura 3: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:20081123120727-violencia-de-genero.jpg. Autor: Concha García Hernández
- Figura 4: https://www.flickr.com/photos/atxryan/2857337664. Autor: Ryan Joy
- Figura 5: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pierre_Bourdieu.jpg. Autor: Alicia Gaudi
- Figura 6: http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2014_20150309.pdf
- Figura 7: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:2june_2007_438.jpg. Autor: Jollyroger
- Figura 8: https://www.flickr.com/photos/fotosovermundo/8436179994/. Autor: Overmundo
- Figura 9: Comissão pastoral da Terra.
- Figura 10: https://www.flickr.com/photos/mochileirotuxaua/7230162434/sizes/o/. Autor: Palhaço Ribeirinho
- Figura 11: http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-01/em-duas-decadas-fiscais-resgata-ram-do-trabalho-escravo-quase-50-mil. Autor: Ministério Público do Trabalho
- Figura 12: http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/upload/201102%20-%20maio/infos/info07.jpg

- Figura 13: http://saitica.blogspot.com.br/2008/05/para-no-esquecer-1968-sem-encruzilhada.html. Autor: Daniel de Andrade
- Figura 14: Mapa da Violência
- Figura 15: http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/jovem-agredido-em-briga-de-gru-pos-rivais-na-mare-esta-em-estado. Autor: Fernando Frazão
- Figura 16: http://ap-lmd.deviantart.com/art/A-definicao-de-ldoso-161843407. Autor: AP-LMD
- Figura 17: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-01/estatuto-do-idoso-algumas-acoes-continuam-no-papel-dizem-especialistas. Autor: Agencia Brasil
- Figura 18: https://www.flickr.com/photos/agecombahia/5203125410. Autor: Ronaldo Silva/AGECOM
- Figura 19: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf
- Figura 20: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf
- Figura 21: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf
- Figura 22: http://en.wikipedia.org/wiki/LGBT_rights_in_Brazil#mediaviewer/File:Bandeira_LGBT_no_Congresso_
 Nacional.jpg. Autor: Antonio Cruz/ABr



Questão 1 (Uepb 2014)

O crime se tornou banal, a vida não vale quase nada. Ser assaltado é quase natural não só em bairros ditos perigosos ou nas grandes cidades, mas também no interior, onde se perdeu a velha noção de segurança. Em São Paulo, os arrastões são tão comuns que em alguns restaurantes o cliente é recebido por seguranças armados e com coletes à prova de bala, que nos acompanham até a mesa sempre olhando para os lados. Pessoas inocentes são chacinadas em vários locais do espaço urbano. Morar em casa é considerado loucura. Recomenda-se que moremos em edifícios: "mais seguros" será? Hoje a população vive apavorada, está nas mãos de criminosos, frequentemente impunes. Lei de responsabilidade criminal só depois de 18 anos. Jovens monstros, assassinos frios, sem remorso, drogados, saem para matar porque deu vontade e depois vão beber num bar, jogar na *lan house*, curtir no Facebook com cara de bons meninos. Num artifício semântico insensato e cruel, se apanhados, não os devemos chamar de assassinos: são infratores, mesmo que tenham violentado, torturado e matado (...). Estamos indefesos e apavorados, nas mãos do acaso. Até quando?

(LUFT, Lya - Revista Veja. 24 de abril 2013).

O texto reflete a violência vivenciada pela população no espaço geográfico brasileiro. Essa radiografia não é exclusiva das grandes cidades. Hoje, é disseminada pelo interior, onde grupos criminosos vão procurando novos territórios.

Com base na leitura do texto e em seus conhecimentos sobre o tema, analise as proposições e identifique a alternativa correta.

I. A violência urbana se expressa através de níveis cada vez mais elevados de criminalidade, da sujeição frequente ao domínio de instintos selvagens e bárbaros, do crime organizado em torno do tráfico de drogas, dos atos despidos de qualquer civilidade. A população do bem se encontra exposta à mercê da bandidagem e das instituições fracas e corrompidas, nas quais a autoridade social se encontra desacreditada.

II. A violência está enraizada no próprio processo histórico brasileiro, desde os primórdios da colonização. À medida que as cidades passaram a inchar de forma caótica e desordenada sem nenhum planejamento, vários problemas sociais urbanos ocuparam seus espaços.

III. Fazemos parte de um sistema econômico que mais exclui do que inclui as pessoas. Esse sistema aliena os trabalhadores do produto do seu trabalho e por outro lado estimula ao máximo o consumismo, através de canais disponibilizados pela mídia e a cultura de massa.

IV. Jovens excitados pelo apelo do consumismo, sem perspectivas materiais e sociais, muitos também por índole, abandonados pelo poder público que não investe o suficiente em políticas educacionais, culturais e de emprego, veem abrir-se diante de seus olhos o universo do crime organizado, que lhes proporciona tudo o que desejam. Esse mundo, a princípio fascinante, oferece apenas uma vida perdida, sem dignidade, mergulhada numa vida de vícios, na prática de uma violência desenfreada que acaba ceifando sua própria vida e a da população.

Estão corretas:

- a. Apenas II, II e III
- b. Apenas l e III
- c. Apenas I e II
- d. Apenas II e IV
- e. Todas

Questão 2 (Uepb 2014)

Esta cova em que estás

com palmos medida

é a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho

nem largo nem fundo

é a parte que te cabe

deste latifúndio

Não é cova grande

é cova medida

é a terra que querias ver dividida

Fonte: Geografia Geral e do Brasil - Vasentini

Os fragmentos do poema de João Cabral de Meio Neto retratam a questão da terra no Brasil. Logo:

I. A estrutura econômica e social assentada na desigual repartição da terra e da renda é geradora de privilégios para alguns, da miséria de muitos e da violência desenfreada no campo.

II. Os conflitos no campo brasileiro não têm relação com a concentração fundiária.

III. A questão fundiária é um problema estrutural. Para os sem-terra só existem duas saídas: RESISTIR e envolverse em constantes conflitos pela posse da terra ou MIGRAR para os grandes centros urbanos à procura de novas oportunidades de sobrevivência.

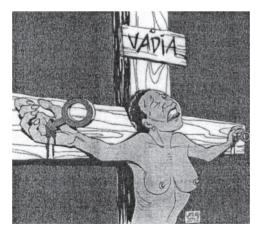
IV. No campo, o trabalhador sem terra vai de encontro à CERCA, que simboliza a crescente concentração fundiária. Na cidade encontra o MURO, símbolo da especulação imobiliária.

Estão corretas:

- a. Apenas as proposições II e IV
- b. Apenas as proposições I e II
- c. Apenas as proposições I, III e IV
- d. Apenas as proposições II, III e IV
- e. Todas as proposições

Questão 3 (Uepb 2013)

A charge e o texto abaixo retratam um dos temas trabalhados pela Geografia: questão de gênero.



Fonte: http://www.comvest.uepb.edu.br/concursos/vestibulares/vest2013/gabarito/HIS_GEO_2013.pdf

"O direito a uma vida livre de violência é um dos direitos básicos de toda mulher. É pela garantia desse direito que marchamos hoje e marcharemos sempre, até que todas sejamos livres".

Esse texto constava entre os inúmeros cartazes na Segunda Marcha das Vadias no Distrito Federal.

Com base nas informações da charge, do texto e seus conhecimentos sobre o tema, são verdadeiras as afirmativas. EXCETO:

- a. A violência física contra a mulher é o estágio de uma série de violências verbais, simbólicas, psicológicas que atingem mulheres todos os dias. A discriminação histórica contra a mulher não é fruto de uma concepção patriarcal que ainda impera, mesmo inconscientemente, na sociedade.
- b. A marcha das vadias objetiva conscientizar a sociedade de que a culpa do estupro não é da mulher, e o estupro não deve estar associado ao modo como ela se veste. Protestam contra a culpabilização das vitimas nos casos das violências sofridas. Criticam também as instituições que sustentam a dominação e a exploração contra a mulher.
- c. A mercantilização do corpo da mulher, do prazer e a banalização da exploração sexual são dimensões da globalização econômica. A mulher é considerada alvo estratégico do consumismo e, o apelo sexual, o elemento central nesse método.
- d. Mulheres trabalhadoras assalariadas, depois do trabalho nas fábricas, no comércio, no campo ou como empregadas domésticas, são subordinadas à dupla jornada de trabalho, ao realizarem as tarefas domésticas ao chegarem a casa. Já as mulheres burguesas ou de classe média alta, mesmo que trabalhem, relegam às mulheres mais pobres essa segunda atividade. Logo, em sua grande maioria, são as mulheres pobres e trabalhadoras exploradas e oprimidas que lutam de forma consciente contra a opressão.
- e. A opressão ao sexo feminino nas empresas se dá na prática do assédio e do abuso sexual em troca da manutenção do emprego e das promoções de cargos. As mulheres que não aceitam esses "pré-requisitos" têm que se desdobrar e demonstrar capacidade e superioridade para se manterem em seus empregos.

Questão 4 (Fgv 2014)

Em média, crianças que vivem em áreas urbanas têm maior probabilidade de sobreviver à fase inicial da vida e à primeira infância, de ter melhores condições de saúde e de contar com maiores oportunidades educacionais do que crianças que vivem em áreas rurais. Frequentemente, esse efeito é considerado 'vantagem urbana'. No entanto, a escala de desigualdades nas áreas urbanas causa grande preocupação. Algumas vezes, as diferenças entre ricos e pobres em cidades médias e grandes podem ser iguais ou maiores do que aquelas encontradas em áreas rurais.

http://www.unicef.org/brazil/pt/PT-BR_SOWC_2012.pdf

O trecho reproduzido acima foi extraído de um relatório da ONU dedicado a analisar a situação das crianças que vivem em ambientes urbanos.

Assinale a alternativa coerente com os argumentos nele apresentados.

- a. Nas grandes cidades, a proximidade física dos serviços essenciais garante o atendimento de qualidade para a maior parte da população infantil, fato que configura a mencionada "vantagem urbana".
- b. A urbanização figura entre os processos indutores da situação de pobreza e de exclusão que afeta parcelas crescentes da população infantil, sobretudo nos continentes africano e asiático, onde ela ocorre em ritmo acelerado.
- c. Apesar das imensas desigualdades que marcam a cidade, as situações de pobreza e privação sempre afetam mais as crianças que vivem em áreas rurais do que aquelas que vivem em áreas urbanas.
- d. As áreas rurais tendem a apresentar padrões homogêneos de distribuição de riqueza, enquanto áreas urbanas são marcadas pelas desigualdades e pela exclusão.
- e. As desigualdades sociais e as situações de privação que atingem parcela da população infantil que vive nas cidades, sobretudo nos países mais pobres, podem anular parcialmente os efeitos da "vantagem urbana" mencionada no texto.

Gabarito

- 1. Letra E. Todas as alternativas apresentadas são motivadoras da violência.
- 2. **Letra C**. A única alternativa que não trata de uma razão ou consequência da violência no campo é a alternativa II, já que a concentração fundiária é um dos principais motivos deste tipo de violência.
- 3. **Letra A**. A violência contra a mulher é fruto da concepção patriarcal e machista que ainda impera, mesmo inconscientemente, na sociedade, ao contrário do que afirma a opção A.
- 4. **Letra E**. Aopção E é a única que fala da desigualdade social que anula, em parte, a vantagem urbana, conforme citação do texto lido. Portanto, é a única coerente com o texto.



